



ISSN 1682-1106



9 771682 110004

18

Edição Internacional
International Edition

Revista de Cultura
Review of Culture



RC

Revista de Cultura
Review of Culture

INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau

International Edition **18**

Edição Internacional **18** Abril/April 2006



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE
MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



COLABORARAM NESTE NÚMERO

Contributors to this Issue

RC, n.º 18, IIIª Série, 2.º Trimestre 2006

RC, no. 18, IIIrd Series, 2nd Quarter 2006

TEXTO

Texts

Beatriz Puente Ballesteros
Dong Shaoxin
Francisco Maria Fernandes
Isabel Morais
Ivo Carneiro de Sousa
José Manuel Garcia
Lisete Lumen Pereira
Paul A. Van Dyke
Thomas B. Colvin

TRADUÇÃO

Translation

PHILOS - Comunicação Global, Lda.
(Português-Inglês e Inglês-Português)

REVISÃO

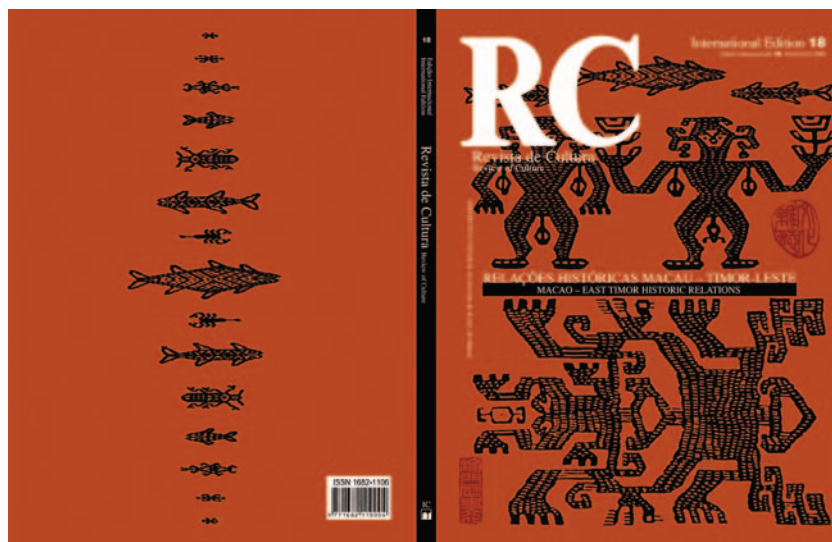
Proofreading

Chao Siu Fu (Chinês),
Luís Ferreira (Português),
David MacLeod e T. Rex Wilson (Inglês)

AGRADECIMENTOS

Acknowledgements

Arquivo Histórico de Macau
Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa
Instituto Inter-Universitário de Macau
Lopez Memorial Museum, Manila



Design Victor Hugo Marreiros

A NOSSA CAPA

Em 2001, há cinco anos, Xanana Gusmão era eleito presidente de Timor Lorosae e iniciava-se, então, definitivamente, o processo de independência da antiga colónia portuguesa e punha-se termo à ocupação indonésia do último quartel do século XX. A mais jovem nação do mundo, que continua a viver tempos difíceis, funda-se, no entanto, em séculos de história intimamente ligada às relações marítimo-comerciais que interligavam os povos da região e à expansão portuguesa no Extremo Oriente. Como contributo para o estudo dessa história, à luz das relações próximas entre Macau e Timor-Leste, trazemos aos nossos leitores um conjunto de artigos sobre a fundação do Timor moderno e sobre a diáspora timorense que em Macau encontrou local de estudo, trabalho e refúgio. Esta edição de *RC* apresenta também um segundo conjunto temático: a introdução da vacina contra a varíola em Macau e na China há precisamente 200 anos. Os artigos baseiam-se em comunicações apresentadas num Seminário organizado pelo Instituto Inter-Universitário de Macau em Janeiro do corrente ano.

OUR COVER

Five years ago, in 2001, Xanana Gusmão was elected president of Timor Lorosae; independence brought to an end Indonesia's occupation of Portugal's old colony. Although still experiencing teething problems, the world's youngest nation has a history rooted in centuries of close involvement in the maritime trade that interlinked the peoples in the region, and in Portugal's overseas expansion in the Far East. This issue acknowledges the ties between Macao and East Timor, with articles on the Timorese diaspora in Macao, where they found opportunities to study, work, and find refuge, and on the founding of modern Timor.

Smallpox is also featured on the following pages, with a section relating to the introduction of the smallpox vaccine into Macao and China two hundred years ago. The articles are based on papers presented at a Seminar organised by the Macau Inter-University Institute in January this year.

SUMÁRIO

Index

ATRIUM



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE * MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

- 6 A FUNDAÇÃO DAS RELAÇÕES HISTÓRICAS E COMERCIAIS ENTRE PORTUGAL E TIMOR (1512-1522)
澳门与东帝汶的历史贸易关系的建立 (1512-1522)
José Manuel Garcia



- 13 PARA A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE MACAU E TIMOR (SÉCULOS XVI-XX)
澳门与帝汶的历史关系 (十六至二十世纪)
Ivo Carneiro de Sousa

- 23 MEMÓRIAS DE VIDA DE TIMORENSES EM MACAU
澳门东帝汶人的生活回忆
Lisete Lumen Pereira

- 34 MEMÓRIAS E ESTUDOS INACABADOS DO PADRE FRANCISCO MARIA FERNANDES (1935-2005)
弗朗西斯科·玛丽亚·费尔南德斯神父回忆录及未完成的研究 (1935-2005 年)
Ivo Carneiro de Sousa

- 37 A CULTURA MAMBAI
帝汶“曼拜”文化
Francisco Maria Fernandes

- 48 A COLEÇÃO FOTOGRÁFICA DE SOUSA GENTIL (1919-1920).
UM PORTFOLIO DA ORDEM COLONIAL? / SOUSA GENTIL: PHOTOGRAPHS OF TIMOR (1919-1920).
A PORTFOLIO OF COLONIAL RULE?
苏萨·让蒂尔 (1919-1920) 照片集：殖民主义画夹？
Ivo Carneiro de Sousa



II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU * BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

- 70 ARMS AROUND THE WORLD. THE INTRODUCTION OF SMALLPOX VACCINE INTO THE PHILIPPINES
AND MACAO IN 1805
环球装备：牛痘疫苗于一八零五年到达菲律宾和澳门
Thomas B. Colvin

- 89 F.-X. D'ENTRECOLLES S. J. AND CHINESE MEDICINE. A JESUIT'S INSIGHTS IN THE FRENCH
CONTROVERSY SURROUNDING SMALLPOX INOCULATION
殷弘绪神父和中医：了解法国对接种牛痘疫苗的争论
Beatriz Puente Ballesteros

- 99 ODES ON GUIDING SMALLPOX OUT. QIU XI'S CONTRIBUTION TO VACCINATION IN CHINA
邱熺及《引痘题咏》
Dong Shaoxin

- 112 SMALLPOX VACCINATIONS AND THE PORTUGUESE IN MACAO
牛痘疫苗和澳门的葡萄牙人
Isabel Morais

- 125 MANILA, MACAO AND CANTON. THE TIES THAT BIND
马尼拉、澳门及广州之间的联系
Paul A. Van Dyke

- 135 RESUMOS

- 137 ABSTRACTS



A Fundação das Relações Históricas e Comerciais Entre Portugal e Timor (1512-1522)

JOSÉ MANUEL GARCIA*

A multissecular história das relações estabelecidas entre povos separados por mais de 15 000 km como são os Portugueses e os Timorenses começa a organizar-se ao longo da década que se alarga entre 1512 e 1522. Trata-se de um período que estrutura parte importante das estratégias de circulação comercial portuguesa em Timor e nas suas ilhas adjacentes, mas não tendo suscitado nem atenção especial da cronística oficial ultramarina dos séculos XVI e XVII nem produzido documentação abundante e significativa¹. Limitações que se explicam imediatamente pela posição marginal de Timor relativamente aos grandes centros de poder político, militar e económico do Sudeste Asiático, oferecendo apenas uma produção económica com importância no jogo das trocas mercantis intra-asiáticas: o sândalo branco. Extremamente abundante no Timor pré-colonial, o sândalo era já procurado por comerciantes chineses e javaneses muito antes dos começos das movimentações portuguesas nesta região insular. Consumido como incenso e fragrante, o sândalo timorense rumava para as cortes chinesas e indianas, sendo mesmo identificado pela presença

portuguesa no mundo asiático tanto nos enclaves e feitorias da Índia como em Malaca, depois da conquista da cidade.

A primeira imagem que a corte régia manuelina e os responsáveis políticos do chamado “Estado da Índia” tiveram da ilha Timor é conhecida, pois corresponde à representação cartográfica traçada pelo piloto e cartógrafo Francisco Rodrigues, de acordo com a forma que viu expressa num mapa encontrado em Malaca, em 1511, na posse de um piloto javanês. Esta mapa “oriental” foi adaptado a uma forma cartográfica “portuguesa” por Rodrigues, seguindo ordens de Afonso de Albuquerque, rumando depois esta cópia ao encontro do rei D. Manuel que, neste período, procurava reunir informações que permitissem decidir as suas estratégias políticas e comerciais asiáticas. Francisco Rodrigues manteve uma outra cópia desse mapa introduzida num “atlas” que se encontra em livro manuscrito concluído em 1515 e enviado no ano seguinte para Portugal². A ilha de Timor está desenhada no fólio 37 desta obra de Rodrigues e no seu interior inscreveu-se a significativa legenda: “A Ilha de timor homde naçe o sammddollo”³. A forma como esta e as restantes ilhas se encontram traçadas nessa folha manuscrita revela que não estamos perante trabalho original daquele jovem piloto e cartógrafo português, mas antes perante uma evidente cópia de informação cartográfica em circulação entre navegadores e comerciantes asiáticos. Este facto, contudo, não impede por completo a possibilidade dos portugueses poderem eventualmente ter feito um primeiro avistamento

* Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem-se dedicado ao período dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, desenvolvendo trabalho especializado no domínio da historiografia. Actualmente, é investigador no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo e vogal da Direcção do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (CEPESA).

Graduate in History from Lisbon University's Faculty of Arts, his research focuses on the historiography of Portugal in the Age of Discovery. He is currently a researcher at the National Archives Institute/Torre do Tombo, and member of the Board of the Portuguese Centre of Studies on Southeast Asia (CEPESA).

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

longínquo do norte da ilha de Timor quando, em 1512, regressavam a Malaca, depois de nesse ano a armada dirigida por António de Abreu, na qual Francisco Rodrigues participou como piloto, ter ido a Ambon e Banda. Esta hipótese talvez se possa colocar se aceitarmos que as formidáveis 62 vistas de ilhas da Indonésia desenhadas por Rodrigues a partir do fólio 43 do seu livro manuscrito começaram a ser debuxadas desde a ponta oriental da ilha de Alor, sendo daí possível descortinar Timor, pelo menos em condições climáticas especialmente favoráveis. Poderia reforçar a plausibilidade desta frágil hipótese a referência feita por António Galvão no seu célebre *Tratado dos Descobrimentos* ao rematar a narrativa relativa à viagem da armada de António de Abreu esclarecendo que este “fez seu caminho pera Malaca, deixando descoberto todo aquele mar e terra nomeadas”⁴.

Quando, por 1515, Francisco Rodrigues acabou de preparar, mas não completar, o seu importante livro manuscrito, casando mapas, desenhos e informação náutica, incluiu também no volume uma cópia da *Suma Oriental* escrita pelo boticário Tomé Pires, obra igualmente concluída nesse ano, depois de ter sido começada a redigir em Malaca, em 1512. No texto sobre Timor que Tomé Pires organizou para a sua larga memória das sociedades e economias asiáticas verifica-se que este território insular foi descrito mobilizando testemunhos recolhidos em Malaca junto de informadores locais, mas permitindo uma primeira descrição demorada explicando que

“Antre esta ilha de Solor e a de Bima é o canal para as ilhas de Timor, onde há os sândalos, de que logo se dirá. Nestas ilhas já ditas valem as mercadorias que valem em Java.

Antre as ilhas de Bima e de Solor se faz um canal grande, por onde vão às ilhas dos sândalos. Todas as ilhas de Java para diante se chamam Timor, porque na linguagem da terra timor quer dizer levante, como se dissessem ‘as ilhas de levante’. Por principal se chamam as ilhas de Timor estas duas, donde vêm os sândalos. As ilhas de Timor são de reis gentios. Nestas duas há grande soma de sândalos brancos; valem muito barato porque os matos não têm outra madeira. Dizem os mercadores malaaios que Deus criou Timor de sândalos; e Banda de maçãs; e as de Maluco de cravo, e que no mundo não é sabida outra parte em que estas mercadorias haja,

somente nestas. E eu perguntei e inquiri diligentemente se estas mercadorias havia em outra parte, e todos dizem que não.

Deste canal até às ilhas de Maluco, navegando com bom vento, vão em seis, sete dias. São estas ilhas doentias. A gente não é muito verdadeira. A esta ilha vão de Malaca e de Java cada ano, e vêm os sândalos a Malaca. É boa mercadoria em Malaca, porque entre todas as nações de cá se costumam mormente entre os gentios.

Levam lá sinabafos, panchavalizes, sinhavas, balachos, cotabalachos, que são panos brancos. Valem em Timor panos de Cambaia baixos, e por pouca mercadoria carregam os juncos de sândalos. É rica a viagem de Timor e doentia. Partem de Malaca na monção e tempo que vão a Banda nesse torno. Dizem que entre as terras de Bima e Solor há pedras, e que se perdem, se não vão pelo canal, e isto será obra de meia légua onde há este perigo, e que é bom abocá-lo de dia”⁵.

Contemporâneas desta importante notícia compilada por Tomé Pires são também as informações redigidas na Índia por Duarte Barbosa e reunidas numa obra manuscrita sem título, normalmente difundida como *Livro do que viu e ouviu no Oriente*, provavelmente concluída à roda de 1516, ano em que o trabalho viajou para Portugal. Nesta memória manuscrita incluem-se os poucos dados que o seu autor conseguiu obter na Índia sobre Timor, em seguida reproduzidos de acordo com a cópia da versão portuguesa mais antiga que se conhece deste texto, datada de 1529:

“A ilha de Timor

Indo mais ao diante, deixando estas ilhas de Java Maior e Menor, ao mar mesmo destas ilhas, estão muitas ilhas, grandes e pequenas, povoadas de gentios, e assim de alguns mouros, entre as quais está uma ilha que chamam Timor.

Tem rei e língua sobre si.

Nesta ilha nasce muito sândalo-branco, que os mouros muito estimam em a Índia e Pérsia, onde se gasta muita soma dele, o qual é muito boa mercadoria e tem muito grande valia em a terra do Malabar e Narsinga e Cambaia.

As naus de Malaca e Java, que mesmo a Timor vão por ele levam por mercadoria, que dão por ele, machados, machadinhas, cutelos, espadas, muitos panos de Cambaia e de um lugar que chamam Paleacate, porcelanas, continhas de

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

muitas cores, estanho, azougue, chumbo. De maneira que, com estas mercadorias, carregam de muito sândalo, mel e cera e escravos, e de alguma prata que em a terra há⁶.

Sabemos também documentadamente que até 1514 os portugueses não tinham ainda visitado a ilha de Timor, como ressalta das bem conhecidas afirmações feitas em duas cartas que, datadas de 6 de Janeiro de 1514 por Rui de Brito Patalim, o primeiro capitão de Malaca, foram dirigidas respectivamente a Afonso de Albuquerque e ao rei D. Manuel. Estes documentos contêm alusões às viagens que se pretendiam realizar a Timor, reunindo também informações sobre a ilha, lendo-se no primeiro texto epistolar que

“A Timor quisera mandar e, por não ter junco, não foram esta monção lá; pera o ano, prazendo a Nosso Senhor, irão lá, pera trazerem o sândalo; é muito boa navegação”⁷.

Na segunda carta oferecem-se algumas informações gerais para a identificação de Timor, explicitando-se com algum interesse comercial que

“Timor é de uma ilha além de Java, tem muito sândalo, muito mel, muita cera; não tem juncos pera navegar; é ilha grande, de cafres; por não haver junco, não foram lá”⁸.

Discutindo esta indicação “pera o ano, prazendo a Nosso Senhor, irão lá”, depreende-se que algum navio com portugueses possa ter tentado alcançar Timor nos inícios de 1515, altura em que a monção o permitia, mas sobre esta possível viagem não existe qualquer documentação, ainda que possa associar-se à referência de Tomé Pires na sua *Suma Oriental* ao escrever que

“as nossas naus (foram) a Java, a Banda: À China (foi um) junco e a Pacém, a Paleacate (também foram). Agora vão a Timor por sândalos e vão a outras partes. Foi já nosso junco a Pegu, ao porto de Martaniane”⁹.

Sucedendo a Rui de Brito Patalim como capitão de Malaca em inícios de Junho de 1514, Jorge de Albuquerque escreveu a D. Manuel I uma carta em 8 de Janeiro de 1515 destacando alguns dos principais bens dos tratos que se faziam em Malaca, referindo explicitamente “o cravo de Maluco, e de maçãs e noz de Banda, e do sândalo de Timor”¹⁰. O seu testemunho documental não regista, porém, qualquer notícia de uma viagem portuguesa à ilha de Timor, sendo possível que as produções referidas, sândalo incluído, continuassem a ser negociadas no porto de Malaca

através da intermediação de comerciantes locais, sobretudo javaneses. Seja como for, desde a conquista de Malaca, oficiais e mercadores portugueses rapidamente se aperceberam de quais eram os produtos fundamentais que interessavam ao comércio asiático e os seus circuitos nodais entre a China, o Sudeste Asiático e a Índia, procurando começar a participar activamente nos mercados existentes e integrando-os mesmo numa sorte de sistema à escala mundial. É neste amplo plano de interferência mercantil que se situa a importância do negócio do sândalo de Timor que, mostrando-se produto lucrativo, não conseguia sobrepujar o interesse central dos tratos das especiarias da Indonésia Oriental, funcionando assim como um escambo comercial complementar. O sândalo era procurado em muitos mercados orientais, sobretudo na Índia e a China, ainda que esta última região tivesse ficado fechada aos mercadores portugueses durante algumas décadas a partir de 1522. O mercado chinês, recorde-se, só se começou a reabrir a Portugal desde cerca de 1539 e, sobretudo, de 1555-57, com o estabelecimento dos portugueses em Macau por onde passariam muitos dos futuros negócios portugueses, nomeadamente privados, com o sândalo de Timor.

As notícias sobre a existência Timor e do seu principal produto de interesse comercial começaram também a divulgar-se na Europa a partir de 1514, como o atesta a carta que, a 6 de Novembro desse ano, o florentino Giovanni da Empoli concluiu em Lisboa e enviou ao seu pai, depois de ter vindo do Oriente, passando por Malaca em 1511. Neste documento, depois de se aludir a Java, informa-se laconicamente que “*E più avanti è Timor; honde viene sandali, biancho e vermiglio*”¹¹.

A primeira viagem de portugueses a Timor que se encontra rigorosamente documentada descobre-se numa passagem raras vezes referida de uma carta enviada por Pero de Faria a D. Manuel, escrita em Malaca em 5 de Janeiro de 1517. Fixando-se em Malaca entre 1511 e 1518, este fidalgo trata no seu texto com algum pormenor do comércio do sândalo, mencionando uma viagem portuguesa à ilha de Timor que provavelmente terá partido de Malaca nos finais de 1515, concretizando ordens de Jorge de Brito, capitão de Malaca que chegara à cidade malaia possivelmente em finais de Outubro de 1515. Acompanhe-se o importante testemunho de Pero de Faria que, nem sempre muito claro, esclarece estes contactos desses pioneiros portugueses em Timor:

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

“Assim mais foi um junco a Timor, em que foi Jorge Fogaça por capitão e dous criados de Jorge de Brito, um por feitor e outro por escrivão, levando-vos outrossim a metade. Nos trouxeram trinta *bares*, que ao menos que nos podiam trazer eram duzentas; e Jorge de Brito trouxe trinta e tantas e Nuno Vaz e os oficias outro tanto. Sobre isso cai-se a terra toda levantada porque os homens portugueses espancavam os mercadores da terra e os oficiais vossos compraram o dito sândalo a Jorge de Brito o *baar* a trinta cruzados, pagos logo em cruzados, que é bem diferente assim a paga como o proveito, valendo lá nas ditas partes o *baar* a dous cruzados (e) em Malaca a trinta, é um pouco diferente.

Assim mais se aí, perderam dous juncos em Banda e dous em Timor, nos quais juncos vos recebestes toda a perda e Nuno Vaz e Jorge de Brito não perderam nada, e os capitães e feitores escrivães vieram mais ricos, que virem os juncos ao salvamento. Assim a vossa alteza não abasta perder sua fazenda por culpa das pessoas que vão nos ditos juncos mas ainda os mercadores da terra são perdidos e desbaratados, por receberem as tais perdas porque não tendes já mercadores em Malaca...”¹².

Estamos diante de um testemunho tão relevante como crítico, indicando duplamente o interesse complementar do trato do sândalo no interior do sistema do comércio das especiarias da Indonésia Oriental e a sua imediata apropriação por interesses mercantis privados que mobilizavam até as próprias autoridades portuguesas de Malaca. Mais importante ainda, a carta de Pero de Faria ainda com essa indicação dos “trinta *baares*” de sândalo trazidos para o rei uma noção quantitativa rara na documentação quinhentista. Esta quantidade permite calcular que esse peso de madeira de sândalo corresponderia a cerca de 5,520 toneladas, pois segundo António Nunes no seu *Livro dos Pesos da Índia, e assim Medidas e Moedas*, escrito em 1554, o sândalo era pesado em Malaca com *baares* de 3 quintais, 2 arrobas e 10 arráteis¹³, cada um perto de 184 quilogramas. Pero de Faria registou ainda a estimativa que se poderia então tirar dos carregamentos de sândalo em Timor para o rei em cerca de 200 *bares*, qualquer coisa como 36,8 toneladas, dando ainda a entender que na viagem que relata a lucrativa madeira fora largamente carregada por particulares. Tentando

perspectivar historicamente esta dimensão quantitativa dos escambos de sândalo que se obtinham em Timor pode mobilizar-se com vantagens uma estimativa posterior que, ainda não citada, foi feita por um dominicano anónimo escrevendo em 1642 um tratado sem título sobre Timor no qual apontou uma produção anual na ordem das 276 a 368 toneladas:

“O pau de sândalo, que nela se dá, é tanto que se tiram todos os anos de mil e quinhentos pera dois mil *bares*, e nunca esgota, nem se sente falta dele, em todas as partes da ilha onde se vai buscar, sendo que há muitos anos que se tem tirado e tira sempre esta quantia, por via dos Portugueses...”¹⁴.

A carta de Pero de Faria é a vários títulos elucidativa do ambiente de rivalidades pessoais e estratégias privadas debruçadas em torno do comércio do sândalo, revelando-se no seu texto contra as práticas de Jorge de Brito e dos interesses económicos individuais que estariam claramente a prejudicar os interesses régios instalados no comércio sediado em Malaca. Ao mesmo tempo, reportam-se também neste documento situações de comportamentos portugueses menos próprios para com as populações locais, indiciando mesmo práticas comerciais violentas: “... a terra toda levantada, porque os homens portugueses espancavam os mercadores da terra”. Este testemunho identifica ainda com clareza uma comunicação comercial concretizada por um navio dirigido por Jorge Fogaça alcançando Timor em 1516 juntamente com dois juncos que, contudo, se perderam: “... mais se aí perderam dous juncos em Banda e dous em Timor, nos quais juncos vos recebestes toda a perda”. Esta perda dos dois juncos que foram a Banda está registada por outras fontes, validando assim uma estratégia que viria a ser largamente continuada nas décadas seguintes, organizando a viagem comercial a Timor enquanto complemento mercantil dos tratos fundamentais das especiarias negociadas entre Banda e o norte das Molucas, sobretudo em Ternate e Tidore.

A seguir, em carta do capitão de Malaca Afonso Lopes da Costa para o rei D. Manuel, enviada de Malaca, a 20 de Agosto de 1518, recuperam-se novas referências a Timor ao aludir-se a Gresik como escala na ilha de Java, indicando-se que “O porto de Agaci, que é o maior e mais principal de Agaci por onde hão-de ir os nossos juncos, que vão pera Banda e Timor e Maluco”¹⁵. Este itinerário repete-se mais à frente, sublinhando novamente o documento para o monarca

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

português que “... o porto de Agaci, por onde os nossos juncos vão e vêm para Timor, Banda, Maluco”¹⁶. Em continuação, a carta esclarece ainda que “em Banda e Timor, estes reis têm portos muito bons e muitos mantimentos e são gentios e aborrece-lhes a conversação dos mouros”¹⁷. Informações depois alargadas com duas breves e incompletas alusões ao comércio do sândalo timorense¹⁸. Estas indicações são suficientes para comprovar que os tratos do sândalo se estruturavam no interior dos tratos mais amplos das especiarias das Molucas, encontrando-se já nos horizontes de 1518 perfeitamente identificado e normalizado um itinerário marítimo comercial que, saindo de Malaca, se dirigia às ilhas da Banda agregando em regime de complementaridade mercantil, oficial e privada, os carregamentos do lucrativo sândalo timorense.

Nos anos seguintes não se arrolam renovados vestígios documentais que atestem a presença de tratos portugueses em Timor, mas depreende-se pelas notícias anteriores e desenvolvimentos posteriores que a regularidade anual destas viagens perfeitamente sistematizadas deixava de obrigar ao seu pormenorizado registo documental. Um testemunho importante desta regularidade da presença portuguesa nos circuitos do trato do sândalo timorense encontra-se referenciado em 1522 devido a uma circunstância excepcional que se cruza com o empreendimento transoceânico de Fernão de Magalhães. Com efeito, a visita de portugueses a Timor nesse ano aparece documentada porque, durante a sua realização, foram encontrados dois castelhanos que tinham fugido para a ilha quando a nau *Victoria*, uma das sobreviventes da armada de Magalhães, passou pelo norte timorense vinda de Tidore. Este facto foi sabido por António de Brito nas Molucas quando, nesse mesmo ano, começou a erguer uma fortaleza em Ternate e tentou interceptar a expedição de Fernão de Magalhães. Esse fidalgo fizera uma escala em Banda, em Fevereiro de 1522, não tendo sabido que nesse mesmo mês um dos navios castelhanos que procurava estava precisamente em Timor, a cerca de 500 km. António de Brito em carta enviada de Ternate ao rei de Portugal, a 11 de Fevereiro de 1523, noticiou estas aventuras da viagem da *Victoria*, esclarecendo sobre a

“a determinação que levava a nau que partiu primeiro era ir de Maluco direito a Timor, com pilotos que lhe el-rei de Tidore deu, que os levasse lá e daí, se achassem mar grande, irem tomar a ilha de São Lourenço e fazerem o caminho que

fazem as naus de vossa alteza, que vão de cá da Índia”¹⁹.

A escala em Timor da *Victoria* encontra-se ainda descrita por António Pigafetta na sua magnífica crónica da grande aventura de Fernão de Magalhães, assinalando alguns dados sobre a visita a Timor desde a sua chegada, em 25 de Janeiro de 1522, até ao dia da partida, em 11 de Fevereiro de 1522. De entre as ocorrências que lhe mereceram mais atenção na ilha de Timor, para além de sugerir que os portugueses já ali haviam transmitido doenças venéreas, assinala-se a indicação do encontro de um junco de um mercador de Luzon, nas futuras Filipinas, que viera negociar em sândalo²⁰. Registe-se, contudo, que o aventureiro italiano não referiu a fuga de dois espanhóis a 5 de Janeiro de 1522 no porto de Labutara: Martin de Ayamonte e Bartolomeu de Saldanha. Assim, quando o navio espanhol partiu de Timor, estes dois homens acabaram por ficar em poder do referido mercador de Luzon, sendo depois recuperados por juncos de portugueses. Este facto está registado no texto que em seguida reproduzimos, revelando de forma elucidativa os nomes desta missão portuguesa viajando entre Malaca e Timor. Este documento foi escrito em Malaca, a 1 de Junho de 1522, compilando o resultado da inquirição feita sobre a forma como decorreria a viagem de Fernão de Magalhães, de acordo com o depoimento então reportado por Martin de Ayamonte. Eis o que nele se lê sobre Timor:

“Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e vinte e dois anos, primeiro dia do mês de Junho da dita era, nesta fortaleza de Malaca, sendo Jorge de Albuquerque, fidalgo da casa del-rei nosso senhor, capitão dela por o dito senhor, chegaram ao porto da dita fortaleza Álvaro Juzarte, capitão de um junco pequeno, e João Moreno e Duarte Ferreira, criados do dito senhor, e um Brás Barreto, os quais vinham das ilhas de Timor, que foram com outros juncos carregar de sândalo, per mandado do dito capitão e Pero Soares de Sousa, capitão de um dos juncos que eram na dita ilha, achou dous homens castelhanos em poder de um lução, que também aí estava fazendo sua carga, os quais dous homens castelhanos ele tomou e pediu aos sobreditos que aqueles dous homens trouxessem logo a Malaca ao dito capitão, e os sobreditos, por ser serviço de sua alteza, os trouxeram logo e deixaram de fazer sua carga, os quais homens o

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

dito capitão fez vir perante si e lhes fez as perguntas abaixo escritas”²¹.

Parece tão significativo quanto quase simbólico que, numa fase inicial das relações entre Portugal e Timor, se recupere esta conexão a um evento tão significativo como foi a grande viagem projectada por Fernão de Magalhães, assumindo uma dimensão paradigmática na expansão ibérica e nas ligações entre a Europa e a Ásia. Esta perspectiva geral não deve fazer esquecer que a presença portuguesa centrada em Malaca integrou documentadamente desde, pelo menos, 1516

uma visita anual aos tratos do sândalo de Timor, passando assim a integrar complementarmente o território insular nesse jogo mais vasto das trocas económicas do rico mundo das especiarias do Sudeste Asiático. Na primeira década após a conquista de Malaca, a presença portuguesa na Insulíndia, reunindo esforços oficiais como aventuras privadas, conseguiu claramente integrar com regularidade a ilha de Timor num sistema muito mais vasto de intercâmbios económicos prefigurando uma sorte de primeira “globalização”. **RC**

NOTAS

- 1 Grande parte da bibliografia com os estudos sobre a História de Timor nos séculos XVI e XVII está referenciada por Roderik Ptak em “O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming”, *Revista de Cultura*, n.º 1, Macau, 1987, pp. 36-45 e Rui Manuel Loureiro na sua introdução, selecção e notas de *Onde Nasce o Sândalo: os Portugueses em Timor nos séculos XVI e XVII* Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995. Cf. ainda de entre os estudos mais recentes sobre Timor o de Ivo Carneiro de Sousa, “Timor Leste desde muito antes dos Portugueses até 1769”, in *Encontros de Divulgação e Debate em Estudos Sociais*, número especial, Vila Nova de Gaia, 1998, pp. 5-22.
- 2 O atlas de Francisco Rodrigues está apresentado de forma fragmentária no volume *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. de Armando Cortesão, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1978.
- 3 *Ibidem*, estampa XXXII.
- 4 *Tratado dos Descobrimentos*, edição de Visconde de Lagoa, Porto, Livraria Civilização, 4.ª ed., 1987, p. 107.
- 5 *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. de Armando Cortesão, pp. 328-329.
- 6 Utilizámos a edição de Maria Augusta da Veiga e Sousa em *Livro do que Viu e Ouviu no Oriente Duarte Barbosa*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p. 151 (cf. ainda a edição crítica da mesma autora em *O Livro de Duarte Barbosa*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1996, pp. 391-393).
- 7 Torre do Tombo, CC-I-14-52 publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1954, p. 54.
- 8 Torre do Tombo: CC-I-14-49, publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, pp. 71-72.
- 9 *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. de Armando Cortesão, p. 437.
- 10 Torre do Tombo: CC-III-5-87, publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, p. 76.
- 11 Cf. Laurence A. Noonan, *John of Empoli and his relations with Afonso de Albuquerque*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989, p. 176.
- 12 Esse documento encontra-se na Torre do Tombo com a cota gaveta 16, maço 3, n.º 5 bis, tendo sido publicado em *Gavetas da Torre do Tombo*, vol. VI, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, pp. 337-359, estando a passagem que nos interessa e vamos citar no fólio 15r. do original e na p. 355 da edição. A partir da publicação citada, parte do extracto aqui considerado foi traduzido para inglês por Ronald Bishop Smith em *The First Age of the Portuguese Embassies, Navigations and Peregrinations to the Kingdoms and Islands of Southeast Asia (1509-1521)*, Bethesda, Decatur Press, 1968, p. 56, onde não indica de forma precisa a localização e edição do documento, além de apontar por duas vezes a data de “[alias 1518]”, ainda que na carta esteja claramente expreso o ano de 1517 no fólio 18 r. e nada indique que possa ter havido erro no seu registo em numeração árabe, que está grafado de forma clara. A partir da versão inglesa a carta foi referenciada por Roderik Ptak em “O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming”, *Revista de Cultura*, n.º 1, Macau, 1987, p. 38 e por Geoffrey C. Gunn em *Timor Loro Sae: 500 anos*, Macau, Livros do Oriente, 1999, p. 60.
- 13 Cf. a edição de Rodrigo José de Lima Felner em *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1868, p. 39.
- 14 Obra publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. 4, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1956, p. 489.
- 15 Torre do Tombo: Gaveta 16-21-16 publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, p. 102.
- 16 *Ibidem*, p. 103.
- 17 *Ibidem*, pp. 103-104.
- 18 *Ibidem*, pp. 105-106.
- 19 Torre do Tombo, Gaveta 18-6-9, publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, p. 147.
- 20 Visconde de Lagoa, *Fernão de Magalhães: A Sua Vida e a Sua Viagem*, vol. II, Lisboa, Seara Nova, 1938, p. 192.
- 21 Torre do Tombo, CC-II-101-87, cujo texto foi publicado por António Baião em “A viagem de Fernão de Magalhães por uma testemunha presencial”, *Arquivo Histórico de Portugal*, vol. I, 1933, pp. 276-281 (a citação que fazemos encontra-se na p. 277), tendo sido depois transcrito por Neves Águas na recolha *Fernão de Magalhães: A Primeira Viagem à Volta do Mundo Contada pelos que nela Participaram*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1987, pp. 187-197.

Para a História das Relações entre Macau e Timor (Séculos XVI-XX)

IVO CARNEIRO DE SOUSA*

No último quarto de século, as ligações entre Macau e a parte oriental de Timor foram tão intensas como marcadas pela solidariedade. Os acontecimentos políticos sobejamente conhecidos que adiaram até 2001 a refundação da independência de Timor-Leste obrigaram muitos timorenses a encontrar refúgio em Macau, sendo acolhidos por um continuado apoio que se vazou nas mais diversas manifestações públicas dos meios oficiais e, sobretudo, da sociedade civil. Apesar destas comunicações intensas, o conhecimento da história demorada das relações entre Macau e Timor continua a ser um tema de estudo largamente por desenvolver.

Jovem piloto e cartógrafo português que integrou a primeira viagem de reconhecimento das ligações marítimas entre Malaca e as Molucas, em 1511 e 1512, sob a direcção de António de Abreu e Francisco Serrão, Francisco Rodrigues é responsável pela organização de um importante manuscrito oferecendo um “livro de marinharia”, casando alguns breves textos e roteiros náuticos com uma colecção de mapas formando o primeiro atlas moderno europeu e uma relação de desenhos de vistas das ilhas indonésias entre Alor e Java¹. Apesar de ter navegado incompleto, certamente em 1515, de Cochim para, em Lisboa, alimentar a curiosidade do rei de Portugal, D. Manuel, a obra manuscrita de Francisco Rodrigues reuniu várias páginas de cartas

identificando diferentes espaços do Sudeste Asiático e regiões costeiras do Sul da China em torno da grande cidade de Cantão. Numa destas manuscritas páginas descobre-se uma representação cartográfica da Indonésia Oriental que, alargando-se entre as Sundas Menores e as Molucas, inclui também a primeira representação cartográfica europeia da ilha de Timor e de algumas outras ilhas vizinhas. Enquanto a parte oriental das Flores e a pequena ilha de Solor aparecem desenhadas como um espaço único, tanto a posição geográfica quanto o itinerário de navegação para Timor reproduzem-se com espantoso rigor, esclarecendo que a ilha era não apenas conhecida, como atraía também uma frequência comercial regional significativa. Por isso, na sua identificação também mercantil deste mundo oriental, vazando-se em legendas indicando sumariamente as principais produções locais com interesse comercial, o jovem piloto português debuxou um espaço insular não completamente encerrado que intitulou “a ilha de Timor onde nasce o sândalo”².

Estes sândalos brancos e amarelos eram produtos sumptuários de plurissecular demanda no mundo asiático, sendo utilizados quer como “incenso” e perfume quer para diferentes usos medicinais, concretizando escambos extremamente lucrativos em direcção aos mercados da China e da Índia³. As referências documentadas ao comércio do sândalo remontam pelo menos ao século IV a.C., acompanhando até a difusão do hinduísmo e do budismo promovida por muitos mercadores e missionários em circulação pelo Sudeste Asiático, descobrindo mesmo estas culturas religiosas na forte fragrância da combustão do sândalo um instrumento votivo capaz de apoiar diferentes práticas devocionais e, sobretudo, funerárias. Na China, de resto, o sândalo era não apenas manipulado em manifestações religiosas, mas convocava-se igualmente em muitas

* Doutor em Cultura Portuguesa e Agregado em História. Professor Visitante do Instituto de Estudos Europeus de Macau. Investigador-coordenador do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (CEPESA). Actualmente é bolseiro do Instituto Cultural do Governo da RAEM.

Ph.D. in Portuguese Culture and Aggregate Lecturer in History. Guest Professor at the Institute of European Studies of Macau. Researcher-Coordinator of the Portuguese Centre of Studies on Southeast Asia (CEPESA). Current recipient of a Research Scholarship from the Cultural Affairs Bureau of the Macao S.A.R. Government.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

cerimónias públicas imperiais que, incluindo as grandes cerimónias mortuárias de aparato, visitavam também o produto com uma dimensão elevada e oficial. Ao mesmo tempo, são numerosas as receitas medicinais desenvolvidas pela farmacologia e ervanárias “orientais” que aproveitavam as características adstringentes e tónicas do sândalo: misturado com leite, por exemplo, o sândalo oferecia um remédio muito procurado para curar as febres altas e a gonorreia, enquanto bebido em pó diluído em água se acreditava poder fortalecer o ritmo cardíaco. Parece terem sido precisamente estas aplicações farmacológicas que transportaram fragmentariamente o sândalo para os espaços europeus das grandes cortes, espaços monásticos e meios altinobiliários dos finais da Idade Média e do Renascimento que, beneficiando da intermediação mercantil das grandes cidades comerciais italianas, com Veneza à cabeça, encontravam na mistura de pó de sândalo com água-de-rosas um meio para aliviar dores de cabeça, febres elevadas e fortalecer o coração. Esta constelação de aplicações tornava o sândalo um produto de enorme interesse comercial, mas para aumentar ainda mais o seu tráfico asiático, estamentos sociais indianos das castas médias e superiores trataram de encontrar no sândalo um dos seus principais perfumes corporais. Desde os séculos V-VI divulga-se documentadamente esta utilização entre os meios sociais mais elevados e as cortes indianas, misturando o sândalo em pó com água até formar uma massa usada para cobrir e perfumar o corpo, combinando a qualidade da sua fragrância às suas características adstringentes colaborando, duplamente, para refrescar e defender a actividade corporal das agressões impostas pelos climas quentes e húmidos dos trópicos asiáticos.

Comércio sumptuário e lucrativo, o trato do sândalo havia despertado o interesse de comerciantes e aventureiros chineses, pelo menos a partir do século XII⁴. Juncos das cidades portuárias do Sul da China navegaram para Timor em busca do precioso sândalo branco com alguma regularidade até aos princípios do século XIV, passando na centúria seguinte a assegurar os escambos através da intermediação do sultanato de Malaca que era formalmente um estado vassalo do grande Império do Meio. Após a dura conquista da cidade malaia pelo contingente português, liderado por Afonso de Albuquerque, rapidamente se procedeu à inventariação das comunicações mercantis regionais que se podem acompanhar com criteriosas vantagens nessa obra célebre que é a *Suma Oriental* do boticário Tomé Pires⁵, fixando

as primeiras informações detalhadas sobre os espaços insulares organizados em torno da noção de Timor e dos seus tratos do sândalo. Informações a complementar pelas notícias recolhidas por Duarte Barbosa no seu livro manuscrito sem título, mas habitualmente referenciado como *Livro do que viu e ouviu no Oriente*, sublinhando a utilização do sândalo nos meios cortesãos indianos quando o seu texto se maravilha com as “mil mulheres” que, circulando na corte do samorim de Calecute, se apresentavam “muito bem ataviadas de muitos colares de pedrarias, assim muitas contas de ouro de muito subtil obra e manilhas de ouro em pernas e muitos braceletes de ouro, com muitos anéis, muito ricamente vestidas, da cinta para baixo, de muito ricos panos de seda e, da cinta para cima, nuas, como sempre andam, untadas de sândalo e com outras coisas muito cheirosas.”⁶

Antes mesmo da intervenção comercial portuguesa directa, o trato do sândalo branco de Timor tinha já especializado uma organização económica e social local importante. O comércio era feito a partir de numerosos pequenos “centros” timorenses, normalmente locais abertos, no litoral, junto a espaços abrigados de amarração de pequenas embarcações⁷. Descobriam-se espaços dirigidos por um chefe local – “régulo” (*liurai*) ou “nobre” (*dato*) –, que orientava as trocas entre o seu território e os comerciantes estrangeiros, funcionando mais como intermediário do que como produtor. A acreditarmos no “manual comercial” chinês *Xing Cha Sheng Lan* 星槎勝覽 (Vista Maravilhosa de Xingcha), organizado em torno de 1436, arrolavam-se em território timorense 12 desses “centros” de trocas liderados por um dignitário local. Quando os comerciantes estrangeiros chegavam a estes locais, seguindo a descrição do tratado sínico, eram as mulheres que subiam aos barcos para comerciar e “infectavam” com os seus “desejos secretos” os mercadores chineses. Quase 100 anos depois, em 1522, o fiel companheiro de Fernão de Magalhães na sua grande viagem transoceânica, o viajante e cronista italiano Antonio Pigafetta descrevia também no seu relato da grande aventura marítima um destes espaços de trato de sândalo, assinalando exagerada e, talvez, propositadamente que Timor era a ilha mais contaminada por doenças venéreas que alguma vez conhecera, designando os seus habitantes o mal por *franchi* ou “doença portuguesa”⁸. Em rigor, estas descrições tanto de textos chineses como da crónica pigafetteana permitem sugerir a estruturação de espaços de escambos

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

afastados das aldeias interiores, frequentados por um chefe “linhageiro” e a sua família extensa, concubinas e escravos, gerando uma negociação mercantil que incluía dádivas sexuais femininas, preparando um intercâmbio de “presentes”, culminando na troca de troncos de sândalo por têxteis e produtos manufacturados, sobretudo metalúrgicos. Seja como for, todas as pequenas e mais demoradas descrições quinhentistas portuguesas conhecidas são praticamente unânimes em considerar o sândalo branco de Timor de grande qualidade e abundantíssimo, sublinhando várias utilizações locais como, entre outras, o costume entre festas e cultos de se fazerem grandes fogueiras com as árvores, libertando intenso cheiro que provocava doenças e “transes” colectivos.

O comércio do sândalo timorense começa a mobilizar tanto agentes oficiais como mercadores privados portugueses desde 1515 ou 1516, passando a incluir uma escala na ilha de Timor no interior dos tratos mercantis realizados na Indonésia Oriental e centrados nas famosas “ilhas das especiarias” remetendo para as Molucas. Apesar desta comunicação comercial ter visitado durante o século XVI vários espaços do norte de Timor, a frequência mercantil portuguesa optou por instalar bases provisórias numa pequena ilha próxima do território insular timorense, Solor. Oferecendo locais de apontamento favoráveis e rica numa espécie de salitre que os portugueses utilizavam para fabricar pólvora, Solor não viria a conhecer a construção de qualquer instalação e fixação territoriais antes da década de 1550. Nesta altura, em 1558, são criadas as dioceses de Cochim e Malaca, sendo provido nesta última o dominicano frei Jorge de Santa Luzia que, desde pelo menos 1561, haveria de entregar quase oficialmente à Ordem dos Pregadores a evangelização e circulação religiosas em Timor e ilhas adjacentes⁹. Aos dominicanos caberia erguer a primeira fortaleza portuguesa na ilha de Solor e especializar as primeiras instituições coloniais através da nomeação do próprio capitão da fortaleza. Esta presença de uma capitania em Solor prolonga-se até finais do século XVI quando a presença portuguesa e luso-asiática na região começa a privilegiar instalar-se em algumas áreas das Flores, como Larantuca, e em espaços do norte de Timor, como Lifau, mas em período cruzado pela circulação de uma activa concorrência holandesa que foi capaz de levantar em Kupang, desde 1651, uma presença demorada na região ocidental do território timorense. No entanto, dentro da ordem imposta por esta

cronologia, Macau apresentava-se também já como um interessado protagonista nos tratos e na preservação de interesses portugueses públicos e privados em Timor.

RELAÇÕES POLÍTICAS, INSTITUCIONAIS E ADMINISTRATIVAS

Desde o ocaso do século XVI, as ligações entre Timor e Macau começam por procurar enquadrar formas de comunicação comercial, mobilizando as entidades políticas que, no contexto do chamado “Estado da Índia”, organizavam com investimentos muito diferentes os espaços progressivamente mais institucionalizados do enclave português no delta do rio das Pérolas em contraste com a simplicidade orgânica da capitania de Solor e Timor. Originalmente criada por essas iniciativas das missões dominicanas em ligação com os interesses de um comércio centrado no sândalo e no trato escravagista, esta capitania longínqua não concretizou ligações políticas e administrativas coloniais a Macau anteriores à formalização do monopólio macaense do comércio timorense do sândalo. Significativamente, porém, o primeiro governador e capitão-geral das ilhas de Timor e Solor, António Coelho Guerreiro (1702-1705), instalado em Lifau, tomou posse em Macau, em Junho de 1701, aqui reunindo cerca de 100 soldados, equipamento militar e 200 picos de arroz¹⁰. No entanto, em termos políticos formais, Timor e as suas ilhas adjacentes permaneceram governadas pelas autoridades coloniais sediadas em Goa que, apesar de perderem à roda de 1790 as viagens marítimas directas com a colónia, somente quase meio século depois consentiram em entregar a jurisdição do território a Macau. De qualquer modo, as instituições políticas superiores do “Estado da Índia”, centradas no governo e tribunais dirigidos por um vice-rei ou governador, foram reconhecendo a crescente importância das comunicações comerciais directas entre Macau e Timor, reflectidas em muitos documentos oficiais. É o que se pode testemunhar, entre muitas outras, nas instruções dadas por D. Frederico Guilherme de Sousa ao governador de Timor e Solor, João Baptista Vieira Godinho (1785-1788), autorizando a deslocação anual de uma embarcação a Macau, depois do navio do monopólio mercantil macaense ter assegurado a ligação à colónia, movimento que, dada praticamente a inexistência de meios náuticos no território timorense controlado pelos portugueses, remete para os trânsitos marítimos comerciais que distribuíam

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

= 1689 =

Termino feito em Alagoa da Veracação, sobre a abertura
da Ponta do Navio p.^a as Ilhas de Lolo, e Timor.

Aos vinte seis dias do mes de Setembro da 1689 anno, nesta Cid.^a
de Alagoa da Veracação, na baía da Cam.^a de Lolo, estando em Alagoa
da Veracação os Officiaes, p.^a m.^a d. Anno fizeem, e concord.^a desta Cid.^a Jore
Gomes, appoyentou na d.^a Alagoa hum Alvará prophydo pelo S.^a Gov.^a
do Estado da India, D. Rodrigo da Costa, pelo qual foi foyado despor
a forma da coma se havia de abrir as cinco Pautas, p.^a d.^a S.^a mandou
servadas do Navio, q.^a desta Cid.^a ha de fazer viagem p.^a as Ilhas de
Timor, e Lolo, a qual Alvará foi logo registado, e entregado a Juiz
da d.^a de Lolo, a cujo poder e servio o S.^a Gov.^a do Estado da India,
jantand.^a com cinco Pautas formadas. = Bem assim appoyentou
ad.^a concord.^a humas das d.^a cinco Pautas, p.^a d.^a foyada de Lolo, e
trigada sellada com tres sellos, a qual Pauta foi logo aberta em
Alagoa p.^a m.^a d.^a da Cam.^a abaixo omeado, e se achou nella q.^a
despacha o S.^a Gov.^a do Estado da India, p.^a o Navio de João Garcia da
Luzes, e de Fran.^a Nunes da Carvalho, e Jore Viçoso da Silva, ambo
os d.^a dois Navios foysses viagem oeste d.^a Anno p.^a as d.^a Ilhas de Ti-
mor, e Lolo, e por q.^a ao p.^a da ache fora desta Cid.^a a Navia de Jo-
ão Garcia da Luzes, q.^a de foyta viagem ao Reino de Cochinchina, q.^a
obriga o Senado deste Bayo da Cam.^a a que fosse levar o Cathedral da
Cidade de d.^a Reino, q.^a tinha enviado a esta Cid.^a na com.^a Navia na an-
te passada: Apresentar os d.^a Officiaes uniformes, p.^a visto na es-
taes na terra a Navia de João Garcia da Luzes p.^a conseguir ad.^a ch.^a
guia de Timor, e Lolo, conforme a linha destinado o S.^a Gov.^a do Estado
da India, e não ser bastante a Navia de Fran.^a Nunes da Carvalho, e Jore
Viçoso da Silva, p.^a accomodas nella toda a m.^a de foyta, nas viagens
dos d.^a Ilhas, nomearse a Navia Roxaria pignora da Lora Var da Ligei-
ra p.^a se despir a foyta do Navio de João Garcia da Luzes, e se q.^a
este Lora fosse ser remediado conforme o S.^a Gov.^a do Estado da In-
dia e tem determinad.^a, com foyta de que q.^a conder viagem
ao d.^a Navio da Lora Var da Ligeira p.^a as d.^a Ilhas de Timor, e Lolo,
a ir a foyta em seu lugar o Navio de João Garcia da Luzes. E de
como ap.^a e apresentara, Du.^a Fran.^a Tragozo Afferes, e Gov.^a da ba.
nova desta d.^a Cid.^a fir este termo, em q.^a se assignar os foyta-
d.^a Officiaes, e o escrivi. = João Garcia da Luzes = Francisco
Nunes da Carvalho = Jore da Cunha da Lora = Gonç.^a da Costa =
João Gomes da Ligeira = Jore Gomes.

Esta conforme. = Jore Jo.^a da Cam.^a
Gov.^a da Cam.^a

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

os tratos de Java e Sulawesi regularmente nos mares do Sul da China¹¹.

Esta situação administrativa colonial de dependência das autoridades de Goa tende a alterar-se com o advento do liberalismo, pese embora os seus diferentes ecos políticos nesses afastados enclaves coloniais do Extremo Oriente. A revolução liberal de 1820 foi mesmo aproveitada por algumas das mais poderosas autoridades de Macau para procurarem libertar-se de algumas das responsabilidades económicas e financeiras anteriormente assumidas, mas nem sempre rigorosamente cumpridas, em direcção a Timor. Um afastamento que não podia ser permitido pelo governo central, entre Goa e Lisboa, reforçado localmente com a intervenção dessa figura de poder incontornável das primeiras décadas de Oitocentos que é o ouvidor Miguel de Arriaga. Conservador e autoritário, largamente afastado dos ideários do liberalismo, movendo-se activamente em muitos dos diferentes lucrativos contrabandos que passavam pelo território de presença portuguesa na China, Arriaga defendia o reforço da comunicação colonial entre Macau e Timor, apesar das suas propostas acerca do tema do desenvolvimento da colónia se vazarem num mercantilismo utópico, procurando especializar a sua dimensão de periferia agrícola regional¹².

A partir de 1836, o governo de Solor e Timor passa a ficar totalmente dependente das autoridades de Macau, mas ainda no contexto administrativo do chamado “Estado da Índia”. Ao mesmo tempo, entre 1822 e 1843, Macau e Timor estavam também representados conjuntamente no Parlamento de Lisboa por um deputado. Em seguida, um decreto publicado a 20 de Setembro de 1844 criava a “Província de Macau, Solor e Timor”, passando estes territórios a ser independentes do “Estado da Índia”. A sede do governo ficava em Macau, tendo o arquipélago nas Pequenas Sondas um governador subalterno residente em Díli. Formalmente, o governo de Macau estava obrigado a contribuir para o orçamento timorense com uma subvenção anual, encargos militares e de saúde, mas os comerciantes locais mobilizavam-se muito pouco para animar intercâmbios comerciais e sustentar estas obrigações financeiras. Neste ano, o círculo eleitoral foi igualmente dividido em duas circunscrições, permitindo passar a eleger dois deputados geralmente controlados pelas elites macaenses. Estas transformações não parece terem suscitado entusiasmos políticos coloniais significativos, concluindo o famoso

governador timorense Afonso de Castro que Timor tinha apenas passado a corresponder-se com as autoridades de Macau em vez das de Goa sem renovadas consequências para o seu fomento económico¹³. Talvez isto ajude a explicar a demorada instabilidade subsequente na definição da administração colonial de Timor que, em 1850, com a nomeação para governador do conselheiro José Joaquim Lopes de Lima se torna novamente independente de Macau, sobretudo devido aos amplos poderes então estabelecidos para a negociação com os holandeses das fronteiras do território¹⁴.

Em 1856, a direcção colonial de Timor volta ao “Estado da Índia” até à reforma administrativa que, em 1863, decide a desintegração, elevando Díli a cidade e sede de governo, constituindo um Conselho de Guerra e uma Junta da Fazenda próprios para o território. De qualquer forma, em 1866, a colónia de Timor volta a estar subordinada a Macau, formando parte do que se designava por “Província de Macau e Timor”. Uma decisão política que não foi aceite pacificamente pelo Leal Senado, sobrando em conflitos entre o governo de Macau e Timor o que escasseava em comunicação comercial e interesses económicos. Neste período, passa a sair também dos efectivos militares de Macau a parte principal do contingente mobilizado para servir dois anos em Timor, situação onerosa que se foi mantendo até às guerras de pacificação do território nas primeiras décadas do século passado. Finalmente, em 1896, Timor era desanexado de Macau passando a ser um “Distrito Autónomo” directamente ligado à metrópole. A implantação da República reforçou esta autonomia, apesar das graves revoltas de Manufahi, entre 1911 e 1912, reprimidas com o apoio da canhoneira *Pátria*, vinda de Macau, e a mobilização de uma companhia de Moçambique¹⁵. A partir daqui, organiza-se uma situação política de dependência colonial portuguesa que, apesar da variedade de contextos legais e titulações administrativas, se viria a manter até ao final de 1975, quando se concretiza a conhecida ocupação militar indonésia de um território que na altura tinha vivido um conturbado processo de descolonização, obrigando alguns movimentos políticos populares a declarar mesmo unilateralmente a independência. Por isso, não deixe de se referenciar brevemente que muitos habitantes, associações e movimentos de Macau mantiveram generosamente um largo apoio político e cultural ao processo de resistência timorense, acolhendo também uma significativa comunidade de refugiados de Timor

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

que, dos sacerdotes aos estudantes, passando por advogados ou quadros políticos, teve uma importância significativa no desenvolvimento das condições de solidariedade internacional que ajudaram a construir a independência da jovem nação que agora se intitula República Democrática de Timor-Leste¹⁶.

RELAÇÕES COMERCIAIS

Perspectivando a estrutura das relações estabelecidas entre Macau e Timor nos campos económicos, comerciais e sociais, destaque-se que, inicialmente, é outra vez a grande qualidade do sândalo branco timorense o principal factor a atrair o interesse dos comerciantes macaenses, em especial depois da perda dos rendimentos elevados do comércio do Japão. Datando de 1634, descobre-se documentação que permite explicitar que os comerciantes de Macau procuravam o sândalo timorense através da fervilhante via mercantil de Macaçar, espaço reunindo o interesse de muitos comerciantes portugueses¹⁷. A preciosa madeira “perfumada” de Timor era também complementada por um significativo tráfico de escravos que eram depois vendidos em Macau, chegando mesmo a encontrar-se nos célebres mártires da embaixada portuguesa a Nagasáqui, em 1640, um escravo timorense de 16 anos de nome Alberto, acompanhado ainda por um outro escravo de 40 anos, um António natural de Solor, ambos propriedade de comerciantes portugueses baseados em Macau¹⁸.

Após as conquistas holandesas de Malaca, em 1641, e de Macaçar, em 1667, os comerciantes de Macau passaram a fazer o comércio do sândalo de Timor em regime de monopólio que, organizado desde 1689, apesar de várias concorrências regionais e privadas, apenas cessou formalmente em 1785. A Fazenda Real, o Leal Senado, a Misericórdia ou vários comerciantes privados foram exercendo este monopólio, duplamente favorecido por uma tributação relativamente baixa e pelo escoamento do sândalo para Batávia através de Cantão, também em regime monopolístico. A viagem anual de Macau para Timor passaria a ser conhecida pelo “barco das vias”, mas, com alguma frequência, os comerciantes macaenses não demonstravam interesse comercial especial nesta comunicação que tanto se interrompia vários anos como enviava para Díli uma embarcação sem quaisquer mercadorias. Sempre que a viagem se cumpria, os comerciantes de Macau exportavam têxteis, metalurgias,

ouro fino e arroz comprado em Batávia contra carregamentos de sândalo, escravos, carapaças de tartaruga, mel e alguns outros produtos menores recolhidos nos portos de Citrana, Lifau, Díli, Hera e Toleção na costa norte de Timor.

Tentando melhorar as condições de atracção comercial deste monopólio, em 1689, o Leal Senado emitiu licenças autorizando que mercadores chineses pudessem enviar barcos e fretes directamente para Batávia, Timor ou Solor, permitindo-se através de um sistema de pautas de navio alargar o interesse regional deste trato. Cada barco carregava entre 1800 a 2000 picos de sândalo, escalando em Malaca, Madura, Bali, Larantuca e outros portos das ilhas indonésias, para além de estruturar uma ligação entre Batávia e Timor que permitia abastecer as guarnições portuguesas e de mestiços de Lifau¹⁹. Quando se mobilizavam alguns capitais para esta comunicação comercial era a moeda de prata espanhola ou os florins holandeses que se preferia manejar em função da sua circulação entre os mares do Sul da China e o Sudeste Asiático. A partir de 1695, durante quase uma centúria, o Leal Senado responsabilizou-se pela concretização do monopólio, organizando um sistema de dois ou três barcos que saíam de Macau directamente ou através de Batávia para Timor. Um terço do espaço comercial era então reservado ao proprietário do navio e os dois restantes distribuídos entre cidadãos privados e instituições de Macau, desde o capitão-geral às viúvas e aos órfãos representados pela Santa Casa.

O interesse económico do comércio do sândalo viria, porém, a diminuir nas décadas finais do século XVIII quando se esgota grande parte das reservas naturais de Timor e aparecem novos centros para a sua recolha, da África Oriental à Nova Guiné, chegando mesmo os comerciantes holandeses da VOC, em 1752, a abandonar o monopólio que exerciam no comércio do sândalo de Kupang, permitindo a entrada de outros comerciantes, o que deixaria o trato nas mãos de negociantes chineses. Nos derradeiros anos de Setecentos e princípios da centúria seguinte, existiriam já espalhadas pela ilha de Timor umas 300 famílias chinesas, sobretudo oriundas de Macau, dominando o comércio externo tanto do sândalo que, por Macaçar, se dirigia à China como o trato da cera que se vendia em Java para servir as indústrias locais do *batik*. Em consequência destas alterações económicas, o volume comercial entre as duas colónias portuguesas passa a ser bastante limitado, assegurando

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

as viagens marítimas sobretudo a circulação de soldados e alguns administradores, valores, papéis oficiais e o movimento dos degredados, para além de provisionar as comunidades de comerciantes chineses de Macau em Díli e Kupang. Por isso, a partir do governo de João Baptista Vieira Godinho (1785-1788), a administração colonial timorense procura libertar-se do monopólio do sândalo apropriado por Macau, defendendo um comércio livre entre Díli e Goa²⁰. Não admira neste contexto que, em 1790, a Casa de Comércio da Nação Arménia, estabelecida corria quase meio século em Macau, representada por Wartan Casper, residente em Batávia, fizesse chegar ao Ministro dos Negócios Ultramarinos, Martinho de Melo e Castro, a pretensão de estabelecer uma casa de negócio em Díli²¹. A proposta tratava de assegurar a regularidade anual da carga comercial do “barco das vias” com passagem por Batávia, ao mesmo tempo que poderia permitir afastar os comerciantes de Macaçar e outros estrangeiros do comércio de Timor, alargando ainda uma maior participação de Macau no comércio do sândalo que rumava para a China. As condições oferecidas mostravam-se, porém, politicamente inaceitáveis, visto incluírem a nomeação de um governador pela “Casa de Comércio” durante seis anos, a colocação de um ouvidor capaz de garantir os seus interesses, a que se somava ainda a concessão de autorização para um navio de bandeira portuguesa transportar produtos do Surrate para Timor.

No campo das finanças coloniais é em 15 de Outubro de 1896 que a colónia de Timor passa a contar com um subsídio de Macau de 60 000 patacas, renovado em 1909²². O território timorense apresentava um défice orçamental recorrente, elevando-se a 102 000 mil réis entre 1904-1905, vendo-se Macau obrigado a suportar as perdas. Equilibrando estas dificuldades, instalado em Macau desde 1901, o Banco Nacional Ultramarino passaria também a sediar-se em Timor, ajudando as finanças locais e começando a conceder os primeiros créditos ao fomento agrícola. A agência do BNU em Díli apoiava mesmo a importação pelos mercadores chineses de Macau de notas e cédulas bancárias emitidas por bancos da China, decidindo a partir de 1920 adotar a pataca na circulação monetária da colónia. A impopularidade dos recursos financeiros mobilizados continuamente de Macau para Timor vai-se dissolvendo à medida que a metrópole começa a subsidiar directamente o orçamento da colónia, situação que se aprofunda depois da ocupação japonesa de toda a ilha

timorense. Seja como for, em termos gerais, os patriciados de comerciantes de Macau foram progressivamente considerando o financiamento de Timor um fardo indesejável, entendimento que se foi tornando politicamente dominante com o esgotamento dos interesses gerados pelo trato do sândalo que, nos finais do século XVIII, não eram compensados com o tráfico de escravos e de matérias-primas locais. A comunicação entre Macau e Timor foi nesta altura largamente preservada pelo peso das comunidades chinesas macaenses que se haviam instalado nas principais cidades timorenses, bem como por esses escravos que foram sendo cristianizados, servindo instituições importantes como a Misericórdia de Macau. Muito mal estudados, deixando também pela sua condição social inferior escassas pistas documentais, estes grupos de escravos timorenses podem estar na origem desta tradição de solidariedade ainda tão viva na sociedade macaense dirigindo para os emigrantes e refugiados de Timor uma especial atenção social.

Em termos sociais e demográficos, a principal contribuição dada por Macau à colónia de Timor foi, de facto, a emigração de comerciantes e mão-de-obra especializada chineses. Em 1861, A. Marques Pereira, superintendente da emigração chinesa de Macau, esclarecia que os chineses de Díli constituíam a parte mais útil da população local²³. Para além de dominarem o pequeno e médio comércio retalhista, assim como parte significava das exportações, os chineses eram também procurados como pedreiros e carpinteiros que não se conseguiam recrutar entre a população nativa²⁴. Ainda na década de 1860, o capitão de uma embarcação portuguesa em visita a Díli exornou a comunidade chinesa local que seria a única a realizar comércio, a construir e a trabalhar. Sublinhe-se igualmente que, após o dramático incêndio reduzindo Díli praticamente a cinzas, em Agosto de 1866, a cidade foi reconstruída com ajudas públicas e privadas de Macau, entre as quais se contava uma generosa contribuição dos chineses do enclave sob administração portuguesa²⁵. Esta especialização social e comercial das comunidades chinesas de Macau em Timor foi sendo mantida sem grandes alterações até à descolonização de 1974-75, alterando-se com a ocupação indonésia e estes anos debutantes de independência, marcados por uma atracção de outros grupos mercantis chineses agora vindos maioritariamente da Indonésia.

Descobre-se também ao longo do período oitocentista algum esforço em procurar pensar a partir

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

de Macau a situação económica de Timor. Em 1817, o ouvidor Miguel de Arriaga reflectiu sobre as consequências da decadência do comércio dominante do sândalo, propondo que Timor passasse a desenvolver a cultura do algodão e sugerindo, no ano seguinte, a criação de sociedades comerciais e a introdução da cana-de-açúcar²⁶. Alguns anos mais tarde, em 1823, novo ouvidor de Macau suscita à Secretaria da Marinha e Ultramar do reino o envio de um naturalista a Timor e às pequenas ilhas adjacentes para estudar as condições de fixação da população e as suas potencialidades produtivas. Esta discussão chega nas décadas de 1820 e 1830 às principais instituições políticas macaenses, sobrevivendo documentalmente vários apelos remetidos ao Leal Senado para enviar agricultores chineses para Timor. Pouco depois, são as próprias autoridades ultramarinas metropolitanas que, em 1837, solicitam a colonização agrícola de Timor por chineses através da Caixa Pública de Macau. Estas reflexões multiplicam-se nos anos finais do século XIX na imprensa civil e católica macaense que, na viragem do século, beneficia com a disseminação de uma rede de transportes a vapor nos mares do Sul da China e nos mares indonésios permitindo acelerar os ritmos da lenta ligação entre Macau e Timor.

A partir de 1891, a ligação marítima directa entre Macau e Timor foi atribuída por contrato à companhia Eastern & Australian Steam Ship Company Ltd., mas o tráfico acabou dominado pela holandesa Koninklijke Paketvaart Maatschappij, assegurando comunicações marítimas mensais a Surabaia e quinzenais a Macaçar com escalas em Díli²⁷. Na década de 1930, a imprensa portuguesa e inglesa sediada tanto no território macaense como em Hong Kong começa a anunciar com regularidade sazonal uma nova ligação Macau-Timor, oferecendo embarcações a vapor que organizavam uma rápida “Macao Timor Line”, alcançando Díli através de Singapura, Batávia e Surabaia. Com o apoio do Banco Nacional Ultramarino, convidam-se os exportadores locais a desenvolver intercâmbio comercial com Timor, aceitando-se as mercadorias em consignação, permitindo o pagamento do frete marítimo apenas depois das mercadorias serem vendidas na colónia portuguesa²⁸. A própria agência do BNU tratava de esclarecer as condições comerciais desta ligação, os produtos que se podiam vender em Timor, assim como os que aí tinha interesse importar com vantagens. Mais ainda, o ramo macaense do Banco Nacional Ultramarino prometia

“abatimentos excepcionais” nas viagens dos comerciantes estabelecidos em Macau que desejassem visitar a parte portuguesa da ilha timorense, convite que estendia com generosos descontos a grupos, colégios, excursionistas ou desportistas. A linha não teve sucesso e, desde 1938, são os armadores japoneses que passam a assegurar viagens regulares a Surabaia e a Palau, no Pacífico, oferecendo tarifas bastante mais baixas para a sua escala em Díli. Apesar destes investimentos marítimos, as relações económicas entre Macau e Timor prolongaram uma ligação comercial pouco rentável que, não convocando investimentos financeiros significativos, se quedava pela referida presença de comerciantes macaenses chineses explorando, sobretudo em Díli, o pequeno e médio comércio retalhistas.

RELAÇÕES RELIGIOSAS E MISSIONÁRIAS

Apesar da estreita dependência da generosidade dos comerciantes macaenses que a vaga soberania portuguesa exercida por alguns escassos representantes oficiais sempre manteve em Timor, somente em 1874, pelo documento pontifício *Universis Orbis Ecclesiis*, passou o território timorense para a jurisdição eclesiástica da diocese de Macau²⁹. Isto não significa que os prelados macaenses não tenham anteriormente dirigido alguma atenção eclesiástica e missionária para o território de Timor e ilhas adjacentes. Em 1777, por exemplo, o bispo de Macau, D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães, escreveu uma carta violenta atacando o segundo governador de Díli com acusações graves de comportamento escandaloso que, somadas a outras arbitrariedades, obrigaram as autoridades de Goa a enviá-lo para o degredo em Moçambique³⁰. Em 1814, uma decisão régia decidiu promover uma escola de formação religiosa na casa dos dominicanos de Macau para cinco religiosos a enviar para as missões de Timor³¹. Apesar destes esforços, quando o território se integra no bispado macaense, a situação missionária e eclesiástica em Timor era pouco mais do que miserável, não existindo desde 1834 quaisquer missionários, ao mesmo tempo que a Igreja local era acusada em Macau de se render completamente às superstições indígenas. Por isso, ainda em 1874, o padre António Joaquim de Medeiros, reitor do seminário de S. José de Macau e futuro bispo, foi nomeado visitador com o objectivo de restaurar as missões timorenses³². Apesar da falta de apoio do governo colonial local, chegaram, em 1877, a Díli sete missionários

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

européus, mais dois sacerdotes vindos de Macau, incluindo o próprio padre Medeiros. Neste grupo, descobre-se um missionário chinês natural de Cantão que se dedicou a catequizar os jovens chineses e a comunidade chinesa de Díli. Ao longo de uma década, o padre António de Medeiros e os novos missionários ergueram uma estação agrícola a sul da capital, criaram o colégio jesuíta de Soibada e uma escola em Lahane, educando os filhos dos *liurai* para serem futuros funcionários da administração colonial e, em alguns casos, futuros catequistas³³.

Estabelecidas em Macau desde 1874, as canossianas são também convidadas a trabalhar em Timor³⁴. Em 1878, partem para Díli as madres Adelaide Pietra, Isabel Sequeira e Júlia, mas a sua embarcação viria a naufragar, obrigando ao seu forçado regresso a Macau³⁵. No ano seguinte, ganham Timor, sendo calorosamente acolhidas pelo governador local e pelo superior das missões, mas encontraram-se, contudo, obrigadas a residir em casas particulares nas áreas pantanosas de Díli em difíceis condições higiénicas. O início da actividade religiosa e educativa das madres canossianas mostrou-se especialmente complicado, recusando-se os habitantes da capital de Timor a entregar-lhes as suas filhas, o que, na documentação das religiosas, foi atribuído naturalmente à “superstição”. Apenas ao fim de cinco anos do que as canossianas definiram como “luta com os costumes e o clima” conseguiram aceder a um edifício minimamente aceitável para a sua obra. Mais tarde, com o apoio do bispo António Medeiros e do governador do território foi possível construir instalações missionárias qualificadas³⁶. Em 1897, a obra canossiana alarga-se com a abertura de nova residência missionária em Manatuto, oferecendo uma obra educativa que se alargaria até aos primeiros anos do século XX.

As actividades missionárias diminuíram drasticamente após a implantação da República, esclarecendo nesta época o bispo de Macau, D. João Paulino de Azevedo e Castro, que as escolas missionárias estavam quase completamente abandonadas, enquanto as religiosas canossianas se tinham mudado para Malaca, Macau ou Singapura. Os esforços religiosos começam lentamente a recrudescer a partir de 1920, apoiados na enérgica acção do bispo de Macau e Timor, D. José da Costa Nunes, apesar dos missionários não excederem, em 1938, o escasso número de 20³⁷. Por esta época, um texto publicado no *Boletim Eclesiástico de Macau* por um missionário em serviço em Soibada permite sublinhar

que o problema fundamental da missionação timorense era a relação conflituosa com as culturas consuetudinárias locais, etnocentricamente arrumadas na classificação menor de “superstições”, mais do que a escassez de quadros e equipamentos³⁸. Algumas missões, paróquias e obras católicas foram lentamente frutificando, permitindo sustentar a decisão papal que, pela bula *Solemnibus Conventionibus*, publicada em 4 de Setembro de 1940, separou a diocese de Díli da de Macau, nomeando primeiro administrador apostólico monsenhor Jaime Garcia Goulart³⁹.

Visitam-se ainda em Macau vários trabalhos que, entre ensaio e polémica política, procuram estudar o território colonial timorense. Em 1844, no jornal *A Aurora Macaense*, um texto anónimo investiga as divisões étnico-políticas de Timor, destacando a oposição Servião-Belu e a expressão territorial do poder português, holandês e *topasse* no período subsequente à instalação da capital em Díli, em 1769⁴⁰. O estudo ilumina o sistema de alianças do colonialismo português, estendendo-se pelo litoral norte até Batugadé e penetrando em Atsabe e Maubisse, para leste em direcção a Ermera e Liquiçá, para oeste alcançando Hera e Vermasse, conseguindo mesmo aliados na fronteira com o Servião em Balibó. Este artigo discute também a prática persistente de enviar para Timor os piores condenados e criminosos, sugerindo uma colonização com gentes e missionários mais qualificados. Defende ainda o texto a restauração das missões de Solor e Larantuca, praticamente abandonadas, e um forte empenho de Macau no fomento comercial, na agricultura, emigração e construção naval de Timor. Estas ideias, entre fomento agrícola e missionação civilizadora, espalham-se por muitos jornais, revistas e boletins publicados em Macau, mas parece não terem produzido mais do que algumas ideias generosas que, entre ideários coloniais e utopias românticas, se podem mesmo frequentar nos textos sobre Timor de responsáveis políticos e intelectuais que, como Bento da França⁴¹ ou Jaime do Inso⁴², mantiveram estreita ligação à cultura e sociedade de Macau. Apesar destes ideários e reflexões, Timor Oriental foi permanecendo demoradamente como a mais abandonada colónia de Portugal, um tema que começaria a concitar a mobilização política dos nacionalistas timorenses desde finais da década de 1960 para, depois de uma demorada resistência, levantar agora com “sangue, suor e lágrimas” um estado-nação independente que voltou a chamar-se República Democrática de Timor-Leste. **RC**

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

NOTAS

- 1 *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. de Armando Cortesão. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1978.
- 2 José Manuel Garcia & Ivo Carneiro de Sousa, *Discussing the First Portuguese Maps with Philippines (1512-1575)*. [s.l.]: CEPESA, 2005, p. 30, fig. 8.
- 3 Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Lisboa: Ed. Presença, 1982, vol. II, pp. 209-210.
- 4 Roderik Prak, “O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming”, in *Revista de Cultura*, n.º 1, Macau, 1987, pp. 36-45. Seguimos também o sumário geral organizado por Ruy Cinatti, *Esboço Histórico do Sândalo no Timor Português*. Lisboa: Junta de Investigações Coloniais, 1950.
- 5 Rui Manuel Loureiro, “Tomé Pires: boticário, tratadista e embaixador”, in *Os Fundamentos da Amizade: Cinco Séculos de Relações Culturais e Artísticas Luso-Chinesas*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 1999, pp. 42-47.
- 6 Utilizámos a edição de Maria Augusta da Veiga e Sousa em *Livro do que Viu e Ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, p. 80. Veja-se ainda, da mesma autora, a edição crítica oferecida em *O Livro de Duarte Barbosa*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1996.
- 7 Seguimos e resumimos Ivo Carneiro de Sousa, “Timor Leste desde muito antes dos Portugueses até 1769”, in *Encontros de Divulgação e Debate em Estudos Sociais*, número especial, Vila Nova de Gaia, 1998, pp. 5-22.
- 8 Visconde de Lagoa, *Fernão de Magalhães: A Sua Vida e a Sua Viagem*. Lisboa: Seara Nova, 1938, vol. II, p. 192.
- 9 Uma das principais fontes para a história da actividade religiosa dos dominicanos em Timor, Solor e outras ilhas adjacentes encontra-se em Miguel Rangel, *Relação das Christandades e Ilhas de Solor*. Lisboa: Lourenço Craesbeeck, 1635, fls. 21-35v. Este texto foi editado em Artur Basílio de Sá, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958, vol. V, pp. 318-346. Cf. também as principais crónicas dominicanas de Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, 2 vols. (ed. M. Lopes Almeida). Porto: Lello & Irmão, 1977, e Fr. João dos Santos, *Etiópia Oriental*, 2 vols. (ed. Luís Albuquerque & Maria da Graça Pericão). Lisboa: Publicações Alfa, 1989.
- 10 Fernando Figueiredo, “Timor”, in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000, vol. III, pp. 708-715. Cf. C. R. Boxer, *Francisco Vieira de Figueiredo e os Portugueses em Macassar e Timor na Época da Restauração 1640-1668*. Macau: Escola Tipográfica do Orfanato Salesiano, 1940; C. R. Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente*. Macau: Fundação Oriente/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990.
- 11 George Brian de Souza, *A Sobrevivência do Império: Os Portugueses na China (1630-1754)*. Lisboa: Pub. Dom Quixote, 1991, pp. 124-135.
- 12 José de Aquino Guimarães e Freitas, *Memória sobre Macão*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1828.
- 13 Afonso de Castro, *Notícias dos Usos e Costumes dos Povos de Timor*. Lisboa: 1863; Afonso de Castro, *As Possessões Portuguesas na Oceânia*. Lisboa: 1867.
- 14 Maria Johanna Schouren, “Apart and together: the Portuguese and the Dutch as neighbours in and around Timor in the nineteenth century”, in Ivo Carneiro de Sousa & R. Z. Leirissa, *Indonesia-Portugal: Five Hundred Years of Historical Relationship*. Lisboa: CEPESA, 2001, pp. 201-212.
- 15 René Pélissier, *Timor en Guerre. Le Crocodile et les Portugais (1847-1913)*. Orgeval: Pélissier, 1996.
- 16 Michel Cahen & Ivo Carneiro de Sousa (eds.), *Timor: Les défis de l'indépendance*. Paris: Khartala, 2001.
- 17 C. R. Boxer, *Francisco Vieira de Figueiredo e os Portugueses em Macassar e Timor na Época da Restauração 1640-1668*; C. R. Boxer, *Francisco Vieira de Figueiredo: a Portuguese merchant-adventurer in South East Asia, 1624-1667*. Gravenhage: Martinus Nijhoff, Verhandeligen van het Koninklijk Instituut voor Taal-Land en Volkenkunde, 52, 1967; C. R. Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente*; Geoge Brian de Souza, *A Sobrevivência do Império: Os Portugueses na China (1630-1754)*, pp. 124-135.
- 18 C. R. Boxer, *Francisco Vieira de Figueiredo e os Portugueses em Macassar e Timor na Época da Restauração 1640-1668*.
- 19 Souza, *op. cit.*, pp. 158-160.
- 20 Souza, *op. cit.*, pp. 158-160.
- 21 Fernando Figueiredo, “Timor”, in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. III, pp. 708-715.
- 22 Fernando Figueiredo, *op. cit.*, pp. 710-715.
- 23 Arquivo Histórico de Macau, *Administração Civil*, pasta 30-27.
- 24 Arquivo Histórico de Macau, *Administração Civil*, pasta 30-27.
- 25 Arquivo Histórico de Macau, *Administração Civil*, pasta 30-27.
- 26 José de Aquino Guimarães e Freitas, *op. cit.*, pp. 70-71. Cf. Manuel Teixeira, *Miguel de Arriaga*. Macau: Imprensa Nacional, 1966.
- 27 *The Macao Review*, September 1930, p. 99.
- 28 *The Macao Review*, November-December 1930, p. 158.
- 29 Manuel Teixeira, *Bispos e Governadores do Bispado de Macau*. Macau: Imprensa Nacional, 1940.
- 30 Manuel Teixeira, *Missões de Timor*. Macau: Tipografia da Missão do Padroado, 1974.
- 31 Manuel Teixeira, *IV Centenário dos Dominicanos em Macau: 1587-1987*. Macau: Fundação Macau, 1987.
- 32 Manuel Teixeira, *D. António Joaquim de Medeiros, Apóstolo de Timor*. Bragança: [s.n.], 1989.
- 33 Francisco Maria Fernandes, *D. António Joaquim de Medeiros (Bispo de Macau) e as Missões de Timor. 1884-1897*. Macau: Universidade de Macau, 2000.
- 34 Manuel Teixeira, *As Canossianas na Diocese de Macau: I Centenário (1874-1974)*. Macau: Tipografia da Missão do Padroado, 1974. Sep. de *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*.
- 35 *Ta-Ssi-Yang-Kuo. Archivos e Annaes do Extremo-Oriente Portuguez* coligidos, coordenados e anotados por J. F. Marques Pereira. Lisboa, vol. 1, 1899, p. 77.
- 36 João Gomes Ferreira, “Relatório do Superior da Missão de Timor”, in *Annaes das Missões Ultramarinas*, (Lisboa), ano I, 1889, pp. 74-84.
- 37 Arquivo Histórico de Macau, *Administração Civil*, pasta 30-27. Cf. José da Costa Nunes, “Padroado Português no Extremo-Oriente”, in *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Nov. 1929, 53, pp. 40-45.
- 38 M. M. Variz, “Portugal e as Missões de Timor”, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau* (Macau), ano XXXIV, n.º 394, Janeiro de 1937, pp. 495-502.
- 39 Rowena Lennox, *Fighting Spirit of East Timor. The Life of Martinho da Costa Lopes*. Londres / Nova Iorque: Zed Books, 2000, pp. 23-24, 28, 32 e 71.
- 40 *A Aurora Macaense*, 1844, II, pp. 2-3.
- 41 Bento da França, *Macau e os seus Habitantes: Relações com Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.
- 42 Jaime do Inso, *Timor, 1912*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1939.

Memórias de Vida de Timorenses em Macau

LISETE LUMEN PEREIRA*



O TEMA

Em várias conversas com o falecido padre timorense Francisco Fernandes fomos cruzando ideias acerca da necessidade de investigar a comunidade timorense residente ou de passagem por Macau, rememorando mais de duas décadas de intensa atenção e solidariedade das gentes do território pela difícil causa que, em 2001, concretizou finalmente a formação de um Timor-Leste independente. Neste encontro, a memória e atenção do Pe. Xico – como gostava de ser nomeado – brilhavam de contentamento ao saber que alguém se interessava por estudar a *sua* comunidade. Assim foi crescendo um projecto de pesquisa privilegiando a observação densa dos aspectos sociais e culturais mais relevantes às diferentes vivências em Macau dos inquiridos, destacando-se uma colecção de histórias de vida estruturando três temáticas fundamentais: as memórias de infância, as perspectivas da evolução política de Timor e os respectivos

posicionamentos existenciais na actualidade. No decurso deste estudo foram feitas entrevistas a vários informantes diversificados (relativamente a idades, género, *status* profissional e vivência sócio-cultural) e compilados vários questionários orientados, permitindo a apresentação de algumas perspectivas que ajudam a perceber a circulação e identificação actuais dos timorenses em Macau.

As dificuldades encontradas neste trabalho de investigação prendem-se com a descoberta de um grupo cultural com difícil identidade comunitária, hoje relativamente fragmentado e disperso, progressivamente mais integrado no tecido social mais vasto que é Macau. A sua fixação em outros lugares, o regresso a Timor de muitos, a renovada atracção por um jovem país independente correm a par com a evidente diminuição do interesse mediático pelo período da resistência e do referendo em Timor-Leste, fazendo mesmo com que o arrastado “problema” de Timor passasse rigorosamente de “moda”, deixando de suscitar o escrutínio estreito da comunicação social internacional, constelação de factores que concorrem para limitar a identificação como comunidade de um grupo que perdeu quase definitivamente a atenção solidária de um passado ainda recente.

* Mestre em Relações Interculturais, assistente convidada do Instituto Politécnico de Macau e da Universidade Aberta Internacional da Ásia, na área da Língua e Cultura Portuguesas. Prepara actualmente o seu doutoramento em Estudos Asiáticos.

M.A. in Intercultural Relations, Guest Lecturer in Portuguese Language and Culture at the Macao Polytechnic Institute and the Asia International Open University, she is currently preparing her Ph.D. in Asian Studies.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Dependendo dos jogos de troca com os outros e as outras comunidades, a identidade timorense em Macau tende a diluir-se quase inexoravelmente, perdendo-se nas seduções constrangentes do espantoso desenvolvimento económico de Macau.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

O relacionamento entre Macau e Timor projecta-se do passado para o presente. Os primeiros relatos feitos à ilha timorense associam as obras manuscritas portuguesas de Tomé Pires e Duarte Barbosa, concluídas por volta de 1515, ao texto mais demorado do viajante italiano Antonio Pigaffeta, testemunha da grande viagem marítima de Fernão de Magalhães e visitante do norte de Timor em 1522¹. A ilha e algumas ínsulas adjacentes estava já cartograficamente identificada desde a expedição de António Abreu e Francisco Serrão, em 1512, às famosas ilhas das especiarias da Indonésia Oriental², missão que foi acompanhada pelo jovem piloto e cartógrafo português Francisco Rodrigues, autor da primeira referência na cartografia europeia à ilha de Timor, desenhada a partir de fontes orientais para receber a legenda “a ilha de Timor onde nasce o sândalo”.

Para além de algumas visitas sazonais ao território timorense para carregar sândalo, identificadas desde pelo menos 1516, a circulação portuguesa nestas ilhas deve sobretudo à acção evangelizadora cristã da população local, iniciada com alguma continuidade pelo dominicano Frei António Taveira, em 1556³, convertendo, de acordo com a exagerada cronística dos Pregadores, milhares de cristãos entre os habitantes de Timor e das ilhas de Solor e Flores. A fundação de uma fortaleza portuguesa na pequena ilha de Solor está mesmo ligada aos Dominicanos, procurando proteger os *kampongs* cristãos de outros invasores e facilitar os tratos do rico sândalo branco de Timor. Foi crescendo em redor desta fortaleza, ao longo da segunda metade do século XVI, uma comunidade cristianizada de produção luso-asiática que viria sistematicamente no período seiscentista a ser identificada pela concorrência da Companhia holandesa das Índias Orientais – a VOC, fundada em 1602 – como os *topasses*, associando frequentemente a descendência de soldados, aventureiros e mercadores portugueses de Malaca e outros enclaves com as mulheres locais⁴.

Ao mesmo tempo, desenvolviam-se contactos entre portugueses e chineses. A primeira expedição à

China foi feita, como se sabe, por Jorge Álvares, em 1513⁵ ou 1515⁶, colocando esse célebre padrão português em Tamao, na ilha de Sanchuan, prefigurando um longo período de contrabando de mercadores lusos nas ilhas do Sul da China, prelúdio comercial da instalação em Macau, tendo os portugueses começado a frequentar Macau a partir de 1553⁷. O estabelecimento dos portugueses neste território do delta do rio das Pérolas permitiu uma larga especialização das funções de intermediação comercial do território que acabariam mesmo por incluir os tratos do sândalo timorense, produto já consumido na China tanto como incenso funerário quanto como fragrante. Recorde-se que existem descrições históricas de Timor em chinês, datadas de cerca de 1350, a visitar no *Dao Yi Zhi Lue* 岛夷志略⁸ (Breves Registos de Ilhas Estrangeiras) anteriores ainda às grandes expedições marítimas do almirante Zheng He 郑和 (1405-1433), de quem não se tem a certeza que tenha chegado a Timor. Contudo, num manuscrito anónimo, *Shun Feng Xiang Song* 顺风相送 (Na Companhia de Bons Ventos) – uma sorte de compêndio náutico escrito em 1430 –, Timor aparece como um dos destinos comerciais já conhecido pelo comerciantes chineses precisamente devido às qualidades do sândalo extremamente abundante na ilha⁹.

Os portugueses durante o século XV tinham conseguido o monopólio dos mares orientais. Esta situação irá mudar no século seguinte com o surgimento de outras potências europeias como a Holanda e a Inglaterra. Entre 1591 e 1594, uma expedição inglesa, comandada por James Lancaster, chega a algumas ilhas da Insulíndia e, entre 1595 e 1596, uma armada holandesa dirigida por Cornelis de Houtman alcança o porto javanês de Banten¹⁰.

Ao longo do século XVII, a concorrência holandesa no Sudeste Asiático aumentou e por volta de 1653 chegou à parte ocidental de Timor, obrigando os Dominicanos a solicitar a Macau uma governação formal para o território, sendo nomeado o ex-governador de Macau, António Mesquita Pimentel, mais tarde substituído também por um antigo governador de Macau, André Coelho Vieira. As vicissitudes administrativas passadas por Timor foram, porém, várias e o território esteve algumas vezes ligado ao governo dos vice-reis da Índia e outras directamente dependente de Macau. De 1836 a 1844, Timor e Solor eram administrados por Goa, mas a partir da última data voltaria a fazer parte da jurisdição de Macau. Em

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



O Pe. Francisco Fernandes e alguns timorenses encontram-se com o cônsul de Portugal em Macau.

1896 (Decreto de 15 de Outubro), Timor fica formalmente separado de Macau, constituindo o “Distrito Autónomo de Timor”, em larga medida pela acção decidida, mas também polémica, desenvolvida pelo major José Celestino da Silva, nomeado pelo rei D. Carlos (1894-1908) como governador de Timor. Abre-se um período de renovação administrativa, esforços de pacificação e fomento agrícola que desaguaria nas guerras de Manufahi que, entre 1911-1912, acabariam por permitir alargar a administração colonial portuguesa a todo o território oriental de Timor e ao enclave de Oecussi. Pouco tempo antes, pelo Decreto de 9 de Dezembro de 1909 estabelecia-se formalmente que o distrito autónomo de Timor passasse, finalmente, a organizar a “Província de Timor”¹¹.

O papel desempenhado pela Diocese de Macau foi também relevante tanto na missionação de Timor como na criação de uma elite intelectual e religiosa, processo que se começa a identificar sob a orientação do bispo de Macau, D. António Joaquim de Medeiros (1884-1897)¹². Nesta altura, inaugura-se uma comunicação demorada, transportando para o

Seminário de S. José, em Macau, muitos jovens de Timor que se viriam a consagrar a actividades eclesásticas, mas também a integrar os quadros da administração colonial. Mais tarde, esta tendência manteve-se, identificando-se vários estudantes timorenses que prosseguiram estudos no Liceu Infante D. Henrique e na Escola Comercial Pedro Nolasco, concorrendo para estruturar uma elite intelectual e religiosa timorense dominante antes da invasão indonésia. Alguns dos jovens timorenses que vieram estudar para Macau fixaram-se no território e desempenharam papel relevante na vida macaense, como é o caso, entre outros, do Dr. Pedro José Lobo¹³. Nascido em Timor, em Janeiro de 1892, aluno do Seminário de São José, professor de Matemática na Escola Comercial Pedro Nolasco e funcionário do Banco Nacional Ultramarino, do qual viria a ser vice-presidente, desenvolveu missões difíceis no período da II Guerra Mundial (1941-1945), movimentando-se com relevo nas estruturas e investimentos coloniais portugueses, recebendo, em 1952, o grau de Comendador da Ordem do Império e, em 1964, o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Faleceu em Hong Kong a 1 de Outubro de 1965, distribuindo activa acção tanto no campo político, económico e financeiro, como também no assistencial e cultural, apresentando-se como uma personalidade que aguarda ainda uma investigação mais demorada e rigorosa. É contemporâneo da vida intensa de Pedro Lobo, a história do timorense de origem chinesa, Patrício José da Luz, que estudou no Liceu de Macau, colaborando com os australianos para derrotar os japoneses durante a II Guerra Mundial, personalidade largamente referenciada na memória oral do Pe. Francisco Fernandes como o único timorense que tinha sido condecorado com “oito medalhas atribuídas pelo governo australiano e português”¹⁴.

Não se pense que a circulação histórica de timorenses em Macau se resumiu somente a esta generosa produção de elites. Em rigor, o enclave macaense foi também recebendo, até bem entrado o século XIX, muitos escravos oriundos de Timor, da mesma forma que foi especializando uma larga comunicação de degredados que, a partir da criminalidade, deserção e oposição política, eram enviados para a ilha

timorense¹⁵, onde a pena a cumprir era menor e, depois da qual, ficavam livres. Muitos deles ficavam depois a residir em Timor, contribuindo com o seu trabalho para o seu desenvolvimento.

Estas relações históricas alteram-se com a revolução do 25 de Abril de 1974, autorizando quase de imediato a formação dos partidos políticos em Timor. Assim, em 13 de Maio de 1974, é criada uma Comissão para a Autodeterminação de Timor-Leste e consequente legalização dos três principais partidos políticos: A União Democrática Timorense (UDT), a Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), inicialmente denominada Associação Social Democrata Timorense, e a Associação Popular Democrática de Timor (APODETI), um movimento pugnando pela integração do território na vizinha República da Indonésia. Em 11 de Agosto de 1975, a UDT exigiu às autoridades portuguesas a independência imediata de Timor-Leste e a detenção dos líderes da FRETILIN, ocupando pontos estratégicos nas cidades de Díli e Baucau. O governo português decide entrar em conversações com os dois partidos, mas, dois

Ramos Horta e o Pe. Francisco Fernandes com alguns timorenses refugiados em Macau.



MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

dias depois, confrontos entre estas duas facções políticas deram início a uma guerra civil que provocou cerca de 1500 mortos. O clima de instabilidade criado perante a crescente tensão social leva os habitantes de várias cidades e aldeias a deixarem as suas zonas de residência, surgindo principalmente dois destinos migratórios, pela sua localização próxima: Timor Ocidental e Austrália. Em Setembro de 1975, um grupo de cerca de três mil timorenses, na maioria simpatizantes de UDT, fixou-se mesmo em Darwin, no norte da Austrália e outro grupo foi para Atambua na Indonésia, de onde partiram passado um ano para Lisboa. Começam a chegar a Portugal os primeiros refugiados timorenses, prelúdio da violenta ocupação militar indonésia do território, nas primeiras semanas de Dezembro, frustrando a unilateral declaração de independência promovida pela FRETILIN. Os primeiros refugiados timorenses chegaram a Macau no final de 1975, mas muitos optaram por emigrar para a Indonésia, Portugal, Austrália e Estados Unidos, tendo permanecido em Macau um número reduzido de exilados que haveriam de se fixar em serviços públicos ou em empresas privadas.

Depois do massacre no cemitério de Santa Cruz, em 12 de Novembro de 1991, cujas imagens, registadas pelos jornalistas Max Stahl e Steve Cox, foram mostradas ao mundo inteiro, foi dada uma maior visibilidade à causa timorense. Verifica-se uma nova vaga de refugiados em Macau, mas novamente a maioria prefere emigrar para a Austrália e Portugal. Em continuação conhecida, a 30 de Agosto de 1999, o referendo que levou à votação maciça dos timorenses na abertura de um trajecto de independência aumentou a violência, voltando Macau, solidariamente, a receber novos refugiados.

Em síntese, para além de uma demorada relação histórica, Macau e Timor-Leste foram-se cruzando entre solidariedades e emigrações que, apesar de geralmente residuais ou pelo menos não permanentes, foram gerando a fixação de uma comunidade timorense em Macau. É esta pequena comunidade que a nossa investigação tem vindo a procurar analisar e compreender.

A MEMÓRIA DE TIMOR-LESTE DO PADRE FRANCISCO FERNANDES

Os timorenses que no último quarto de século se foram exilando, instalando ou circulando por Macau

tinham um claro líder, polarizando mesmo a sua agregação comunitária e congregando as suas especificidades culturais. O padre Francisco Fernandes era essa polarização. Sacerdote, resistente, solidário, amigo tanto como benfeitor e historiador das missões de Timor, o Pe. Xico quase se confundia com a própria comunidade. Foi também nos últimos anos da sua vida o nosso mais importante informante, pelo que importa acompanhar a sua memória que, como veremos, frequentemente se “confunde” ou organiza até a própria memória de muitos timorenses em Macau.

O Pe. Fernandes debutou a nossa recolha de informações memoriais por tentar avaliar a dimensão e extensão da comunidade timorense em Macau: “presentemente, existem cerca de 80 a 90 chineses de Timor. Outros já regressaram. De vez em quando encontramos-nos todos; estão ligados a Timor porque têm sangue timorense e falam a língua de Timor”. Apelando ao seu lado de historiador, esclarece ainda que “nos assentos da paróquia da Sé encontrei baptismos e óbitos. Encontrei timorenses que vieram para cá em 1700 e tal como escravos... Maria da Nação Timorate, falecida em..., escrava do coronel... Também vieram para Macau, estudar para o Liceu, para a Escola Comercial e para o Seminário de São José que, em 1966, encerrou por causa da Revolução Cultural. Até 1966 passaram por Macau mais de 50 jovens timorenses para estudarem no Seminário de São José. Desses 50 jovens timorenses, 30 ficaram cá e os outros estão a trabalhar em Timor”.

A sua memória corre rápida e fixamente para os eventos, enformando uma memória política contemporânea: “quando se deu a guerra em Timor, eu estava em Timor, à frente de quase 40 mil refugiados. Primeiro houve uma guerra civil. A FRETILIN começou por perseguir todos aqueles que não eram da FRETILIN, pois na sua maioria eram da UDT. Fomos para Atambua quase 40 mil. Toda a fina flor do funcionalismo público, administradores dos concelhos, médicos, 23 militares portugueses, padres, muitos professores... Fiquei como presidente do Comité dos Refugiados. Eles (referindo-se aos indonésios) queriam utilizar os refugiados como moeda de troca. A princípio havia comida com abundância por causa da finalidade da integração. Esta “lua de mel” com a Indonésia só durou três meses porque, em Novembro de 1975, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia foi visitar Timor”. Rememora, em seguida, um arranjado

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

diálogo com um alto oficial indonésio que, nesse período de refúgio em Atambua, no Timor indonésio, procurou convidar o nosso sacerdote para a integração. Dirigindo-se ao Pe. Fernandes, este militar indonésio terá sublinhado:

– Padre, daqui a três dias vai chegar o ministro. Você tem de ir com os seus refugiados agradecer ao ministro.

– Está bem, nós vamos, respondeu.

– Mas tem de dar ordens para eles obedecerem e levarem a bandeira da Indonésia.

Imediatamente, o Pe. Fernandes retorquiu:

– Eu como presidente não vou dar essa ordem. Eles se quiserem, levam.

Nova sugestão do oficial:

– Mas tem de dar para receberem a integração.

Pronta recusa tão inteligente como prudente:

– Eu não vou dar essa ordem. Somos refugiados. Não temos nada a ver com a política. Vamos ao aeroporto agradecer ao ministro porque o povo indonésio tratou-nos bem, mas, quanto à bandeira para pedir a integração, não.

Eu recusei. No dia em que chegou o ministro, muita gente foi lá. Eu fui. Poucos levaram a bandeira e poucos pediram a integração. Eles notaram isso.

O Pe. Xico recorda vividamente essa visita ministerial indonésia:

“Num campo de futebol, o ministro falou que a solução dos problemas de Timor passava pelo campo militar. O campo diplomático terminara. O caso de Timor só podia ser resolvido no campo militar e que a FRETILIN estava na altura uma força moribunda. Não se podia contar com ela. O ministro foi-se embora e as consequências foram: ficámos sem comida. Cortaram-nos tudo. Depois, eu mais uns membros da Comissão fomos ter com os militares indonésios – o coronel responsável chamava-se Bambo –, pedimos uma audiência, expusemos o problema, porque o habitual apoio, fornecimento de géneros alimentícios, terminara e não sabíamos porquê. Os refugiados estavam com fome. Antes recebíamos todos os dias, agora não tínhamos nada. Respondeu-nos que só ia fornecer comida aos cidadãos indonésios, não aos cidadãos portugueses e ‘vocês como querem ser portugueses, vão pedir comida a Portugal’. Respondi que Portugal ficava muito longe e que Portugal não come arroz, come pão. ‘Senhor coronel, veja lá, eles estão com fome’. Eles só deram comida aos que levavam a bandeira indonésia.

Foi um tempo muito difícil. Muitos morreram. Por dia havia 5 a 6 enterros”.

Esta extraordinária recordação de um primeiro exílio em território indonésio mostra-se um dos mais importantes lugares da memória do Pe. Francisco Fernandes, recordando diálogos, embaraços e, sobretudo, dramáticas dificuldades que fundavam, afinal, a génese do “problema” de Timor. Rememorando esse tempo duro do exílio, o falecido sacerdote recordava também uma primeira solidariedade vinda de Macau:

“As pessoas começaram a trabalhar em qualquer trabalho, vendiam as jóias que tinham. Os homens iam trabalhar, as senhoras vendiam tudo o que tinham. Havia um senhor que tinha cinco camionetas. Eu fui ter com ele e pedi-lhe se podia vender as camionetas aos indonésios para emprestar dinheiro aos que precisavam mais. É claro que ele vendeu as camionetas e distribuiu o dinheiro por aqueles que mais precisavam. Depois pagar-lhe-iam, mas nem todos chegaram a pagar. Ele já morreu. Ao mesmo tempo escrevi uma carta para Macau, para o jornal *O Clarim* (semanário católico de Macau) narrando a situação, as dificuldades em que nos encontrávamos. Lembro-me de D. Arquimínio, bispo de Macau e o Pe. Mendes, director d’ *O Clarim* mandarem um telegrama a dizer que podíamos contar com eles. Recebi quase dez mil patacas e fui com o telegrama ao bispo de Atambua, um holandês: ‘Temos apoio de Macau, mas esse dinheiro não deve chegar cá. Talvez o senhor bispo nos possa adiantar. Esse dinheiro depois fica para depositar num banco vosso no estrangeiro’. Assim foi. Com o dinheiro que o bispo nos adiantou, a Comissão teve de ver quais as famílias mais carenciadas, com crianças, e distribuiu-se o dinheiro”.

Em continuação, o seu relato memorial aproxima-se rapidamente do Portugal de 1975-1976 em convulsão revolucionária, do corte de relações diplomáticas com a Indonésia, da intermediação holandesa e do fim do exílio:

“Então eu resolvi escrever uma carta para Portugal. Na altura, o Ministro dos Negócios Estrangeiros era Melo Antunes. Fizemos um relatório completo. Tenho pena de já não ter essa carta. Depois, fui falar com o bispo de Atambua e disse-lhe que queríamos mandar aquela carta para Portugal, mas que tínhamos medo e se ele sabia de algum meio para a carta chegar à Europa.

– Padre, faça a carta que daqui a um mês vai o nosso padre à Holanda. Ele pode levá-la.

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

Fizemos um relatório completo da situação dos refugiados e dissemos que também estavam 23 militares portugueses: um major, dois capitães, alferes, furriéis que estavam pior do que nós, porque estavam na cadeia e um deles era sobrinho do Primeiro-Ministro de Portugal de então, o Dr. Palma Carlos. A carta chegou lá. Rezámos muito, sobretudo no mês de Maio e a carta teve efeito. Portugal mandou uma delegação chefiada por um general, Morais da Silva. Era na altura Chefe do Estado Maior da Força Aérea Portuguesa. Foi com mais 5 oficiais negociar com os indonésios a saída dos refugiados. Nós não sabíamos de nada. Sabíamos que essas negociações seriam sobre o repatriamento dos refugiados para Portugal. Advinhámos isso e o nosso pensamento concretizou-se. Passadas duas semanas, o bispo de Atambua chamou-me e disse para eu avisar os refugiados que no dia tal ia chegar ali o embaixador da Holanda, pois Portugal tinha cortado relações diplomáticas com a Indonésia desde 1975. Quem representava os interesse de Portugal na Indonésia e vice-versa era a Holanda. Eu avisei os refugiados e no dia marcado os refugiados, mulheres e crianças juntaram-se. Chegou um helicóptero com um gigante de quase 2 metros. Pedi para falar comigo. Disse que vinha em nome do governo português para levar todos os refugiados portugueses para Portugal. Aquilo foi uma explosão de alegria. Eu nunca vi alegria daquele género.

– *I came here with the instructions of the Portuguese Government to evacuate all Portuguese refugees.*

Toda a gente saltava de alegria. Alguns estavam preocupados e pediram-me para lhe perguntar o que entendia por refugiados portugueses.

– *Exactly what do you mean by Portuguese refugees. Only white?*

– *No, everyone born in Timor.*

Aleluia! Foi a maior alegria. Todos os que tinham nascido em Timor eram cidadãos portugueses. Os indonésios sentiram-se humilhados. Mas havia os chineses de Timor.

– Padre, padre, e nós?, perguntavam.

– *Excuse me, Ambassador, how about the Chinese Timorese?*

Esclareceu:

– *If they are born in Timor, they are Portuguese.*

Ainda maior foi a alegria. Obrigada Nossa Senhora. Era uma autêntica explosão de alegria. Na primeira leva foram 23 militares; tirando 2 ou 3 que

eram comunistas, converteram-se e queriam uma missa. Eles cantavam. Esses colegas são agora católicos.”

Apesar do Pe. Francisco Fernandes rememorar alguns esparsos episódios de infância, sobretudo ligados à sua passagem pelo seminário de Soibada, a sua memória de Timor-Leste estava permanentemente cheia com estas memórias do seu exílio entre milhares de timorenses e militares portugueses em Atambua. Tratava-se, afinal, do seu mais importante *locus* memorial, recriando a sua vida, conduzindo-o a Macau e mobilizando-o demoradamente a abraçar a causa de um Timor-Leste definitivamente reconciliado com as suas culturas, se não mesmo com esses fantasmas memoriais de 1975 que continuam presentes nos lugares da memória de muitos timorenses.

Alguns exemplos trabalhados com outros informantes timorenses fixam também este incontornável fundo memorial: guerra, ocupação, exílios e resistências. O que sobra em memória política falta quase sempre em lugares da memória de culturas, famílias, simplesmente infâncias.

MEMÓRIAS DE ALGUNS TIMORENSES EM MACAU

As entrevistas aos timorenses em Macau foram efectuadas a vários informantes, tendo-se procurado abranger um leque diversificado de pessoas com diferentes profissões, de ambos os géneros e diversas idades, enformando um trabalho de pesquisa ainda em andamento. Estas entrevistas foram gravadas, destacando-se apenas alguns aspectos mais pertinentes para este trabalho, colaborando na apreensão de uma visão panorâmica da situação social e cultural vivida pela comunidade timorense em Macau.

Um dos nossos entrevistados, do sexo masculino, com mais de 60 anos, recorda ter vivido o 25 de Abril com bastante emoção quando se encontrava em Portugal a trabalhar: “Foi um dos dias mais bonitos da vida de uma pessoa”. Refere em seguida o regresso dos estudantes timorenses que estudavam em Portugal para formarem a FRETILIN. Nesse tempo, as comunicações eram difíceis e o nosso entrevistado seguia fragmentariamente os acontecimentos em Timor através da imprensa, rádio e televisão. Fala com entusiasmo das campanhas então efectuadas com grupos de danças e cantares que percorreram toda a Europa para levarem o nome e a causa de Timor independente a todo o lado.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



Estudantes timorenses da Universidade de Macau.

Quando foi o referendo encontrava-se em Macau e, por isso, não lhe foi permitido entrar em Timor. A violência pós-referendária parece-lhe dever ser atribuída às Nações Unidas porque “nós avisámos que entregar Timor à Indonésia significava a morte para os timorenses”. Quando lhe pedimos para fazer referência a alguma figura política actual de Timor, foi bastante firme ao dizer que “falar dos que já morreram, está bem, porque esses já não mudam. Os que estão vivos hoje são heróis, mas depois começam a tomar as suas atitudes e posições e começam a trair o seu passado glorioso”. Este entrevistado aponta de forma objectiva o facto do “país ter de partir do zero” e acrescenta “o que o governo está a fazer está acima desses limites de possibilidade”. Por outro lado, não são poupadas críticas a alguns governantes com pouca preparação. O que mais nos chamou a atenção foi o facto deste entrevistado ter referido que “não estamos a aprender com a experiência dos outros”, arrematando que “ainda é cedo para criticar o governo de Timor”.

Desta entrevista destacamos as referências do informante à ajuda à resistência organizada pelo

Grupo de Macau (grupo independente de ajuda à resistência em Timor que, do exterior, colaborou nessa causa). É referida a confiança que Xanana Gusmão tinha neste grupo independente que, com o seu trabalho e dinheiro, contribuiu para a independência e libertação de Timor. “Nós tirámos do nosso bolso, e mandámos dinheiro para isso [...] O governo de Macau, na altura era governador Rocha Vieira, deu um milhão de patacas [...] mas, foi graças ao Grupo de Macau que se juntou a diáspora e se fez um bloco único para lutar por Timor. Só assim é que as Nações Unidas nos ouviram”. Apesar de ter vivido fora de Timor o período dramático que se seguiu ao 25 de Abril, este entrevistado ajudava como podia do exterior, procurando sensibilizar consciências para a causa timorense. A participação indirecta na guerra da resistência toma, assim, outras formas diferentes da guerra que se desenvolvia no terreno. Em contraste com esta memória recente, as recordações infantis, juvenis e familiares deste entrevistado encontram-se bastante diluídas pelo tempo, não havendo grande pormenorização memorial.

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

Um entrevistado do sexo feminino, estudante e muito jovem – tem menos de 20 anos – acumula muitas recordações de infância, da escola, da catequese, da primeira comunhão e dos brinquedos de lodo feitos por si própria, não esquecendo o primeiro livro que leu, um romance, significativamente em indonésio. Foi com um brilho saudosos que nos falou destas pequenas relíquias da sua infância. Por ser ainda bastante jovem, a sua memória política situa-se em tempos mais recentes, já durante o período de votação para o referendo. Contrastando com o depoimento anterior, as memórias do período de resistência são vagas e não muito claras devido provavelmente à sua pouca idade. Mas o período de votação referendária é referido com grande intensidade, rememorando medos e perigos passados: “3 para 4 de Setembro, depois da votação, ouvimos que as milícias queriam assaltar a nossa casa... Tive medo e fui dormir em casa de uma amiga e a minha mãe em casa de uma vizinha que era indonésia”. A seguir, “Depois da votação fugimos para o mato e não tivemos medo. Rezámos todos juntos.” Xanana Gusmão é referido por esta entrevistada como “pessoa inteligente e com personalidade em quem todos os timorenses confiam”.

Um outro informante do sexo feminino, com cerca de 25 anos de idade, de momento não exerce qualquer profissão em Macau. Sublinha muitas lembranças de infância e as brincadeiras que lhe ficaram na memória, como o jogo de berlindes e o jogo das pedras. Refere que na escola aprendia o *bahasa* indonésio, pelo que o primeiro livro que leu foi naturalmente na língua do ocupante. A lembrança da visita do Papa João Paulo II a Timor também é marcante na sua memória, esclarecendo que nesse tempo se apercebeu da realidade timorense: “soubemos que o Papa já sabia que Timor não estava bem e, daí, começámos (1982) a abrir os olhos.” Depois da vinda do Papa já não tinha medo de dar apoio às Forças Armadas de Libertação de Timor-Leste (FALINTIL). Refere falar português em casa, sendo o pai descendente de família angolana. Manifestou ter tido interesse em entrar para a Universidade, mas a condicionante financeira não permitiu a realização do seu sonho e, portanto, “aprendeu computadores, costura e bordados”. Procurou arranjar emprego, mas não conseguiu: “tentei arranjar emprego mas não consegui porque não tinha padrinho. Ajudar a Indonésia aí tinha possibilidade, mas eu não quis. Prefiro não ter emprego

do que vender a alma.” Relativamente às suas memórias políticas, lembra-se de ter “fugido para o mato” depois da votação do referendo com medo da retaliação das milícias pró-indonésias e, por isso, com sua família, juntaram-se a rezar a outros timorenses que, como eles, tinham fugido. A seguir, por ocasião da independência, a nossa informante já estava em território macaense: “Na independência já estava em Macau e só vi pela televisão. Chorei de alegria porque finalmente aconteceu o que tanto queríamos”. Refere-se a Xanana Gusmão como uma espécie de “dom de Deus”. Já relativamente ao Primeiro-Ministro Mari Alkatiri manifesta uma opinião crítica, sugerindo que “o governo é como se fosse dos pais para o povo. Ele não compreende a população”.

Outro dos nossos entrevistados é estudante-trabalhador, do sexo masculino, com cerca de 40 anos. É oriundo de uma família muito numerosa, composta por 11 irmãos dos quais dois morreram por doença durante a infância, tendo também perdido o pai e a mãe: “Uma coisa que me marcou foi a “mãe colo” que é a quem cuida e leva o bebé ao colo, de casa para a igreja, ficando a madrinha encarregue da vela”. Recorda a dureza do trabalho do pai que tinha de se deslocar 15 km a pé e a cavalo, regressando muitas vezes às 9 da noite, não conseguindo conviver com a família. Relativamente à mãe, refere ter ensinado catequese e ter “baptizado muita gente”. Por isso, “quando ela morreu, as pessoas atravessaram duas montanhas separadas por um vale muito fundo. Por aí vimos que a minha mãe era uma pessoa muito social e querida das pessoas”. Uma das suas brincadeiras favoritas era o jogo com “pneus dos carros e dois paus”, mas também se lembra de fazer casas em miniatura, usando pequenos pedaços de madeira: “Frequentei a catequese que era mais um escape para ir à praia”. Lembra-se do golpe de 1975 e de ter fugido para as montanhas com o pai: “o meu pai era muito sociável e por isso não tive problemas de ir para as montanhas”. Depois da morte da mãe não ficou a viver com os irmãos, passando para uma aldeia isolada, a 15 km de Díli, onde estava a irmã mais velha. “Comecei a gostar da família que me criava. Às vezes íamos até ao pico da montanha levar os ramos de coco... Nunca fomos apanhar enguias (superstição local que atribuía a mudança de tempo à captura da enguia) nem camarões, nem acreditávamos na senhora que tinha as mamas grandes e que fazia mal às crianças quando se portavam mal”. Depois, quando da ocupação indonésia,

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



Recepção a Xanana Gusmão no Clube Militar (Macau).

recorda que “durante o dia eu andava a passear na rua e as balas passavam como se fossem abelhas. Na nossa porta, o meu irmão pôs a imagem de Nossa Senhora. Dormíamos debaixo da cama. Nunca acertaram... só nas montanhas é que as pessoas morriam de fome. O meu irmão queria libertar-se e por isso foi falar com um amigo chinês que também queria ir para Timor Ocidental... Eu na altura da votação estava em Macau e na independência não estava à espera que fossemos ganhar e estava na expectativa, porque os indonésios obrigavam as pessoas a votar neles. Eles diziam ‘vocês como não gostam dos indonésios picam nos indonésios’. Esperança tínhamos, mas frágil”. Passando rapidamente à actualidade, o informante acredita no poder de Xanana Gusmão que “consegue compreender o povo, mas algumas das pessoas que se encontram à volta do Presidente não são sérias nem capacitadas”.

APONTAMENTO FINAL

Uma primeira perspectiva parece distribuir geracionalmente os lugares da memória dos

informantes. Devido à diferença de idade dos entrevistados, as respectivas memórias também se debruçam sobre diferentes situações. Assim, os mais jovens lembram-se ainda de algumas, ainda que escassas, brincadeiras infantis, mas não propriamente de uma “infância”. Não têm grande entendimento do tempo e do modo da descolonização, da guerra civil, da invasão indonésia ou da resistência, fixando apenas esse história imediata do referendo, da violência miliciana e, finalmente, da festa, quase sempre televisiva, da independência de Timor-Leste. À medida que a idade dos inquiridos vai avançando, as recordações de infância praticamente desvanecem-se, sendo ocultadas por memórias marcantes, geralmente vividas, da guerra de resistência e das actividades efectuadas para apoiar a independência real de Timor-Leste.

O que parece mais relevante julga-se ser esta perspectiva geral de gente sem memória infantil, com as suas especializações lúdicas e festivas obscurecidas pelo peso marcante da memória política contemporânea. Paralelamente, não se recolhem lugares da memória significativos sobre festas, actividades lúdicas,

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

simplesmente as brincadeiras que pautam a fundação de qualquer vida socializando-se numa sociedade estável. Pelo contrário, é um Timor conturbado, dramatizado, sem felicidade pueril que estas memórias destacam. Domina um estranho sabor a exílio que, como na memória pormenorizada do Pe. Xico, parece não autorizar memórias festivas, simplesmente as simples alegrias infantis. Trata-se mesmo de memórias que se organizam como uma sorte de parábola: a

infância subsumiu-se na construção de um novo país tão recente como quase “infantil”: quando é que os timorenses vão recuperar definitivamente os seus lugares da memória e contar-nos completamente as histórias de todas as suas vidas? **RC**

Nota do autor: Todas as fotografias foram gentilmente cedidas pelo senhor Agostinho Martins.

NOTAS

- 1 Luna de Oliveira, *Timor na História de Portugal*, vol. I, p. 84.
- 2 *Ibidem*, p. 75
- 3 Artur Teodoro de Matos, *Timor Português 1515-1769. Contributos para a sua História*, p. 41.
- 4 Charles R. Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770. Factos e Lendas de Macau Antigo*, p. 182.
- 5 António Carmo, *A Igreja Católica na China e em Macau no Contexto do Sudeste Asiático (Que Futuro?)*, p. 597.
- 6 Montalto de Jesus, C. A., *Macau Histórico*, p. 22
- 7 Jin Guoping e Wu Zhiliang, “Tentativas de uma nova abordagem às origens históricas da presença portuguesa em Macau”, in *Revista de Cultura* Edição Internacional, n.º 8, p. 72.
- 8 Roderik Ptak, “O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming”, *Revista de Cultura*, n.º 1, p. 37.
- 9 Geoffrey C. Gunn, *Timor Loro Sae: 500 years*, p. 53.
- 10 Rui Manuel Loureiro, “Discutindo a formação da presença colonial portuguesa em Timor”, *Lusotopie*, 2001, p. 150.
- 11 Fernando Figueiredo, “A conjuntura política: antes de Hong Kong”, in A. H. Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. III, p. 82.
- 12 Pe. Francisco Maria Fernandes, *D. António Joaquim de Medeiros (Bispo de Macau) e as Missões de Timor (1884-1897)*, p. 53.
- 13 Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. II, pp. 484-485.
- 14 Luís Cunha, “Timor: A Guerra Esquecida”, in *Macau*, n.º 45, II série, Macau, 1996, pp. 44 -45.
- 15 Artur Teodoro de Matos, *Timor Português 1515-1769...*, pp. 192-193.
- 16 Maria Ângela Carrascalão, *Timor. Os Anos da Resistência*, p. 91.

BIBLIOGRAFIA

- Boxer, C. R., *Fidalgos no Extremo Oriente 1550-1770. Factos e Lendas de Macau Antigo*, Macau, Fundação Oriente / Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990.
- António Carmo, *A Igreja Católica na China e em Macau no Contexto do Sudeste Asiático (Que Futuro?)*, Macau, Fundação Macau, Instituto Cultural de Macau, Instituto Português do Oriente, 1997, p. 597.
- Carrascalão, Maria Ângela, *Timor. Os Anos da Resistência*, Queluz, Mensagem, 2002.
- Fernandes, Pe. Francisco Maria, *D. António Joaquim de Medeiros (Bispo de Macau) e as Missões de Timor (1884-1897)*, Macau, Universidade de Macau, 2000.
- Figueiredo, Fernando, “A conjuntura política: depois de Hong Kong”, in A. H. Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. III, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 35-92.
- Jin Guoping, Wu Zhiliang, “Tentativa de uma nova abordagem às origens históricas da presença portuguesa em Macau”, *Revista de Cultura*, Edição Internacional, n.º 8, 2003, Macau, Instituto Cultural do Governo da R. A. E. M., pp. 70-111.
- Gunn, Geoffrey C., *Timor Loro Sae: 500 years*, Macau, Livros do Oriente, 1999.
- Jesus, C. A. Montalto de, *Macau Histórico*, Macau, Livros do Oriente, 1990.
- Loureiro, Rui Manuel, “Discutindo a formação da presença colonial portuguesa em Timor”, *Lusotopie*, 2001.
- Matos, Artur Teodoro de Matos, *Timor Português 1515-1769. Contributos para a sua História*, Lisboa, Instituto Histórico Infante D. Henrique, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1974,
- Oliveira, Luna de, *Timor na História de Portugal*, 4 vols., Lisboa, Fundação Oriente, 2004, fac-símile da edição de 1949.
- Ptak, Roderik, “O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming”, *Revista de Cultura*, n.º 1, 1987, Macau, Instituto Cultural de Macau, pp. 36- 45.
- Teixeira, Pe. Manuel, *Toponímia de Macau*, vol. II, Macau, Imprensa Nacional de Macau, 1981.

Memórias e Estudos Inacabados do Padre Francisco Maria Fernandes (1935-2005)

IVO CARNEIRO DE SOUSA



O Pe. Francisco Fernandes foi um desses vultos quase heróicos de timorenses em que uma vida cheia se confundia com a própria história do complicado processo concluído em 2001 com a restauração da independência de Timor-Leste. Francisco Maria Fernandes nasceu em Lacló, próximo de Manatuto, em 1935, mantendo uma longínqua memória dos seus parentes, sublinhando a posição social elevada de sua mãe, de família *dato*, e referindo com orgulho que seu pai havia sido *liurai* em Clacuc. A sua memória de acontecimentos infantis era escassa, frequentava alguns episódios da ocupação japonesa de Timor, provavelmente mais ouvidos do que vividos, transformando-se em eventos, situações, ditos muitos e nostalgia abundante quando começava a recordar a sua entrada no Colégio jesuíta de Beato Nuno Álvares Pereira, em Soibada. Rememorava também com elevação a sua opção apenas com 13 anos pelo Seminário de Nossa Senhora de Fátima encetando empenhadamente o caminho da aprendizagem do futuro sacerdócio. Em 1963 foi ordenado, começando

uma importante actividade docente que o levaria mesmo a dirigir o próprio colégio de Soibada. Apanhado no turbilhão político aberto na parte oriental de Timor pela Revolução democrática do 25 de Abril de 1974, o padre Fernandes haveria de sofrer as consequências dessa guerra civil que, opondo os principais partidos timorenses, concorreria a par com muitos outros factores também geo-estratégicos e políticos internacionais para a brutal invasão indonésia nos finais de 1975. Encontramos nesta altura o nosso sacerdote a coordenar um largo conjunto de milhares de refugiados timorenses em Atambua, cidade do Timor indonésio, conseguindo mobilizar ao longo de quase nove meses a assistência e a difícil atenção internacionais que permitiriam a sua repatriação para Portugal, depois concretizando esse episódio pouco edificante do Vale do Jamor em que o Pe. Francisco Fernandes se notabilizou pelo apoio e interesse por estes quase esquecidos refugiados do muito esquecido “problema de Timor”. Descobre-se o Pe. Fernandes a dirigir uma Comissão de Refugiados de Timor que associaria o

apoio aos refugiados timorenses em Portugal a uma primeira campanha importante junto de organismos internacionais e países europeus de denúncia da situação política de Timor-Leste. A seguir, o nosso activo padre acompanha muitos desses refugiados do Jamor em direcção à Austrália, tornando-se capelão para a comunidade timorense que foi reconstruindo as suas vidas em Perth. Em território australiano, o Pe. Fernandes foi colaborando em muitas iniciativas de solidariedade com Timor-Leste contribuindo para que o problema não fosse definitivamente esquecido nas relações políticas internacionais. A convite do bispo de Macau, D. Arquimínio da Costa, seu antigo mestre do colégio de Soibada, o Pe. Fernandes em 1989 instala-se em Macau, para ficar. Rapidamente se torna o centro da comunidade timorense no território, congregando refugiados, estudantes e mesmo “chineses timorenses”, como designava essas famílias que dominavam o comércio de Díli e de outras cidades do Timor colonial, depois regressando ou refugiando-se em Macau desde 1975. Viria a dirigir a Associação Rai Timor, a coordenar campanhas de solidariedade, a apoiar estudantes, a defender o clero e a Igreja Católica de Timor, multiplicando-se por um sem número de actividades religiosas, políticas, sociais e culturais em que a defesa da dignidade da sua terra natal quase totalizava a sua agitada e generosa vida.

Nos últimos cinco anos fui-me encontrando regularmente com o Pe. Francisco Fernandes sempre que me deslocava para leccionar e investigar em Macau. Entre jantares em casa da Dra. Leonor Seabra e, sobretudo, excessivos almoços domingueiros no restaurante Afonso III, o Pe. Fernandes foi-me falando do seu interesse em deixar obras escritas sobre Timor que alargassem o seu estudo sobre o padre Medeiros, realizado em sede de tese de Mestrado defendida com brilho na Universidade de Macau (Francisco Maria Fernandes, *D. António Joaquim de Medeiros (Bispo de Macau) e as Missões de Timor. 1884-1897*. Macau: Universidade de Macau, 2000). Começou por me falar de um muito vago projecto de doutoramento em torno da história da Igreja de Timor que rapidamente abandonou face às pressões do trabalho e ao debutar de preocupante doença. Foi talvez a progressiva precarização da sua saúde que mais mobilizou o padre Fernandes para um projecto de reunir as suas memórias, estudos e apontamentos acumulados sobre Timor. Recebi há mais de dois anos com a intermediação

empenhada da Dra. Leonor Seabra um primeiro texto, já dactilografado, em que o Pe. Fernandes apresentava uma primeira parte ou ensaio dessas memórias.

O texto tinha sido nitidamente escrito como uma sorte de testamento quase político. As memórias eram raras em lembranças infantis, rememoravam também escassamente a sua passagem pelo Seminário de Soibada, apesar de alguns episódios relevantes, prontamente se interessando pela história política de Timor-Leste desde 1974. Assim, o padre Fernandes revisitava criticamente o impacto quase estranho da Revolução do 25 de Abril em Timor, o regresso de vários estudantes timorenses mais do que politizados da “metrópole” e a formação dos partidos políticos com a sua profunda agitação. As suas memórias concentravam-se depois, mais do que demoradamente, nos episódios que conduziram à guerra civil entre a UDT e a FRETILIN, abundando as recordações críticas sobre eventos mais dramáticos como a morte de Maggiolo Gouveia, o papel do MFA no território, a acção do governador enviado de Lisboa, sublinhando também a sua longa fixação quase refúgio em Ainaro que o obrigou a abraçar culturas e línguas dos mambai. Depois, a parte mais longa e pormenorizada deste primeiro ensaio de memórias centrava-se no seu exílio juntamente com milhares de timorenses e alguns soldados portugueses em Atambua, esperando ao longo de 1976 ajuda e acolhimento internacionais. Esta época entranhou-se profundamente nos lugares da memória do Pe. Fernandes, mas pode ser panoramicamente visitada no estudo que a Dra. Lisete Lumen Pereira dedica nesta revista à memória dos timorenses de Macau. As recordações do Pe. Xico incluíam ainda apontamentos dispersos, mas profundamente críticos, sobre a situação política actual do jovem país independente, desde considerações sobre a bandeira nacional adoptada oficialmente até ideias avulsas para um bom governo da República Democrática de Timor-Leste. Alguns destes temas retomavam, aliás, polémicas e intervenções feitas em conferências, entrevistas e apontamentos de jornal que, mais conhecidos e públicos, recordam tanto a irreverência política como a generosidade intelectual do Pe. Francisco Maria Fernandes.

Depois de ler e anotar cuidadosamente estes primeiros apontamentos das suas memórias, pedi ao Pe. Francisco para tentar desenvolver dois temas que se afloravam importantes e originais na sua espontânea escrita: as memórias do Colégio de Soibada e,

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

sobretudo, os apontamentos que havia recolhido sobre as culturas mambai que nem sequer constituíam a sua “cultura natal”. Em Macau, o nosso padre entregou-me depois um texto sobre o Colégio do Beato Nuno Álvares que, em rigor, era mais um projecto de tentar programar vagas comemorações de uma instituição que tinha começado a funcionar desde 1898, mas que se subsumiu em complicadas dissoluções, restaurações e renascimentos. Ficou-me, de qualquer forma, desse texto e das impressões trocadas uma quase anedota sobre a muita autoritária firmeza no ensino da Língua Portuguesa que, segundo o Pe. Fernandes, se aprendia à “martelada e reguada”. O aluno do colégio ganhava uma nova identidade simbólica à custa da primeira asneira que dissesse na aula de Português. Assim, um jovem companheiro do Pe. Xico – ou seria o padre ele próprio? – foi interrogado sobre o feminino de cavalo. Respondeu célere: “cavalo-mulher”. Mais importantes foram os papéis que me entregou depois de lauto almoço sobre genericamente o que designava por “cultura mambai”, associando apontamentos pessoais, notas e manuscritos de colegas missionários e sacerdotes que haviam trabalhado nesse triângulo denso entre Same, Ainaro e Ailéu. Pedi-lhe, então, para prosseguir na escrita das suas memórias, mas explorando mais densamente esses dois temas das recordações do Colégio jesuíta e do interesse pelas tradições, costumes e língua dos mambai. Dei-lhe sugestões, sugeri leituras e insinuei algumas correcções, planos e organização temática.

Parece que o Pe. Francisco terá conseguido, pouco antes da sua morte, praticamente acabar as suas memórias. Não conheço ainda esse texto que espero poder vir a ajudar a publicar. Chegaram-me apenas até agora três trabalhos inacabados pelo seu esforço memorial: o primeiro texto de Memórias já mais corrigido, um breve sumário da história do Colégio do Beato Nuno Álvares Pereira de Soibada e apontamentos especialmente interessantes que vinham intitulados “A cultura mambai”. Depois de ponderar novamente o interesse intelectual de todos estes textos, entendi propor à *Revista de Cultura* a publicação dos muito importantes apontamentos do nosso Pe. Xico sobre os mambai. Trata-se de notas originais, já organizadas, anotadas e com um certo ordenamento textual. Aqui e ali existem notas manuscritas indicando um texto a aguardar críticas e renovadas sugestões. No coração destes apontamentos encontra-se um

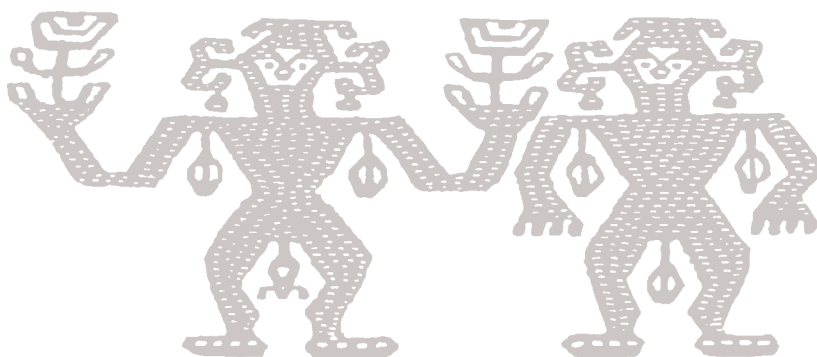
profundo interesse pela religião tradicional das populações mambai e, mais relevante ainda, uma extensa recolha e ordenamento de vocabulário. Trata-se de uma contribuição antropológica, histórica e linguística da mais alta importância para o património cultural de Timor-Leste. Estas muitas palavras mambai, organizadas tematicamente de forma tão inteligente como original, foram reunidas a partir da língua e cultura locais e não a partir de um dicionário exterior, procurando a partir do português significados em mambai. Rigorosamente, mais do que palavras soltas, mais mesmo do que uma “biblioteca” é toda uma cultura complexa cultura plurissecular que se desvenda nestas dezenas de vocábulos. O Pe. Francisco Fernandes não era um antropólogo e, muito menos, um linguista. Era um homem generoso, solidário e especialmente culto e informado da história e culturas timorenses. Tinha uma qualificada formação de historiador e falava com fluência de muitos temas filosóficos. Conhecia também os grandes textos científicos sobre Timor, reconhecendo os principais títulos e contribuições sobre a sua antropologia. Esta formação nem sempre se reflecte nestes apontamentos em produção, mas a sua importância e originalidade são mais do que suficientes para justificar esta publicação inacabada, que é talvez a melhor forma de homenagear também o seu empenho na preservação das culturas timorenses. Por isso, optou-se por intervir o menos possível nos apontamentos organizados pelo Pe. Fernandes, respeitando-se as suas opções na fixação gráfica e, possivelmente, fonética dessas muitas palavras da “cultura mambai”, seguindo-se também a sua interessante tipologia no ordenamento deste léxico. O trabalho chegou-me devidamente organizado e com a introdução que lhe tinha solicitado. Os seus apontamentos manuscritos, sublinhados e interrogações, sinal de mobilização de mais trabalho e atenção por estes apontamentos, mantiveram-se em notas de pé de página que, por aqui e ali, ajudam a comentar uma das derradeiras investigações do padre Fernandes para a preservação da cultura do “seu” Timor. **RC**

Nota do editor: Ao título “A cultura mambai”, foi acrescentado no texto dactilografado, à mão e a vermelho, “religião e esoterismo”. É possível que esta espécie de subtítulo correspondesse ao projecto mais especializado que o nosso autor queria dirigir para este tema, optando não tanto por um estudo geral da cultura mambai, mas antes pela investigação dos seus aspectos religiosos tradicionais.

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



A Cultura Mambai



FRANCISCO MARIA FERNANDES*

Em Timor existem cerca de 20 línguas¹ e o português era falado no meu tempo por padres, funcionários e classe mercantil. Uma das línguas importantes do Timor é a língua mambai. Deve ser a segunda língua mais falada em Timor depois do tetum que é actualmente a língua franca, apesar de apresentar variações de local para local. As informações que me chegaram dos inquéritos feitos pelas Nações Unidas em 2001 indicam que a língua mambai está nos 20% da população de Timor, portanto mais de 150 000 pessoas. Esta língua espalha-se de norte a sul de Timor Lorosae principalmente nos distritos de Same, Ailéu, Ainaro e Ermera, mas chega quase a Díli e a Liquiçá. É falada nestes distritos, por exemplo, em Bazar Tete e Tibar. Fala-se em regiões muito montanhosas, mas com muitos habitantes espalhados por centenas de aldeias. São montanhas altas e elevadas o Durulau e o Cablac que têm mais de 2000 metros de altitude. Nestas zonas montanhosas encontra-se uma espécie de eucalipto, as casuarinas e uma árvore parecida com o carvalho, mas a vegetação começa a desaparecer à medida que se sobe.

Nas grandes alturas aparecem musgos, silvas e líquens, rareando as árvores. Encontram-se mamíferos como o porco selvagem, o macaco, aves como loricos, catatuas, pombos e rolas. Há muitas espécies de cobras e a mais perigosa é uma pequena cobra verde capaz de matar pessoas e animais com a sua mordedura venenosa. Existiam veados e antigamente faziam-se caçadas. Também existe nestas regiões como em todo o Timor o *toqué* que é um lagarto que vive por todo o lado, nas árvores, nas casas, nos rochedos, soltando uma espécie de grito. Este animal tem muita importância nas superstições dos mambai. Os animais domésticos são o porco, búfalo, cabras, bovinos e galináceos.

Nesta região foi também introduzido o café desde o século XIX. O café deu muita prosperidade a Timor e a esta região. Era muito abundante no planalto de Ailéu e em Ermera, espalhava-se pelos 600 a 2000 metros de altitude. Era o produto mais exportado pelos portugueses e dava dinheiro ao território. Lembro-me que, antes de 1974, os amigos da Alfândega de Díli diziam que saíam de Ermera mais de 2000 toneladas de café, representando mais de metade do valor das exportações de Timor. Hoje, infelizmente, o café está muito decadente e abandonado, mas podia ser um dos mais importantes produtos de exportação de Timor.

Os grupos linguísticos e étnicos de Timor desenvolveram-se ao longo de milhares de anos.

* Ordenado padre em 1963, instalou-se em Macau em 1989, vindo a falecer em 2005, na altura pároco da Sé de Macau.

Ordained in 1963, he settled in Macao in 1989 and died there in 2005, priest of the Cathedral parish.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Formaram-se línguas e falares diferentes, diversos tipos humanos e culturas com muitas diferenças. O mambai é uma língua do grupo linguístico austronésio. Tem como o tetum influências malaias. Por isso, pode ser língua trazida para Timor por emigrantes vindos da Malásia, da Indonésia ou de outra região do Sul da Ásia. O timor mambai respeita a força e valentia, a hierarquia militar e religiosa. Só aceitam os valores viris e seguiam os antigos chefes e régulos até ao fim, morrendo por eles se fosse preciso. A ocupação do território nestas zonas mambai faz-se através da aldeia, mas também se encontram muitas habitações dispersas pelas cabeças dos montes até quase às zonas mais montanhosas.

Os nossos padres e missionários foram escrevendo alguns dicionários e catecismos em tetum e galoli², muitos publicados aqui em Macau, mas não conheço nada feito para a língua mambai³. Os apontamentos que recolhi sobre língua, cultura e religião dos mambai reuniram muitas palavras e várias vezes pensei tentar organizar um dicionário. Fui esquecendo o projecto que se perdeu entre muitos trabalhos e canseiras. Ficam aqui uns apontamentos muito dispersos que me falta o tempo para organizar melhor.

RELIGIÃO E ESOTERISMO

A língua e a cultura das gentes mambai apresentam uma dimensão religiosa tradicional, supersticiosa, e um carácter esotérico ligado a práticas de feitiçaria e ritos de iniciação. Um estrangeiro a esta cultura, como eu era mesmo quando vivi na região, tem dificuldade em desvendar estes rituais esotéricos e de iniciação. Ainda consegui identificar alguns e receber apontamentos de outros. Seguindo a língua mambai, encontramos oito elementos principais no seu vocabulário que expressam essas dimensões religiosas e crenças supersticiosas em coisas naturais e divinas:

Sol – *Leol*

Lua – *Hulcai*

Estrela – *Hiut*

Céu – *Leol-tete* (ou “sol de cima”)

Terra – *Rae*

Alma – *Smag*

Alma do outro mundo – *Maet smag*

Deus – *Maromac*

Nestas palavras nota-se a existência de uma palavra para um Deus, *Maromac*, mas é difícil tirar

conclusões sobre esta divindade. Parece que acreditam também ser um grande Criador da Terra. As palavras para sol, lua e estrela têm um carácter supersticioso e divino, mas a ideia de céu não existe como sagrado, mas como qualquer coisa acima e ligada ao Sol. O Sol é o grande astro divino que foi criado por *Maromac* como *Rae*, a Terra. Existe uma palavra para uma ideia espiritual próxima da nossa alma, mas o mambai não acredita em divisões entre corpo e alma.

A palavra *Maromac-mane* fala do antepassado mais antigo do clã⁴ ou linhagem e significa aquele “que não pode ver”. Possivelmente, significa o mesmo que *cucun*, de que adiante se tratará. *Maromac-hine*, “lua de ouro”, tem o mesmo significado para o feminino. Pode simbolizar ou o antepassado mais antigo fundador da linhagem ou todos os antepassados da linhagem ou mesmo apenas os antepassados femininos da linhagem. Esta noção de “lua de ouro” também se designa por *fil-mera*. O mambai afirma e acredita que *Maromac-hine* foi feita por *Maromac-mane*, tendo crença pois numa divindade superior masculina.

O mambai acredita noutra ideia importante de que a casa, o solo, a terra que pisa são sagrados. Noção muito importante é, por isso, a de *um'-luli* que significa casa sagrada (*lúlic*) ou *nam-tu* (casa /coisa grande). Ligado a esta noção de casa sagrada aparece a palavra *luli* ou *nam-luli* que significa ídolo, o mesmo que *lúlic* que em geral quer dizer sagrado ou todo e qualquer coisa sagrada. A terra e as coisas sagradas são assinaladas ou dominadas pelo *Rae-úbu*⁵, génio tutelar da fonte, da floresta, do bambual, do coilão, de uma árvore, de um ribeiro, de uma montanha, de um rochedo, de uma pedra ou de um qualquer sítio da terra dos mambai.

Esta gente mambai acredita também que a sua terra continua a ser habitada pelos seus antepassados. Eles continuam presentes na terra, na casa e no dia a dia. A palavra *cucun* é utilizada para referir os antepassados. É uma palavra muito importante e conhecida pelos mambai, que, no entanto, perderam já o seu significado mais concreto. Quer dizer, não conseguia perceber muito bem quando percorri as aldeias mambai se *cucun* se refere ao primeiro antepassado da linhagem ou se se refere a todos os antepassados cujos espíritos habitam na casa sagrada. É possível que *cucun* concentre os dois significados para referir a presença constante dos antepassados, dos ascendentes, na vida quotidiana.

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

A sociedade mambai aparece na palavra *roman*. Este conceito significa todos os vivos que formam a linhagem ou grupo familiar, mas a palavra aplica-se também à aldeia ou conjunto habitacional onde vive todo o grupo de uma mesma linhagem. A expressão *roman fe ghia, cucun fe la ga* significa “os vivos estão do lado de cá, os *cucuns* do lado de lá”. A fórmula permite perceber que os *cucuns* são os antepassados ctónicos que “vivem” para além do túmulo.⁶

O espaço mais sagrado, o templo, a “igreja” do mambai é a casa sagrada. Toda a casa sagrada tem um *tota-ubu*, o seu guardião ou vigilante. Este *tota-ubu* é uma espécie de sacerdote que deve interceder junto dos *cucuns* a favor dos que pretendem a cura de uma doença ou que afaste deles qualquer influência maléfica. O *tota-ubu* deve ser sempre uma mulher anciã e, por isso, a noção pode ser traduzida como “oficiante da reza”. É a mulher velha ou mais velha que reza e intercede utilizando o poder da casa sagrada que está obrigada a proteger e vigiar.

Para além da casa sagrada, para o mambai é muito importante o poder de transmitir as lendas da linhagem. *Teor-ubu* significa o “senhor da palavra”, contador ou narrador das histórias e lendas dos *cucuns*, isto é, dos antepassados da linhagem. Este “senhor da palavra” possui um conhecimento iniciático transmitido em segredo de um *teor-ubu* para outro. Estas lendas transmitidas por esses “senhores da palavra” apresentam as principais façanhas dos antepassados da linhagem como guerras, conquistas, casamentos, heroísmos e outros episódios. O *teor-ubu* fala geralmente com desenvoltura e sai da “nobreza” mambai.

Depois do “senhor da palavra”, a outra figura mais importante para os mambai é *dó*. A palavra corresponde para as gentes mambai a uma mistura de curandeiro, feiticeiro e adivinho. Não parece ser uma espécie de xamã nem sofrer de “transes”, podendo ser apresentado mais como uma mistura de sacerdote-curandeiro. Até porque existem termos e figuras para adivinho⁷ – *bad-bul-ubu* – e para feiticeiro – *saub* –, palavra muito utilizada e respeitada⁸. Deste modo, o *dó* deve entender-se como o sacerdote que faz a ligação com os *cucuns*, os espíritos dos antepassados, e com *Maromac*, o Deus ou divindade suprema. O *dó*, por isso, recebe poderes dos antepassados e da divindade. Os mambai acreditam que tem poderes especiais para curar todas as doenças “espirituais” e “corporais”.

NAI LOR-TIRIS E NAI LOU

Há 45 anos atrás ainda consegui ouvir várias lendas, histórias e superstições dos mambai entre amigos, padres, colegas e por essas aldeias fora de Same, Ainaro, Ailéu e Bazar Tete. Não recordo já muitas e não recebi apontamentos da maior parte delas. Guardo ainda a lenda mais importante para os mambai: a da formação da sua linhagem primordial. É uma mistura da lenda de Adão e Eva ou de divindades masculinas e femininas, mas que significam os pais e avós dos mambai. A história, como se dirá mais à frente, pode ter influências ou contactos bíblicos. Esta lenda muito importante e que era conhecida dos “senhores da palavra” mambai diz:

“O primeiro homem (*Nai Lor-Tiris*) desceu do alto do céu por uma linha (ou fita) vermelha. A primeira mulher (*Nai Lou*) veio do mar num beiro⁹ juntamente com duas criadas e alguns marinheiros. Era uma mulher branca e os seus cabelos ainda se conservam na casa sagrada de Lór. Encontrou-se com o primeiro homem em Cássi-bócal, um coilão perto da alfândega de Nutur em Betano, precisamente em Lór, uma pequena aldeia da região.

Nai Lor-Tiris trazia na mão direita uma balança para pesar a Terra e na mão esquerda uma rede para pescar e reunir um grupo de homens entre os homens soltos que fosse encontrando. *Nai Lor-Tiris* e *Nai Lou* são os avós antepassados de todos os habitantes de Timor”.

Por isso, a casa sagrada *lulic* de Lór é objecto de muita veneração entre os mambai. Assim, quando alguém passa à sua frente tem de se descobrir e se vai montado a cavalo tem de apeiar-se. O *tota-ubu* de Lór é uma mulher velha muito prestigiada e importante para todos os mambai, uma espécie de matriarca.

O FIO VERMELHO

Nesta história primordial dos mambai nota-se que *Nai Lor-Tiris* e *Nai Lou* são apresentados como avós fundadores de toda a ilha de Timor e a sua casa sagrada aparece como uma das mais importantes de todo o Timor e seus habitantes. No entanto, para mim o aspecto mais importante desta lenda ou mito clânico e de linhagem é o tema do fio vermelho por onde desceu o primeiro antepassado. A ideia de fio vermelho significa o fio da vida: o fio vermelho por onde desceu do céu

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Nai Lor-Tiris é o fio da vida, quer dizer, é um fio ou *filum* genealógico.

Por isso, quando alguém morre em aldeia ou sítio mambae, a *tota-ubu*, a guardiã ou oficiante da casa sagrada, ata no pulso esquerdo dos parentes mais próximos do falecido – pais, irmãos, tios, primos e sobrinhos – uma linha (ou fita) vermelha para, como diz, “lhes não fuja a alma” que está na palavra *smag*. Também quando alguém adoece, sobretudo se é importante, a *tota-ubu* ata-lhe ao pulso esquerdo uma linha ou fita vermelha, novamente dizendo “para que não lhe fuja a alma”, *smag*. Já dissemos que esta palavra se pode traduzir por alma, mas não tem o mesmo significado que a alma para o cristão.

No entanto, quando o malefício ou doença é muito forte e foi causado pelo *rae-ubu*, o génio tutelar, a *tota-ubu* é obrigada a atar uma linha ou fita preta no braço esquerdo do doente. Estas doenças ou malefícios provocadas por um génio do sítio são sempre doenças, corporais ou mentais, muito graves e de difícil cura. Por isso, os moribundos e os que padecem de doença incurável recebem essa linha preta no braço ou pulso esquerdo. Nestes casos, a linha ou fita preta representa um sinal macabro de morte próxima.

Nesta zona de Timor, em consequência, era comum contar os anos das crianças através de um cordel, fio ou fita vermelha ou preta, correspondendo a cada ano um nó. A expressão *tael-hu* significa o cordel ou toda a fita e *tael-mata-hu* significa cada um dos nós do cordel com que se contam os anos de vida.

Parece-me que podemos investigar a existência de influências, reminiscências ou, pelo menos, associações bíblicas neste tema do fio vermelho. No Livro de Josué (II, 17-21) pode ler-se: “E eles [os exploradores hebreus mandados por Josué] disseram-lhe [a Raab em cuja casa se haviam hospedado]: Nós cumprimos fielmente o juramento que nos fizeste prestar se, quando entrarmos no país, estiver como sinal este *cordão cor de escarlate*¹⁰ e o atares à janela por onde nos fizeste descer, e se tiveres recolhido em tua casa o teu pai e a tua mãe e os teus irmãos e toda a parentela. Se alguém sair da porta da tua casa, o seu sangue cairá sobre a sua cabeça e nós ficaremos sem culpa; mas o sangue de todos os que estiverem contigo em tua casa cairá sobre a nossa cabeça se alguém os tocar. Porém, se tu nos atraíçoares e publicares isto que te dizemos ficaremos desobrigados deste juramento que nos fizeste prestar. E ela respondeu: Faça-se como disseste; e

deixando-os para que partissem, pendurou o cordão cor de escarlate à janela.”

No Eclesiastes XIII, 6, pode ler-se: “Lembra-te do teu criador antes que se parta o *cordão de prata*¹¹ e que se quebre a âmbula de ouro e se fragmente o cântaro sobre a fonte e se desfaça a roda sobre a cisterna”.

Estas referências ao cordão cor de escarlate e ao cordão de prata são metáforas para designar o fim da vida. Pode haver uma ligação entre estas metáforas bíblicas e as tradições mambai sobre o fio vermelho. Este representa a vida e a morte, a ligação entre o mundo do vivo e o dos mortos. Resta saber se estas tradições se deixaram ou não influenciar pela actividade dos missionários católicos em Timor. Os missionários dominicanos começaram cedo, desde o século XVI, a evangelizar Timor e a combater ou transformar estas superstições. Convém recordar que foram missionários os principais artífices da recolha destas tradições e podem ter tentado dar-lhes um sentido ou valor cristãos. Pode também ter acontecido que as culturas dos timorenses que começaram a receber o cristianismo recebessem favoravelmente ideias e noções cristãs próximas do seu próprio entendimento das relações entre vida e morte, que tendem a não separar e dividir como nas civilizações cristãs ocidentais. O timor não é somente supersticioso, é mais do que isso. Acredita na unidade entre mundo natural e sagrado (*lulic*), acredita também na comunicação entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Os antepassados, os ascendentes, os que morreram continuam “vivos” através da sua interferência entre os vivos.

FEITIÇARIA

Os mambai também acreditavam muito no poder de feitiçarias e várias formas de magia. Os candidatos a feiticeiros designam-se por *imori-i'is*. Recebi apontamentos, mas nunca vi, os ritos de iniciação destes candidatos a feiticeiros. É bem possível que o rito de iniciação dos feiticeiros entre os mambai não tenha sido no passado tão simples como se apresenta agora. Mas os apontamentos que me chegaram mostram o seu carácter esotérico. Esta dimensão esotérica dava aos ritos de iniciação um desenvolvimento mais complicado e mesmo macabro, como se pode encontrar no rito de iniciação dos *saub* (feiticeiros) da região mambai, sobretudo em Same. Estes ritos apresentam afinidades, pelo menos linguísticas, com o que se pode também

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

encontrar na ilha de Ataúro e que foi estudado pelo nosso amigo cónego, o grande padre Jorge Barros Duarte¹². Para melhor se compreender estes ritos de iniciação passamos à sua descrição:

O indígena da zona mambai, nomeadamente na área de Same, acredita que em tempos muito recuados quando morria um feiticeiro (*saub*), o iniciado ou candidato a feiticeiro (*imori-i'is*) tinha de transportar o cadáver do anterior detentor da posição. O cadáver do deveria ser transportado aos ombros pelo novo candidato para o interior da floresta, sendo obrigado a passar aqui a noite, abraçado ao corpo do morto. Ao amanhecer teria de saltar sete vezes por cima do cadáver do antigo feiticeiro dizendo:

Nafai ghia au fe báli sil (Hoje eu é que tomo conta em teu lugar)

Ó bibi-russa hua, (Do coração dos teus veados)

Ó bibi-russa ate, (Do fígado dos teus veados)

Ó bibi-russa lala, (Dos intestinos dos teus veados)

Úlu-hátu (Da cabeça)

Nor ó sissi meghega, (Com a tua carne seca)

Au ôdi sium sil (Para eu tomar com isso)

Ó sao gá man háti (Lugar entre os homens feiticeiros)

Esta fórmula de iniciação mostra a importância do termo “veado” que deve significar tanto as vítimas do feiticeiro como as entranhas dos animais usadas nos processos de adivinhação e magia. Depois de proferida esta fórmula, o candidato ou iniciado (*imori-i'is*) deveria abrir o cadáver do feiticeiro pelo peito e pela barriga, extraíndo-lhe o coração, o fígado e os intestinos, devendo em seguida colocar estes órgãos numa cana de bambu que tapava com folhas de feto ou de outra planta. A seguir, deveria pendurar o bambu com aquelas entranhas numa tuaqueira na qual havia também de colocar a mandíbula do morto. Estes despojos deveriam ficar assim expostos sete dias durante os quais se reuniam todos os feiticeiros mambai da região. Esta reunião de feiticeiros era responsável por analisar e admitir o candidato a feiticeiro. Após os sete dias rituais, os *saubs* desapareciam, reaparecendo depois “transformados” em diversos animais e aves para participarem com o candidato numa macabra reunião ritual que consistia em consumirem – o candidato e os feiticeiros “transformados” em animais – o conteúdo do bambu. Por fim, concluída esta iniciação, os restos do cadáver deveriam ser sepultados ritualmente por todos. O *imori-i'is* tornava-se então *saub*, feiticeiro.

Que eu saiba esta macabra prática ritual já não existia no Timor da minha infância, mas ouvi falar várias vezes dela e até pintada com cores mais negras. Considerada uma superstição grave e quase canibalística deve ter sido rapidamente atacada, criticada e limitada pelos missionários católicos desde muito cedo. O que parece encontrar-se neste ritual iniciático é o grande poder destes feiticeiros (*saubs*) entre os mambai e os seus poderes de adivinhação. Lembram também rituais de xamãs que normalmente a antropologia que fui lendo não acusa em Timor. No entanto, tanto nos xamãs *yakut* da Sibéria como em xamãs dos aborígenes australianos detecta-se esta prática ritual de consumir a carne ou as entranhas do anterior xamã¹³. Esta antropofagia significa substituir ou adquirir o poder do anterior *saub* e perpetuá-lo.

VOCABULÁRIO E CULTURA

Recolhi muitos apontamentos de colegas padres e missionários e de outras pessoas sobre o vocabulário dos mambai. Não fui nunca especialista de linguística, mas encontra-se nestas palavras um verdadeiro dicionário mambai. Não pude estudar com profundidade a língua para trabalhar estes apontamentos. Surpreende-me nestas palavras e descritivos a pouca influência da língua portuguesa. Já o tetum recebeu muitas palavras e descritivos do Português. O mambai, como língua dessas gentes orgulhosas e viris das montanhas, parece não ter integrado muitos vocábulos dos portugueses. Nota-se que tinham muito vocabulário descritivo para o mundo natural, animal, flora, trabalho e actividades que se podem dizer culturais. A partir dos apontamentos e fichas recebidos tentei organizar por grandes temas este vocabulário das gentes mambai de Timor.

1. OBJECTOS E FENÓMENOS NATURAIS

A primeira secção apresenta as palavras para o mundo natural, sobretudo fenómenos e acontecimentos naturais. Não encontro nenhum termo que me pareça vir do português. Apenas se encontra uma palavra – *um-lae macau* – onde para se referir a batata europeia se acrescentou Macau. Indica que estas batatas vinham de Macau e eram vendidas em Timor nas mercearias de muitos chineses ou timorenses chineses que antigamente dominavam o comércio e constituíam a classe mercantil.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Aef – fogo
 Aef-luta - tição
 Aef-máçu – fumo de fogo
 Aef-mata – fogueira
 Aef-mlara – braseiro
 Ai-rui – espinho
 Bira – relâmpago
 Écor – areia
 Er – água
 Er-líhu mlua – lago
 Er-sala – ribeiro
 Ghéol – vento
 Grú – semear
 Haut – pedra
 Haut-tú – rocha
 Hiut – estrela
 Hulcai – lua
 Lalora – onda
 Léob – lagoa
 Léol – sol
 Léol-tete – céu, “sol-acima”
 Máçu – fumo
 Mráu – horta
 Rae – terra
 Rae-ana – ilha
 Raet – praia
 Rema – planície
 Sabai – nuvem
 Si – sal
 Slóg – ribeira
 Slór – arco-íris
 Taes – mar
 Tán – plantar
 Tit – lama
 Údu (montúdu-lau) – pico
 Um-lae – batata
 Um-lae macau – batata europeia
 Úrus – piri-piri
 Uss – chuva

2. PLANTAS

Não ouvi nem recebi apontamentos para a maior parte das plantas que se encontravam na região mambai. As palavras são gerais e colocam o problema dos limites do sistema classificatório ou até do aproveitamento económico da flora. Falta a palavra café que se dizia em português.

Ai – lenha
 Ai-hata – tronco caído
 Ai-lala – bosque
 Ai-lolo – tronco
 Gur – erva
 Háa – raiz
 Hétu – flor
 Hua – fruto
 Nora – folha
 Ota – galho
 Thául – floresta
 Tia – casca
 Úça – caroço

3. ANIMAIS

Existem palavras para os animais selvagens das regiões de Same, Ainaro, Aileu e Bazar Tete e também para os animais domésticos bem como para vários animais que não existiam na região. O crocodilo aparece também como animal sagrado entre os mambai, tal como no resto de todo o Timor. Por isso, a sua menção corresponde a qualquer coisa como “Nosso Senhor”.

Arbau – búfalo
 Auss – cão
 Buça – gato
 Buscáu – aranha
 Cud – cavalo
 Curita – polvo
 Ér-íci – enguia
 Feiss – borboleta
 Fni – morcego
 Ha – formiga
 Hahe – porco
 Hlot – jibóia
 Ican – peixe
 Itu-úbu-daot – crocodilo “Nosso Senhor”
 Lactau – lagarta
 Láho – rato
 Lénu – tartaruga
 Lóti – lagarto
 Maun – ave
 Mántelo – ovo
 Maun-ana – pássaro
 Naet – percevejo
 Nua – ninho
 Saer – animal
 Samór – cobra verde

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

Séu-rae – centopeia
 Suái – cobra
 Súçu – mosquito
 Téki – lagarticha
 Tumél – pulga
 Ú – baleia
 Urái – lacrau
 Ut – piolho

3. PESSOAS

O vocabulário para pessoas é muito pequeno. Não existem palavras para as distinções das diferentes classes. É mais um vocabulário masculino e feminino e de diferenças de idade ou geração.

An-cate – criança
 Artub – gente
 At – criado
 Daot – chefe
 Hin – mulher
 Hine – esposa
 Maen – homem
 Mane – marido

4. SENSACÕES CORPORAIS

Aparecem nos apontamentos palavras para os sentidos e para as principais sensações. Existem também palavras para a maior parte das actividades corporais e algumas para atitudes ou comportamentos morais.

Aa – comer
 Anánu – cantar
 Anoin – pensar
 Assae-snuga – respirar
 Belé – acordar
 Béli – ter fome
 Boe – deitar-se para dormir
 Cace – conversar
 Dega – dizer
 Du – cuspir
 Eot – viver
 Eunn – beber
 Féie – olhar
 Féss – apalpar
 Flénn – cheirar
 Flig – ouvir
 Fréssi – discutir
 Gaeg – mastigar

Ganát – trincar
 Glinn – rir
 Hae – dormir
 Hói – morder
 Hússi – assobiar
 Khaess – mordedura de animal
 Maet – morrer
 Mtau – temer
 Muta – vomitar
 Mód – engolir
 Mótri – viver
 Mró – ter sede
 Núnn – exame pelo odor
 Re-haha – gemer
 Sero – chorar
 Suss – chupar; mamar
 Tad – conhecer
 Tanár – ouvir
 Tenn – deglutir
 Túir teor – narrar
 Tunú – lembrar
 Tut-rou – dormir

5. DESCRITIVOS

Os mambai têm muitas palavras para descrever sensações, comportamentos e relações morais entre as pessoas. Estas palavras descrevem também as figuras e as atitudes dos diferentes tipos de pessoas.

Béli – esfomeado
 Bissa – frio
 Broe – podre
 Brúiss – quente
 Bub – inchado
 Clao – mau
 Code – bom
 Diu – surdo
 Dló – correcto
 Era – molhado
 Hóru – empertigado
 Lea – maluco
 Lehe – leve
 Mata malágu – ensonado
 Mate – morto
 Mdeda – pesado
 Mghega – seco
 Mlai – brando
 Mlió – novo

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Móo – limpo
 Móri – vivo
 Nam sae – doente
 Ole – gordo
 Ónu – morno
 Rae-afó – poeira
 Rai – sujo
 Ráti – suado
 Rauf – cinza
 Tat mai – velho
 Tebes – verdadeiro
 Tita – impuro
 Tóo – magro
 Ulu-hátu – estúpido

6. PARTES DO CORPO

Conhecem os mambai palavras para as partes do corpo, sobretudo para as partes externas. Já faltam palavras para os órgãos internos. Também não se nota aqui qualquer influência de palavras vindas da língua portuguesa.

Aba – cuspo
 Ahe – rosto
 Ahe-lúli – partes genitais
 Ate – fígado
 Bai – barriga
 Baid-ud – estômago
 Bá-séri – flanco
 Cbás – ombro
 Éta – corpo
 Fá – coxa
 Fau – bochecha
 Fau-tara – barba
 Fé – parir
 Fére – nádegas
 Fere-goá – ânus
 Gluta – cérebro
 Gúgu – boca
 Gúgu-húlu – bigode
 Gúgu-Tia – lábio
 Hóho-tete – costas
 Hua – coração
 Hulu – pêlo
 Ílu – nariz
 Ío – cauda; rabo
 Íru-mata – peito
 Lala – intestinos

Lama – língua
 Lar – sangue
 Lila – asa
 Lima – mão
 Lima-adél – anular
 Lima-bai – antebraço
 Lima-fúçu – médio
 Lima-ina – polegar
 Lima-ínu – mindinho
 Lima-mata – unha
 Lima-snaga – dedos
 Lima-tane – palma da mão
 Lima-tgheu – pulso
 Lima-tud-nam – indicador
 Lóat – tendão
 Lú – cuspir
 Lua – lágrima
 Manhúlu – pena
 Mata – olhos
 Mata-hua – globo ocular
 Mata-húlu – sobancelha
 Matrauf – pulmões
 Mdei-an – dar à luz
 Nam-té – excremento
 Nifa – dente
 Óe – pé
 Óe-bai – perna
 Óhu – baço
 Ré – testa
 Rúçu-laha – costela
 Rui – osso
 Síssi-lula – medula; tutano
 Sú – cotovelo
 Suçu – seios
 Suçu-era – leite
 Té – defecar
 Teró – voz
 Tghéu – pescoço
 Tghéu-lálu – garganta
 Tia – pele
 Tliga – orelha
 Tliga-goá – ouvido
 Tugu-fu – cachaço
 Túlur – joelho
 Úlu – cabeça
 Úlu-nora – cabelo
 Urat – veia

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

7. CORES

Não existem muitas palavras mambai para as cores, só para as cores primárias, faltando para as cores intermédias e para as misturas de cores. Quando passava pelas terras mambai já se notava no vestuário, nos tecidos e nas casas muitas mais cores do que aquelas para que tinham palavras.

Búti – branco
Mát – verde
Mera – vermelho
Meta – preto
Mghé – amarelo
Moro – azul
Ráfu – cinzento

8. PARENTESCO

Há ainda muitas palavras para o parentesco e para a família. No que se refere ao parentesco utilizam também palavras como *dó-lár* (pacto de sangue), *maer* (fábula) e *maer-muna* (lenda), mas apenas quando se referem aos antepassados. Já se disse que para as gentes mambai os antepassados vivem entre eles. Nunca ouvi nem me deram apontamentos para a palavra primo. Ouvi utilizar algumas vezes a palavra primo, do português. Mas substituem a palavra pela ideia de que todos são irmãos quando têm os mesmos tios e tias.

Ama – pai
Am-loba – irmão do pai
Ana – filho; filha
An-cate ni tbó – irmão do rapaz
Bou – irmão mais velho
Cai – tia; sogra
Cala – Antepassado; bisavô
Cau – irmão mais novo
Dó-lár – pacto de sangue
Dómo – tetravô
Gátar – filho do filho ou da filha
Hin ni nara – irmão da rapariga
Ina – mãe
Maer – fábula
Maer-muna – lenda
Nai – tio; sogro
Sulé – trisavô
Tata hine – avó
Tata mane – avô
Tbó – irmã
Tbó cau – irmã mais nova

Tbó tu – irmã mais velha
Úbu-hine – sobrinha
Úbu-mane – sobrinho

9. ACTIVIDADES E OBJECTOS

Conhecem muitas palavras para as actividades laborais e para os utensílios utilizados bem como para as actividades do dia a dia. Existem palavras para a hierarquia e para, como já se disse, as posições mais importantes na vida social e mágica dos mambai. Não se notam palavras vindas do português. O vocabulário para festas, divertimentos e músicas é pequeno porque esta gente era mais de trabalho suado e pouco divertimento.

Aef-ana – candeeiro
Ai-hati – alavanca de pau
Ai-hati-béss – alavanca de ferro
Ai-húlu – poste de chifres de búfalo
Ai-sanar – vassoura
Amu cornel – régulo grande
Arbau-diu – picareta
Aul – mão de pilão
Bab – tambor de guerra
Bac-dud – tamborete
Dadíl – gongue
Cael – pescar com cana
Dai – rede de pesca
Daot – régulo
Daot Hine – rainha
Dó – curandeiro
Fánn – disparar uma seta
Fofoca – Brincos
Fóiss – disparar um tiro
Gau – cal
Gaul – saco
Ghíbal-háti – terreiro de dança
Gnónn – assar no espeto
Haut-luli – pedra sagrada
Hele-caet – arpão
Het – tatuagem
Héu – flauta
Héu-Cússi – flauta de cana simples
Héu-lilin – flauta de cana aberta ao meio e com furos nas extremidades
Héu-lugheun – grande flauta de cana selvagem
Húdi – dança
Hun – fazer guerra

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

Hut – vestuário
 Láhat – camaroeiro
 Maet-mata – sepultura
 Man-hutu – jogo do galo
 Nait povoçán – chefe de povoação
 Nait sucu – chefe de suco
 Nam-luli – ídolos
 Neh – leque
 Neuss – pilão
 Nil – tijela de madeira
 Núcat – cesto
 Rae-úbu – lobisomem
 Sá-hét – tatuar
 Sau – pente
 Saub – feiticeiro
 Sépar – altar
 Séur-aef – pôr no lume
 Sirbíuss – trabalhar
 Sóro – caçar
 Sul – armadilha em bambu
 Sur – contar
 Súri – espada
 Taél – corda
 Taél-mata – armadilha para pássaros
 Tat-luli – sacerdote gentio
 Té lébo – cravar uma lança
 Té sai faglau – trespassar
 Tilha – pescar com rede
 Tílu – brincar
 Tóem – lança
 Tui – cozer
 Tunn – assar
 Ul-háti – faca de bambu
 Um-luli – casa sagrada
 Ur-boca – panela de barro

10. TEMPO

No que respeita ao tempo, conhecem palavras para períodos curtos, faltando para os números e para períodos muito longos. A palavra *sumana* deve ter vindo do português.

Ada – amanhã
 Ai-ru – depois de amanhã
 Buss – manhã
 Hoda – noite
 Hulcai – mês
 Leol-ban – dia

Leol-séri – tarde
 Nafai – hoje
 Ná-rua – ontem
 Oras – hora
 Oras ghia – agora
 Sumana – semana
 Ton – ano

11. MANIPULAÇÕES E MOVIMENTOS

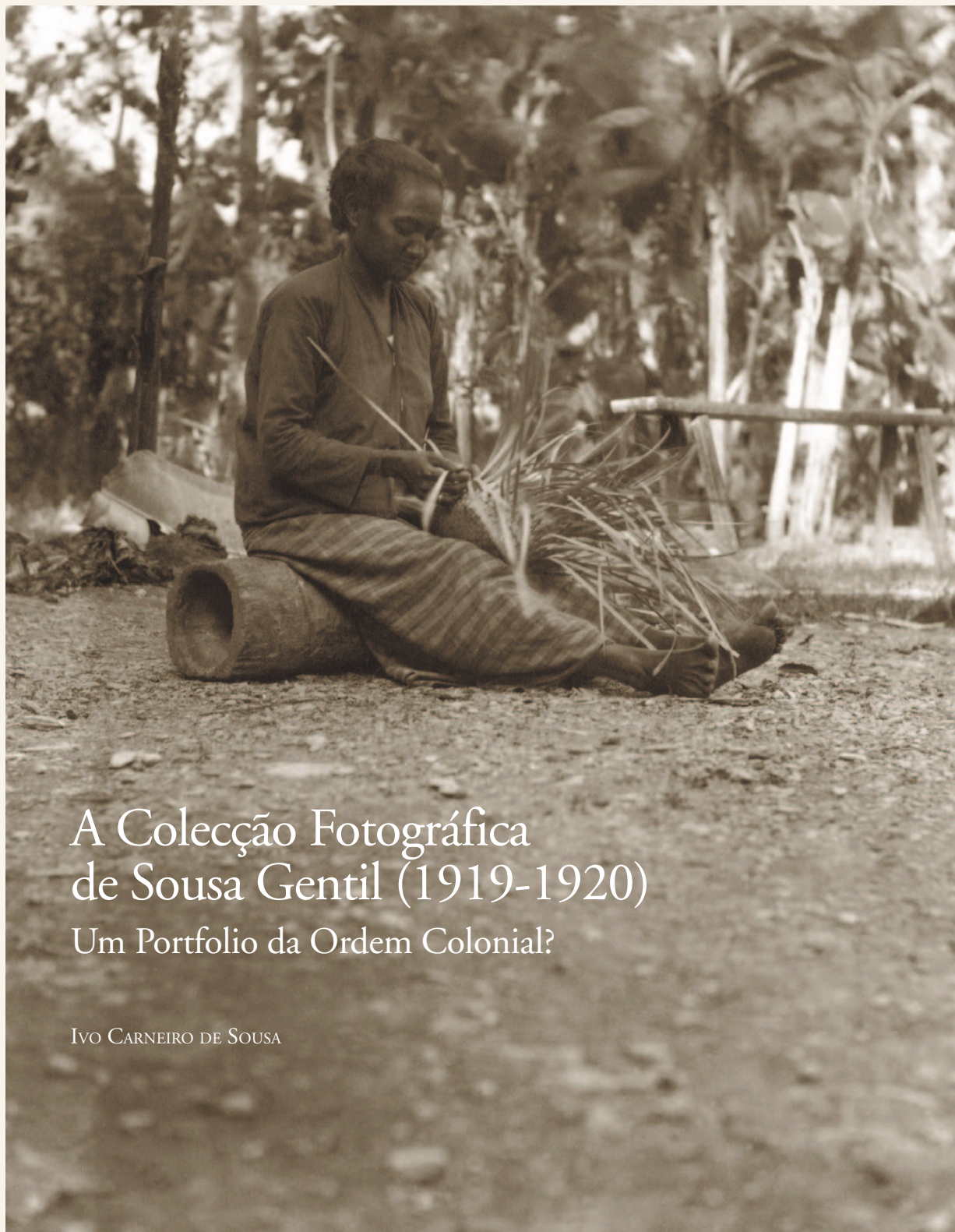
Têm os mambai muitas palavras para as suas actividades e movimentos manuais, sendo muitas as relacionadas com as actividades domésticas, sobretudo das mulheres.

Amó – limpar
 Coi – coçar
 Dad – puxar
 Dó – cortar com faca
 Dud – esfregar; empurrar
 Eiss – atar¹⁴
 Faél – segurar
 Faláer – correr
 Féin – ficar
 Fó – rachar
 Fun-huc – fazer ferida
 Glil – virar
 Gumm – espremer apertando
 Háss – lavar
 Húdul – espremer torcendo
 Hut – amarrar¹⁵
 Ké – cavar
 Lá – ir
 Lalai – andar
 Léor – saltar
 Lol – “correr de água”
 Lore – voar
 Má – vir
 Mdei – sentar
 Mót – afogar
 Mou – cair
 Nághi – nadar
 Né – dar
 Soé – flutuar¹⁶
 Tar – golpear
 Té – atirar

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

NOTAS

- 1 Existem as mais variadas investigações que sublinham a existência antro-po-histórica de mais de 30 línguas em Timor-Leste. O Pe. Fernandes não concordava com estes números excessivos e sempre referia com razão a diferença entre línguas e dialectos, sublinhando que muitas das formações apresentadas como línguas na verdade eram dialectos ou variações de línguas primárias.
- 2 O Pe. Francisco Fernandes referia-se aos seguintes livros: Rafael das Dores, *Diccionário Teto-Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1907; Manuel Fernandes Ferreira, *Resumo do Catecismo em Língua Tetum*. Macau: 1907; Manuel Mendes Laranjeira, *Cartilha de Tétum*. Díli: Imprensa Nacional, 1916; Manuel Mendes Laranjeira e Manuel Patrício Mendes, *Dicionário Tetum-Português*. Macau, 1936; Manuel Maria Alves da Silva, *Diccionário Portuguese-Galoli*. Macau: Typographia Mercantil, 1905; Manuel Maria Alves da Silva, *Catecismo da Doutrina Cristã em Portuguese e Galoli*. Macau: 1906; Sebastião Maria Aparício da Silva, *Diccionário Portuguese-Tétum*. Macau: Orfanato da Imaculada Conceição, 1989.
- 3 A afirmação do Pe. Francisco Fernandes é quase rigorosa, mas vale ainda a pena consultar Frederico José Hopffer Rego, “Uma lenda ‘mambae’”, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 86 (4-6), Abril-Junho de 1968, pp. 159-175, e, sobretudo, o estudo monográfico de António Duarte de Almeida e Carmo, *O Povo Mambai. Contribuição para o Estudo do Povo do Grupo Linguístico Mambai – Timor*. Lisboa: Estudos Políticos e Sociais, 1965.
- 4 Nos apontamentos originais, o Pe. Francisco Fernandes começou por utilizar a noção de clã. Depois de debatida a terminologia mais actualizada da antropologia passou a optar pela noção de linhagem. Apesar de também esta noção poder ser discutida, o texto trata claramente de lendas e vocabulários relacionados com um agrupamento social que procurou criar a sua própria narrativa da ocupação, apropriação social e reprodução económica de um território que, pelo teor dos materiais recolhidos, se organizaria principalmente em torno de Same.
- 5 Nota manuscrita marginal: “O mesmo que *mai-na’in* na língua tetum”.
- 6 Originalmente estava escrita a curiosa expressão “d’além-campa”, depois riscada.
- 7 Nota manuscrita: “Baru, Babilónia”.
- 8 Foi acrescentado à mão: “o mesmo que *buan* em tetum; encantamento em tetum”.
- 9 O beiro é a embarcação tradicional em Timor, geralmente feita a partir de um tronco de árvore escavado e possuindo dois flutuadores em bambu.
- 10 Itálicos do autor.
- 11 Itálicos do autor.
- 12 O Pe. Francisco Fernandes estava certamente a referir-se a essa obra referencial que é o livro de Jorge Barros Duarte, *Timor: Ritos e Mitos Ataíros*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.
- 13 Foi acrescentado à mão: “através destas narrativas e lendas de carácter supersticioso podemos conhecer e extirpar a feitiçaria”. O comentário manuscrito sugere que o Pe. Francisco Fernandes se encontrava especialmente interessado em reunir textos, lendas e rituais sobre as práticas “mágicas” tradicionais entre os mambai, muitas de dimensão representacional e ficcional. Esta recolha parece ter sido julgada importante para as estratégias pastorais católicas no território timorense de acordo com um entendimento perspectivando como “superstição” estas práticas culturais e, por isso, devendo ser sujeitas a crítica e dissolução do ponto de vista, como é evidente, de um sacerdote católico. A discussão sobre a dimensão para-xamânica destes ritos radica numa troca de impressões mantida numa das nossas conversas. Desconheço se o Pe. Fernandes conseguiu ler algumas das obras então sugeridas, mas as referências aos *yakut* e aborígenes indicam que, pelo menos, se interessou pelo tema.
- 14 Foi acrescentado à mão: *kessi tetum*.
- 15 Acrescento manuscrito: *futu* em tetum.
- 16 Pode ler-se em aditamento à mão: *namlele* do tetum.



A Colecção Fotográfica
de Sousa Gentil (1919-1920)
Um Portfolio da Ordem Colonial?

IVO CARNEIRO DE SOUSA

Nascido em 1870 e falecido em 1937, Manuel Paulo de Sousa Gentil foi aluno activo do Colégio Militar que construiria uma carreira importante na Marinha portuguesa na viragem do século e nas primeiras décadas de noventa. Distinguindo-se nas campanhas militares dirigidas por Mouzinho contra os Namarrais, Sousa Gentil chega a Macau como guarda-marinha para circular entre os enclaves coloniais nesse Oriente mais longínquo. Em 1919, a caminho da posição de capitão-tenente da Armada, Gentil é nomeado governador do Timor colonial português, cargo que cumprirá quase rapidamente até aos finais de 1920. Neste período, o território encontrava-se a recuperar das violentas guerras de Manufahi que, até 1912, haviam dividido espaços e grupos timorenses aproveitados pela limitada administração colonial para, com o auxílio da marinha portuguesa sediada em Macau, alargar as estruturas e os agentes da soberania colonial. A Primeira República interessou-se generosamente, como se sabe, pelo “fomento” do mundo colonial português e alguns investimentos chegaram também a Timor, apesar de continuarem vinculados a interesses e perspectivas de Macau. Filomeno da Câmara, o antecessor de Sousa Gentil, inaugurava entre 1911 e 1917 um longo governo cerzindo vários fomentos, da abertura de estradas às várias experiências de colonização agrícola, passando por novos investimentos em obras educativas. Tenente da armada, Câmara inaugurava também uma larga circulação de oficiais da marinha portuguesa na governação da parte oriental de Timor.

Não conhecemos a Manuel Paulo de Sousa Gentil obra de maior impacto nos dois breves anos em que foi governador de Timor. No entanto, o que parece escassear em fomento sobra em interesse pelos diferentes aspectos humanos, sociais, económicos e até históricos do território. Não pelo uso da escrita, mas pela mobilização de uma arte ainda recente e quase original nos espaços do Timor colonial português. Sousa Gentil foi reunindo uma colecção de fotografias que acompanharam o seu governo e a sua própria circulação no território, entre aberturas de estradas, experiências botânicas, feiras agrícolas e celebração das culturas e gentes locais. Esta colecção de fotografias não resistiu às pressões do tempo,

das curiosidades e das transmissões familiares, tendo-se dispersado. Resta um núcleo de fotografias suficientemente importante para concretizar entre as colecções coloniais conhecidas o mais antigo repertório fotográfico de Timor que nos chegou através de já longínqua herança familiar. Existem também referências a vendas dispersas de algumas das peças fotográficas da colecção original de Sousa Gentil, mas o seu original levantamento fotográfico de Timor perdeu-se. É possível que a colecção inicial reunisse cerca de 400/500 fotografias, mas torna-se difícil apurar hoje com aproximação a sua relação, que apenas se pode indiciar pela numeração das espécies que se conseguiram preservar. Possuímos, de qualquer modo, uma importante colecção de 46 fotografias, algumas aqui reproduzidas, retratando vários aspectos de Timor, desde a paisagem ao trabalho tradicional, do fomento colonial às exposições agrícolas, dos tipos humanos aos jogos e divertimentos, passando por alguns apontamentos históricos ou por concorridas visitas do governador Sousa Gentil. É também possível que este extraordinário álbum tenha sido revelado no regresso do nosso oficial da marinha a Macau em qualquer dos estúdios fotográficos locais, mas desconhecemos documentadamente a sua possível difusão ou utilizações.

Ficam algumas imagens do mais vetusto álbum de Timor que, descontadas algumas fotografias dispersas mais antigas, procura organizar uma interessante ordem colonial do território. Caso ainda existisse a colecção original, era provável que exibisse uma organização própria e até uma “lição” para uso de futuros governadores e administradores coloniais. Resta sugerir entre estas dezenas de fotografias, legendadas dactilograficamente, uma possível ordem insinuando esse caminho percorrendo tipos, etnografias e fomentos para desaguar nessa espantosa tanto como estranha imagem celebrando legendadamente “Uma família católica”: uma parentela de seis timorenses, cinco mulheres e um homem “timor” coberto com um chapéu ao gosto ocidental, exibindo arranjadamente uma família feminina cruzando trajes de lipa com blusas provavelmente oriundas do comércio chinês de Macau no enclave timorense. **RC**





Sousa Gentil: Photographs of Timor (1919-1920)

A Portfolio of Colonial Rule?

IVO CARNEIRO DE SOUSA

Manuel Paulo de Sousa Gentil was born in 1870 and died in 1937. A diligent student of the Military Academy, he would build a distinguished career in the Portuguese Navy at the turn of the century and in the first decades of the 1900's. Having distinguished himself in the military campaigns conducted by Mouzinho against the Namarrai, Sousa Gentil arrived in Macao with the rank of non-commissioned officer. Moving between the colonial enclaves of the Far East and on his way to becoming Commander in the Navy, Gentil was named governor of the Portuguese colony of Timor in 1919, a post that he would hold briefly until the end of 1920. At this time, the territory was recovering from the violent Manufahi wars that, up to 1912, had divided the territory and people of Timor. Taking advantage of the limited colonial administration, they had sought to extend the structures and agents of colonial sovereignty with the aid of the Portuguese navy based in Macao. As is well known, the First Republic was keenly interested in developing the Portuguese colonial world and some investments, despite being bound to the interests and perspectives of Macao, found their way to Timor. Between 1911 and 1917, Filomeno da Câmara, Sousa Gentil's predecessor, inaugurated a long governorship fostering various improvements, from the opening of highways and various experiments

*Tear indígena.
Native loom.*

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

in agricultural colonization, to investments in educational works. Câmara, a lieutenant in the navy, also promoted the circulation of Portuguese naval officers in the government of eastern Timor.

In the brief two years in which Manuel Paulo de Sousa Gentil was governor of Timor no large-scale works were undertaken. However, what was lacking in terms of infrastructure was amply compensated for in matters of human interest, the social, economic and even historical aspects of the territory. This was not achieved by the use of the writing, but by applying an art still recent and almost unheard of in Portuguese colonial Timor. Sousa Gentil compiled a photograph album of his governance and his own peregrinations around the territory, inaugurating highways, engaging in botanical experiments, attending agricultural fairs and celebrating the local culture and peoples. This collection of photographs has to some extent succumbed to the pressures of time, being dispersed by family curiosity and transfers. However, a sufficiently important nucleus of pictures has been maintained, transmitted from a remote family inheritance to the present day, constituting the oldest known photograph album of Timor among colonial collections. There are references to the occasional sale of some of the photographs of Sousa Gentil's original collection, although the original photographic survey of Timor is now lost. It is possible that the initial collection comprised about 400/500 pictures, but it is only possible to

approximate the quantity in relation to the numbering of the specimens that have been preserved. In any case, an important collection of 46 photographs remains in our possession, some of them reproduced herein, portraying various aspects of Timor from the landscape to traditional working methods, from colonial development to agricultural exhibitions, from typical characters to games and diversions, including some historical notes or well-attended gubernatorial visits by Sousa Gentil. It is also possible that this extraordinary album was developed in one of the local photographic studios on the naval officer's return to Macao but no other distribution or use has been documented.

Discounting a few scattered photographs of greater antiquity, this album contains the oldest images of Timor and it tries to systematize the colonial order of the territory. If the original collection still existed, it would probably convey an internal organization or even a "lesson" for the use of subsequent governors and colonial administrators. Among the dozens of pictures, with typed inscriptions, remains the suggestion of a possible order implying a route through ethnographic and developmental subjects to arrive at the strange and surprising image entitled "A Catholic family" on the opposite page: a group of six Timorese, five women and a "Timor" man, wearing a western style hat, exhibiting a well-dressed family of women mixing "lipa" clothing with blouses originating from trade between the Timorese enclave and the Chinese of Macao. **RC**

Exposição Agrícola de 1921.
1921 Agricultural Fair.

Editor's note: Captions transcribed from original album.



MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



Uma família católica.
A Catholic family.

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

◀
Um nativo em traje de festa.
Native in ceremonial dress.

▶
Indígena de Oecussi.
Native from Oecussi.

▼
Fazendo um “hu-hu” para pescar.
Making a “hu-hu” for fishing.



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



Uma comitiva do governador Sousa Gentil na Ribeira do Gleno.
Committee accompanying Governor Sousa Gentil, on the banks of the River Gleno.

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



Uma palapeira e um búfalo.
A "palapeira" palm, and buffalo.



Ceifa de arroz.
Harvesting rice.



MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

◀
Uma queda de água.
Waterfall.

▼
Posto militar de Alas.
Alas military outpost.



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



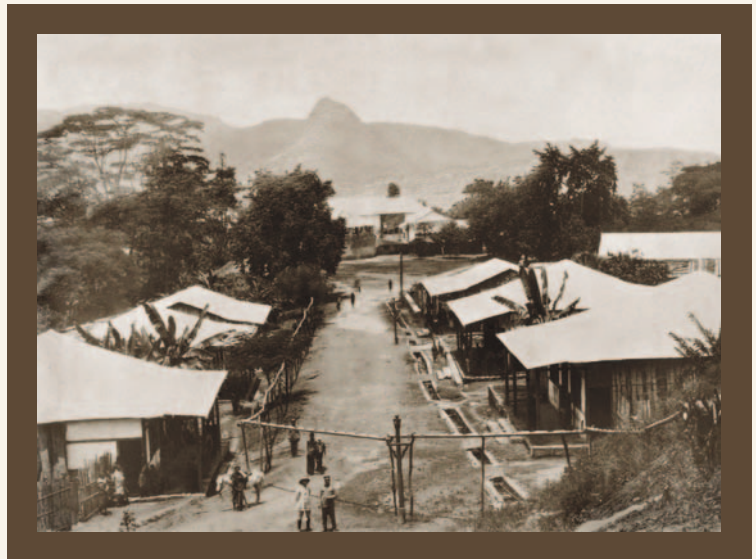
◀ Um régulo e a sua casa civil.
Native chief with his staff.

▶ Povoação comercial do Comando Militar de Hato-Lia.
Trading village at Hato-Lia Military Headquarters.

▼ Indígenas de Oecussi.
Natives from Oecussi.



MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

►
Extracção de borracha.
Tapping rubber

▼
Jogo do galo.
Cockfight



MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



Lifau, antiga capital do Timor Português.
Lifau, former capital of Portuguese Timor.

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS



RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE



MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

◀
Estrada em construção.
Building a highway.

▼
Comando militar de Bobonaro.
Bobonaro military headquarters.



II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU



Arms Around the World

The Introduction of Smallpox Vaccine into the Philippines and Macao in 1805

THOMAS B. COLVIN*

Dr. Francisco Xavier Balmis paced the deck of the *Magallanes*, while its crew was busy securing the square-rigged sails and coiling ropes after the nine-week voyage from Acapulco. The galleon had entered Manila Bay on April 15, 1805 (Easter Day) and, by the morning of Monday the 16th, had dropped anchor just offshore from the *Intramuros* fortifications of Manila.

The proud and sternly erect Balmis, now nearing his 50th birthday, had come a long way from his native Alicante in Spain. He was eager to receive the official greeting party, along with the requisite permission to come ashore with his six medical staff and 26 small, excited, but very weary boys from New Spain, as Mexico was called at that time.

In preparation for their reception by Philippine Governor-General Rafael Aguilar and the eagerly anticipated ceremonies, the boys were dressed in resplendent uniforms made expressly for this royal expedition. Each uniform carried the crest of Spanish Queen Maria Luisa, confirming their status as personal representatives of King Carlos IV.

Keeping the boys under a watchful eye was Isabel Cendala, former rectoress of the orphanage in La Coruña, Spain, who had now become the first international female nurse in history. She had her hands full. Twenty-six boys aged 3 to 6 years old can be very unruly, especially when so full of excitement.

Two of the boys however, stood quietly aside, with medical practitioner Francisco Pastor and nurse Pedro Ortega giving them very close attention. Each was mildly ill, his energy subdued. For the moment, these two boys were the most valuable of all. They carried the life-saving treasure that had been transported two-thirds of the way around the world.

As Dr. Balmis paced the deck, he could not help but think about the course of events that had brought him and his expedition to the far-away shores of Asia.

KING CARLOS IV: PROBLEM AND RESPONSE

In December of 1802, King Carlos IV of Spain was presented with a problem that touched him deeply. His loyal subjects in Peru faced a sudden, fearful epidemic of smallpox. Carlos empathized. His own family had been touched by the disease.

Carlos also knew that a new and entirely safe protection against the disease was now available. In 1798, English doctor Edward Jenner had declared to the world that his discovery of injecting cowpox fluid into the arm of a child provided immunity to the often deadly or disfiguring disease of smallpox.¹ Throughout that year, the *Gazeta de Madrid* had announced in almost every issue, the arrival and successful application of the vaccine in yet another Spanish village.

Opposite: Dr. Balmis honored in a monument at the Institute of Tropical Medicine in Alabang, south of Manila. Photo by Thomas B. Colvin.

* B.A. degree from Davidson College, majoring in intellectual and cultural history. M.A. in History, M.A. in Teaching, from Duke University.

* Obteve o bacharelato no Davidson College, com especialização em história cultural e intelectual. Concluiu os seus mestrados, em História e em Ciências da Educação na Duke University.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

King Carlos turned to his advisers for a proposal. How could the Crown respond to the crisis in Peru? Might the new discovery be useful?²

It was the King's court doctor, Francisco Xavier Balmis, who provided the answer—a solution of unprecedented vision and scale. The Crown should finance an expedition to transport the vaccine throughout the entire Spanish empire and to provide free vaccinations to all the children of the Realm.

Transporting the vaccine over long distances, through tropical climates was a major challenge. Balmis proposed the safest, most reliable and most efficient solution. To utilize a chain of human vaccine carriers, each carrying live, developing vaccine in his arm, until it reached maturity on the ninth day, at which time the fluid would be passed on to another carrier.

For such a plan to work, Balmis reckoned the carriers must be young boys who had never been exposed to the disease.

On the first of September 1803, King Carlos issued his unprecedented Royal Order. Under royal sponsorship, the *Real Expedición de la Vacuna* would transport the life-saving smallpox vaccine throughout the empire, even as far as the Philippines in Asia.

The expedition had three principle tasks: to vaccinate as many children as possible; to train doctors how to safely perform vaccinations and how to preserve the fluid over time; and to set up a central vaccination board in each country, to oversee the vaccination program over the coming decades.

Balmis quickly enlisted a medical staff, gathered 22 orphan boys aged four to nine years of age from the north-western province of Galicia and recruited the rectoress of the orphanage in La Coruña to provide special attention and care to the youngsters.

VOYAGE TO THE AMERICAS

The expedition departed from La Coruña on November 30, 1803, on the *Maria Pita* and proceeded to the Canary Islands, Puerto Rico and then on to Venezuela, where it divided into two groups: one heading into South America under the leadership of Dr. José Salvany, the other continuing with Dr. Balmis on to Cuba, Guatemala, New Spain and, eventually, Asia.

The Asian leg of the expedition has never been thoroughly investigated. In the 1950s, Philippine

medical historian José Bantug wrote a brief history of medicine in the Philippines during the colonial period. The Spanish language edition includes an unorganized and unsourced set of transcriptions of some of the principal documents in the archives in Seville and a subsequent academic article presents a portion of the story in narrative form.³

More recently, American researcher Ken de Bevoise has written a very thorough study on epidemic disease in colonial Philippines, including smallpox. But his focus is on the late nineteenth century when documentation became abundant, with only a brief mention of the Balmis Expedition.⁴ The general chroniclers of the expedition, from Spain, Mexico and the United States, mention the Asian leg in only a page or two, if at all.⁵

What has been previously written about the Asian portion of the expedition is based on a handful of documents in Spain and Mexico, which raises as many questions as provides answers.⁶ The central questions are:

- What happened to the expedition, and especially the children of New Spain, during the trip across the Pacific and during their stay in the Philippines?
- Why did it take nearly two and a half years before the children got back to New Spain?
- What was the impact of the expedition on Asia?

GATHERING THE BOYS

For the expedition onwards to Asia, Balmis of course needed more children.⁷

In early November 1804, Balmis set out to spread the vaccine across the highlands of New Spain and to gather his group of children. When Balmis arrived in Zacatecas, he was accorded all the honors and adulation which he had come to expect: official greeting party on the outskirts of town, triumphant procession into the town center, official endorsements by town leaders and priests, celebratory masses at the central church, complete with people singing *Tè Deum*, marching bands, and even fireworks.

More significantly, he accepted his first contingent of boys, presented to him by the Zacatecas town officials.⁸

Altogether, Balmis gathered 26 boys to serve as vaccine carriers. Only boys born after the major

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO



KING CHARLES IV, AND QUEEN LOUISA MARIA.
of Spain.

Published for John Bell, Southampton Street Strand, March 1804.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

VACCINE CARRIERS FROM NEW SPAIN⁹

ZACATECAS

Teofilo Romero, 6 yrs old – Spanish
 Felix Barraza, 5 yrs old – Spanish
 Jose Mariano Portillo, 5 yrs old – Spanish
 Martin Marques, 4 yrs old – Spanish
 Jose Antonio Salazar, 5 yrs old – Mestizo
 Pedro Nolasco Mesa, 5 yrs old – Mestizo

FRESNILLO & SOMBRERETE

Jose Delores Moreno, 14 yrs old – Spanish
 Jose Felipe Osorio Moreno, 6 yrs old – Spanish
 Juan Amador Castañeda, 6 yrs old – Mestizo
 Jose Francisco, 6 yrs old – Spanish orphan
 Jose Catalino Rivera, 6 yrs old – Spanish
 Buenaventura Safiro, 4 yrs old – Spanish
 Jose Teodoro Olivas, 5 yrs old – Spanish

LEON & QUERÉTARO

Guillermo Toledo y Pina, 5 yrs old – Spanish
 Jose Maria Ursula, 5 yrs old – Indian

VALLODOLID [modern-day MORELOS]

Juan Nepomuceno Torrescano, 5 yrs old – Spanish
 Juan Jose Santa Maria, 5 yrs old – Spanish orphan
 Jose Antonio Marmolejo, 5 yrs old – Spanish
 Jose Silverio Ortiz, 5 yrs old – Spanish
 Laureano Reyes, 6 yrs old – Spanish
 Jose Maria Zarcehaga, 5 yrs old – Spanish orphan

GUADALAJARA

Jose Agapito Yilan, 5 yrs old – Spanish
 Jose Feliciano Gomez, 4 yrs old – Spanish
 Jose Lino Velasquez, 5 1/2 yrs old – Spanish
 Jose Mauricio Macias, 5 yrs old – Spanish
 Ignacio Naxero, 5 1/2 yrs old – Mestizo

smallpox epidemic of 1797 would be eligible, i.e. boys aged six and younger.

By late January 1805, the expedition's mule train climbed its last mountain on the arduous road to Acapulco. They were an unusual sight. Across the backs of mules were slung saddlebags, specially made to carry one boy on either side.

Suddenly, Acapulco Bay spread out before their eyes.

THE VOYAGE TO ASIA

The Manila galleon, the *Magallanes*, set sail on February 8, carrying a lot of passengers. In fact it was overbooked.

Seventy-seven priests—Franciscan, Augustinian, Recollect and Dominican—were destined for posts in the Philippine provinces and beyond, where they would seldom see another European. Only three of them ever returned to Spain. The rest were to die in Asia. One of them was Father Manuel Blanco, who later wrote the major treatise on Philippine flora.¹⁰

Due to the fear of impending war with England, fifty-four troops were also on board, in addition to 3 wives and 16 relatives.

Left behind were 40 European criminals, who had arrived in Mexico a couple months before, bound for banishment in the Philippines.

The *Magallanes* was carrying over 390 people, counting the expedition staff and 26 children, along with the ship's 10 officers and crew of over 200.

Balmis was appalled at the arrangements which Captain Angel Crespo provided for the boys. There were no separate beds and no ventilation as requested. Instead, the boys were forced to sleep together on the floor in the powder magazine, surrounded by 5,000 pounds of gunpowder. Because of the dangerous nature of the gunpowder, no light was allowed into the room. Illumination, only when necessary, came from lamps in the corridor outside. Moreover, the powder magazine was well below deck, even below water level, to protect it from enemy cannon fire. The location might have been safe, but it was musty and down where there were numerous rats and other vermin. Also, the food served to the boys was inadequate to maintain their health.

The sleeping arrangements for the boys led to a near disaster. A night of tossing and turning unintentionally led to the spread of the vaccine to seven

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

boys at once. The expedition's margin of error had suddenly vanished, and any unforeseen delays in the voyage would certainly jeopardize its success.

Fortunately, the *Magallanes* made very good time across the Pacific, arriving in Manila Bay on April 15, Easter Day.¹¹

THE PHILIPPINES – PHASE ONE

Immediately upon arrival in Manila Bay, Balmis wrote out a list of his six staff members, mentioning the 26 Mexican boys as well. The list was sent ashore to facilitate the formalities of disembarkation.¹²

Balmis paced the deck, but no greeting party arrived.

The doctor was a hard-headed, results-orientated man, not given to diplomacy. With diminishing patience, he soon wrote a direct and blunt letter to the colony's ruler, Governor-General Rafael Aguilar, demanding arrangements for immediate disembarkation, lodgings with enough space for a vaccination center, and a public announcement heralding the commencement of vaccinations on April 18.¹³

The letter went ashore, but still no greeting party came out to facilitate the landing of the expedition staff and the increasingly restless boys.

Plan of Manila, 1819, showing the Spanish enclave of *Intramuros* and the nearby *arribales*. Courtesy of Lopez Memorial Museum, Manila.



II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU



King Carlos IV stands regally in front of Manila Cathedral, in a statue unveiled in 1824. Photo by Thomas B. Colvin.

We do not know exactly why Aguilar did not respond. As a man who insisted on ceremony and respect, perhaps he took offence at Balmis' direct and demanding tone. Or perhaps he was simply distracted by other mounting problems facing him, in particular, a lack of public funds,¹⁴ the threat of military conflict in the Philippines with the English¹⁵ and continuing raids by Muslim pirates from the South.¹⁶

Over the next few months, Balmis sent several reports back to Spain, complaining about the expedition's reception and treatment. These letters form the basis of previous accounts of the expedition's troubled experience in Asia.¹⁷

Recently uncovered documents paint a different picture, very much influenced by the turbulent events of the period.

When his letter did not stimulate the production of a welcoming party, Balmis went ashore to present his case directly to the Governor-General in his Palace.¹⁸ Aguilar immediately sent a note over to the City Council in its offices across the plaza, stating tersely that "the obligation to maintain the Director, the caretakers of the vaccine and the children who had brought it, has been approved."

The City Council immediately took action and soon after, wrote back to Aguilar, offering to take care of the expedition staff from its own funds, despite the Council's severe financial situation.¹⁹

Aguilar however, did not announce public vaccinations as Balmis had requested. The Governor-General reportedly had been cautioned by the recently arrived Archbishop Fr. Juan Zuliabar, that the vaccine might not be effective, especially after such a long voyage.

Instead, Aguilar invited Balmis to vaccinate his own five children (Cayetano, the eldest, who arrived in Manila with his parents in 1793, along with Maxiana, Maria del Ampar, Maria de los Delores and Rafael²⁰) in his private quarters on the evening of April 17, after which the Governor-General adopted a wait-and-see attitude.²¹

Balmis soon learned that there was much to do.

The Philippines did itself have problems with smallpox, but on a scale quite different from that in Europe.²²

In Europe, with its large and concentrated population, smallpox had become endemic. To become so, the disease required a population of perhaps 100,000 – 200,000 living in close proximity. Under these conditions, the disease became permanently lodged in the local population, with epidemics reappearing on a more or less regular basis. These epidemics particularly struck young children and the weakened elderly, as most adults would have gained immunity from exposure to previous epidemics.

In the Philippines, the disease had not reached this stage of development, lacking a large enough population pool. The native population, numbering at best guess about two and a half million, was quite dispersed throughout the archipelago. In fact, no more than a third of these (maybe 800,000), were within reach of the Spanish priests who had fanned out to save heathen souls. The rest were hidden away in the mountain jungles, quite far away from Spanish influence. Consequently, the native Filipinos escaped the near extinction that had devastated the Aztecs of the Mexican highlands.

Only in the area around Manila was there a concentrated population: 140,000 to 150,000 in Manila and its immediate suburbs, and maybe another 100,000 in the outlying *arribales* and villages of Cavite and Bulacan.²³

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

Smallpox epidemics in the Philippines normally affected only isolated local areas, usually breaking out after being brought ashore by trading vessels from China, which had a major problem with the disease. Under such circumstances, even the adults who had built up no immunity, were susceptible to the disease. The epidemics, while less frequent and very localized, were therefore devastating in the areas affected, with everyone at risk.

The most recent outbreak of smallpox in the Philippines had been particularly deadly, suggesting worse epidemics to come. It began in 1789, in the northern provinces of Luzon, and breaking usual patterns, spread down to Manila, killing uncounted thousands of children and adults and spreading anew a fear of the disease.

During the time of Governor-General Aguilar, the disease had been kept at bay. The Governor imposed a rigorous policy of quarantine for any ships entering Manila Bay with signs of illness aboard. So far, his policy had worked, intercepting three ships from China with infected passengers and preventing the disease from coming ashore.²⁴

Well aware of this background, Aguilar was obviously gratified as he watched the vaccine mature in the arms of his own children. Suddenly, the chilly reception the expedition had received from the Governor-General changed to a warm embrace.

By May 7, Aguilar had already seen the positive results in his children, and he had also received and thoroughly read the book about the history and procedures of vaccination which Balmis had published

Ayuntamiento Building. The *Junta Central de la Vacuna* had offices and a clinic in the *Ayuntamiento*, or City Hall, of Manila from its inception in 1806 until the end of the Spanish era in 1898. Courtesy of Lopez Memorial Museum, Manila.



II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

duos de la Junta, el competente número de Exemplares del Reglamento Economico Politico Medico que ha presentado á este mismo Superior Gobierno Don Francisco Xavier de Balmis, reducido á los artículos siguientes.

REGLAMENTO

PARA MANTENER,

Y

PERPETUAR LA PRECIOSA VACUNA

en estas Islas.

Quando la Soberana voluntad del Rey determinó el que se formase una Expedicion que llevase a todos sus Dominios de América, é Islas Filipinas el precioso preservativo de las Viruelas; y quando su Paternal amor derramó con mano liberal y bien hechora los caudales de su Real Erario para que libertase á sus Pueblos del azote esterminador de las Viruelas; las angustias miras de S. M. se estendieron hasta las generaciones futuras; por que enbano el fluido Vacuno libertaria á quantos existen en nuestros dias si dejase expuestos á este peligro á todos aquellos desgraciados á quienes la suerte hizo venir al mundo uno, o dos años despues. Esta Real Expedicion, fué proyectada por el mejor de los Monarcas, con el doble obgeto, no solo de llevar a sus Pueblos este benéfico preservativo, si no con el de asegurar su duracion, y perpetui-

Front page of the *Reglamento* for a Junta Central de la Vacuna, or Central Vaccination Board, which Balmis submitted in mid-May 1805. Courtesy of Lopez Memorial Museum, Manila.

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

back in Spain in 1803.²⁵ On that day, Aguilar sent Archbishop Zuliabar a copy of the Balmis treatise, along with an enthusiastic letter endorsing “the treatment that you may consider convenient to help those villages administered by clergymen in order to convince their inhabitants to accept the vaccination that will preserve them from the destructive and terrible plague called natural smallpox by means of a very simple method in order to defend their children from such a dreadful disease which most of the time leads victims to death and in cases of survival to remain forever full of defects.”²⁶

Already, word was spreading throughout Manila about the vaccine. Balmis himself later acknowledged that he had gained important assistance from the influential Dean of the Manila Cathedral, Francisco Díaz Duran.²⁷ The native *Indios* however, were initially very suspicious of the procedure, and often force was necessary to bring them to the vaccination sessions.²⁸ This perhaps explains why Balmis also singled out Francisco de Oyuelo (Sergeant Major of the Militia) and Captain Pedro Martínez Cavezón for praise for their assistance.²⁹

In the first days of May, Portuguese trader Pedro Huet arranged for vaccination of the crew of his ship *Esperanza*, which immediately departed for its return trip to Macao, a step that opened the door to yet another chapter in the expedition's story.³⁰

The tempo of the vaccination campaign continued to gather momentum. On May 16, Balmis formally presented Aguilar with his recommended *reglamento* for a *Junta Central de la Vacuna*, or Central Vaccination Board.³¹ His covering letter to the Governor-General clearly summarizes the far-sighted intent of the King's Royal Order. The goals of the Royal Monarch, Balmis wrote, were to ensure that the vaccine would be perpetuated in each colony, for use throughout the coming decades. The King intended to protect his subjects in every colony in the future.

The very next day, Archbishop Zuliabar himself indicated his acceptance of the vaccination program, writing to Aguilar that he had read the Balmis treatise and that he would “advise all the clergymen from my Archbishop seat to act accordingly with zeal and interest in order to make available the useful discovery and to convince their church members to use said vaccine that will free their children of the terrible and destructively spreading disease called natural smallpox.”³²

May 29 however, brought the major breakthrough for Balmis.

Governor-General Aguilar sent out an official communication to government officials throughout the country, endorsing both the vaccination procedure and the campaign. He also announced the appointment of Manila-based doctor, Bernardo Rivera, to conduct a vaccination program in areas around Manila, as well as steps to train healers throughout the country in the procedure. And finally, he announced that already within the first six weeks, at least six to seven thousand children and adults had been vaccinated in Manila and its suburbs. He declared that the intention of the program was to “eradicate this dangerous disease from the human race.”³³

That same day, Archbishop Zuliabar sent out a letter to his priests to do everything possible to encourage all parents to have their children vaccinated. After giving an unequivocal endorsement of the vaccine's effectiveness, Zuliabar issued clear instructions to his priests:

“According to the official communication sent by the Governor-General and General Captain of these islands on the seventh day of this month, all the priests and clergymen, including the foreign ones from our Archbishop seat, shall inform the church attendants, especially those who have children, on the very efficient remedy that has been discovered. They shall teach the churchgoers the easy method to prevent the disease and shall make them aware that the vaccine will not harm them in any fashion and shall instruct them to use it on those who have not suffered the disease before. This method shall be explained by the clergymen in order to establish in a perpetual fashion this remedy, hoping that the clergymen of our Archbishop, both foreigners and natives, fully commit themselves to this task and with the aim of accomplishing that purpose, the clergymen of our jurisdiction shall receive a copy of said command with acknowledgement of receipt.”³⁴

Within six short weeks, during Manila's hot and enervating tropical summer, the expedition had accomplished a great deal: official public endorsements from both government and church; acceptance in principle of the *reglamento* for a *Junta Central*; the appointment of a local doctor to take the lead in the

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU



Father Pedro Murillo Velarde, *Mapa delas Yslas Philipinas*, 1734. Courtesy of Lopez Memorial Museum. Manila.

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

vaccination campaign; the training of additional practitioners to carry the vaccine into outlying areas; and finally, vaccination of six to seven thousand people in Manila and its immediate environs.

Despite these accomplishments, the next three months were difficult ones for Balmis. He himself was suffering badly from energy-draining dysentery and high fever. He also had several unfortunate squabbles with Aguilar; both men were offended by a mutually perceived lack of respect.³⁵

Everyone (Balmis and government officials alike) expected the expedition to wrap up its work in the Philippines by the end of June, with staff and boys boarding the galleon on its next trip back to Acapulco.³⁶

Suddenly, the difficulties plaguing the Philippines at that time, began manifesting themselves. The *Magallanes* was in no condition to sail, and because of the sinking of the galleon, *San Andres*, in 1798, there was no other ship available for the voyage. The scheduled departure of the expedition for its return trip to New Spain was postponed until the next sailing season of Spring 1806. Meanwhile, the *Magallanes* went into the Cavite shipyards for repairs.

While the children and staff of the expedition were severely disappointed, the colony's financial officials were downright alarmed. By the end of June, a steady stream of letters from various officials in charge of government funds began, complaining that the Treasury could not continue to support the Expedition, especially over a long term. To the credit of the Philippine authorities, orders were always issued to continue financial support for the expedition. One report, towards the end of the expedition's prolonged stay, indicated that donations sufficient for a full year's support came in from Philippine provinces that had already benefited from the vaccine.³⁷

With departure clearly delayed for at least several months, alternative plans for Balmis and the expedition began to take shape.

Partly because of his severe fever and dysentery health problems and partly because of conflict between Balmis and New Spain Viceroy José de Iturrigaray, Balmis decided to go on alone to Macao, where he would board a neutral ship for return to Europe. Aware that the vaccine had not yet reached Macao, he also proposed taking the vaccine with him, utilizing a few



Plan of the Bay of Manilla in the Isle of Luconia, by A. Malaspina (1754-1810). Courtesy of Lopez Memorial Museum, Manila.

boys, likely of Chinese heritage, as carriers.³⁸ In light of the Treasury's difficulties, it is remarkable that Balmis was given his entire salary in advance, along with a budget for the Filipino boys.³⁹

It was during this stressful period in Manila that Balmis sent off to Madrid the very critical report about his progress in Manila that cast a shadow over previous accounts of the expedition in Asia.⁴⁰

A truer perspective is perhaps offered by the recently discovered account of daily expenses for the expedition between its arrival and the end of September, proving that at the very least, the expedition was well fed, even down to wine for the adults and sweets for the boys.⁴¹ They also were provided with a full complement of servants.

Balmis departed Manila on September 3, 1805, on the Portuguese frigate *San Francisco*, alias *La Diligencia*,⁴² accompanied by three boys supplied to him by the curate of the Santa Cruz church, Don

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

DAILY FOOD & LODGING EXPENSES – APRIL TO AUGUST 1805

Pan
Carne
Gallinas y Pollos
Leche
Menudencias de Baca
Pescados
Puerco
Leña
Huevos
Arroz
Calabaza blanca y colorada
Agua y vinagre
Ajos y cebollas secas
Tomates y cebollas frescas

GASTOS de la Casa diaria	10p 09
Alquileres de la Casa diaria	2p 28
Sueldos de los sirvientes	1p 08
TOTAL	13p 38

Azúcar
Plantanos bungulanes
Plantanos de obispo
Frutas
Un atado de cana dulce
Apio y camote
Chocolate
Pimiento
Dos atados de Exparragos
Dos candelas de a real
Dos botellas de vino Carlon
4 platos de dulce

Raymundo Roxas, a native priest.⁴³ Also on board, were five Dominican priests who had sailed with Balmis to the Philippines on the *Magallanes*.⁴⁴ The *Diligencia* carried another, rather unusual passenger: an English botanist named Kerr, who served as one of the King's gardeners and who had come to Asia to collect plant specimens. Kerr's valuable collection was secured on the ship's top deck, comprising upwards of 700 living specimens, of which more than one hundred were new to science and had never been described.⁴⁵

The voyage was frightening. Just as the *Diligencia* arrived off the coast of Macao, the ship encountered a huge typhoon. Twenty seamen were swept overboard. Botanist Kerr lost almost his entire collection of plant specimens. Balmis later reported, that he cuddled the Filipino boys in his arms to provide comfort and protection during the storm that lasted several days.

After several stormy days, Balmis and the boys finally landed in Macao to a ceremonial reception.⁴⁶ Thus opened another and totally unforeseen chapter in the expedition's story.

THE PHILIPPINES – PHASE TWO

Leadership of the expedition in the Philippines passed at this point to Dr. Antonio Gutierrez.

The authorities in Manila mounted a vigorous and broad-ranging campaign to distribute the vaccine throughout the islands.

Firstly, since the expedition staff were essentially stuck in the country until the next sailing of the *Magallanes* scheduled for April the following year, plans were made for an expedition out into the provinces, headed by practitioner Francisco Pastor and nurse Pedro Ortega. Governor Aguilar issued a detailed decree on September 24 outlining the expedition. It was to go immediately to Misamis in Mindanao and from there, onward through the Visayas islands, accompanied by 12 Filipino boys.⁴⁷

The boys to carry the vaccine, we now know, came from the Province of Tondo, which surrounded Manila. Their mothers were promised a payment of three pesos for their sons' services.⁴⁸

Misamis, on the island of Mindanao, was a very logical first stop, the furthest area to the South over

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

which the Government exercised real control.⁴⁹ The expedition sailed to Misamis on a *pontin* provided by the *corregidor* of Misamis. It was a dangerous trip, undertaken during the final months of the typhoon season. Also, there were sightings in the area of fleets of Moro pirates,⁵⁰ along with the additional growing concern of British warships in Philippine waters.

On December 24, Governor-General Aguilar wrote a report to the authorities in Madrid about the progress of the expedition, indicating that the expedition to the Visayas was still ongoing, without providing any details.⁵¹

By early February, we have very recently learned, Pastor and Ortega had made their way as far north as Iloilo. Here they went their separate ways. Ortega sadly died on February 6 en route to the neighboring island of Negros. Pastor apparently remained on the island of Panay. In March, seeking to return to Manila in time to catch the April sailing of the *Magallanes*, he took the schooner *Sto. Niño* provided by the island's *alcalde*, Josef Ramon Arroyo, which carried him over to the Province of Batangas, on the main island of Luzon. He went overland to Calamba on the shores of the large lake Laguna de Bay, where he boarded a boat which carried him to Manila. He arrived in Manila on March 23, so ill, that he went straight to bed, unable to provide the expedition's assistant director, Antonio Gutierrez, with the full details of his vaccination campaign.⁵²

For some reason, Governor-General Aguilar signed an order on December 18, 1805, sending out a

second expedition southwards. Mateo Gómez León was dispatched with four boys provided by the *alcalde mayor* of Batangas to carry the vaccine to Cebu. He was to be paid 30 pesos a month, to be taken from the community chest of the province.⁵³

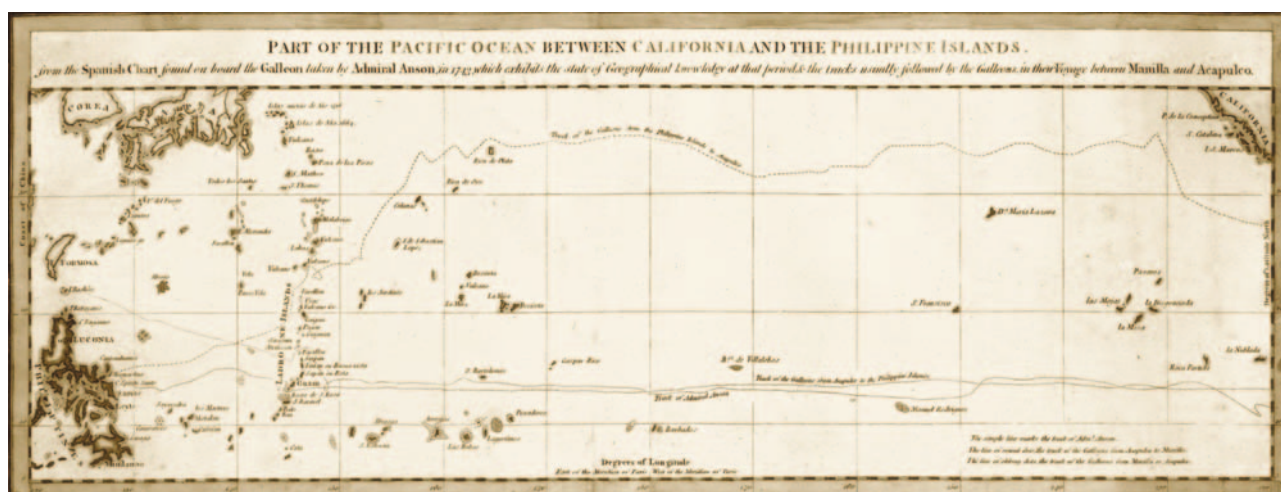
As all these efforts in the Visayas were going forward, practitioner Bernardo Riviera, who had been trained by Balmis and who had already carried out vaccination clinics in Manila and its immediate suburbs, was himself very busy. In October and November of 1805, he carried his campaign out to the provinces of Bulacan and Pampanga north of Manila. In the early months of 1806, he turned to the provinces of Laguna, Tayabas and Batangas to the south of Manila.⁵⁴

By 1807, medical practitioner Andres Gonzales was maintaining and distributing the vaccine throughout the area of Capiz on the island of Panay.⁵⁵

We do not have a count of the number of children vaccinated in the Philippines while the expedition was there. However, a report printed in Mexico in August of 1807 indicated substantial success. At least 20,000 Filipino children were vaccinated by the end of 1805, not counting results from the provincial campaign to the south. The report even claimed that rebellious native chiefs laid down their arms and made peace with Manila after the expedition into the provinces quickly put down a sudden outbreak of smallpox.⁵⁶

It appears however, that the expedition did not reach as far south as the Muslim stronghold of Sulu, even though the Sultan signed a peace agreement with

Part of the Pacific Ocean between California and the Philippines. Courtesy of Lopez Memorial Museum, Manila.



II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU



Samuel Dunn, The East India Islands, 1774. Courtesy of Lopez Memorial Museum, Manila.

Manila in early November 1805. A British trader later reported to Sir Raffles, that there was a serious smallpox epidemic there in 1808 and that vaccination was unknown in the area.⁵⁷

THE VOYAGE HOME

Preparations for the scheduled mid-April departure of the *Magallanes* were well underway, when the British frigate, *Greyhound*, arrived in late March of 1806, off the shores of Luzon. Word quickly reached Manila, that the British were seizing Philippine inter-island vessels, taking Filipino seamen as captives and inquiring about details of the galleon's departure for New Spain. The naval postcommander in Manila immediately ordered the postponement of the galleon's departure and sent out a rapidly assembled fleet of small ships armed with cannons to pursue, unsuccessfully as

it turned out, the British warship.⁵⁸ The staff and children of the Balmis Expedition were once again disappointed by a last minute cancellation of their return voyage to New Spain.

The Napoleonic Wars of Europe were reaching all the way into Philippine waters.⁵⁹ Spanish treasure ships were once again fair game for British naval officers, whose greatest ambition was to capture such a 'prize'. In fact, the British took several major prizes in Philippine waters (a major inter-island ship in 1805, the *Principe Fernando* of the Royal Company of the Philippines in 1806 and the *Pallas* in 1807) while the Balmis Expedition was in the country, awaiting its return voyage to New Spain.⁶⁰

The expedition, with all of the 26 Mexican boys, actually did set sail on the galleon *Magallanes* in mid-June 1806, its third scheduled departure. Yet once again, the expedition staff and the children met with

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

disappointment. The *Magallanes* had to return to Manila due to severe leaks.⁶¹ Governor-General Aguilar, who had been in bad health for some time, sadly died on August 7, shortly after receiving word of this unfortunate *arribada*. Sometime between the ship's departure in June and the expedition's resettlement in Manila by November, one of the expedition's children died.⁶²

There was one positive development for the expedition during this trying half year. The Central Vaccination Board, while having been approved in principle, was never implemented, as the Manila authorities waited to appoint their own programme chief after the departure of the expedition staff.

Vice-Director Gutierrez worked as head of the vaccination campaign nearly up to the very moment of his departure. On June 3, 1806, he vaccinated 25 people at the vaccination clinic at City Hall, including 11 Spanish children, 3 Mestizos, 9 Naturales, plus 3 who were not classified. He followed on June 4 with another 36, including 25 Naturales, 10 Mestizos and 1 child of Spanish parentage.⁶³

With the departure of the expedition staff in mid-June, Dr. Francisco Olivares, surgeon at the Royal Hospital, was immediately appointed to take over the responsibilities, receiving 25 pesos a month for two vaccination sessions a week and for supervising vaccine preservation.⁶⁴

By an official decree of December 20, 1806, the full Central Vaccination Board was appointed, including the Governor-General, along with top officials from the Church, religious orders and colleges. Olivares continued in his post as head of the Board. Manuel Villavicencio was appointed also as a medical practitioner, receiving 20 pesos a month. Cristoval Regidor was appointed as secretary to record vaccinations, and Juan Garcia Verdugo, a high-ranking government official, was appointed as corresponding secretary, with primary duties to correspond with outlying provinces. Furthermore, the decree directed that *Juntas Centrales* were to be set up in the capital of each province, under supervision of the *alcaldes mayores*, for the benefit of the Indios. Each province was also to be provided with a copy of the *reglamento*, prescribed by Balmis.⁶⁵

This *Junta Central* remained active during the entire course of the next century. While there were periodic lapses in administration, with subsequent

scattered outbreaks of smallpox around the islands, it did manage to conserve active vaccine over the decades.⁶⁶

Finally, the expedition looked forward to its fourth scheduled departure from the Philippines. The *Magallanes*, under Captain Juan Vernaci, sailed out of Manila Bay in mid-April 1807, almost two years to the day after the expedition's arrival in the Philippines.

This voyage, happily, was uneventful. The expedition, minus nurse Pedro Ortega and one of the boys from New Spain, finally arrived in Acapulco on August 14, 1807. Sadly, another boy, Felix Barraza from Zacatecas, died in Mexico City, while awaiting final transportation back home.⁶⁷

ONGOING CAMPAIGN
AND THE JUDGMENT OF HISTORY

Even after the expedition staff left the Philippines, the vaccination campaign continued with vigor, pressed forward by the new Governor-General, Folgueras and Dr. Olivares. In 1808, a follow-up expedition was sent out into the Province of Tondo.⁶⁸ More importantly, on August 1, 1808, an edict went out, "Wherein the Governors, *corregidores* and *alcaldes mayores* of these islands were charged to report to the Superior [Office] about the results and the propagation of the vaccine, as soon as they received this measure, [and] to proceed in taking [the vaccine] to the towns where it does not exist."⁶⁹

Madrid, despite its troubled political climate, did not lose interest in the results of the Balmis Expedition. A decree, issued in 1821, arrived in Manila requesting a full account about the status of the *Junta Central de la Vacuna* and its results. The official response from the Board's secretary, Fernando Casas, dated 16 January, 1823, is very informative:

"...knowing that [smallpox] will take advantage of the slightest negligence to ruin many generations, it is most important to preserve at any cost Jenner's precious discovery, which Your Majesty, in a fatherly and magnificent fashion, decided to communicate to this distant province during the year 1805. Ever since then, the vaccine was speedily extended in the islands in such a way that at the present time it is commonly spread in all the villages of the thirty provinces in which the territory is divided."

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

The report continued with a description of the *Junta Central* and its work:

“For the prompt and skillful distribution of the vaccination fluid, a board was established in the capital city exclusively for the attention of everything related to the vaccine. Two medical professionals were in charge of the vaccination in the Chambers in City Hall. These professionals are supported by military assistants who have been properly instructed in order to practice the vaccination in the different provinces and villages of the islands in a most careful fashion.”

And perhaps most significantly, the report affirms that the vaccine itself has been maintained in a pure and virulent form:

“A thorough organization has been instituted in order to extend its use and to assure its conservation. Through such organization, it has been possible to preserve the activity and force of the vaccine. The condition, the appearance, the albumin-like look of the vaccine humor, clearly manifest that the vaccine that we possess is the legitimate and safe preservation against the smallpox.”⁷⁰

What we have just witnessed is certainly one of the most remarkable expeditions of all time. It is estimated that at least 500,000 children were vaccinated throughout the Spanish colonies during the expedition. Furthermore, tens of thousands more benefited from the vaccination boards that the expedition established and left behind.⁷¹ Philippine officials in the late 1800's even attributed the colony's major increase in population to the positive effects of the vaccine.

Perhaps the most telling assessments of the expedition came from two leading scientists of the period.

Edward Jenner, who discovered the vaccine, wrote in 1806: “I don't imagine the annals of history furnish an example of philanthropy so noble, so extensive as this.”⁷²

Some years later, German explorer and scientist Alexander Humboldt, who himself had travelled through most of the colonies visited by the Balmis Expedition, wrote that “This expedition will permanently remain as the most memorable in the annals of history.”⁷³ **RC**

NOTES

- 1 Edward Jenner, *An Inquiry Into the Causes and Effects of the Variolae Vaccinae of Cowpox*, London: privately printed, 1798.
- 2 Michael Smith, ‘The Real Expedición Marítima de la Vacuna’ in New Spain and Guatamala, *Transactions of the American Philosophical Society*, New Series, 64, Part I (1974). Smith remains the most complete account in English and the early portions of this paper rely on this source, which is available for online download via JSTOR. Other general accounts of the Balmis Expedition include: Castillo y Domper (1912); Moreno (1947); Díaz de Yraola (1948), recently translated into English in a 2003 reprinting; Fernández del Castillo (1953), with a more widely available 1985 edition; Ramirez Martin (1999) & (2002), which contain the most thorough new research into the background in Spain and the Salvany expedition into South America; Emilio Periguell and Rosa Ballester Afion (2003), available online. There are a number of scholarly articles, some available online, that investigate the expedition's experience within a single area or country. The 200th anniversary of the Expedition has spawned quite a number of websites with general coverage about Balmis and the expedition. For scholars, a discussion group has been formed, with access at www.groups.yahoo.com/groups/balmis.
- 3 José P. Bantug, *Bosquejo Histórico de la Medicina Hispano-Filipina*, Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1952. An English version was published in Manila, but it lacks many of the important document transcriptions. J. P. Bantug, ‘Carlos IV y la Introducción de la Vacuna en Filipinas’, *Anuario de Estudios Americanos*, XII, 1955, pp. 75-129.

- 4 Ken de Bevoise, *Agents of Apocalypse: Epidemic Disease in the Colonial Philippines*, Manila: New Day, 2002. Originally published by Princeton University Press in 1995. Chapter 4 covers the history of smallpox in the Philippines. While briefly acknowledging good work by the Balmis Expedition, de Bevoise is very critical of the work of the *Junta Central de la Vacuna*, citing lapses in national implementation which allowed repeated outbreaks of the disease. In my view, de Bevoise may be overly harsh in his judgment, as even England experienced major outbreaks after its establishment of a national vaccination board.
- 5 See note 2.
- 6 The principal documents about the expedition in Spanish archives are held at the Archivo General de las Indias in Seville [hereafter AGI] in the thoroughly researched ‘Indif.Gen’ Leg. 1.558, which Balmis researchers commonly refer to simply as ‘1558’. My recent research into the ‘Filipinas’ section at Seville, along with other areas, has unearthed a number of documents shedding new light on the Asian portion of the expedition. Some of the findings are reported in this article. In the Archivo General de la Nación in Mexico City [commonly referred to as AGN], the principal files are in the ‘Epidemias’ section, which has also been thoroughly researched – see especially S. F. Cook, ‘Francisco Xavier Balmis and the Introduction of Vaccination to Latin America’, *Bulletin of the History of Medicine*, vols. XI & XII, Baltimore, 1943. The University of Indiana library holds the Cook collection, which contains typed transcripts of many of the essential AGN documents. Patricia Aceves,

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

- a Mexican scholar of medical history, has also worked through this material and published an article, available online, with a different, rather critical interpretation of the expedition's experience in Mexico. Smith, *op. cit.*, reports this part of the expedition in detail.
- Armando González Quiñones, *Zacatecas y Filipinas: Miscelánea Anecdótica de una Lejana Historia Común*, Zacatecas: INAH-UAZ, 2002, limited printing.
- Francisco Fernández del Castillo, *Los Viajes de Don Francisco Xavier de Balmis*, 2nd edition, Mexico City: Sociedad Medica Hispano Mexicana, 1985, pp. 252-253. A ground-breaking book on the expedition by one of Mexico's leading doctors, originally published in 1960, contains transcriptions of a number of the most significant documents, including the list of boys from New Spain.
- For lists of priests, with biographies from the various orders, see Gomez Platero, OFM, *Catálogo Biográfico de los Religiosos Franciscanos de la Provincia de San Gregorio Magno de Filipinas Desde 1577 en Que Legaron los Primeros a Manila Hasta los de Nuestros Días*, Manila: Colegio de Santo Tomás, 1880, pp. 627-630; Sádaba del Carmen, O. R. S. A., *Catálogo de los Religiosos Agustinos Recoletos de la Provincia de San Nicolás de Tolentino de Filipinas Desde el Año 1606, en Que Llegó la Primera Misión a Manila, Hasta Nuestros Días*, Manila, 1906, pp. 384-387; Jorde Pérez, O. S. A., *Catálogo Bio-Bibliográfico de los Religiosos Agustinos de la Provincia del Santísimo Nombre de Jesús de las Islas Filipinas Desde Su Fundación Hasta Nuestros Días*, Manila, 1901, pp. 294-404; Eladio Niera Ocio, O. P., *Misiones Dominicas en el Extremo Oriente*, Manila, pp. 424-451.
- Some documents refer to the arrival on April 15, others to the arrival on April 16. My interpretation is that the *Magallanes* arrived in Manila Bay on the 15th, but anchored off *Intramuros* after nightfall, with official affairs beginning on the 16th. It has been suggested that the galleon anchored at Cavite City, rather than anchoring close to the road skirting around Manila. However, I suggest that the ship anchored at Manila on this occasion (as did the Malaspina expedition a decade earlier), specifically because it was carrying passengers who were going to disembark, but no cargo. Moreover, it would have been unlikely that the day's events involving Balmis would have unfolded as they did, had communications taken place between Cavite City and Manila.
- Francisco Xavier Balmis, Philippine National Archives [hereafter PNA], Consultas 1802-06, Tomo, Exp. 21, Fol. 22, 15 Abril 1805. Passengers were not allowed to disembark without official clearance from onshore.
- Balmis to Aguilar, 16 Abril 1805, PNA, Cedularios 1803/1805-07, SDS 713, Exp. 21, ff. 93-94.
- For three years in a row, the Philippine government had not received from New Spain its annual *situado*—the Crown's subsidy to maintain its colony in the Philippines. The wider story of the expedition in the Philippines includes the efforts to acquire the *situado* via other ships sent to New Spain for this purpose. These efforts however, have not been included in this article.
- The 1802 Peace Treaty of Amiens had already collapsed, and Spain was quite reluctantly back at war with Britain. Governor-General Aguilar was alarmed that the British might once again attack Manila, as it had in 1762 and consequently much of his attention was directed to shoring up Philippine defenses and enlarging the colony's military forces – a huge drain on public funds. In fact, Aguilar wrote to Archbishop Zuliabar on April 20, noting the lack of public funds and requested a loan from the church's *Obras Pías* to pay for defense preparations against the English. See Aguilar to Zuliabar, 20 Abril 1805, Archives of the Archdiocese of Manila [hereafter AAM], Box 1.D.10, Libro de Gobierno Ecl (1767-1806), Folder 9, Libro de Oficios (Cartas), Fr. Zuliabar, documento 9.54, folio 32. This loan was provided by the church. See Aguilar to Zuliabar, 25 Mayo 1805, D.9.62, folio 36b.
- The major southern island of Mindanao was largely under the control of Muslim *datus*, who did not acknowledge Spanish sovereignty. Moro pirates frequently raided Christian villages in the central islands of the Visayas, and even the southern portions of the northern island of Luzon, enslaving an average of 500 captives a year. The tensions between the Muslim south and the Christian north continue up to this day.
- Balmis to Cavallero, 8 Agosto 1805, AGI, 'Indif. Gen', Leg 1.558, II, ff. 1-8. This document is the most comprehensive report from Balmis about his general reception in Manila. As it is written in the third person, I surmised that it was written by the expedition's official secretary, Angel Crespo. There is some confusion about this name in research literature, as the *Magallanes* captain was also named Angel Crespo.
- Ibid.*
- Metropolitana Noble Ciudad, 19 Abril 1805, PNA, Cedularios 1803/1805-07, SDS 713, Exp. 21, ff. 94-96.
- PNA, Cedularios 1799/1808, SDS-60, ff. 42-42b
- Balmis to Cavallero, 8 Agosto 1805, f. 8.
- See de Bevoise, *op. cit.*
- For contemporary detail about the state of the Philippines during this period, see Martinez de Zuñiga, *Status of the Philippines in 1800*, Manila: Filipiana Book Guild, 1973. This extensive account by Priest Zuñiga was first published in 1802; the Filipiana Book Guild issued an English translation in 1973. See also Tomás Comyn, *State of the Philippines in 1810*.
- Aguilar to Cavallero, No. 85, 20 Julio 1804, PNA, Cartas 1802-1805, SDS 97, Exp. 15, ff. 19-20. In this letter, Aguilar acknowledged receipt of the Royal Order of 1 Sept 1803, announcing the Expedition. He also described the recent history of smallpox in the Philippines.
- Balmis translated (from the French) a work completed by Moreau de la Sarthe and published it in 1803 along with his own lengthy introduction under the title *Tratado histórico y práctico de la Vacuna*.
- Aguilar to Zuliabar, 7 Mayo 1805, AAM, Documento D.9.60, Folio 34-34b, Box 1.D.10, Libro de Gobierno Ecl (1767-1806), Folder 9, Libro de Oficios (Cartas), Fr. Zuliabar.
- Balmis to Cavallero, 8 Agosto 1805, *op. cit.*
- Fernando Casas, 16 Feb 1823, Manila, AGI, Filipinas 515, #174, Vacuna.
- Balmis to Cavallero, 8 Agosto 1805, *op. cit.*
- The *Esperanza* was subsequently purchased by Manila merchants in the fall of 1805 and sent on a voyage to Acapulco, primarily to fetch the badly needed *situado*, but also to enable goods to be sold in Mexico. The ship sank in December of 1805, just a few days out of Manila. The *Esperanza* project, in association with the National Museum of the Philippines, has conducted extensive research into Spanish and Philippine archives, in its effort to find the sunken ship. I wish to thank the *Esperanza* project for sharing various archival documents from its confidential files, shedding significant light on the period. See www.esperanza-project.com.
- J. P. Bantug, 'Carlos IV y la Introducción de la Vacuna en Filipinas', *op. cit.*, pp. 105-115.
- Zuliabar to Aguilar, 17 Mayo 1805, AAM, Box 1.D.10, Libro de Gobierno Ecl (1767-1806), Folder 9, Libro de Oficios (Cartas), Fr. Zuliabar, Documento D.9.59, Folder 34.
- J. P. Bantug, 'Carlos IV y la Introducción de la Vacuna en Filipinas', *op. cit.*, pp. 117-119.
- Zuliabar, 29 Mayo 1805, AAM, Box 1.D.10, Libro de Gobierno Ecl (1767-1806), Folder 9, Libro de Oficios (Cartas), Fr. Zuliabar, File D.9.61, ff. 34b-36.
- See Smith, *op. cit.*, p. 57 for details regarding these squabbles and misunderstandings.
- This departure date is mentioned frequently in various documents in a group dealing with the maintenance expenses of the expedition.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

- This batch of documents are among the most important uncovered during recent research. PNA, Cedularios 1803/1805-07, SDS 713, Exp. 21, ff. 93-108 and 326b-329.
- 37 *Ibid.*
- 38 Smith, *op. cit.*, p. 58.
- 39 PNA, Superiores Decretos 1805-06, SDS 86, Exp. 96, ff. 93-93b, 1 Febrero 1806. Unfortunately, this document gives no further details about the boys, other than confirming payment for their services.
- 40 Balmis to Cavallero, 8 Agosto 1805, *op. cit.*
- 41 PNA, Cedularios 1803/1805-07, SDS 713, Exp. 21, ff. 93-108 and 326b-329.
- 42 A confusing deed of sale in the Philippine National Archives suggests that this ship was bought by a merchant in Manila, but that the deed of sale was dissolved. However, the document clearly identifies the name of the vessel, which in Spanish records, is usually referred to as simply *Diligencia*. PNA, Protocolo de Manila, Manuel del Castillo, Vol 41, Yr. 1803, SDS 19806, S20-21.
- 43 AAM, Box 37.A.1 [Catalogo del Eclesiastico Personal], Folder 1. This document provides a list of priests in the area of Manila in 1806. The Santa Cruz church, which was in an area largely populated by mixed-blood Mestizos and Chinese, along with military troops stationed nearby, had for years been administered by native clergy. Other clergy assigned to Santa Cruz were: D. Julian de Mendosa, Capellan de Lanseros, D. Simon Rafael, Capellan de Flecheros, D. Baltazar de Banta de Co (confessor); and D. Gabriel de Molina.
- 44 Eladio Niera Ocio, O. P., *Misiones Dominicos en el Extreme Oriente*, Manila, pp. 424-451.
- 45 Hosea Ballou Morse, *Chronicles of the East India Company Trading with China, 1635-1834*, vol. III, Oxford, 1926, p. 17.
- 46 Balmis, AGI, 'Indif. Gen', Leg. 1.558, II, ff. 2-3.
- 47 J. P. Bantug, 'Carlos IV y la Introduccion de la Vacuna en Filipinas', *op. cit.*, pp. 115-117.
- 48 Fernandez to Real Hacienda, 13 Nov. 1805, PNA, Superiores Decretos 1805-06, SDS 86, ff. 46-47b.
- 49 Zamboanga, the location of a Spanish fort on the western coast of Mindanao, was a very small, isolated enclave. It was not mentioned in Aguilar's decree of September 24, but the town was included in a list of places visited by the provincial expedition in a report following Balmis' return to Spain. However, no actual documentation has surfaced yet to support this.
- 50 Verdugo, 6 Febrero 1806, PNA, Superiores Decretos 1805-06, Exp. 96.
- 51 Aguilar to Cavallero, 24 Dec. 1805, PNA, Cartas 1802-05, Exp. 25, ff. 52-57.
- 52 Gutierrez to Aguilar, 24 Marzo 1806, Manila, PNA. See also the official response: 24 Marzo 1806, Manila, PNA, Cedularios, 1803-1806, SDS 580, Tomo, Exp. 58, pp. 88b-89.
- 53 Rafael Aguilar, 18 Dec. 1805, Cavite, PNA, Superiores Decretos 1805-06, SDS 86, Exp. 48, ff. 40b-41.
- 54 12 Feb 1806, PNA, Superiores Providencias, SDS 86, ff. 121b-123.
- 55 22 Dec 1807, Santa Ana, PNA Iloilo 1806-72, Leg. 86, vol. 2, Exp. 7, f. 34.
- 56 *Gaceta de Mexico* (Mexico), 26 Agosto 1807, p. 556.
- 57 Francis Warren, *The Sulu Zone 1768-1898: The Dynamics of External Trade, Slavery, and Ethnicity in the Transformation of a Southeast Asian Maritime State*, Manila: New Day, 1985, Second Impression 1999, pp. 247-248.
- 58 Barcaistegui to Lemus, Archivo Bazan, 9 Dec 1806, #42. The Spanish documents refer to the British frigate by the name of *La Galga*.
- 59 I have been unable to uncover any secondary sources, that explore fully, the extent of British incursions into Philippine waters during the period of the Napoleonic Wars. This subject is worthy of exploration, but is beyond the scope of this paper.
- 60 Hosea Ballou Morse, *op. cit.*
- 61 The details of this short voyage and the *arribada* to Manila are extensively reported in Barcaistegui to Lemus, 9 Dec 1806, #53, Archivo Bazan.
- 62 Folgueras, 19 Nov 1806, PNA, Cedularios 1803/1805-1807, SDS 713, Exp. 21. This document mentions the *twenty-five* children, indicating that one had died. All subsequent references to the children also report their number as being 25.
- 63 AGI, Filipinas 506, 1809, F. del Expedite Creando Sobre el Reglamento, 2 a Via, pp. 8-11b.
- 64 AGI, Filipinas 506, #9, 1809, ff. 506-509.
- 65 See AAM, Box 1.D.10, Libro de Gobierno Ecl (1767-1806), Folder 9, Libro de Oficios (Cartas), Fr. Zuliabar, *Informe* regarding establishment of *Junta Central de la Vacuna*, followed by letter from Folgueras to Zuliabar, 16 enero 1807, D.9.163 & 164, folios 81-85b. See also AGI, Filipinas 506, 1809, F. del Expedite Creando Sobre el Reglamento, 2 a Via.
- 66 De Bevoise, *op. cit.*
- 67 Quiñones, *op. cit.*
- 68 PNA, Lazareto de Mariveles/Superiores Providencias, SDS 10585, 9 Nov 1808.
- 69 PNA, Lazareto de Mariveles/Superiores Providencias, SDS 10585, 1 Agosto 1808.
- 70 Fernando Casas, *op. cit.*
- 71 Michael Smith, *op. cit.*
- 72 Edward Jenner, *Letters of Edward Jenner, and Other Documents Concerning the Early History of Vaccination*, edited by Genevieve Miller, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1983.
- 73 From 2003 commemorative exhibit at Domus Museum of Science, La Coruña, Spain.

F.-X. D'Entrecolles S. J. and Chinese Medicine

A Jesuit's Insights in the French Controversy Surrounding Smallpox Inoculation

BEATRIZ PUENTE BALLESTEROS*



*I wish, my Reverend Father, this research could be of any use;
that is the only aim I had in mind when I imposed on myself this duty:
I would be content if any benefit might be obtained from it¹.*

INTRODUCTION

In 1726, François-Xavier D'Entrecolles² (1654-1730), one of the members of the French Jesuit Mission in China³, wrote a letter to Jean Baptiste Du Halde (1674-1743), superior of the Paris Mission, in which he commented in depth on the Chinese practice of inoculation. His letter was not, however, a mere description of what he saw, but reflected in different

ways how D'Entrecolles viewed Chinese culture in general, and Chinese medicine in particular.

Besides, his point of view inevitably meant that D'Entrecolles was participating in the European controversy on smallpox inoculation, which he was very much aware of. As a Jesuit, he stood in a particular position: he was a member of the Catholic Church, which firmly rejected the practice of inoculation, but he supported the practice. At the beginning of his letter, D'Entrecolles specially quoted an article written by the French doctor Jean Delacoste, published in *Mémoires de Trévoux* in 1724⁴. Delacoste discussed the practice of inoculation and, according to D'Entrecolles, he was aware of the resemblances between it and Chinese medical procedures. D'Entrecolles wrote about this

* Researcher at the Medical History Research Unit of Complutense University's History of Science Department, Madrid. Visiting Foreign Scholar at the Institute of Natural Sciences, Chinese Academy of Sciences, Beijing.

Investigadora da Unidade de História da Medicina do Departamento de História da Ciência da Universidade Complutense, Madrid. Investigador visitante do Instituto de História das Ciências Naturais da Academia Chinesa de Ciências, Beijing.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

similarity as well as about the importance of developing Chinese theories to enrich European medical knowledge.

Thus, the letter from D'Entrecolles must be analyzed and appreciated in the three aspects it covered: Medicine, Philosophy and Religion. These are the three aspects of a debate dealing with the practice of inoculation in which the French Jesuit strongly defended this practice.

PHYSICIANS, *PHILOSOPHES*, THE CHURCH: THE FRENCH CONTROVERSY ON SMALLPOX INOCULATION

Edward Jenner's discovery of the smallpox vaccine in 1796 represented a landmark in Enlightenment medicine⁵. Variolation or smallpox inoculation must be acknowledged as its immediate predecessor. This practice was adopted in Europe at the beginning of the 18th century, thanks firstly to Lady Mary Wortley Montagu (1689-1762)⁶, wife of the British Consul to the Ottoman Empire, who had witnessed in 1718 an application of this technique in Istanbul. Inoculation, which was accepted differently by European countries, represented a response to the smallpox epidemic that devastated Europe throughout that century. Its distant origins lay in the inoculation techniques developed from the 10th century in East Asian countries where this disease had been known since the 1st century BC⁷.

In France, cradle of the European Enlightenment, views on inoculation were diverse, even though this practice was *a priori* characteristically embodied in Enlightenment ideas of disease prevention and control by human action. The debate comprised three main fronts: physicians, *philosophes* and the Church.

PHYSICIANS AND *PHILOSOPHES*: ADVOCATES OR ENEMIES OF INOCULATION?

The successful inoculation of the English princess executed in London in 1722 was very closely followed by the two most important French scientific publications of that period: the *Mémoires de Trévoux* edited by the Society of Jesus and the *Journal des Savants* edited by the Académie des Sciences⁸. Subsequently, the French royal physician, Claude Jean Baptiste Dodart (1664-1730), started to explore the possibilities of beginning the practice in France. For this, he first

consulted Omer Joly de Fleury (1715-1810), bishop of Fréjus and later the Cardinal preceptor of the young king Louis XV (1710-1774) in order to obtain their opinions about its religious and civil legality⁹. Afterwards he consulted Dr. Jean Delacoste who had published an article about inoculation and had contacted Sir Hans Sloane (1660-1753), one of the doctors responsible for the inoculations in Newgate in 1721¹⁰. He asked Sloane for his help in convincing French doctors to adopt the new practice. In his article published in *Mémoires de Trévoux*, Delacoste defended the inoculation practice. He did this even though his ideas were paradoxically disapproved by the *Journal des Savants*, which argued on a religious basis that inoculation was "against God's plans"¹¹.

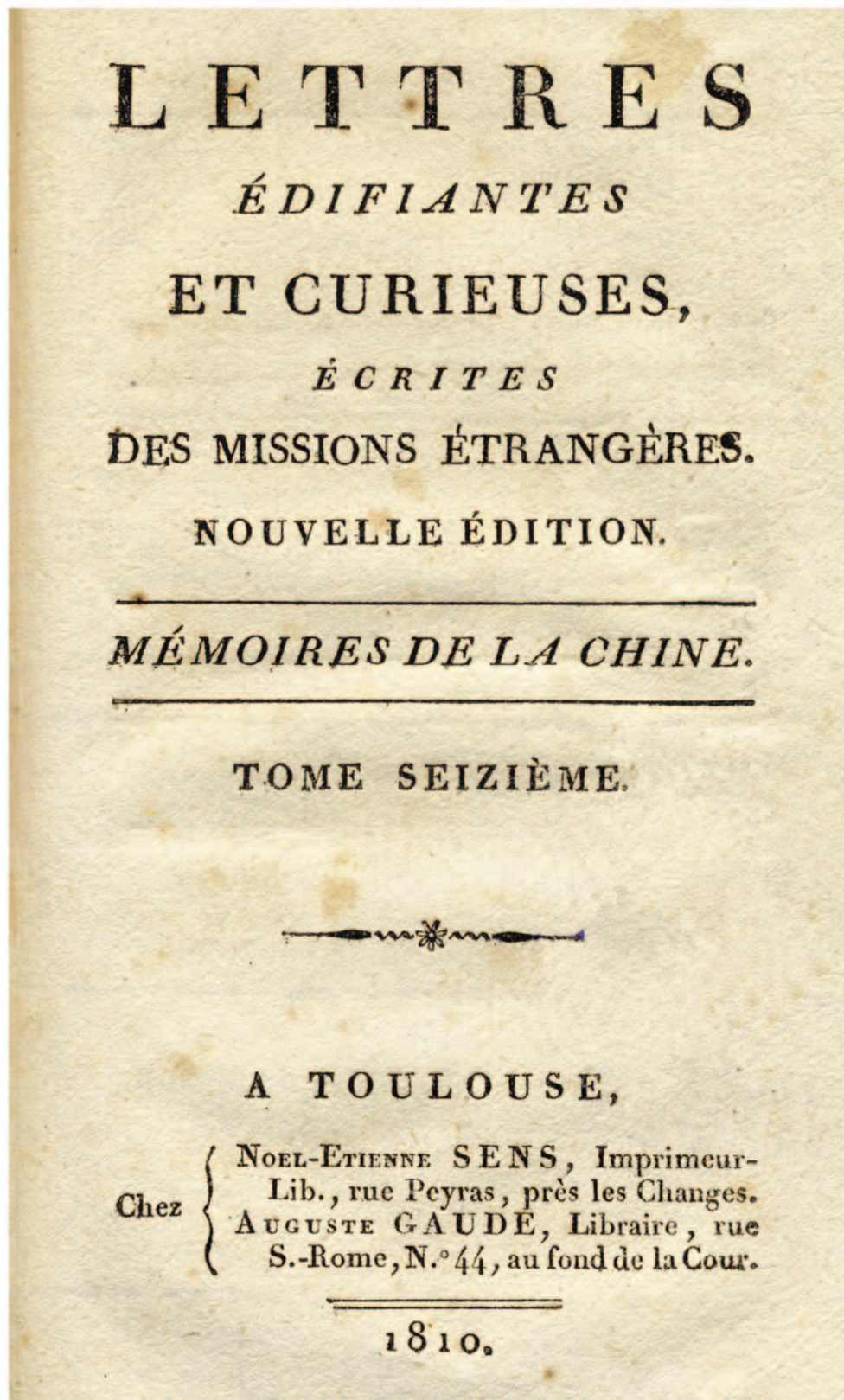
At the time, the Paris School of Medicine was not merely a teaching body, but it also supervised forensic measures, water supply, legal questions, etc. The school was composed of an elite professional group in highly privileged positions, accessible only to the upper social classes. This "Medical state" was an adversary to the royal physicians and it refused all medical ideas brought from England¹². This situation was the result of an internal controversy between "old" and "new" medical ideas where conservatism was the prominent ideology¹³.

The Paris School of Medicine regarded inoculation as an expensive unknown foreign practice. The key argument claimed that the practice itself could be the source of an epidemic outbreak since the disease was being inoculated. By contrast, the School of Medicine of Montpellier, vanguard of French medicine, discussed the practice. In a dissertation presented by Boyer in 1717, he described the "Oriental" method of inoculation. As far as we know, this was the first mention of the practice to be found in France¹⁴.

Inoculation was supported also by the *philosophes*, among them Voltaire (1694-1778). He considered the different arguments and started a crusade in favour of the practice. Voltaire, in the chapter "Sur l'insertion de la petite vérole" of his *Lettres Philosophiques*, written probably in 1731, made the first reference to the practice in a literary work in France, but it seemed to have produced little effect. For the next thirty years almost nothing else was written about it¹⁵.

It was not until October 1754 that the *Journal des Savants* published an article defending the inoculation practice¹⁶. Changes in favour of

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO



Front cover of *Lettres édifiantes et curieuses des missions étrangères*, Toulouse, 1810.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

inoculation, however, were mainly brought about by two *mémoires* read before the Académie des Sciences by Charles-Marie la Condamine (1701-1774). In these treatises, he emphasized the success of inoculation elsewhere in Europe and complained that France was far behind other countries in this respect. This argument was continued in April 1760 when Daniel Bernoulli (1700-1782) presented the first mathematical theory about the spreading of a contagious disease to Académie des Sciences. He concluded that in two years universal inoculation had increased the life expectancy of newborns¹⁷.

Angelo Gatti (1730-1798), an Italian doctor who actively participated in the French debate, called into question the *philosophes'* former arguments in favour of inoculation. In his work *Réflexions sur les préjugés qui s'opposent au progrès et à la perfection de la inoculation* (1764), he shifted the debate to an anthropological level by analysing medical risk, not through mathematical calculations, but through the influence of individual subjectivity. In his opinion, the perceived risk of death arising from inoculation had psychologically paralyzing effects closely related to feelings of self-protection. He claimed that no one would like to be the one person out of two hundred at risk (This was the estimated mortality rate for inoculation)¹⁸.

The debates intensified over time. During the Paris smallpox epidemic in the winter of 1762, the city Parliament banned the practice as the epidemic coincided with an inoculation campaign. In the Paris School of Medicine, a twelve-member committee was appointed to make a ruling on inoculation. Six doctors were in favour of tolerating inoculation outside large cities until more information could be collected about it. The other six were strongly opposed to allowing it. These two groups presented different reports to the School of Medicine¹⁹. Among the critics was Guillaume-Joseph de L'Espine (1725-1792), who set himself up as the leader, and defended his group's opinions in a speech lasting for over two hours. He enumerated the arguments of inoculation supporters, one by one, and then refuted them all. The strongest point in his argument was that inoculation might result in death, and therefore should be avoided²⁰.

In order to reply to De L'Espine's arguments, Antoine Petit (1722-1794) carried out a comparative analysis the following week in which he assessed the security and efficiency of inoculation. He asserted that

inoculation should be accepted due to its success at preventing the disease, highlighting that those who had been inoculated were suffering from a less severe attack of smallpox than those who had suffered natural contagion. Based on Bernoulli's statistical deductions, Petit added that inoculation could lead to economic improvement as it would help curb depopulation. Demographic power was considered essential to France's economic power²¹. Petit also suggested a new point of view regarding inoculation based on individual freedom: the patient and his family should have the last word about the practice, instead of decisions being made only by doctors.

Concerning this last issue, doctors joined together to support the *philosophes* in their task of educating people by providing them with all the necessary information for decision-making. Between 1760 and 1775, countless publications regarding inoculation and smallpox came out to show the current situation at the time²². But in spite of all the talk and debates, the French medical community made no substantial progress towards accepting inoculation. Indeed prophylactic practice would not be thoroughly accepted until Edward Jenner's discovery of a smallpox vaccine at the end of the 18th century²³.

THE CHURCH AS PROTAGONIST: D'ENTRECOLLES' VIEW OF CHINESE SMALLPOX INOCULATION

From the outset, medical proponents of inoculation had been careful to avoid the theological aspects of the controversy. This was because the School of Theology still had the power to examine the orthodoxy of all new medical theories²⁴. In 1763, the general advocate of the King in Parliament, Omer Joly de Fleury, issued a *requisitoire* ordering the schools of Medicine and Theology to examine the question of whether inoculation was harmful or useful to the human race, whether it was contrary to religion and whether it should be permitted, forbidden or tolerated²⁵. The *requisitoire* of Omer de Fleury raised a storm of criticism in France. The incident was considered beyond a mere debate about the social efficiency of smallpox inoculation. It involved a question relating to the movement of Progress, namely, whether the Church, represented by the School of Theology, should have the right to legislate in a matter which should be exclusively scientific.

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

6 *Lettres édifiantes*

Coste, dans laquelle il parle de l'insertion ou inoculation de la petite vérole ; & je me suis souvenu d'avoir lu quelque chose d'approchant dans un livre Chinois. C'est ce qui m'a déterminé à en transcrire le texte, & à chercher ailleurs des particularités capables de contenter les personnes curieuses sur une opération, dont la nouveauté a frappé les esprits, & partagé les sentimens.

On ne sera pas peu surpris de voir qu'une méthode à peu près semblable à celle qui est venue de Constantinople en Angleterre, soit en usage depuis un siècle à la Chine. Comme il ne m'appartient pas de prendre parti pour ou contre les partisans de l'insertion de la petite vérole, je citerai indifféremment les auteurs Chinois qui la décrivent, & ceux qui la défendent.

Le nom Chinois qu'on donne ici à cette méthode, seroit traduit en François peu fidèlement par ces termes d'insertion ou d'inoculation. Pour parler exactement, il faut la nommer semence de la petite vérole, ou bien manière de la semer, *schung tseu*, dit-on *schung tseu*, *tseu* la vérole. Ce dernier mot, sans aucune différence pour la prononciation, signifie *pois à manger* : le caractère est aussi le

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

Another debate ran between the *philosophes* and the Church. There were two main lines of argument: those focused on the efficiency of the practice, and those dealing with its moral justification. For the first argument, the *philosophes* found a rational way to defend their opinion using statistics. It was then the question of moral justification which produced the most significant arguments in the debate. The Church defended a morality which was absolute, based upon the immediate relation between the soul and God and sacrificing individual welfare to those immutable laws of dogma on which individual spiritual salvation rests; The *philosophes* supported the view that the temporal happiness of the individual, and consequently of society, was the main aim of social endeavour. Religious arguments were centred on two points: inoculation was contrary to law, and it was contrary to God's will. The *philosophes* feared that the public airing of the religious question would harm their cause, though their fear proved ungrounded, as there was never a public pronouncement on the subject from the Sorbonne.

Finally, in reaction to the Protestants move away from the Catholic Church, there were deeply conservative thoughts about inoculation, because it challenged the nature of human beings and Divine Providence²⁶. In sum, the Catholic Church reasserted itself in its absolute rejection of inoculation. Among the Catholics, Jesuit publications, such as the *Mémoires de Trévoux*, actively participated in this controversy²⁷. By contrast, most Protestants supported inoculation by defending the idea that smallpox was an "inner seed" and that inoculation would only help to develop an illness that was already inside the human being. This opinion, apart from relying on the Protestant concept of predestination, was also based on the consideration of the grace of God, which every recipient should possess²⁸.

This was the medical, intellectual and religious context surrounding the reception of D'Entrecolles' letter. Its relevance is exemplified by Voltaire as a source for his paper *On inoculation*, published first in English in 1733, and one year later in French in his *Lettres Philosophiques*²⁹. In it, he used apologetics to defend the technique. D'Entrecolles' letter was also used in philological debates and most importantly as a reference for the article "Inoculation" in Denis Diderot's (1713-1784) *Encyclopédie* (1751-1772)³⁰.

D'Entrecolles' letter stands out as a bridge between the two general factions of supporters and

detractors of inoculation. A "Jesuit's Insights" provides an eloquent testimony of the sensitivities and cross-cultural dialogues concerning smallpox inoculation, with China playing a central role in the story. It is a testimony that exemplifies once more how the Jesuits pursuit of Science had its own character beyond the ideology of the Catholic Church. It is a step further towards the notion that the "coherence of the Society's overseas science depended upon Jesuits ability to retain the traditional meaning of *scientia* as "knowledge of God" and intertwine it with the emerging meaning of *scientia* as "knowledge of nature".³¹

D'Entrecolles' views, when confronting the actual practice of inoculation in China, show surprise at the quality and quantity of information provided to him by Imperial Palace physicians. His research, which was influenced by a previously formed intellectual schema, soon identified the strong resemblance of inoculation in China with those procedures he read about in France. D'Entrecolles noticed the sophistication of doctrines and techniques existing in China, a complexity towards which he showed a special sensitivity arising from a true appreciation of its worth. This led him to give credit to what he saw and read and consequently to transcribe and translate it.

The first aspect valued by the Jesuit was the antiquity of the practice of inoculation, which implied the existence of a long tradition behind its basis:

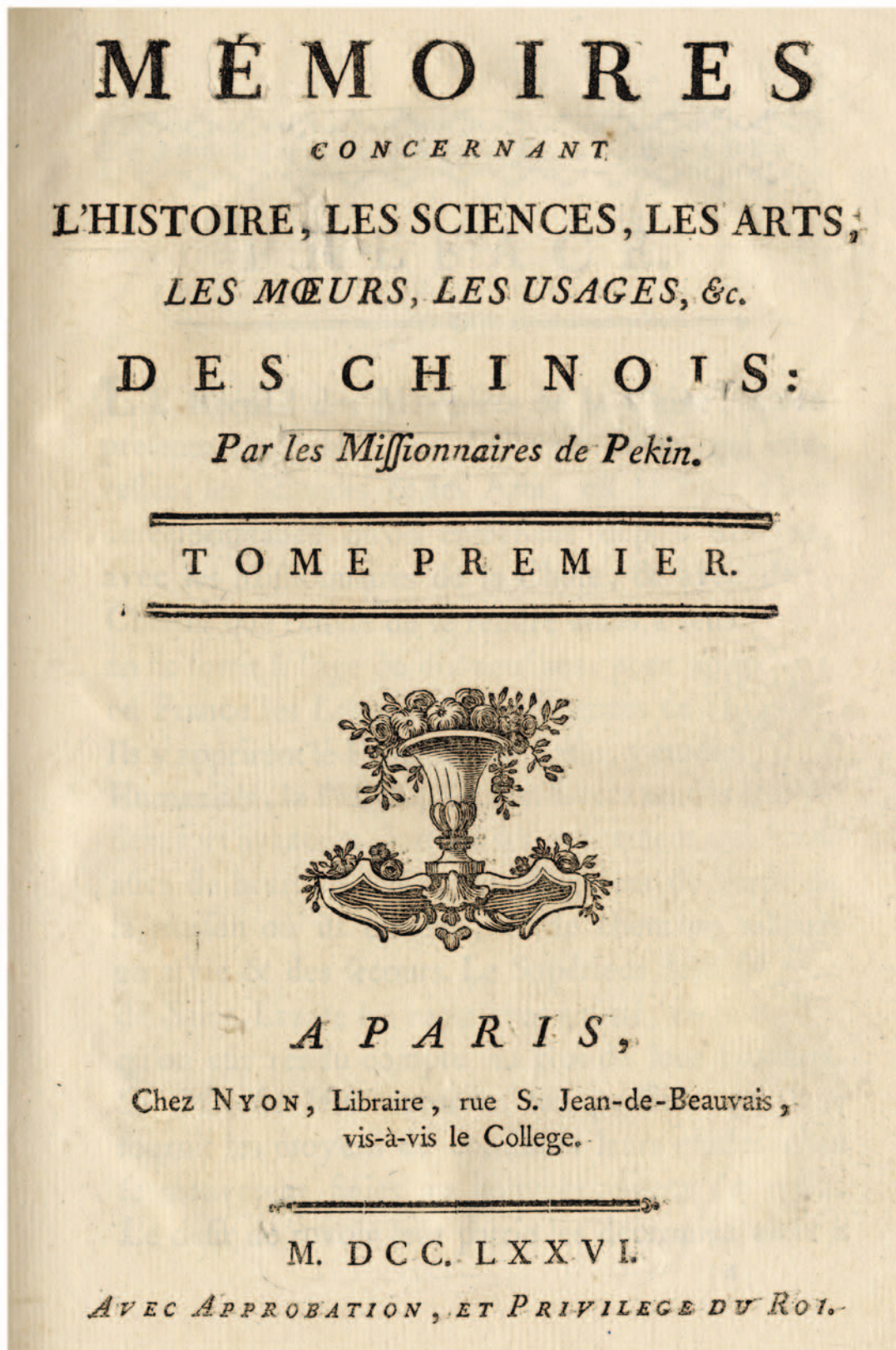
"Whatever it be, a hundred years of use give this method the right of a considerable antiquity over injection, which has been in vogue in Constantinople only from the 17th century on".³²

D'Entrecolles pointed out the rationality of the knowledge and practices he encountered. In this sense, regarding the mechanics of the practice, D'Entrecolles appreciated its "natural" character:

"I guess that [Physicians] noticed that one of the main diagnostic features of smallpox is the violent itch children feel in their nose and therefore it was considered that the place where the disease began was to be well suited for inoculation."³³

D'Entrecolles was surprised by the theoretical diversity regarding inoculation that existed in China. He found a plurality of opinions that reminded him of the debate that was now emerging in France. He observed that not all physicians supported the practice. For example, he translated a text attributed to a Ming

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO



Front cover of *Mémoires concernant l'histoire, les sciences, les arts, les mœurs, les usages, etc. des Chinois par les Missionnaires de Pékin*, Paris, 1776.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

Dynasty physician, who considered inoculation as an avoidable risk:

“In spite of all, supporters of this invention talk wonders about it; they insist that sooner or later, smallpox is unavoidable. I accept it; but let it come naturally.”³⁴

This doctor also offered two therapeutic alternatives to inoculation, one based on moral considerations and linked to Buddhist theories of retribution that perceived children avoiding the disease by depending on moral adherence to their parents. On the other hand, a medical alternative would be diaphoresis, a technique to favour the evacuation of poison³⁵.

D’Entrecolles’ view was drawn also from his amazement at the sophistication of the procedures employed in China, such as the three recipes given to him by Imperial Palace physicians. The Jesuit described their contents at length in what is the most important part of the letter and stands out as one of its main theoretical contributions to the practice of inoculation in France.

As an example, D’Entrecolles transcribes how an inoculum should be prepared:

“When a child is found, between one and seven years of age, who suffered from smallpox without any sign of malignity, who was previously inoculated and did not present any symptoms for thirteen or fourteen days, flakes having dropped, then these are gathered and put into a China vase whose open end should be closed with wax. In this way, they will keep their virtue”.³⁶

D’Entrecolles defended the effectiveness of inoculation in an extensive treatise that explained the precise quotation of these three recipes. On the other hand he also discounted the poor development of anatomical knowledge in China. He argued that his descriptions of inoculation should be valued in spite of not knowing why they worked:

“The economy of the human body depends on an infinity of imperceptible forces with a thousand paths that one discovers in astonishment. By reading the first two volumes written by the illustrious Leipzig academics I have realised that many things that we render impossible exist in fact.”³⁷

D’Entrecolles’ defence of inoculation is based on two elements. First, his “perspective” was the “passive”

element of his defence. He shows this in the detailed descriptions of his letters that present the contents as valid for the readers. This is what we have just explained. Second, the “active” element of his defence was a “perspective of dialogue” through which D’Entrecolles interacts with what he encounters, making arguments for and against, questioning himself, and always from his Jesuit mentality.

His reading of the three aforementioned recipes reflects the previous medical schema that the Jesuits had acquired in the West, which had elements of the Hippocratic-Galenic doctrine supported by the Catholic Church and orthodox medicine of the period combined with iatrochemical, iatromechanical and Sydenhamian terminology taken from these vanguard medical streams and irregularly shared by the former³⁸. D’Entrecolles defended the advantages of Chinese inoculation by renaming and explaining them from both classical and modern concepts and at the same time he innovated by presenting *per se* the scientific novelty of inoculation.

When D’Entrecolles finished his exposition of every recipe, he proceeded to a defence of certain aspects of it. In the first particular recipe, he legitimised musk as a vehicle for the inoculum through an iatrochemical explanation:

“Musk is apparently used as a vehicle [for the inoculum]; being quite spirited, the morbid seeds with which it dissolves become more tempered.”³⁹

With regard to the second recipe, the Jesuit developed a Sydenhamian argument when describing the “seasonal diseases” in order to legitimise the prohibition of summer as a period for inoculation, then connecting aspects of macrocosms seasons with microcosms temperaments.

D’Entrecolles highlighted the importance given to attenuation in the recipe, establishing a parallel between Western iatromechanical and iatrochemical physiology related to the digestion of food and the different and “necessary” phases before reaching the stomach:

“Similar to what happens when food reaches the stomach before the first digestion has occurred in the mouth by crushing and dissolution by saliva. Therefore, these acids, which return to the blood and do not come out of it but partially, cause strange perturbations”.⁴⁰

In terms of the third recipe, D’Entrecolles defended the practice of inoculation by comparing it

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

with the English technique. He criticised the latter for being too aggressive, explaining why the Chinese path of application would be not only “softer”, but also more logical.

Based on the knowledge added from the Chinese texts, to his previous ideas on inoculation, he questioned and answered himself. He used Hippocratic-Galenic terminology with some iatrochemical elements to explain that the supposed action of the inoculum is to keep the receptor protected:

“Would it be possible that this ferment is not, at last, either attenuated or dissipated after ardent fevers and violent crises which have had to renovate humours, acids and blood corruption and all the principles of life and health, from which arises a new temperament? I could not find any Chinese text that helped me explain this doubt.”⁴¹

The final part of D'Entrecolles' analysis of the third recipe was drawn from the moral, nearly “religious”, perspective from which some Chinese physicians observed smallpox. D'Entrecolles echoed here the discourse of religion in China towards health and illness and how prevention, understood in moral terms, could result in the increased efficacy of any

therapeutic procedure. Despite the coincidences of this discourse running parallel to the Christian mentality, D'Entrecolles pointed out this discourse in the Chinese physician who was, at the same time, responsible for the third and most complex pro-inoculation recipe. Another example that describes the paradoxical attitude of the Jesuits towards Science in general and of D'Entrecolles towards Medicine in particular:

“Though Heaven has fixed the course of our life, we can, however, contribute to its conservation. The practice of virtue is a means that depends on ourselves; because Hoangtien, “Supreme Heaven”, is not partial and never acts by a blind affect. Only virtue moves it and makes us win its favour. Virtue practised is like the language of Heaven ensuring us protection. In this way, the great art of preserving health consists mainly in being virtuous. The other rules and methods are accessory, they only accompany and help this capital fact”.⁴² **RC**

Author's note: This work has been done with the support of ICO Foundation Asia-Pacific fellowship program.

NOTES

- 1 Y. M. Querbeuf (ed.), *Lettres édifiantes et curieuses écrites des missions étrangères*, 26 vols., Paris: J. G. Mérimot le Jeune, 1780-1783, vol. 21, p. 41.
- 2 A monograph on François-Xavier D'Entrecolles can be found in Y. de Thomaz de Boissière (1982), *François-Xavier D'Entrecolles et l'apport de la Chine à l'Europe du XVIII^e siècle*. Paris: Les Belles Lettres. There we can find his relation to medical ideas.
- 3 In 1688 six French Jesuits, known as the “King's Mathematicians”, arrived in China. Two of them, Jean Francois Gerbillon (1662-1730) and Joachim Bouvet (1656-1707), quickly became teachers of the Emperor Kangxi (1662-1723). In 1693, Jean de Fontaney (1656-1710) and Claude de Visdelou (1652-1737) went to the Emperor's court in order to treat his fevers with quinine. Both acts increased the reputation of Jesuits in the eyes of the Court and of the Emperor, who decided, in 1693, to send Bouvet to France to recruit more “scientific” missionaries. It was then when D'Entrecolles, together with eleven more Jesuits, arrived in China and settled in the Court of Kangxi. N. Standaert (2002), *Handbook of Christianity in China*. Leiden: Brill, p. 314.
- 4 Y. M. Querbeuf, *op. cit.*, p. 5.
- 5 During the 18th century, smallpox accounted for 15 to 20 % of deaths in most European countries. 80% of these deaths were children under the age of ten. Similar percentages would exist in North Africa, Australia and Asia. K. F. C. Kiple (1992), *The Cambridge World History of Human Disease*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1010.
- 6 Lady Mary Wortley Montagu suffered from a smallpox that disfigured her face. Her brother died as a result of the same disease. While in Istanbul, she observed the inoculations practiced on children by the elderly women in town. Apparently, those inoculations had no side effects. In 1718, Lady Montagu's son was inoculated by Charles Maitland, the Embassy Surgeon, and in 1721, the same doctors also inoculated her daughter in London, the first inoculation in England. Lady Montagu's example encouraged the aristocracy to inoculate their children. (2003) *Encyclopaedia of Enlightenment*. Ed. A. C. Kors, Oxford: Oxford University Press, p. 261.
- 7 In the case of China, dissemination of smallpox was dated as far back as the 4th century. This disease was known as the “one hundred disease” because of the high percentage of people affected by it. Ch.-F. Chang (1996), *Aspects of smallpox and its significance in Chinese History*. Univ. of London. Thesis. Chaper. 3. sec 1. To know more about the Chinese practice of inoculation, consultation of the aforementioned thesis elaborated from Chinese original sources is recommended, as well as the chapter *The origins of immunology*. J. G. Needham, L. Wei-Djen (2000), *Science and Civilization in China*. Vol VI. Cambridge: Cambridge University Press.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

- 8 J. Roger (1993), *Les Sciences de la vie dans la pensée française au XVIII^e siècle*. Paris: Albin Michel. pp. 179-182. The *Journal des Savants*, published by the Académie des Sciences, set up itself as the voice of "Scientific thought" in France. This publication followed Cartesian requirements of a "New Science", and gradually made letters from provincial readers, doctors or surgeons disappear from its pages. Such letters, although containing some useful information, were deemed as "fantastic thought" against what they considered "scientific thought". The *Mémoires de Trévoux* was a publication produced by the Society of Jesus between 1701-1767 and became itself the only opponent. Through these two publications, every step that the British court took concerning inoculation was brought to France across the Channel.
- 9 G. Miller (1957), *The Adoption of Inoculation for Smallpox in England and France*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 181.
- 10 In Newgate Prison, on August 9, 1721, three condemned women and another three condemned men were offered to be inoculated voluntarily instead of being executed. Voltaire incisively affirmed that those condemned people managed to save their lives twice. P. Darmon (1989), *La variole, les nobles et les princes*. Paris, Editions Complexe. The Chinese inoculation practice was used on one of the women and she was the only one to die. It is said that this is one of the main reasons why Chinese inoculation was rejected in England and France. P. Razzel (1977), *The Conquest of Smallpox: The Impact of Inoculation on Smallpox Mortality in Eighteenth Century Britain*. X. Caliban Books, p. 167.
- 11 Paul Delaunay, *Le monde médical parisien au dix-huitième siècle* (Paris, 1906), p. 281. Quoted in A. A. Rusnock (2002), *Vital Accounts. Quantifying Health and Population in Eighteenth-Century England and France*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 73. Despite this, the *Journal des Savants* generally defended smallpox inoculation. Other publications which advocated this practice were the *Journal encyclopédique* and the *Gazette littéraire*. A. H. Rowbotham (1935), *The Philosophes and the Propaganda of Smallpox in Eighteenth Century France*. London: Cambridge University Press, p. 281.
- 12 Voltaire as advocate of inoculation practice argued: "In Paris we will be against this healthy discovery, as we were writing during twenty years against Newton's experiments; all of this prove that England is in advance of us". J.-F. Raymond (1982), *Querelle de l'inoculation*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, pp. 86-87.
- 13 During those days physicians from the School of Medicine treated smallpox through bloodletting. The precepts of Hippocratic medicine were still recommended by physicians such as Tronchin or Philippe Hequet. G. Miller, *op. cit.*, p.191.
- 14 A. H. Rowbotham (1935), p. 266. During the Enlightenment, the School of Montpellier led to the new medical ideas of Vitalism, which covered a different field from that of the Hippocratic-Galenic doctrines.
- 15 In this article, Voltaire describes the English inoculation method. But at that time although the *philosophes'* decision had far-reaching implications in terms of adopting the practice of inoculation, comparable to that of the Royal Society in England, their influence on the medical community and in society at large was not as strong as that of the English academicians. This could be one of the reasons why it took so long to begin practising inoculation. A. A. Rusnock, *op. cit.*, pp. 90-91.
- 16 "Il semble que le temps soit encore arrivé où la vérité commence à se faire voir à travers les erreurs et les préjugés" [It seems that the truth finally came through mistakes and prejudices], *Journal des Savants*, Oct. 1752, p. 432 quoted in A. H. Rowbotham (1935), p. 267.
- 17 This would be a great benefit when we come to compare it with the risk of death: it would mean only one out of two hundred, compared to the high mortality of smallpox in France. Even so, the practice of inoculation was rejected, to Bernouilli's and the rest of *philosophes'* great surprise. A. A. Rusnock, *op. cit.*, pp. 81-87.
- 18 D. R. Hopkins (2003), *The Greatest Killer. Smallpox in History*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 160-161.
- 19 G. Miller (1957), *op. cit.*, pp. 234-235
- 20 P. Darmon (1982), *La longue traque de la variole. Les pionniers de la médecine préventive*. Paris: Librairie Académique Perrin, p. 104
- 21 On account of this, reduction of mortality would be transformed from one out of seven to one out of two hundred, an obvious demographic advance. G. Miller (1957), *op. cit.*, p. 236
- 22 Physicians cited successful inoculations of celebrities— foremost among them the inoculation of the children of the Duc d'Orléans in 1756—and even of their own children. While emphasizing the safety, reliability, and peace of mind provided by inoculation, physicians empathized with the agonizing decision facing potential inoculees. The death of Louis XV in 1774 from smallpox without being inoculated was a crucial point in favour of the practice. A. Rusnock (2002), p. 90.
- 23 S. Watts (1999), *Epidemics and History. Disease, power and Imperialism*. London: Yale University Press, pp. 114-121.
- 24 Raymond, *op. cit.*, pp. 84-85.
- 25 *Journal des Savants*, mai 1761, I:276. Quoted in Rowbotham, *op. cit.*, p. 2.
- 26 M. Ramsey (2002), *Professional and Popular Medicine in France 1770-1830*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 282. Razzel, *op. cit.*, p. 42.
- 27 Dr. Astruc, enemy of inoculation, author of *Doutes sur l'inoculation*, was considered the mouthpiece of the Jesuits. Rowbotham, *op. cit.*, p. 281.
- 28 Hopkins, *op. cit.*, pp. 49-50. Facing the unknown physiology of inoculation a number of theories were formulated. The "innate seed" theory was one of the most successful ones during the 18th century, though refuted by the Catholic Church. Raymond, *op. cit.*, p. 66.
- 29 A. Rusnock, *op. cit.*, p. 75. This article is included in the chapter "Sur l'insertion de la petite vérole".
- 30 I. Vissière et J. L. Vissière (2001), *Lettres édifiantes et curieuses des jésuites de Chine 1702-1776*. Paris: Desjonquères, p. 20.
- 31 Quoted by Steven J. Harris, S. J., "Jesuit Scientific Activity in the Overseas Missions, 1540-1773". *Isis*, 2005, 96:71-79.
- 32 Y. M. Querbeuf, *op. cit.*, p. 6.
- 33 *Ibid.*, p. 7.
- 34 *Ibid.*, p. 8.
- 35 *Ibidem*.
- 36 *Ibid.*, p. 13.
- 37 *Ibid.*, p. 25
- 38 For a brief overview of eighteenth century medicine, see W. F. Bynum, R. Porter, (eds.) (1993), *Companion Encyclopedia of the History of Medicine*. London-New York: Routledge.
- 39 *Ibid.*, p. 15.
- 40 *Ibid.*, p. 19.
- 41 *Ibid.*, p. 34.
- 42 *Ibid.*, p. 36.



Odes on Guiding Smallpox Out Qiu Xi's Contribution to Vaccination in China

DONG SHAOXIN*

INTRODUCTION OF VACCINATION INTO CHINA

In March 1960, the last patient of smallpox in China was found in Yunnan Province; in 1979, the World Health Organization officially announced the eradication of smallpox; and on 8 May, 1980, the 33rd Congress of the WHO suggested ending smallpox vaccinations worldwide. To date, smallpox is the only plague completely conquered by mankind. This victory is due to both variolation and vaccination.

Since Dr. John Dudgeon's (1837-1901) *Textual Research on Vaccinia*¹ published in 1873, there have been many studies done on the introduction of vaccine inoculation into China.² These references show clearly the development over time. It has been shown that the variolation process originated in China, first appearing during the reign of Emperor Longqing 隆庆 (1567-1572) in the Ming dynasty.³ This method of inoculation was introduced into Europe at the beginning of the eighteenth century.⁴

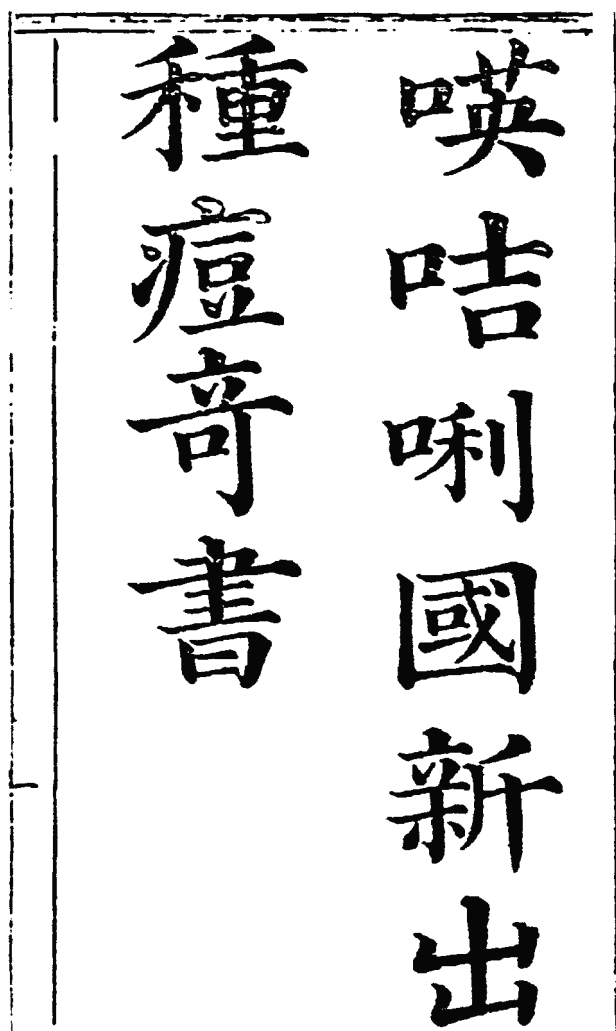
Edward Jenner (1749-1823) had been a variolator before he invented vaccination. Vaccine inoculation was first introduced to China by the British East India Company in October 1803, but unfortunately failed because "the virus having from the length of passage, been deprived of its virtue."⁵ In May 1805, Portuguese merchant Pedro Huet returned to Macao from Manila on his vessel *Esperanza*, with his crew vaccinated.⁶ Normally, it took eight to ten days to arrive at Macao from Manila, so when Huet's ship arrived, it was the time to take the vaccine lymph from the crew to vaccinate others.

In this way, the smallpox vaccine was introduced into China successfully. Miguel de Arriaga, *desembargador-ouvidor* of Macao, commissioned Domingos José Gomes, surgeon of the *Partido*, to conduct vaccinations in the hospital of the Santa Casa da Misericórdia shortly after Huet's arrival.⁷ Alexander Pearson, surgeon of the East India Company (EIC), also received the vaccine lymph from Huet's crew⁸ and began to give vaccinations to foreigners and Chinese in Macao and Canton at the same time. He compiled a treatise on vaccination that was translated into Chinese by George Staunton with the title *Yingjili Guo*

* 董少新 Institute of Chinese Historical Geography Fudan University, Shanghai.

Institute of Chinese Historical Geography Fudan University, Shanghai.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU



Front cover of *Yingjili Guo Xinchu Zhongdou Qishu* (1805), Chinese translation of A. Pearson's treatise on vaccination.

Xinchu Zhongdou Qishu 英吉利國新出種痘奇書 (Instructions from England for the New Method of Inoculation) and published in August 1805 with the support of James Drummond, president of the EIC Committee at Canton, and Gnewqua II (Zheng Chongqian 鄭崇謙 (d. 1813), a famous hong merchant.⁹ In September 1805, Francisco Xavier Balmis, surgeon to King Carlos IV of Spain, arrived at Macao after successfully propagating vaccination in New Spain and the Philippines. Although he was well accepted in Macao, his trip to Canton was not so successful. During his forty-day stay in Canton, he was able to vaccinate only twenty-two people. He left Macao for Europe on the Portuguese ship *Bom Jesus de Além* in early February 1806.¹⁰

Qiu Xi 邱熺 (1774-1851) was one of the first Chinese to be vaccinated in Macao after the arrival of Huet. He learned this new art of vaccination, and from 1806 engaged in the practice in Canton. He quickly became the principal vaccinator at that time.

Many earlier studies have focused on the process of the introduction of vaccination to make clear whose contribution was the greatest: the Portuguese Huet, the English Pearson, the Spaniard Balmis, Chinese physicians Qiu Xi and Liang Guochi 梁國熾, or hong merchant Gnewqua II. These were, in fact, contemporary arguments between all of these men, who took credit for the introduction of the vaccine.¹¹ It is clear from the historical record that all of them engaged in this project. Thus, in a sense, we could say it was their joint efforts that made it happen, which historians might find more meaningful.

There are other important aspects about these activities that have yet to be researched. For example, in Qiu Xi's *Yin Dou Ti Yong* 引痘題咏 (Odes on Guiding Smallpox Out), different Chinese attitudes to this foreign method of inoculation are revealed, with unique ways of understanding it. We will discuss below some of these issues that appear in the Chinese and Western language sources and that have been raised in previous studies.

THE LIFE OF QIU XI

Qiu Xi was the most important person in propagating vaccination in China, but until now, there has been no biography of him. We will provide a brief summary of his life here.

Qiu Xi, called Haochuan 浩川, also called A-he-quan¹² or Dr. Longhead¹³ by foreigners, was born in Nanhai County¹⁴ in 1774.¹⁵ According to his classmate, Ye Dalin 叶大林, when Qiu was young he was very intelligent, and his teacher Chen 陈 had much regard for him, saying: "This child will definitely attain achievements in future."¹⁶ His neighbor and friend Zhong Qishao 钟启韶 said that Qiu was good with musical instruments.¹⁷ Nevertheless, it seems that Qiu failed the *keju* examination and later went to Macao to seek his livelihood. He was employed by the EIC as a comprador.¹⁸

Illustration from *Yingjili Guo Xinchu Zhongdou Qishu*.

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

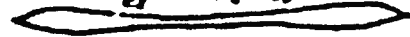
痘形

種下至第九日形
模如此便是真痘

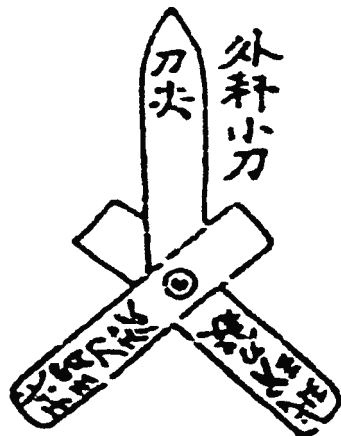


此臂形一點處
即種痘方位也

象牙小簪



此象牙小簪
長寸許兩頭
宜尖箔利



此外科小刀宜尖箔利
約長寸許外有玳瑁刀
殼兩邊夾住臨用撥開

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

When Pedro Huet's ship *Esperanza* arrived at Macao in May 1805, Qiu Xi was in Macao. He had not been vaccinated or infected with smallpox before, so he experimented with the vaccine by practising on himself, and fortunately it was successful. Although we don't have documents to prove who vaccinated him, we can suggest that it might have been Alexander Pearson or Domingos José Gomes, but not Francisco Xavier Balmis because at that time he was still in Manila. It is more likely that Qiu was vaccinated by Dr. Gomes in the hospital of the Santa Casa, because Gomes was asked by *desembargador-ouvidor* Miguel de Arriaga to practice vaccinations in a room of the hospital, and Pearson did not mention vaccinating A-he-quá although he knew him very well.

It seems that Qiu learned this new method shortly after he was vaccinated, and in 1805 or 1806 he vaccinated his family and some of his friends.¹⁹ Qiu was one of the first (if not the first) Chinese to learn how to vaccinate, but it is unclear from whom he might have learned it. One possibility is Pearson, who said in a report:

"Very many (I believe I may state thousands) were in the course of twelve months inoculated; in order to fulfill the views I had taken of the most proper means for its dissemination, I had instructed several Chinese in the details of it, after the best manner I could, and they practiced it extensively as well at a distance from as under my inspection."²⁰

Qiu Xi may be among the "several Chinese" mentioned by Pearson. Other students would probably include Liang Guochi, Zhang Yao 张尧 and Tan Guo 谭国. They were supported by hong merchant Gnewqua II. The teaching material was *Yingjili Guo Xinchu Zhongdou Qishu*, compiled by Pearson, and published in the name of Gnewqua II in August 1805. The Daoguang 道光 *Nanhai Gazetteer* 南海县志 reported:

"Hong merchant Zheng Chongqian (Gnewqua II) translated and published *Zhongdou Qishu* in one volume and recruited people to learn this technology. Several students, including Liang Hui 梁辉 (Guochi), Qiu Xi, Zhang Yao, and Tan Guo, were studying it together."²¹

No more sources mentioned Zhang Yao and Tan Guo, but there is a short biography of Liang Hui in the *Panyu Gazetteer* 番禺县志.²²

Liang Guochi (1763-1819), called Hui 辉, resided in upper-Huangpo. After failing the *keju* examination, he became a clerk in the Tianbao Hong. He was a caring person and always had sympathy for those who died from smallpox. He looked for an effective means of preventing smallpox, but did not find it until he heard that Western people had the method of vaccination. The *Panyu Gazetteer* states:

"He bought it for a lot of money and learned how to do it... then he practised it freely... Guochi's practice of vaccination was the beginning of the eradication of smallpox in China."

We cannot believe everything in Liang Guochi's biography because at that time vaccinations were supported by hong merchants, so he probably did not pay for it himself. It is strange that there is no biography of Qiu Xi in the gazetteers, and his famous work *Yin Dou Lue* 引痘略 (Guiding the Smallpox Out) was not mentioned frequently at that time.

There were times when the vaccine died in the Pearl River delta and had to be reintroduced. In a report from Canton dated 18 February 1816 Pearson wrote: "In fact, since its first introduction into China, it has been twice extinct; and in both instances, again brought from the island of Luçonia."²³ He did not mention when the vaccine died. Chinese documents also record the vaccine dying twice: once in 1806 and again before 1810. The former was recorded in the *Panyu Gazetteer*, stating:

"In the eleventh year of Jiaqing 嘉庆 (1806), because few people were inoculated, the vaccine lymph was extinct. Foreign doctors were asked to return to their country to bring vaccine lymph back to Canton again. The foreigners brought several tens of foreign children who were vaccinated during their travel. After arriving in Canton Province, they vaccinated Chinese people with the vaccinia from these children, and also instructed the art of vaccination. Those charitarians donated again to the vaccinators."²⁴

This Gazetteer also said that more and more Chinese doctors learned this new art of inoculation, of whom Qiu Xi from Nanhai County was the best one versed in it.

The Daoguang *Nanhai Gazetteer* records the other extinction of the vaccine, saying:

"Because the people of Canton Province were not convinced of it, the vaccine died. In the fifteenth

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

year of Jiaqing (1810), J. W. Roberts²⁵ brought ten children from small Luçonia again to convey the vaccine.²⁶ This time, hong merchants Wu Dunyuan 伍敦元 (Howqua II, 1769-1843), Pan Youdu 潘有度 (Puankequa II) and Lu Guanheng 卢观恒 (Mowqua I) donated together many taels and hired Tan Guo and Qiu Xi as vaccinators to practice vaccination in Consoo House. During summer and winter, they gave money to those who would not like to be vaccinated. In this way, they saved countless children.”²⁷

Wong and Wu wrote:

“In 1815 the principal hong merchants established a fund for the free vaccination of the poor at all times, offering a small premium to those who brought their children for that purpose. A dispensary was opened in the ‘Consoo House’ or Public Hall of the hong merchants in Hong Street, Canton, where from fifteen to forty children were vaccinated every ninth day by a Chinese vaccinator.”²⁸

Wong and Wu did not provide the source of their information. It probably came from Pearson’s report,²⁹ but in this document, he did not mention when this dispensary was opened. Following Wong and Wu’s research, Peng Zeyi 彭泽益 stated that it was opened in 1815.³⁰ However, it is recorded in the *Nanhai Gazetteer* that it was in 1810 when the dispensary was opened in the Public Hall of the hong merchants.

In 1817 Qiu Xi published his famous work *Yin Dou Lue*. He said that he had never learned medicine before,³¹ but after learning the art of vaccination, he studied some traditional Chinese medical books, especially books on variolation, such as *Yi Zong Jin Jian* 医宗金鉴³² and Zhang Yan 张琰 *Zhong Dou Xin Shu* 种痘新书. In *Yin Dou Lue*, he tried to explain vaccination according to theories of traditional Chinese medicine. His method was very important because his arguments convinced many Chinese to accept vaccination. *Yin Dou Lue* had more than fifty editions during one hundred years (1817-1916),³³ and had much influence in the late Qing dynasty.

In the *Daoguang Nanhai Gazetteer*, it is recorded that *Zhong Dou Qi Shu* was written by Gnewqua II, and that after his death, “someone pirated his book and published it with some augmentations in it, and then Gnewqua II’s name was omitted. It is a great pity!”³⁴ The Tongzhi 同治 *Nanhai Gazetteer* states: “*Yin Dou*

Lue was compiled by Qiu Xi. Note: Gnewqua II’s *Zhong Dou Qi Shu*, in one volume, recorded in the former gazetteer (*Daoguang Nanhai Gazetteer*), was the precursor of Qiu Xi’s works.”³⁵ Peng Zeyi quoted these materials to prove the importance of the role of the hong merchants in the introduction of vaccination.³⁶ However, *Zhong Dou Qi Shu* was not Gnewqua II’s work. It was only published in his name in order to draw more attention to the book.³⁷ Furthermore, although Qiu Xi quoted the basic contents of *Zhong Dou Qi Shu* (it was his learning source) in his work, *Yin Dou Lue* was really Qiu Xi’s original work, in which new contents and theories were added. Qiu Xi did not pirate Gnewqua II’s book, nor did he pirate any other books. In fact, Qiu Xi’s *Yin Dou Lue* contributed more towards the diffusion of vaccination in China than *Zhong Dou Qi Shu*.

Writing about the Chinese vaccinators, Pearson commented:

“The principal of whom, A-he-quā who has been engaged in the practice since 1806, is a man remarkably qualified for the business by his cast of judgment, method, and perseverance. He has been encouraged in his laudable exertions by the favorable opinion of his countrymen, and by marks of distinction or consideration which have been conferred upon him by the higher functionaries of the local government.”³⁸

Some of these “marks of distinction” are recorded in the *Yin Dou Ti Yong*.

It is said that He-quā (Qiu Xi), “vaccinated over a million Chinese persons in thirty years and handed his skill down to his son; other Chinese establishments for vaccination arising from his efforts.”³⁹ It is really impossible that Qiu Xi vaccinated one million persons in thirty years. Vaccination was conducted only every ninth day, so if it was true, he must have vaccinated more than nine hundred persons every time! It is true, however, that Qiu Xi handed his skill down to his son Qiu Chang 邱昶, who began to work in the dispensary in 1818.⁴⁰ Qiu Xi died in 1851 after a long and honourable career.⁴¹

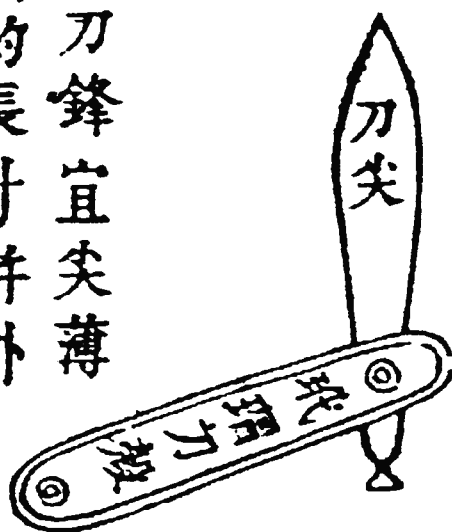
YIN DOU TI YONG

Literati and functionaries whose children were vaccinated by him often presented poems, articles and tablets to Qiu Xi. In the third year of Emperor

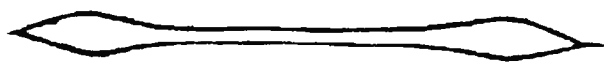
II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

種痘刀式

此刀鋒宜尖薄
利約長寸許外
用玳瑁殼藏護



取痘漿象牙小簪式



此象牙小簪約長寸許兩頭宜尖利

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

Daoguang (1823), Qiu Xi published these odes under the title *Yin Dou Ti Yong* in order that people who read it would trust this new method, and it could be propagated extensively.⁴² This book has been mentioned in only a few papers, and has not been researched until now.

Peng Zeyi wrote: "In the first year and third year of Daoguang (1821 and 1823) Qiu Xi edited and published a book named *Zhong Dou Ti Yong* 种痘题咏 in three volumes, collecting plenty of poems and articles by celebrities." He did not provide the source he quoted.⁴³ I have never found the book named *Zhong Dou Ti Yong*. Perhaps Peng mistook *Zhong Dou Ti Yong* for *Yin Dou Ti Yong* because Qiu Xi preferred the term *yin dou* to *zhong dou* and explained his reasons in his *Yin Dou Lue*.⁴⁴ The only existing copy of *Yin Dou Ti Yong* is preserved in the library of the Academy of Chinese Traditional Medicine in Beijing, and it is in three volumes, but the second volume is Qiu Xi's earlier work *Yin Dou Lue*. That means *Yin Dou Ti Yong* only has two volumes. Qiu Xi's preface of *Yin Dou Ti Yong* was written in 1823, so it could not have been published in 1821.

Before *Yin Dou Ti Yong* was published, it seems that Qiu Xi had had a transcription named *Tian Hua Xin Yong* 天花新咏 because his classmate Ye Dalin said:

"In the year of Guiyou 癸酉 (1813), Count Zeng presented Qiu Xi with a tablet of four characters: *wu yao you xi* 勿药有喜 (having happiness without using remedy), to praise him for his outstanding medicine. From then on relatives, friends and literati sent him many poems and articles, which he collected and published under the title *Tian Hua Xin Yong*. I was very pleased when reading it, and presented him this poem to praise his ability of learning."⁴⁵

After receiving a considerable number of poems and articles, Qiu Xi published this transcription, changing its name to *Yin Dou Ti Yong*, which corresponds more appropriately with the contents. The tablet presented by Count Zeng is the first ode in *Yin Dou Ti Yong*, but dated the ninth month of the nineteenth year of Jiaqing (October 1814) instead of 1813. Qiu Xi began preparing this book in 1814 and completed it ten years later.

Count Zeng is Zeng Ao 曾燠 (1760-1831), called Shu Fan 庶蕃, alias Bin Gu 宾谷. He was born in Nancheng County of Jiangxi Province. He became *jinshi* 进士 (Metropolitan Graduate) in 1781, and was selected *hanlin* bachelor (选庶吉士). He was *buzheng shi* 布政使 (Provincial Treasurer) of Guangdong Province at that time. One of his sons was vaccinated by Qiu Xi, which is why he presented the tablet to him.⁴⁶ Because of Zeng's fame and honour, many other literati and functionaries also presented poems or articles to Qiu Xi. Count Zeng and *wu yao you xi* are frequently mentioned in the odes in *Yin Dou Ti Yong*.

One hundred and thirteen people contributed more than one hundred and thirty odes, which were collected and printed in *Yin Dou Ti Yong*. It is very unusual in Chinese history, before the end of Qing dynasty, for a technology, especially a foreign one, to be given so much respect and attention. The authors of these odes came from diverse backgrounds, including officials, literati, merchants, military officers, doctors, and even one poetess. Most of them were from Guangdong Province, or had occupations there. More than half of them were from Nanhai and Panyu counties, which suggests that vaccination was more accepted in these areas. Some of the authors were from other provinces. For example, Shu He 舒和 was a military officer in Beijing; Liu Guangxi 刘光熙 was *zhifu* 知府 (magistrate) of Yuezhou in Hunan Province; Wang Fu 汪阜 was an official in Nanxiong, Jiangxi Province; Zheng Zhaozheng 郑兆珩 was a *maocai* 茂才 (cultivated talent) of Jiangsu Province; Yi Nianzeng 伊念曾 was a senior licentiate of Fujian Province, etc. They may have learned about vaccination when traveling to Guangdong, and it is possible that they were involved in introducing it to their home towns. Unfortunately, it is still unclear how vaccination was spread to other provinces.

Qiu Xi said that these odes were put in chronological order when published, but, in fact, those of high officials were put in front. Qiu Xi probably arranged it this way to make the book more influential. The highest official to present a poem to Qiu Xi was Ruan Yuan 阮元 (1764-1849), *zongdu* 总督 (Governor General) of Liangguang Province. We can also find other high officials' odes in *Yin Dou Ti Yong*, such as Kang Shaoyong 康绍镛, the *xunfu* 巡抚 (Governor) of Guangdong Province. He gave Qiu Xi a tablet entitled *gong can bao chi* 功参保赤 (merit in

Instruments used in vaccination (Qiu Xi, *Yin Dou Lue*).

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

protecting children) in the first year of Emperor Daoguang (1821).⁴⁷ Peng Bangchou 彭邦畴 was a *hanlin* academician 翰林学士 and *xuezheng* 学政 (provincial education commissioner) of Guangdong Province. He wrote a long poem to Qiu Xi, some lines of which we quote here: “At the beginning of its introduction into China, people were very astonished at this foreign technology; but after reading Qiu Xi’s book, we know that it is very effective.”⁴⁸

Zhou Zuoxi 周祚熙 was *jinshi* and *tongpan* 通判 (assistant sub-prefect) of Xunzhou, Jiangxi Province. He noted in his poem that when he was an official in Shunde and Macao he invited vaccinators to carry out vaccines there.⁴⁹ Cai Menglin 蔡梦麟 was *jinshi* and magistrate of Qingyuan District of Guangdong. He wrote: “Were it not for Mr. Qiu’s merciful technology, we would not know that there were books of prescriptions in overseas countries.”⁵⁰ Other officials who wrote odes include Li Zonghan 李宗瀚, *ducha yuan zuo fu du yushi* 督察院左副督御使 (Vice-president of the Censorate); Fu Tang 傅棠, *xuezheng* of Guangdong; and Song Baohao 宋葆澍, education commissioner of the Guozijian 国子监 (Imperial Academy of Learning).

Besides paying for vaccinations, merchants also wrote poems to present to Qiu Xi. Wu Bingyong 伍秉镛, elder brother of Howqua II, for example, presented Qiu Xi with *Qi Gu* 七古, of which the first two paragraphs read as follows:

The deed of heaven could not be supplied by
human affairs,
But human beings would like to follow the will
of heaven.
Cowpox was first used in foreign territories,
Now it is introduced into Guangdong, having
here plenty of popularity.

After being vaccinated, and the vaccinia being
led into the holes of the human body,
The danger of smallpox is eliminated, and the
qi 气 of the human body is harmonized.
Parents are very afraid of vaccination because they
do not understand the theory of it,
Whereas it can guarantee that they have
abundant healthy children.⁵¹

Pan Zhengheng 潘正亨 (1779-1837), the eldest son of Puankhequa II, wrote a *Wu Gu* 五古 (see below),

and his brother Pan Zhengchen 潘正琛 wrote an article praising Qiu Xi as the people’s mother.⁵²

There are several authors from the same families, such as Wu Jiashu 吴家树 and Wu Jiamao 吴家懋; Ye Yingtai 叶应泰, Ye Yingjie 叶应阶, and Ye Yingyang 叶应阳; Ye Menglong 叶梦龙, Ye Menglin 叶梦麟, Ye Mengkun 叶梦鲲 and Ye Mengcao 叶梦草, etc. When one family member was successfully vaccinated, others soon followed. This was an important way of diffusing vaccination.

The intention behind these odes was not only to show their appreciation to Qiu Xi for vaccinating their children, but also, and more importantly, to encourage other people to trust in this new technology and method. *Yin Dou Ti Yong* appears to have been very helpful in the propagation of vaccination.

DIFFERENT CHINESE ATTITUDES
AND UNDERSTANDING OF VACCINATION

Joseph Needham said that “the Chinese indeed warmly accepted vaccination.”⁵³ But in fact, it was not true, especially in the early stages of its introduction. There were people who despised the new method, and people who doubted it. The former worried about losing their benefit of variolation if these vaccinations became popular, and the latter were afraid that this foreign art was a fake and would harm them if they were vaccinated. As Xu Shixian 徐士显 wrote in his poem, “People doubt vaccination, which was introduced by ships from overseas countries.”⁵⁴

According to the gazetteers quoted above, the Cantonese did not trust this new method of inoculation. Their fears and apprehensions contributed to the vaccine lymph dying in 1806 and 1810. This was confirmed by Pearson in his 1816 report. Some Chinese strongly objected to vaccination, especially the variolators. Pearson wrote:

“From their medical men, especially those who devote themselves peculiarly to the treatment of small-pox, it at first met with little acceptance. Alarms of failure have been occasionally spread; and although the difficulty of tracing such when stated, is a great incidental drawback; I have had occasion to see variola, measles, pemphigus and cutaneous eruptions, which had been supposed to arise from variolous infection in persons previously vaccinated.”⁵⁵

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

His next report in 1821 also mentioned:

“It had then extended to the adjoining province of Keang-se, but again dropped there, having been met by the hostility of the priesthood, who in that province had a double interest in the preservation of small-pox, by being much employed in the inoculation after the Chinese method, and in ministrations with their deities, to avert or mitigate the scourge. The breaking out of the scarlet fever afforded plausible ground of crimination against a practice, which was said to retain the poison in the system, to appear at a future time, in still worse shapes.”⁵⁶

This idea or view is supported by a poem by Gong Zaide 龚在德, which states that variolators criticized vaccination because of its extensive diffusion and the consequential loss of their business.⁵⁷

Most Chinese, even if they took the vaccination, still were prejudiced against it. For example, some people would not submit their children to vaccination when temperatures were high in the summer and autumnal months. They often thought that all diseases attacked or were contracted at this time of the season, and so vaccination was considered dangerous and risky. Thus, in order to preserve the vaccine lymph, vaccinators had to pay children of poor families to take the vaccination.⁵⁸

There was more to the Chinese variolators' prejudices and objections towards vaccination than simply jealousy, competition and loss of profits. There were other reasons. Firstly, it was a foreign method. During the reign of Emperor Jiaqing, Chinese were more anti-foreign than had been the case before. In the tenth year of Jiaqing (1805), (the year vaccination was introduced into China), according to a palace memorial from the Grand Minister of State, the Central Government ordered:

“Closing down the houses attached to the four Catholic churches in Beijing, and houses of the foreigners in the countryside; inspecting letters of foreigners in China; restricting the quantity of the servants and employees of the foreigners; prohibiting the foreigners studying the art of medicine.”⁵⁹

This statement shows that it was illegal for Pearson and Staunton to publish the treatise on vaccination in China in the first place! This may explain why Ruan Yuan's *Guangdong Tongzhi* 广东通志 states: “In recent

years, we have Qiu Xi's remedy of guiding smallpox out in Guangdong, which was very effective,”⁶⁰ without mention of Pearson or his treatise in Chinese. The proud Chinese people also would not believe that there existed high culture and art in foreign countries.

Moreover, Chinese attitudes towards foreigners became worse because of the opium trade. These were obstacles to Chinese people accepting this new method from foreign lands. Ruan Yuan, Governor General of the Liangguang Province between 1817 and 1826, wrote a poem to appreciate Qiu Xi after he vaccinated his children:

“The poison of opium has been brought to China, and although the most stringent means are used to prevent it, they do not succeed. Nevertheless, this foreign art of vaccination may be carried into all the provinces, for it will truly prolong life.”⁶¹

This poem shows the Governor General's complicated frame of mind. How to face the foreigners from the West? They bought opium to China at the same time that vaccination was introduced by them. His intentions are obvious: strictly forbid the opium trade but learn and diffuse the art of vaccination.

Secondly, this foreign art was very different from the traditional Chinese method. It used cowpox lymph inserted into the arms instead of using dry smallpox bacterin inserted into the nose. The efficacy of Chinese smallpox inoculation was enhanced in the Qing dynasty. A complicated system was improved to reduce the toxicity of the smallpox bacterin, so variolation became safer. The rate of success could reach more than 95 percent, and when done by the most skilled practitioners, it could be more than 99 percent.⁶² Usually, however, the Chinese variolators kept their method of inoculation a secret for the sake of profits,⁶³ and it was very expensive to get the smallpox lymph. Therefore, smallpox inoculation was not widespread.

It was hard for many Chinese to accept vaccine lymph because they thought human beings and cows did not have the same *qi*. Also, according to Chinese medical theory, it should be inserted into the nose, because the nose is the door to the lung, and the lung is the *guan* 官 (organ, having the meaning of official in Chinese) of skin and hair. When inserting smallpox bacterin into the nose, the *qi* of the bacterin is conveyed to the lung; and then from the lung it is conveyed to the heart, which is the *guan* of *xuemai* 血脉 (blood vessels); then it reaches the spleen, the *guan* of muscles;

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

then the liver, the *guan* of tendons; and finally the kidney, the *guan* of bones. The most poisonous virus of smallpox in bones and marrow is stimulated and started by the bacterin. When it reaches the tendons from the bones and marrow, the kidney is relieved of the virus; when it reaches the muscles from the tendons, the liver is relieved of the virus; the rest may be deduced by analysis. In the end, when the *qi* of the smallpox virus reaches granules on the skin, the lung is relieved of it, and then the whole body is released from smallpox.⁶⁴

According to Western medicine, vaccine lymph can be inserted anywhere in the skin. It is inserted into the arms only because it is more convenient. At that time, Chinese did not understand this. Pearson did not explain the theory of vaccination in his treatise, and as Zeng Zhao 曾钊 said in his postscript of *Yin Dou Lue*, people did not trust this new method because they did not understand the theory behind it.

Gradually, as in Europe,⁶⁵ people's attitudes towards vaccination changed for several principal reasons. First of all was the success of the new form of vaccination. According to Arriaga's report of 10 January 1806, the results of vaccination were so marvelous that there had not been even one smallpox patient in the past season, whereas many children and adults had died of smallpox before.⁶⁶ Qiu Xi also claimed that he had never failed in vaccination since he began this career.⁶⁷ Dr. Pearson and other Western and Chinese vaccinators had the same experience. Qiu Xi's *Yin Dou Lue* also played a very important role in this conversion. In this work he explained vaccination in terms of Chinese medical theories, which was more acceptable to the Chinese people.

Qiu Xi believed that the vaccine was more effective because the cow was an animal of *tu* 土 (earth, one of the five elements); and the spleen was the *guan* of *tu*, so cows and the human spleen had the same *qi*. This was contrary to Chinese ideas that they were of different *qi*. Smallpox virus existed in all the five *zang* 藏 (visceras), but the virus in the spleen was lighter than that in other organs, and the virus in the kidneys was the most poisonous. Therefore, by using vaccine with *qi* of *tu*, it was easier to extract the smallpox virus from the spleen and then relieve the whole human body.⁶⁸

Qiu Xi also wrote in his *Yin Dou Lue* that vaccinia should be inserted between the *xiaoshuo* 消烁 and *qingleng yuan* 清冷渊 acupoints on both arms, because this place was on the route of *shou shaoyang sanjiao*

jing 手少阳三焦经 (one of the twelve *jingmai* 经脉 of human body), and *sanjiao* 三焦 was the most important *fu* 腑 (internal organ), leading the five *zang*, six *fu*, *yingwei* 营卫 and *jingluo* 经络, connecting the *qi* of the inside and outside, topside and underside, left and right. Thus it was best to extract the smallpox virus from this key place of *sanjiao*.⁶⁹

In fact, Qiu's theory on vaccination is not scientific, but it was important for the new technique to be accepted in China. It was typical for Chinese to rationalize in this way before they would accept things from Western cultures. In his preface of *Yin Dou Lue*, Qiu Xi wrote that although vaccination and variolation were different methods, the theory of vaccination was contained in variolation, and both of them were good ways to extract the smallpox virus. This was a continuation of the idea of "Chinese origin of Western learning" 西学中源 from the time of Emperor Kangxi 康熙. Although variolation could be regarded as the origin of vaccination, this was not how Qiu Xi explained it, but an understanding that came with modern immunology.

Qiu Xi assimilated the main points of Pearson's treatise in his works, but then explained it in a Chinese way. He thought that the vaccine could be inserted any time during the year,⁷⁰ which was also stated in Pearson's treatise.⁷¹ Qiu Xi thought also that boys should be vaccinated in the left arm first, and girls should be vaccinated in the right arm,⁷² but this condition is not in Pearson's treatise.

Qiu Xi also added other reasonable ideas in his *Yin Dou Lue*. He reminded vaccinators to be sure to distinguish normal children from leprous children, who were common in Guangdong Province. He gave many Chinese remedies for peculiar circumstances, such as purulence, ulcer, bleeding, tinea and tumefaction caused by variola.⁷³ Although Qiu Xi's theory was opposed by the English doctor John Dudgeon,⁷⁴ it had considerable influence in China. We know from those odes presented to Qiu Xi that most of them understood vaccination according to Qiu's way of explaining it.

People accepted the idea that humans and cows could have the same nature. Pan Zhengheng wrote in his poem:

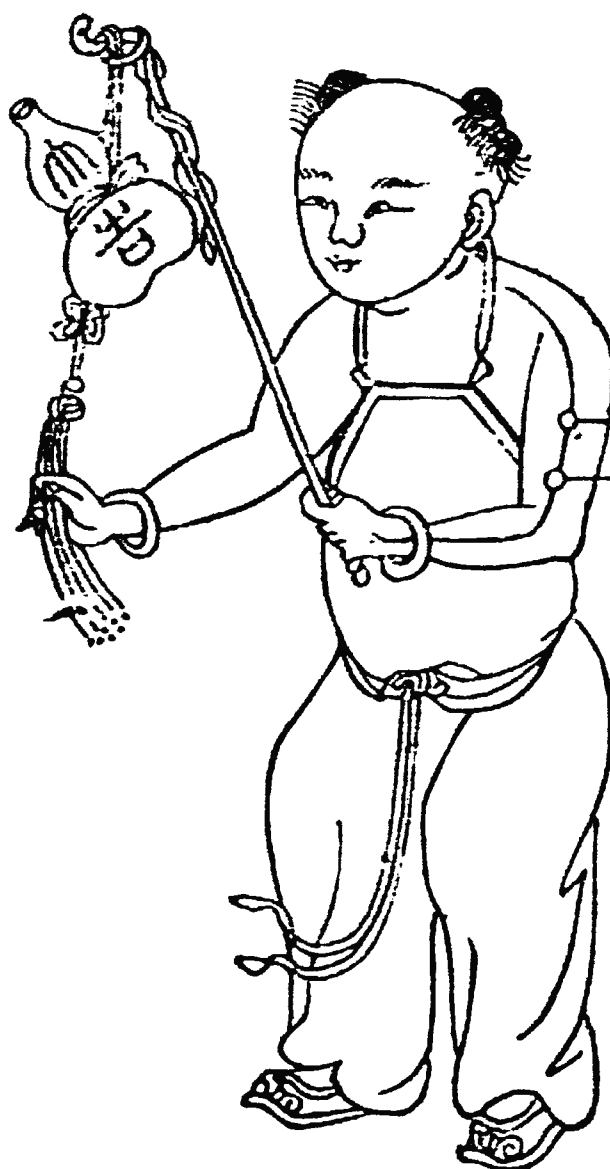
"When people heard of vaccination, the excellent technology which was conveyed from Western countries, they were so scared that their necks were

Location of the *xiaoshuo* and *qingleng yuan* acupoints (Qiu Xi, *Yin Dou Lue*).

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

手少陽三焦經圖

此圖按銅人圖尺寸孩兒大小不等宜因此類推



消燄穴去肩頭四寸
清冷淵穴在肘上二寸

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

crinkled. After Mr. Qiu experienced it with his own body, good fortune was diffused from one family to another. Although humans and animals are different species, they can have the same *qi*.⁷⁵

Cai Menglin wrote: “The nature of the cow is also the nature of man, which I know from Zi Yu 子與.”⁷⁶ Peng Bangchou stated in his poem: “Essentially, it is using humans to cure humans, so it is unnecessary to worry about the blight caused by different *qi*.⁷⁷

Xie Lansheng’s 谢兰生 poem said: “Although humans and cows are different species, physiologically, they have the same pulse.”⁷⁸ Wu Bingyong accepted Qiu Xi’s theory completely. In the poem mentioned above, he continued:

“Mr. Qiu has the most skilled art of vaccination; inserting vaccinia to the acupoints on both arms, where there appears light red. For *qi* affecting *qi*, and blood affecting blood, we need not flaunt and worship the uncanny workmanship.”⁷⁹

Qiu Xi’s *Yin Dou Lue* helped people believe that the theory of vaccination originated in China. Thus

essentially, although it was introduced from the West, it had existed in China all along. Liu Binhua 刘彬华 even considered this Western technology to have come from *Xiang Niu Jing* 相牛经,⁸⁰ the first book on raising livestock in China, written by Ning Qi 甯戚, who lived in the Spring and Autumn (Chun Qiu 春秋) Period. This idea swept away the barriers of the psychologically proud Chinese, who would have otherwise not accepted vaccination. By 1850 it had spread to many other provinces of China, including Jiangxi, Hunan, Jiangnan, Hubei, Beijing, Zhejiang, etc.⁸¹

Since the late Ming dynasty, Western medicine had been introduced into China principally by Jesuit missionaries, especially during the reign of Emperor Kangxi, but had little influence on Chinese medicine. Vaccination, on the other hand, was introduced by Western and Chinese merchants and doctors and saw much success in nineteenth-century China. Qiu Xi contributed a lot to this, and *Yin Dou Ti Yong* is a monument presented to him by his contemporaries and beneficiaries. **RC**

NOTES

- 1 John Dudgeon, ‘On Vaccination’, in *Zhongxi Jianwen Lu* 中西见闻录, vol. II, No. 13 (August 1873), pp. 221-232 and vol. II, No. 14 (September 1873), pp. 293-306.
- 2 Some papers and works should be mentioned here: Chen Yuan 陈垣, ‘The Introduction of Vaccination into China’, in *Journal of Medicine and Hygiene*, No. 6-7 (December 1908 and February 1909); K. Jimin Wang 王吉民 and Wu Liande 伍连德, *History of Chinese Medicine: Being a Chronicle of Medical Happenings in China from Ancient Times to the Present Period*, vol. I (Tientsin: Tientsin Press, 1932), pp. 139-164; Fan Xingzhun 范行准, ‘A History of the Thought of Chinese Preventive Medicine’, in *Journal of Medicine History*, No. 1 (1953), pp. 44-55; Peng Zeyi 彭泽益, ‘The Introduction and Spread of Western Vaccination and Dutch Pea Sponsored by Hong Merchants of Guangzhou’, in *Jiuzhou Academic Journal*, vol. 4, No. 1 (April 1991), pp. 73-84; Tianqi Zhelang 田崎哲郎, ‘Research on Yingjiligu Xinchu Zhongdou Qishu’, in *Collection of Japanese Western Studies* (Qingwen Tang Press, November 1994), pp. 203-220; Ma Boying 马伯英, *History of Chinese Medical Culture* (Shanghai: The People’s Press, 1994), pp. 803-827; Tom Colvin, ‘The Balmis Expedition: In Quest of the Antidote to Smallpox’ (paper delivered at the Fil-Hispano National Day Conference, in Malolos, Bulacan, 30 June 2003); José Caetano Soares, *Macau e a Assistência, Panorama Médico-Social* (Lisboa: Agência Geral das Colónias, Divisão de Publicações e Biblioteca, 1950), pp. 93-101; Manuel Teixeira, *A Medicina em Macau*, vol. II (Macao: Imprensa Nacional, 1975), pp. 163-182. Joseph Needham, *Science and Civilisation in China*, vol. 6 (Cambridge: Cambridge University Press, 2000), pp. 149-153.
- 3 Ma Boying, ‘Chinese Variolation is the Pioneer of Modern Immunology’, in *Journal of History of Chinese Medicine*, vol. 25, No. 3 (July 1995), pp. 139-143.
- 4 Xie Shusheng 谢蜀生 and Zhang Daqing 张大庆, ‘The Spread of Variolation in Europe and its Impact’, in *Journal of History of Chinese Medicine*, vol. 30, No. 3 (July 2000), pp. 133-137.
- 5 H. B. Morse, *The Chronicles of the East India Company Trading to China, 1635-1834*, vols. I-V (Oxford: Oxford University Press, 1926-1929), vol. II, p. 410.
- 6 Colvin, ‘The Balmis Expedition’, p. 12.
- 7 Soares, *Macau e a Assistência*, p. 94; and Teixeira, *A Medicina em Macau*, vol. II, p. 166.
- 8 Morse, *Chronicles*, vol. III, p. 16.
- 9 There are two originals of Alexander Pearson, *Yingjili Guo Xinchu Zhongdou Qishu* (1805), preserved in the British Library, Oriental and India Office Collection, 15252.a. 14, CHIN. E. 58. One of the originals is contained in Tianqi Zhelang, ‘Research on Yingjiligu Xinchu Zhongdou Qishu’, pp. 214-220. Pedro Huet appears in this text, with his name transliterated as Pidao Luhua 啤道路滑. See also Morse, *Chronicles*, vol. III, p. 16-17; and Needham, *Science and Civilisation in China*, vol. 6, p. 153.
- 10 Jose P. Bantug, *Bosquejo Histórico de la Medicina Hispano-filipina* (Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1952), p. 315; and Colvin, ‘The Balmis Expedition’, pp. 15-18.
- 11 In the report submitted to the National Vaccine Board on 18 February 1816, Pearson stated that “I observe that one of them (F. X. Balmis) states himself to have introduced the practice in this country; but

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

before his arrival in China, it had been quite extensively conducted by the Portuguese practitioners at Macao, as well as by myself among the inhabitants there and the Chinese, and the accompanying tract drawn up by me had been translated by Sir George Staunton into Chinese, and published several months previous to his arrival." *Chinese Repository*, vol. II (May 1833): pp. 36-37. In the preface of *Yin Dou Lue* 引痘略, Qiu Xi 邱熹 declared that he was the first person to obtain this new method of vaccination. Qiu Xi, *Yin Dou Lue* (1817), p. 4. In Tongzhi 同治 *Panyu Gazetteer* 番禺县志, it is written that Liang Guochi's practice of vaccination was the beginning of the eradication of smallpox in China. (gravure in the collection of Chinese Chorographies, p. 582). Daoguang 道光 *Nanhai Gazetteer* 南海县志 suggests that Qiu Xi had pirated Gnewqua's (Pearson's) work *Yingjili Guo Zhong Dou Qishu* 英吉利国新出种痘奇书. And Peng Zeyi emphasized the role of Hong Merchants, especially Gnewqua II. Peng, 'The Introduction and Spread of Western Vaccination', pp. 79-81.

- 12 Pearson said in his report that "A-he-qua, who has been engaged in the practice since 1806". *Chinese Repository*, vol. II (May 1833), pp. 40-41. Peng Zeyi pointed out that A-he-qua is Qiu Xi. Peng, 'The Introduction and Spread of Western Vaccination', pp. 77-78.
- 13 He was called so because of his extraordinary long head. Wang & Wu, *History of Chinese Medicine*, p. 144.
- 14 In Qiu Xi's *Yin Dou Lue* he signed his name as Nanhai Qiu Haochuan 南海邱浩川.
- 15 Qiu Xi said in his *Yin Dou Lue* (p. 3) "when I was 32, I was vaccinated by a foreign doctor, and since then I had vaccinated more than ten thousand children in thirteen years". *Yin Dou Lue* was published in 1817, so Qiu Xi was vaccinated in 1805 and was born in 1774.
- 16 See Ye's preface of his poem in Qiu Xi, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I (1823), p. 12.
- 17 See Zhong's poem in Qiu, *Yin Dou Ti Yong* vol. I, pp. 7-8.
- 18 Wang & Wu, *History of Chinese Medicine*, p. 146.
- 19 Qiu Xi's preface of his *Yin Dou Lue* p.4.
- 20 *Chinese Repository*, vol. II (May 1833), p. 37.
- 21 Daoguang *Nanhai Gazetteer*, vol. 44, 'Miscellanea', No. 2.
- 22 *Panyu Gazetteer*, Vol. 47, 'Biographies'.
- 23 *Chinese Repository*, vol. II (May 1833), p. 37.
- 24 *Panyu Gazetteer*, vol. 54, 'Miscellanea', No.2.
- 25 This name is transliterated in Chinese documents as La Fo 喇佛.
- 26 Portuguese sources record that the vaccine had died out in Macao in 1808 and was again brought from Manila by six boys. Soares, *Macao e a Assistência*, pp. 98-99. I am not sure if this was the same event as mentioned in the *Nanhai Gazetteer*.
- 27 Daoguang *Nanhai Gazetteer*, vol. 44, 'Miscellanea', No. 2.
- 28 Wang and Wu, *History of Chinese Medicine*, p. 145.
- 29 *Chinese Repository*, vol. II (May 1833), p. 38.
- 30 Peng, 'The Introduction and Spread of Western Vaccination', p. 83.
- 31 Qiu, *Yin Dou Lue*, 'Preface'.
- 32 *Yi Zong Jin Jian* 医宗金鉴 is a huge imperial compilation of medical works published in 1742. *Youke Zhongdou Xinfu Yaozhi* 幼科种痘心法要旨 is included, and became the standard textbook for variolation at that time.
- 33 Tianqi Zhelang, 'Research on Yingjiligu Xinchu Zhongdou Qishu', p. 203. Cf. *Joint Bibliography of Chinese Traditional Medical Works* (Press of Chinese Classical Medical Works, 1991).
- 34 Daoguang *Nanhai Gazetteer*, vol. 25; *Yiwen Lue* 艺文略, No. 1.
- 35 Tongzhi *Nanhai Gazetteer*, vol. 10, 'Yiwen Lue'.
- 36 Peng, 'The Introduction and Spread of Western Vaccination', p. 81.
- 37 Morse wrote that "Mr. Pearson drew up a pamphlet, which was put into Chinese by Sir G. Staunton, 'with the assistance of Chinese who follows the medical profession'; and this book of instructions was godfathered by Gnewqua, who happens to be at present at Macao and who has promised to assist in the translation and to lend the name of his Hong, without which, perhaps, it might not obtain

circulation, it being indispensable that Books printed in China should appear the production of or be sanctioned by some Native holding a public situation." Morse, *Chronicles*, vol. III, pp. 16-17. Unfortunately, we don't know who was this assistant following the medical profession.

- 38 *Chinese Repository*, vol. II, May, 1833, pp. 40-41.
- 39 Samuel Couling, *The Encyclopaedia Sinica*, p. 345. Quoted by Peng, 'The Introduction and Spread of Western Vaccination', p. 75.
- 40 Wang and Wu, *History of Chinese Medicine*, pp. 145, 147.
- 41 Wang and Wu considered that Qiu Xi died in 1850, but according to his son's record, Qiu Xi died in the first year of Xianfeng 咸丰 (1851). Hongdao Tang, 'Preface', in Qiu Chang 邱昶, *A Complete Book on the New Method of Vaccination* (1895). The preface was written in 1862.
- 42 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, 'Preface'.
- 43 Peng, 'The Introduction and Spread of Western Vaccination', p.81.
- 44 Qiu, *Yin Dou Lue*, pp. 1-3.
- 45 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, p.12.
- 46 See Zhang Yanji's 张衍基 poem in Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 6.
- 47 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 2.
- 48 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 1.
- 49 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 1.
- 50 Qiu, *Yin Dou Ti Yong* vol. I, p. 2.
- 51 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 10.
- 52 Qiu, *Yin Dou Ti Yong* vol. I, p. 8.
- 53 Needham, *Science and Civilisation in China*, vol. 6, p. 153.
- 54 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, pp. 13-14.
- 55 *Chinese Repository*, vol. II (May 1833), p. 38.
- 56 *Chinese Repository*, vol. II (May 1833), p. 40.
- 57 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 10.
- 58 *Chinese Repository*, vol. II (May 1833), p. 38. Tongzhi *Nanhai Gazetteer*, vol. 26, Miscellanea, No. 5.
- 59 Wei Qingxin 卫青心, *French Policies on the Mission in China*, translated by Huang Qinghua 黄庆华 (Beijing: Social Science Press, 1991), p. 35.
- 60 Ruan Yuan 阮元, *Guangdong Tongzhi* 广东通志, vol. 331, Miscellanea, no. 1.
- 61 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 2.
- 62 Ma Boying, 'Chinese Variolation is the Pioneer of Modern Immunology', in *Journal of History of Chinese Medicine*, vol. 25, No. 3 (July 1995), p. 141.
- 63 Zhang Yan 张琰, *New Book on Variolation* (1741), 'preface'.
- 64 Qiu, *Yin Dou Lue*, pp. 1-2.
- 65 Vaccination was rejected in Europe at its early stage, and one of the main reasons of the opposition was the circumstance that a domestic animal was used as the source, which was similar with what happened in China. Needham, *Science and Civilisation in China*, vol. 6, p. 150, n. 139.
- 66 Teixeira, *ibid*, p. 167.
- 67 Qiu, *Yin Dou Lue*, 'Preface', p. 4.
- 68 Qiu, *Yin Dou Lue* p.1.
- 69 Qiu, *Yin Dou Lue*, pp. 2-3.
- 70 Qiu, *Yin Dou Lue*, p. 5.
- 71 Pearson, *Yingjili Guo Zhongdou Qishu*, p. 5.
- 72 Qiu, *Yin Dou Lue*, p. 6.
- 73 Qiu, *Yin Dou Lue*, pp. 14-17.
- 74 John Dudgeon, 'On Vaccination', pp. 232, 293, 303-304.
- 75 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 11.
- 76 Qiu, *Yin Dou Ti Yong* vol. I, p. 2. Zi Yu 子舆, name of Zeng Can 曾参, was a famous student of Confucius.
- 77 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 1.
- 78 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 2.
- 79 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 10.
- 80 Qiu, *Yin Dou Ti Yong*, vol. I, p. 2.
- 81 Liao Yuqun 廖育群, 'The Spread of Vaccination in Modern China', in *Journal of the Historical Materials on Chinese Science and Technology*, no. 2 (1988), p. 36.



Smallpox Vaccinations and the Portuguese in Macao

ISABEL MORAIS*

Dou Zhen Niang Niang,
goddess of child protection from smallpox.
In *L'imagerie populaire chinoise*,
Éditions d'Art Aurora, St. Petersburg, 1988.

* Ph.D. in Comparative Literature from the University of Hong Kong. Master in Luso-Asian studies from the University of Macao and graduate in German from the Lisbon's Universidade Clássica. Assistant Professor at the Macau Inter-University Institute.

Licenciada em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa, completou o seu mestrado em Estudos Luso-Asiáticos na Universidade de Macau e doutorou-se em Literatura Comparada na Universidade de Hong Kong. Actualmente é Assistente no Instituto Inter-Universitário de Macau.

INTRODUCTION

*As round the room I turn my weeping eyes
new unaffected scenes of sorrow rise
Far from my sight that killing picture bear
the face disfigure and the canvas tear¹*

Lady Mary Montagu

We gave those two blankets and a handkerchief out of the smallpox hospital. I hope it will have the desired effect.²

Captain Simeon Ecuyer

Although the World Health Organization declared the world free of smallpox in May 1980, the possibility of the intentional re-occurrence of this dreaded disease continues to linger. Its threat, as a possible agent for bioterrorism, is taken very seriously by world leaders and governments.³

Not surprisingly, recent literature has shed light on the history of the eradication of smallpox and the value of preventative vaccinations that mobilized people around the world.

Some examples from the past show that issues related to smallpox immunity played a major role in the history of humanity independent of nationality, social strata and religious creed, in a universal quest to find protection from the devastating disease. For centuries, its feared power was the source of inspiration expressed through different forms of art such as songs, poetry and religious imagery and devotion. A multiplicity of cultures (Chinese, Japanese, European and African) came to rely on supernatural deities against the deadly ravages of smallpox.⁴

During European expansion and conquest, smallpox was introduced inadvertently by the Spanish into the New World, thus largely contributing to the decimation of local populations.⁵ Later, it became a destructive instrument when it was employed deliberately to exterminate the Native American population in North America, in one of the first documented attempts at biological warfare.

This article seeks to throw light on the reception of smallpox vaccination in Macao during Portuguese rule. We will concentrate, by way of introduction, on the measures adopted in the context of a trading port with a colonial administration willing to take the

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

initiative to support the latest developments in European medicine. Much research still needs to be done on the various Chinese attitudes towards vaccination in South China in the 19th and early 20th centuries. In particular, on the dichotomy of vaccination versus variolation.

Otherwise, as Roy MacLeod put it; “our understanding of non-western peoples and their role in constituting science remains incomplete”.⁶

BEFORE THE EXPEDITION: FROM VARIOLATION TO VACCINATION

*I am patriot enough to take pains to bring this useful invention into fashion in England.*⁷

Lady Mary Montagu

*The poorest and most
destitute doctors
have invented the inoculation.
But it must be pointed out
that those who are inoculated
are travelling with death.*⁸

A Mexican bolero

Variolation or smallpox inoculation is traceable to Asia, the Middle East and Africa, where for centuries, people were aware that survivors of many infectious diseases were immune to further infection. In China, this age-old procedure basically consisted of extracting variolous samples directly from a smallpox vesicle and introducing the material into other persons through the nose or skin to stimulate the body's natural process of immunization.⁹

Once exposed to the disease through variolation, patients would be immune for life. There was always a slight chance that the patient could come down with the disease, but it was still much safer than the risk of not being vaccinated. If one contracted the disease naturally, it could lead to severe disfiguration and death. The first emperor of the Qing dynasty (Shunzhi) died of smallpox at the age of 43 in 1661, and his successor (the Kangxi emperor) was chosen in part, because he had survived a smallpox attack and was therefore immune. Variolation became well known and it was described by several Chinese authors using poetic names ranging from ‘bean lesion’, ‘bean eruption’ and ‘heavenly flowers’ (Tian hua 天花) to an evocative term

conjuring up the image of an external invasion – Hun pox 匈奴痘.¹⁰ The first authentic description of smallpox is included in the *Zhou Hou Bei Ji Fang* 肘后备急方 (Handbook of Prescriptions for Emergencies) by Ge Hong 葛洪 dating back to the Jin Dynasty (265-419): “Recently there have been persons suffering from epidemic sores which attack the head, face and trunk. In a short time they spread all over the body. The sores have the appearance of hot boils containing some white matter. While some of these pustules are drying up, a fresh crop appears. Patients who recover are disfigured with purplish scars which do not fade until after a year. The people say that it was introduced in the reign of Chien Wu, when that king was fighting the Huns at Nanyang. The name ‘Hun pox’ was given to it.”¹¹

Although the English merchant John Lister reported the Chinese method of inoculation to the Royal Society in 1700, it was another variolization practice, widely employed in Turkey, that soon gained favor in Europe especially among children and adults of royalty, the aristocracy and the upper classes.¹² This consisted of inoculating lymphatic fluid extracted directly from a smallpox vesicle through a puncture on the arm of a healthy individual.

The acceptance of this procedure in Great Britain greatly contributed to Lady Mary Wortley Montagu's efforts in 1718 and the inoculation of condemned British prisoners in the 1720s.¹³

At about the same time, variolation began in the American colonies—learned either from inoculating African slaves or through the Jesuits who inoculated Indians in Brazil and Canada.¹⁴ In 1796, Edward Jenner (1749-1823), a rural physician in England, introduced the medical technique of ‘arm-to-arm vaccination’ with the variolic lymph of a cow (hence the name ‘vaccine’ which comes from ‘vacca’, the Latin expression for cow). His procedure established the basis of vaccination against smallpox, which consisted of inserting the virus from a cow into the human skin to cause an infection. Jenner's method, which was published and made available to the public in 1799, faced resistance.¹⁵ As governments began to compel populations to be vaccinated, it became a target of controversy and suspicion throughout the 19th century, not only in England and Portugal, but in the colonies of the New World and Asia as well. Important sectors of society,

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

from religious leaders to anti-vaccination societies, vehemently rejected both the idea of infecting humans with an animal disease and being 'infected' by other persons.

Despite the opposition, the term 'vaccination', named after Jenner's method, gradually replaced the term 'variolation' which was henceforth banned. It was made compulsory and became widely practiced in Europe, North America and Asia in the 19th century, which was partially a result of Dr. Balmis' outstanding medical achievements.

THE EXPEDITION, SMALLPOX, AND TRADE

*I don't imagine the annals of history furnish an example of philanthropy so noble, so extensive as this.*¹⁶

Edward Jenner

*Indeed, the Royal Expedition was the most ambitious medical project conceived and carried out to its day. Its name should be written large on the pages of medical history.*¹⁷

Michael Smith

Following the same pattern of diffusion as in Europe, the Jennerian vaccination in the Iberian peninsula first became known among royalty and the aristocracy. It was introduced in Portugal shortly after Jenner published his discovery. As late as 1799, two royal princes (Dom Pedro, the future emperor of Brazil) and his brother) were inoculated, which probably helped its introduction into Brazil.¹⁸ Yet, a certain controversy about the procedure persisted for a long time. A report written in 1805 by a Portuguese envoy, which was sent from the University of Coimbra to England to study Jenner's vaccination, was negative about the procedure. This happened, despite the favorable opinion expressed by the Faculty of Medicine and the University Hospital in Coimbra.¹⁹

In Spain, four years after the publication of Jenner's medical findings, after Charles IV's daughter, Princess Maria Luisa, recovered from smallpox, the king had his sons innoculated and he also promoted smallpox vaccination among his subjects. In 1803, he promulgated a royal order for Don Francisco Xavier Balmis (the royal surgeon), to lead the Real Expedición Filantrópica de la Vacuna (the Balmis-Salvany Expedition) to the Spanish dominions in America and the Philippines, which would last through 1806.²⁰

Balmis' expedition should be analyzed in the context of the framework of the Luso-Hispanic expansion and the advancement of scientific knowledge. The monarchies of both Portugal and Spain encouraged the diffusion of scientific knowledge through expeditions. The persons who were involved in Portuguese and Spanish expeditions, either in Africa or South America, made extensive cartographic productions and kept very detailed cultural and scientific records.

The scope of Balmis' expedition was not an exception. Besides the main objective of taking the vaccine across the Atlantic, it also aimed at establishing central vaccination boards to preserve vaccines and regulate vaccinations, as well as to train medical doctors and practitioners. Other objectives of the Expedition were to collect information on medicine used by local peoples and to gather information about the flora and fauna of the places visited.²¹

The lack of a regular supply of vaccination serum and effective preservation methods to transport the vaccine safely to distant places led to the use of human repositories. In Spain, twenty-two healthy orphan boys, between the age of three and nine years, were selected to be the living chain that would keep the virus alive during the Expedition.²² These non-immune children were chosen from the *Casa de los Niños Expósitos*, a foundling home in Santiago. Isabel Gómez y Cendala, the rectress of the institution, would take care of them during the sea voyage.²³ It was expected that afterwards, the viceroys in the Spanish dominions would be in charge of children's education and sustenance while they were minors.²⁴ Using the arm-to-arm transfer method, the supply of vaccine would be sustained, thus creating a steady vaccine stock. One pair of children after another was vaccinated every ninth or tenth day with the lymph of those innoculated in the previous week, to store and keep the vaccine effective along the sea journey.

From the 18th century onwards, the diffusion of news about smallpox vaccination became widespread via New World gazettes and European scientific journals. The constant interchange and collaboration among scientific associations and traders guilds also contributed to the dissemination of information and even generated congregated efforts to prevent smallpox in the territories that were under western rule.²⁵ Many doctors and surgeons, like Jenner in his earlier days, embarked on lengthy apprenticeships at sea. Balmis

116 Revista de Cultura • 18 • 2006

The Portuguese for example, had introduced the vaccine to Rio in as early as 1798, using a combination of private and public initiatives. Felisberto Calderia

In Asia, the earliest vague reference to variolation in Macao preceded Balmis' arrival. According to the East Indian Company's surgeon (Alexander Pearson), the Governor-General of the East India Company took

2006 • 18 • Review of Culture 117

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

the initiative of introducing the smallpox vaccine in China after it was successfully tried in the British possessions in India. The consignment arrived in October 1803, but had lost its effectiveness due to the long voyage.²⁹

On May 17 1805, four months before Balmis' arrival in Macao, Pedro Huet (a sea captain and ship owner of the *Esperanza*), brought the cowpox vaccine from the Philippines. He had apparently vaccinated himself, along with his crew in the same month.³⁰ This vaccine stock was put to use immediately in Macao, and then taken by Dr. Alexander Pearson to Canton.³¹ But perhaps due to an ignorance of how to preserve the lymph or the unfavourable climate, when Balmis arrived in September of the same year, the effectiveness of that vaccine stock was completely diminished.³²

These vaccination initiatives were not solely dictated by western humanitarian interests; an economic purpose also played a role. In fact before the Balmis expedition, several appeals were made to the king of Spain. A report by one of the king's physicians declared smallpox to be the 'first and principal cause of the depopulation of America'.³³ The Marquis of Bajamar (Governor of the Spanish Council of Indies) for example, had already urged the king of Spain to sanction an expedition to New Spain by stating that as "the result of depopulation, tribute diminished, commerce stagnated, fields lay unattended and mine production declined with consequent reduction in royal income".³⁴ He noted that depopulation would mean a decrease in income from taxes that the Spanish Crown received from the colonies, commerce and farming.³⁵

In the Philippines, Balmis himself stated that his interests in travelling to China were to develop Spain's political and commercial interests.³⁶ But he did not gain the support of local agents of the *Compañía de Filipinas*, but instead had to rely on the British doctors at the English factory in Canton for help. Ironically however, Balmis commented that the British in China had received a gift from the Spanish king.³⁷ Not surprisingly, in a city like Macao which depended

exclusively on trade, the news of Balmis' expedition was very much welcomed by the local official administrative apparatus. This happened despite the suffering of residents there, owing to a decrease in the male population, the build-up of debts, and a general decline in commerce in recent years.³⁸

SAILING TO MACAO

After accomplishing his seven-month mission to New Spain, Balmis' expedition was divided in Venezuela on April 29, 1804.³⁹ Part of the Expedition was placed under the direction of his deputy, José Salvany and went to Santa Fé in Peru and Buenos Aires, while Balmis went to Cuba and Mexico. From the Port of Acapulco, he embarked with another group for the Philippines on February 8, 1805. Balmis' mission was a tremendous success (as acknowledged by Edward Jenner himself) despite several obstacles, delays and personal frustration, because it was not unconditionally accepted in the colonies.⁴⁰

On the last leg of his voyage, Balmis left Spanish America to travel to the Philippines onboard the *Magallanes*—a corvette that carried twenty-six Mexican boys aged four to six years old to serve as vaccine repositories. The voyage lasted around two months. After his arrival in Manila on April 15, Balmis proposed the establishment of a central board of vaccination for the production, conservation and distribution of smallpox lymph. He also opened a health center to which all residents of the city could come to be inoculated. After the long trip, Balmis, who was suffering from dysentery, was prevented from returning to Spain. Aware that the vaccine had not yet reached China, Balmis, who needed a more suitable climate, decided to travel to Macao on September 3, 1805. He carried letters of introduction addressed to the Portuguese authorities in Macao and the Royal Philippine Company's agents from the Captain General of the Philippines.⁴¹



BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

Balmis travelled on the Portuguese ship *La Diligencia* to Macao, carrying three Filipino boys, who were provided by a priest in the parish of Manila, as vaccinal human carriers. Meanwhile, he commissioned his helper, Antonio Gutiérrez, to pursue his vaccination program in the Philippines before returning the Mexican boys to their homeland.⁴²

On September 10, after an eight day voyage between Manila and Macao, the vessel was prevented from landing due to unfavorable winds. While laying in Macao's outer harbor, the ship suffered much damage from heavy winds. According to Balmis:

"In a few hours the frigate was dismantled [...] and twenty men lost; there was not one amongst us who did not expect to find a watery grave... my efforts centred on preserving the vaccine and begging for mercy from on high... and I alone gave succour to the three children, despite my lack of energy... finally, on the sixteenth, the weather started to calm down and, at the moment, facing the eminent risks of Chinese pirates and thieves who flood these seas, I

disembarked in a small boat, carrying the children in my arms, thus, assuring our lives and the precious vaccine."⁴³

On September 16, Balmis, part of his ship's crew, and the boys took a Chinese fishing boat and managed to land in Macao, where local Portuguese civil authorities and church dignitaries joined to support him.⁴⁴

BALMIS IN MACAO

*This is precious discovery that benefits mankind and should absolutely be preserved permanently...*⁴⁵

Dr. Domingos Gomes

The diary of Balmis' extraordinary voyage, which would have described in detail his mission to Macao and Canton, was unfortunately destroyed during the French invasions after his return to Spain.⁴⁶ Fortunately, some of Balmis' letters and Portuguese official government records of health services in Macao have survived. They provide a vivid description of disease

View of the house where Miguel de Arriaga lived.



II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

TABLE I.

MAP FROM FIRST RESPONDERS VACCINATION PROGRAM IN MACAO SENT BY *OUVIDOR* ARRIAGA TO THE SECRETARY OF STATE OF NAVY AND OVERSEAS DOMINIONS IN PORTUGAL (16 DECEMBER 1805 – 5 JANUARY 1806)

Younger than 1 year	8
1 - 5 years	135
5- 10 years	94
10- 16 years	38
16 -18 years	2
18 - 24 years	30
Various ages	5
Total	312

Source: Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Lisboa, Macau, cx. 26, doc. no. 4, 1806/01/05 (see image on page 116).

prevention in South China and the effectiveness of the smallpox vaccination technique. They also show how Macao's colonial authorities perceived the importance of the dissemination of the smallpox vaccine. These documents reveal that the Macao authorities were not caught by surprise with the news of Balmis' visit, since they were carefully monitoring the smallpox vaccination mission in Macao. They supported the first establishment of a center in which all of Macao's residents could be vaccinated, and where doctors would be trained and taught the proper procedures. They also introduced a regulatory system in order to record people vaccinated and to keep the virus alive for future generations.

When Macao's authorities launched a campaign to promote vaccination under Balmis' supervision, the vaccination plan had already been explained well in advance of Balmis' arrival by the *ouvidor* (Chief Justice or Court Judge), Miguel de Arriaga Brum da Silveira, who was also the Judge of the Holy House of Mercy.⁴⁷

After Dr. Balmis' arrival Arriaga commissioned and financed Dr. Domingos Gomes with establishing an inoculation programme and preserving the vaccine.⁴⁸ In May 1805, a letter written by Arriaga to the Hospital da Casa da Misericórdia [Holy Mercy Hospital], included instructions for the organization of staff, the management of public vaccination sessions (probably

with the vaccine brought by Pedro Huet and his crew), and the identification of social group targets. It also explicitly mentioned that the vaccination sessions should be controlled and certified by the Portuguese surgeon stationed in Macao.⁴⁹ Arriaga also ordered that suitable accommodation be prepared at the Hospital da Casa da Misericórdia for smallpox patients from whom the insertion would have to be taken to propagate it daily to prospective volunteers. They needed to be present during the doctor's appointment hours.⁵⁰

Despite Arriaga's instructions and the Macao Holy House of Mercy's agreement to keep up to four patients and pay for all related expenses, the vaccination plan did not take place at the designated hospital. As in Europe and other parts of the world where similar initiatives raised strong resistance, Arriaga regretted that there were no volunteers for the vaccination sessions which were supposed to be held at the Holy House of Mercy's hospital. Therefore, in his letter addressed to the Ministry and Secretary of State on January 10 1806, after the first vaccination sessions took place, Arriaga began his account of the vaccination implementation with reference to the objections that he encountered such as 'superstition and education' within Macao society.⁵¹ His letter implicitly reveals that Arriaga sought to reassure the local population. Through a locally published proclamation, he formally summoned all of Macao's residents (mainly parents, their children and slaves) to his own house, where he would have been the first to be inoculated. In fact, his strategy had precedents in other parts of the world. After the Balmis expedition left Spain and anchored in the Canary Islands, the offspring from the 'familias distinguidas' (distinguished families) were first vaccinated to set the example for the common citizens.⁵² Not surprisingly, a similar strategy involving charismatic figures in society and their own families was also implemented by the British in India in 1801.⁵³

In Macao, the medical officer physician and army surgeon, Dr. Domingos Gomes, was the head of the Commission created by Arriaga and was responsible for successfully inoculating the first vaccine in Macao on September 16, 1805 with Balmis' assistance.⁵⁴ They used the product brought from Manila by Balmis, and the vaccination sessions were conducted exclusively at Miguel de Arriaga Brum da Silveira's house. It was located near the present day headquarters of the Macao SAR Government.

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

TABLE 2.

MAP OF THE SECOND RESPONDERS VACCINATION PROGRAM IN MACAO (JANUARY 1807)

Children of Portuguese, aged 2 months-7 years	41
Children of natives, aged 3 months-7 years	160
Chinese, aged 1 to 8 years	41
New Christians, also Chinese, aged 6 months-12 years	31
Orphans, aged 1-4 years	8
Soldiers from Goa, aged 16-30 years	25
Slaves, among 'cafres' (Kaffirs), Timorese and Malays, aged 4-25 years	71
Total	377

Source: AHU, Macau, cx. 27 doc. no. 4, Oficio, 1807/01/18 (see image on page 117).

The effects of the first phase of the vaccination plan led by Dr. Balmis with Gomes are clearly visible in the available vaccination statistics. Gomes' medical report lists the first responders of the vaccination program that were sent by Arriaga himself in January 1806, to the Ministry and Secretary of State (Table 1).⁵⁵ Curiously, the figures wrongly reveal that Balmis and Gomes vaccinated 314 persons instead of 312 during public sessions that were held every 10 days. Yet, there are no additional details about the people who were vaccinated in Macao, except for the information regarding prominent figures of Macao's colonial society. Arriaga and Macao's bishop, Friar Manuel Gualdino, endorsed the vaccination program and chose to be inoculated on that occasion.⁵⁶

Gomes further certified through his medical report that none of the citizens had died from smallpox after he had been commissioned for the inoculation and preservation of the vaccine matter brought by Balmis.⁵⁷

The reports on the smallpox vaccination sent by both Gomes and Arriaga to the Portuguese Crown also reveal that the Portuguese authorities perceived the vaccination as a European practice. And they considered all of those involved in its implementation as pioneers in a struggle against local ignorance and superstitions. In his report, Gomes also praised the colonial government led by Arriaga and the vaccination

program, which had been accomplished under Arriaga's wise and preventive auspices.⁵⁸

After training Gomes in the methods of transmitting and safely conserving the lymph, on October 5, 1805, Balmis left for Canton where he remained for almost two months.⁵⁹

After Balmis' return from Canton on November 30, he pursued the vaccination program with Gomes in Macao. Another Portuguese report, dated January 1807, mentions that 377 people (Table 2)⁶⁰ were inoculated during the second stage of the vaccination program. The reports contain more information and shows the extraordinary juxtaposition of origins, cultures and social strata of Macao residents. Despite Balmis' complaints about the lack of cooperation from the *Compañía de Filipinas*, during his stay in Macao and Canton, he made an acquaintance with Dom Francisco António Pereira Thovar, an agent for the company that owned the ship *Bom Jesus de Além*. Thovar offered Balmis passage to Lisbon, which he could pay for later. But he declined, as his passage fare had been paid by Don Juan Martín de Ballesteros, the former chief of the *Compañía de Filipinas*.⁶¹

Balmis embarked for Lisbon on February of 1806, carrying hundreds of drawings of Chinese flora and 10 boxes of live plants to be offered to the Royal Botanic Gardens in Madrid.⁶² He arrived at the British island of St. Helena in June of 1806, where he

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

introduced his vaccination method.⁶³ Finally, he arrived in Spain where he was received by Charles IV on September 7, 1806.

The aftermath of Balmis' pioneering work did not survive long in Spanish America due to the wars for independence, as he would report after his voyage to Mexico in 1809.⁶⁴ In Macao however, although the preservation of the vaccination fluid was sporadic, the local authorities made possible preventive measures against smallpox after Balmis's departure. Portuguese official reports and letters included information about the quest for vaccine supplies through either human carriers from the Philippines or samples from Portugal and Japan to stock official colonial medical facilities at times when there were no effective methods for preserving the vaccine against the tropical temperatures.⁶⁵

All of these documents emphasize that this remarkable accomplishment of medical cooperation contributed to Macao being well ahead of other colonial outposts. The local Portuguese government authorities and medical officers in Macao had the insight and

initiative to understand the benefits of continuing Balmis' legacy. It is worthwhile bearing in mind, that in Portugal, the *Instituição Vacínica* [Vaccinic Institution] was only created in 1812.⁶⁶

Macao would remain a center for vaccination in the region. Gradually, the cowpox lymph, following the example in the Philippines, would be replaced by the lymph from the water buffalo, which had identical properties. In 1820, a delegation from Vietnam led by a French doctor who had lived in Macao, returned to obtain the smallpox vaccine so he could inoculate the emperor's children.⁶⁷ Again, the vaccine was transported using two children, and it served to implement a vaccination center and train doctors following Balmis' methods.⁶⁸

The smallpox campaigns in Macao lasted until the disease became completely eradicated in 1948. The network of physicians and entrepreneurs in Macao combined with Dr. Balmis' expertise contributed to the implementation of smallpox vaccination in the Pearl River Delta, with repercussions in other parts of Asia. **RC**

NOTES

- 1 Poem entitled 'Town Eclogues: Saturday; Smallpox. Renaissance Editions, *Selected Prose and Poetry by Lady Mary Wortley Montagu*. <http://darkwing.uoregon.edu/~rbear/montagu.html>; accessed on 12 December 2005.
- 2 Captain Simeon Ecuyer distributed smallpox-infected blankets and handkerchiefs to Native Americans Indians besieging a fort during the French and Indian wars in 1763. This action caused an epidemic in the population, who had no immunity to the disease. John W. Harpster, ed., 'Journal of William Trent', from *Pen Pictures of Early Western Pennsylvania 1720-1829*, pp. 103-4.
- 3 On December 13 2002, following the September 11 attacks on the United States, President George W. Bush ordered a compulsory smallpox vaccination program for all USA military personnel and a voluntary program for vaccinating emergency medical personnel. In the United Kingdom, the vaccination of military and medical specialists in the case of biological attack was announced. Richard Pilch, *Smallpox: Threat, vaccine and US policy*; <http://cns.mis.edu/pubs/week/pdf/smallpox.pdf>; accessed 14 December 2005.
- 4 In China, for instance, Chuan Xian Hua Jie 传香花姐 is considered the Chinese goddess of smallpox. Donald R. Hopkins, *The Greatest Killer: Smallpox in History*.
- 5 One of the first outbreaks of smallpox in the New World was in 1520, when it was introduced by Spanish explorer Hernán Cortés and his soldiers and decimated the Aztec population. Walter Mignolo, *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization*, *passim*.
- 6 Roy MacLeod, et al. (org.) *Nature and Empire: Science and the colonial enterprise*, p. 6.
- 7 A letter addressed by Lady Mary Montagu to her friend Sarah Chiswell on 1, April 1717, mentioned the practice of 'engrafting'

- (today known as variolation or inoculation). *Lady Mary Montagu*, a site created and hosted by David V. Cohn, Ph.D., Emeritus Professor of Biochemistry, University of Louisville http://www.findersofscience.net/lady_mary_montagu.htm.
- 8 A bolero popularized in Mexico, quoted by Michael Smith, The "Real Expedición Marítima de La Vacuna" in New Spain and Guatemala, *Transactions of the American Philosophical Society*, New Series, Volume 64, Part I, 1974, p. 11.
- 9 One of those techniques involved utilizing the scabs from smallpox lesions soaked in moistened cotton (achieved through using camphor, herbs, or musk) and placing them into the nostrils of a healthy individual for inhalation. A second technique was effected by blowing powdered smallpox scabs into the nostrils through a bamboo tube. Li Shizen 李时珍, a Chinese scholar of the Ming dynasty (1368-1644), compiled the *Ben cao gang mu* 本草纲目 (Great Pharmacopoeia), in which, besides including descriptions of drugs, prescriptions and illustrations, he described the process of smallpox inoculation. Such techniques were also recorded in Chinese medical literature in the 17th century by Yu Chang in *Miscellaneous Ideas in Medicine* of 1643, and Dong Han in *San Gang Shi Lue*, written in 1644. Hopkins, *op. cit.*, pp. 108, 114.
- 10 James C. Moore, *The History of the Smallpox*, p. 137.
- 11 F. I. Tseung, 'China's contribution to medicine', *The Bulletin of Hong Kong Chinese Medical Association*, p. 32.
- 12 Nicolau Barquet, and Pere Domingo, 'Smallpox: The Triumph over the Most Terrible of the Ministers of Death', *History of Medicine*, 15 October 1997, Volume 127, Issue 8 (Part 1), pp. 635-642.
- 13 British aristocrat and poet, Lady Mary Wortley Montagu (1689-1762), survived smallpox and contributed to the introduction of variolation in England and Europe, mainly among royalty. Married

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

- to the British ambassador in Constantinople, she witnessed how the Turkish regularly carried out the inoculation and had her sons inoculated. During the epidemic of 1721, Sir Hans Sloane, physician to the royal family, successfully inoculated some British prisoners. *Ibid.*
- 14 'Vacinas', FioCruz (Fundação Osvaldo Cruz), Bio Manguinhos, http://www.bio.fiocruz.br/interna/vacinas_historia.htm; accessed on 1 December 2005.
 - 15 Edward Jenner, *An inquiry into the causes and effects of the Variola Vaccinae, a 'disease' discovered in some of the Western Counties of England, particularly Gloucestershire and known by the name of Cowpox*.
 - 16 Dr. Jenner praised the vaccination expedition of King Charles IV on November 22, 1806 in a letter to his friend the Reverend Mr. Dibbin. Rafael E. Tarrago, 'The Balmis Smallpox Expedition', *Perspectives in Health*, vol. 6, No. 1, 2001; http://www.paho.org/english/dpi/Number11_article6.htm; accessed on 23 November 2005.
 - 17 Smith, *op. cit.*, p. 3.
 - 18 'Vacinas', http://www.bio.fiocruz.br/interna/vacinas_historia.htm; accessed on 1 December 2005.
 - 19 Heleodoro Jacinto de Araújo Carneiro, *Reflexões e observações sobre a pratica da inoculação da vaccina, e as suas funestas consequencias feitas em Inglaterra*, Londres, Mr. Cox, Filho, e Baylis, 1808. See Pita, João Rui Pita, "Farmácia, Medicamentos e Saúde Pública em Portugal (1876-1935). Algumas questões e Problemas", paper delivered at a seminar held at the Instituto de Ciências Sociais, on December 10, 2002, in Lisbon.
 - 20 Francisco Javier Balmis (1753-1819) served as a surgeon in the Royal Navy and as the king's physician. He translated an important treaty on vaccination by Moreau de Sarthe into Spanish, and resided in Mexico from 1778 until 1790. Smith, *op. cit.*, p. 20.
 - 21 In the 18th century, it became popular among Europeans to record and produce drawings of herbarium specimens and live species of plants. Balmis compiled information about the plants used by the local herbal healers that he met on his voyages, and he pursued this interest in China. *Ibid.*, pp. 16, 61.
 - 22 The children's names were recorded when they arrived in Mexico. *Ibid.*, p. 34.
 - 23 In his reports and letters Balmis praised the rectoress for her generosity and dedication during the voyage, which made her infirm. The expedition included Balmis as director, two practitioners, three male nurses, and a secretary. Smith, *op. cit.*, pp. 20, 60.
 - 24 Smith, *op. cit.*, p. 15.
 - 25 *Ibid.*
 - 26 *Ibid.*, p. 23.
 - 27 Larry Stewart, 'The Edge of Futility: Slaves and Smallpox in the Early Eighteenth Century', *Medical History*, 29(1), 1985, pp. 29-70.
 - 28 Felisberto Calderia Brant Pontes Oliveira Horta, (1772-1842) took part in the movement for Brazilian independence and became well known as a diplomat and minister under Dom Pedro, the Portuguese prince, who became emperor of Brazil in 1825. Genea Plus, http://genealogia.netopia.pt/pessoas/pes_show.php?id=45514; accessed on 10 November 2005.
 - 29 Dr. Alexander Pearson was appointed as surgeon of the East India Company. Charles R. Boxer, *A note on the interaction of Portuguese and Chinese medicine at Macau and Peking, 16th-18th centuries*, p. 16.
 - 30 Although it is generally assumed that Pedro Huet or Hueta had Portuguese nationality and he was married to a Portuguese, he might have been a foreigner who had acquired Portuguese nationality. He is sometimes referred to as Pedro Hewitt by English and Chinese authors. See Wu Tien-Te, 'Early days of western medicine in China', *Journal of the North China branch of the Royal Asiatic Society*, 1931, pp. 9-10. He is also referred to as a parsee by a Portuguese author. See José Caetano Soares, *Macau e Assistência, Panorama Médico-Social*, p. 99. He was a Macao resident trader and owner of several ships involved in the Macao, Manila and Batavia routes, and he was also involved in the civic affairs of the city. In a document signed by the Portuguese city dwellers, sending a donation to the Portuguese Crown during the Napoleonic Wars on October, 18, 1805, he confirmed his payment in English. *Arquivos de Macau*, 3rd series, vol. IV, no. 6, December 1965, pp. 340-342. As a ship owner, Hut became associated for a certain period with the wealthy trader Manuel Pereira who owned the Casa Garden villa beside Camões Park in Macao. Carl Smith Collection, Public Records Office, HKSAR. In 1813, he was commissioned by *ouvidor* Arriaga to go to India (Bengala) and collect information about opium manufacture by the British. Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Macau, cx. 35, doc. no. 14, Ofício no. 10, 1813/01/11.
 - 31 See letter written by Arriaga to the Hospital da Casa da Misericórdia on May 21, 1805. Arquivo Histórico de Macau/SCM/163, cx. 50. mic. A337.
 - 32 Boxer, *op. cit.*, p. 16.
 - 33 Hopkins, *op. cit.*, p. 224.
 - 34 Smith, *op. cit.*, p. 15.
 - 35 *Ibidem.*
 - 36 Smith, *op. cit.*, p. 58.
 - 37 *Ibid.*, p. 68.
 - 38 AHU, Macau, cx. 20, doc. no. 8, Ofício 1794/03/12 and 1794/11/12.
 - 39 Emilio Balanguer Perigüell, and Rosa Ballester Afol, 'En el nombre de los Niños, Real Expedición Filatrópica de la Vacuna, 1803-1806', Edición electrónica, Asociación Española de la Pediatría, 2003, p. 144; <http://www.aeped.es/balmis/libro-balmis.htm>; accessed on 29 August 2005.
 - 40 A royal order issued by the king of Spain encouraged bishops and other clergy to support the expedition and even record the vaccination of children six months after baptism and record it in a special parochial registry. Yet, in some parts of the Americas and the Philippines, Balmis did not always gain the support of Church dignitaries. Smith, *op. cit.*, p. 14.
 - 41 *Ibid.*, p. 56.
 - 42 Perigüell, *op. cit.*, p. 170.
 - 43 "En pocas horas desmanteló la fragata, [...] y veinte hombres extraviados; no había uno entre nosotros que no esperase por momentos ser sepultado entre las olas del mar ... la conservación de la vacuna y el implorar la misericordia divina fue todo mi conato, sin que el hallarme solo para toda clase de asistencia de los tres niños, ni mi falta de fuerzas fuera capaz a postrarme ... llegó por fin el día dieciséis, en que empezó a serenarse el tiempo y en el momento, arrojando los eminentes riesgos de piratas y ladrones chinos que inundan estos mares, verifiqué mi desembarco en una pequeña canoa, llevando en mis brazos a los niños, con lo que aseguramos nuestras vidas y la preciosa vacuna". Díaz de Yraola, G. quoted in *Libro sobre la Expedición Balmis*, www.aeped.es/libro.5pdf; accessed on 29 August 2005.
 - 44 *Ibid.*
 - 45 Father Manuel Teixeira, *Os Médicos de Macau*, p. 36.
 - 46 Smith, *op. cit.*, p. 62.
 - 47 Miguel de Arriaga Brum da Silveira (1776-1824) is one of the most famous Portuguese people in Macao's historical annals. When Dr. Balmis arrived in Macao, Arriaga was a young man who after serving in Brazil, had recently arrived in the city where he lived an almost legendary life. Although he was the *ouvidor* (Chief Justice or Court Judge), he also fought off pirates from Macao, managed to oppose the occupation of Macao by the British, and performed the role of diplomat with Chinese officials, with whom he also maintained close commercial and personal ties. He would also become active in the political fight between liberals and constitutionalists and its repercussions in Macao, which would lead him to becoming an opponent of Dr. Gomes in the 1820s. Father Manuel Teixeira, *Miguel de Arriaga, passim*.
 - 48 Teixeira, *A Medicina em Macau*, vol. 2, 'A Nosologia em Macau', pp. 169-70.

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

- 49 Arquivo Histórico de Macau/SCM/163, cx. 50. mic. A337.
- 50 In Macao, there were three hospitals: the military hospital, the Chinese hospital and the civil hospital of the Holy House of Mercy. The latter was also an asylum for the elderly and invalids and only accepted Catholics, except in exceptional circumstances. Álvaro de Melo Machado, *Coisas de Macau*, p. 124.
- 51 AHU, Macau, cx. 26 doc. no. 4, Ofício, 1806/01/10.
- 52 Smith, *op. cit.*, p. 20.
- 53 Brimnes, Niels, 'Variolation, Vaccination and Popular Resistance, in Early Colonial India', *Medical History*, 2004, April 1; 48 (2): 199-228.
- 54 Dr. Domingos Gomes, a Portuguese surgeon, came from Bengal (India), a region where the Portuguese had settled since the 17th century, to Macao in 1803, where he served as surgeon of the garrison troops on duty in Macau. AHU, Macau, cx. 24 doc. no.29, 1805, 01/11. After 1817, he became an opium trader and a political opponent of Arriaga. He was forced to return to India for political reasons after living in Macao for two decades. Teixeira, *Os Médicos de Macau*, p. 36; Teixeira, *A Medicina em Macau*, vol. 2, p. 71.
- 55 AHU, Macau, cx. 26 doc. no. 4, Mapa, 1806/01/05.
- 56 Friar Manuel Gualdino was Bishop in Macao from 1802 to 1805. *Ibid.*
- 57 AHU, Macau, cx. 26 doc. no. 4, Anexo; 1806/01/26.
- 58 *Ibid.*
- 59 Balmis found a Chinese youth to convey the virus and travelled with him to Canton. Smith, *op. cit.*, p. 59.
- 60 AHU, Macau, cx. 27 doc. no. 4, Ofício, 1807/01/18.
- 61 Smith, *op. cit.*, p. 59.
- 62 Perigüell, *op. cit.*, p. 171.
- 63 On St. Helena Island, Balmis vaccinated children, held several conferences for local doctors and received from the Governor a sealed packet that had arrived six years earlier with a portion of lymph and Jenner's handwritten instructions. Smith, *op. cit.*, p. 60.
- 64 Perigüell, *op. cit.*, p.174.
- 65 For instance, during the 1808 monsoon season, the lymph stock expired, but Balmis' method was pursued, because six boys who had departed from Manila were successively vaccinated during the voyage. Soares, *Macau e a Assistência*, *op. cit.*, p. 100. For information about the acquisition of 100 tubes of vaccine in 1888, see Microfilm A0 703.
- 66 This institution created by proposal from the academic Bernardino António Gomes. Pita, *op. cit.*, p. 13.
- 67 Michele C. Thompson, 'Mission to Macau: Smallpox, Vaccinia and the Nguyen Dynasty', *Portuguese Studies Review*, vol. 9, nos. 1 and 2, 2001, pp.194-232.
- 68 *Ibid.*

BIBLIOGRAPHY

- Balanguer Perigüell, Emilio and Ballester Añón, Rosa. "En el nombre de los Niños, Real Expedición Filatrópica de la Vacuna, 1803-1806", Edición electrónica, Asociación Española de la Pediatría, 2003.
- Barquet, Nicolau, and Domingo Pere. "Smallpox: "The Triumph over the Most Terrible of the Ministers of Death", *History of Medicine*, 15 October 1997, Vol. 127, Issue 8 (Part 1), pp. 635-642.
- Boletim Oficial do Governo de Macau*, no. 24, 4-4-1857.
- Boletim Oficial do Governo de Macau*, no. 25, 11-4-1857.
- Boxer, Charles. *A note on the interaction of Portuguese and Chinese medicine at Macau and Peking, 16th-18th centuries*, Macao: Imprensa Nacional, 1974.
- Brimnes, Niels. "Variolation, vaccination and popular resistance, in early colonial India", *Medical History*, 2004, April 1; 48 (2): 199-228.11.
- Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) Bio Manguinhos. Vacinas.http://www.bio.fiocruz.br/interna/vacinas_historia.htm.
- Harpster, John W., ed. *Pen Pictures of Early Western Pennsylvania 1720-1829*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1938.
- Hopkins, Donald R. *The Greatest Killer: Smallpox in History*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- Jenner, Edward. *An inquiry into the causes and effects of the Variola Vaccinae, a 'disease' discovered in some of the western counties of England, particularly Gloucestershire and known by the name of Coupox*. London: Samson Low, 1708; Birmingham. AL: Classics of Medicine Library, 1978.
- Machado, Álvaro de Melo. *Coisas de Macau*, Macao: Kazumbi, 1997.
- MacLeod, Roy et al. (org.). *Nature and Empire: Science and the colonial enterprise*, Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- Mignolo, Walter. *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003.
- Moore, James C. *The History of the Smallpox*, London: Longman, 1815.
- Palha, J. António Filipe de Moraes. *Macau e a Saúde Pública*, Macao: 1917.
- Pilch, Richard. "Smallpox: Threat, Vaccine and US policy"; <http://cns.miiis.edu/pubs/week/pdf/smallpox.pdf>.
- Pita, João Rui. "Farmácia, medicamentos e saúde pública em Portugal (1876-1935). Algumas questões e problemas", paper delivered at a seminar held at the Instituto de Ciências Sociais, on December 10, 2002, in Lisbon.
- Smith, Michael. "The Real Expedición Marítima de La Vacuna in New Spain and Guatemala", *Transactions of the American Philosophical Society*, new series, 64, 1974, Part I, p. 1-74.
- Soares, José Caetano. *Macau e Assistência, Panorama médico-social*. Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1950.
- Stewart, Larry. "The Edge of Futility: Slaves and smallpox in the early eighteenth century", *Medical History*, 29(1), 1985.
- Tarrago, Rafael E. "The Balmis Smallpox Expedition", *Perspectives in Health*, vol. 6, No. 1, 2001; http://www.paho.org/english/dpi/Number11_article6.htm.
- Teixeira, Father Manuel. *A Medicina em Macau*, vol. 2, "A Nosologia em Macau", Macao: Imprensa Nacional, 1975.
- Teixeira, Father Manuel. *Os Médicos de Macau*, Macao: Centro de Informação e Turismo / Imprensa Nacional, 1967.
- Teixeira, Father Manuel. "A Vacina", in *Miguel de Arriaga*, Macao: Imprensa Nacional, 1966.
- Thompson, Michele C. "Mission to Macau: Smallpox, Vaccinia and the Nguyen Dynasty", *Portuguese Studies Review*, vol. 9, nos. 1 and 2, 2001, pp. 194-232 .
- Tseung, F. I. "China's contribution to medicine", *The Bulletin of Hong Kong Chinese Medical Association*, p. 32.

Manila, Macao and Canton

The Ties That Bind

PAUL A. VAN DYKE*

INTRODUCTION

After Macao (1557) and Manila (1571) were established the Portuguese and Spanish became intricately connected to and influenced by developments and events in the wider South China Sea. From that time forward, the history of the Pearl River Delta developed very much as an ongoing interaction between those two ports, Canton and South China. Recent scholarship has brought out some of the connections between the delta and the Philippines. In this article, we will start with a brief summary of the historical connections in the 16th and 17th centuries, then bring out some new information about the 18th century connections, and conclude with a few comments about the ongoing relationship that continue to bind these regions one to the other.

Activities in the South China Sea often affected Manila, Macao and Canton in similar ways, and to some degree, tied their futures together. Even today, we cannot explain or understand social, political or economic developments in Hong Kong or Macao without taking into consideration the tens of thousands of Filipinos who provide a substantial part of the workforce in the region.

For centuries, Manila has been closely connected to South China, which, in its broader contexts, is a

shared history of all people involved. Dr. Balmis' arrival to China in 1805 is significant to all parties, including Chinese, Portuguese, Spanish and others who lived here at the time. In order to bring the commonalities between these regions closer into view, we shall retrace some important historical connections that united the interests and concerns between the Philippines and the delta, which brought them into a wider, common sphere of interaction.

JAPAN: TRADE, RELIGION AND WAR

From the start, Macao and Manila have had a close connection that at certain times in history was characterized more as a love-hate relationship than a congenial one. In the early years, Spanish in Manila were very jealous of Macao-Portuguese connections with Japan. By the late-16th century, Macao had become an intricate part of an international network that tied Europe, India, China and Japan into one interdependent market. Fabrics from Europe and India were brought to East Asia, where they were exchanged for Chinese silk and Japanese silver, with the latter two commodities also being exchanged for each other. But the exchanges were not only commercial. Jesuit missionaries in Japan were very successful, with thousands of Christian converts, and many of them became allies and trading partners with Portuguese and Spanish merchants.¹

As has been shown in past studies, there was much opposition in Japan to religious propagation, but also much acceptance. By the early seventh century, Portuguese and Spanish missions were firmly rooted

* Ph.D. in History from the University of Southern California.
Assistant Professor of History at the Macau Inter-University Institute.

*Doutorado em História pela Universidade da Califórnia do Sul.
Professor Auxiliar no Instituto Inter-Universitário de Macau.*

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

in Japan. With the arrival in the early 17th century of the English and Dutch, both of whom were Protestants, the commonalities and connections between Macao, Manila and South China came more into focus. The Protestants threatened Macao and Manila equally, on both commercial and religious fronts, and they caused many problems for South China, so their appearance was a common threat and problem to the entire region.

Having been under control of the Spanish empire itself, and broken away in 1581, the newly founded Dutch Republic openly proclaimed its intentions to destroy the Portuguese and Spanish trade in Asia. In their efforts to upset those empires, the ships of the Dutch East India Company launched several attacks on Macao from 1603 to 1607. They also attacked and defeated the Portuguese bases in the Spice Islands in 1605; attacked the Portuguese in Mozambique in 1607 and 1608; and assaulted the Spanish in the Philippines in 1610.²

In the year that followed, English and Dutch merchants worked through their political connections in Japan to disadvantage the Portuguese and Spanish missions and trade there. But the two Protestant nations were also fighting between themselves, which kept them from being effective foes against the Iberians. From 1613 to 1619, the English and Dutch nations held a series of talks to figure out a way to end their animosities. In 1619 an accord was finally reached that brought the two nations into alliance to damage the Spanish and Portuguese presence in Asia.³

The failed Dutch attack on Macao in 1622 is a well-known event, which needs no explanation here. But the attacks on Manila and Macao in the two years preceding this event are little known and deserve some attention. After assembling in Batavia in 1620, the Anglo-Dutch Fleet of Defence launched a concerted effort to blockade and attack Iberian concerns in the entire region from Manila to Japan. The fleet was made up of ten ships, five English and five Dutch. They removed to Japan during the monsoon season, where they blocked Iberian interests there as well.

After the winds changed the Anglo-Dutch Fleet set out from Japan with the specific objective to hunt down and capture all vessels in the South China Sea that were suspected of trading with the Spanish or Portuguese in Macao, Manila, Japan and elsewhere. It did not matter whether there were any Spanish or Portuguese aboard, only that the cargo was destined to

the Iberians. These military activities brought the entire region under attack, which by 1622 had pushed those economies into deep depression.

In August 1622, the English pulled out of the joint-alliance owing to the heavy costs they endured, and left East Asia. The Dutch then took over the effort, and launched the unsuccessful attack on Macao. They set up a base in the Pescadores where they could continue their attacks against vessels going to the Portuguese and Spanish settlements. The Ming government finally brought the matter to an end by surrounding the Dutch fleet, and opening negotiations with them. In 1624, an agreement was reached whereby the Dutch removed to Taiwan, where they were allowed to trade conduct trade with China. The Dutch then tried their best to divert trade from Manila and Macao to their base in Taiwan, which kept the two cities focussed on their common enemy.⁴

In 1637, the English returned to the delta with another fleet in hopes of opening trade. When they failed to gain access to Macao, they went upriver to Canton and tried any means they could to persuade Chinese officials to open negotiations. In the end they were unsuccessful, and were forced to leave. Macao was now temporarily relieved of the menace, but the city was still under severe constraints owing to the catastrophic loss of the Japan missions and trade.

In 1635, Shogun Iemitsu issued a decree forbidding Japanese from going abroad, which left many overseas Japanese stranded in Macao, Taiwan, Siam or wherever they happened to be living at the time. By 1639, the Spanish and Portuguese missionaries had all been expelled and their missions closed. Macao lost its access to Japanese silver, and now Manila became more important to it for that supply. St. Paul's Church in Macao was built with the help of Japanese converts, and now stands as a memorial to the importance of Japan as one of the unifying factors in the region at the time.

A final blow came to the Portuguese Asian network when the Dutch captured Malacca in 1641, which greatly upset the commercial network between Goa and Macao. This event marks the end of the era that was held together by the unifying factors of trade, religion and war, with Japan as the centre of focus. Manila, Macao and South China then entered a transitional period where their common interests went through major reshuffling until a new equilibrium emerged, which saw Taiwan as the centre of focus.⁵

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

TAIWAN: TRADE, POWER AND CONQUEST

The Dutch in Taiwan continued to draw as much trade away from Macao and Manila as they could. The Spanish, who had established bases in the north of the island, were eventually driven off the island by the Dutch. But as the Qing armies continued to take over one Chinese province after another, until all of South China was under its wing, the unification of Taiwan now became the focus.

After the Dutch were expelled from Taiwan in 1662 by the Zheng regime, Manila continued to be affected by the events that were unravelling in the South China Sea region. With trade links between that port and China being upset due to war, Manila became more open to encouraging private (non-East India company) trade with India. Armenians, Muslims and European private traders began to arrive, and gradually new commercial networks emerged.

Macao merchants also experimented with establishing trade in various Southeast Asian ports. Foreign ships began visiting Macao and ports along China's coast to try out the possibilities, but with only marginal success. The Manila-Macao exchanges were renewed, but on a small scale. In 1680, missionaries from the Philippines came to China via Macao, and new trade networks emerged.⁶

The English also re-entered the region and established an inconsistent trade with China via a base in Taiwan which they held from 1670-1685. From this outpost they established loose links to southern Chinese markets. The Dutch tried to re-establish direct trade with China, but in the end, decided to attract Chinese junks to Batavia instead.

After Taiwan was brought under Chinese rule in 1683, China became more open to the idea of encouraging maritime commerce. As was pointed out, Manila and Macao were already exploring new options for trade, and after China shifted its policy, a new environment emerged, with Taiwan no longer in the picture.

Hearing of the successful trade some of the private India traders were now engaged in the region, the English and French East India Companies decided to try their luck. Manila and Macao were not interested in opening trade with these companies, but other Chinese ports were now experimenting with these commercial contacts. At the same time, Chinese junks increased their trading activities between China's

southern harbours, Macao, Manila, and ports throughout Southeast Asian.

From 1685 to 1700, these trading activities continued to increase. Taiwan was swept aside, and gradually Canton emerged as the most attractive destination for foreign merchants. As Spanish, Chinese and other private traders from Manila extended their operations to Macao, they gained links into the huge market upriver. Chinese merchant family networks were established between Manila, Fujian, Macao and Canton, which kept trade flowing regularly and smoothly. A new era emerged where Canton became the unifying focus of the region.⁷

CANTON: TRADE, CAPITAL AND INFLUENCE

By the mid-18th century close connections had been established between several Spanish, Portuguese and Chinese firms and families who were involved in trade. In the 1730s, a Chinese merchant in Macao by the name of Tan Honqua was organizing much of the trade to Manila. When he died in 1738, the Dutch mention that he was 10,000 taels indebt to the Spanish in Manila and 5,000 taels to Manuel Vicente in Macao. These collaborations between Chinese, Spanish and Portuguese grew deeper roots as the trade developed.⁸

The Pan and Chen families intermarried and between them, they had numerous relatives and associates living and working in Fujian, Canton, Macao, Manila and other harbours. The famous hong merchant Poankeequa (Pan Zhencheng 潘振承, but more commonly known as Pan Qiguan 潘启官), who set up shop in Canton in 1751, was partially responsible for bringing Manila, Macao and Canton closer together. Poankeequa spent part of his childhood in Manila where he learned to speak Spanish (Illustration 1). His extended family was based in Fujian, where they participated and invested in the junk trade to Manila and other ports in Southeast Asia.

Poankeequa had worked in a Chen family trading house in Canton. Poankeequa was related to the Manila merchant, Gregorio Chan, and also to a Manila captain, Tan Matay. Both of these men sailed regularly between Manila and Macao in the mid- to late-18th century. Their junk *Quim Contay* operated out of the Xieshun Gongsí 协顺公司 in Manila, which was run by Jorge San Clemente (Illustration 2). Clemente, Gregorio Chan and Captain Tan Matay spent several months in

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

Don Juan Grill

Mi Señor mis me alegro mucho q' al resi-
uo de esta, logre Vmd. perfecta salud, en compa-
ñia de las Honrras de Vmd. Otraz

Excusei estas insignias Lineas, supli-
cando a Vmd. de buscareme Ceiv Paros de poles
Coco, de los mas grandes q' ay, o vno hubiere
de parte de Vmd. me haxa fauor de dizen, al
Sr. D. Sargen, M.^o Ano, de buscareme dho
Paros de poles, p. q. yo se q' Vmd. anda siemp.
enfazado de las Honrras, q' no dexara de
teorer, y de aqui algunas dias, vendra
personas de migasa, para sacari estas
necesitas p^a Embiar, a mi Madre en mi
tierra. y con esto Dios le guarde Vmd.
m. ams. Canton, 8. de Mayo, de 1766.

De Vmd. afectuoso.
y Amigo, servidon.

Juan Kagua

潘啟官

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

Cuenta y lista del Dinero, que el Sr. *Famataray Capn del.*
Champan nombrado *Quimcongta*, y vino del Puerto de
 Canton alar *Island Philipinas*, por cuenta Tercera, o de com-
 pania entre los *Srs* *Phua Hequa*, *Don Miguel Guio*, *Don*
Juan Abrah Guill, y *Don Jorge N. Clemente* *Resuio* en
 la Provincia de *Ilocos*, y en la Ciudad de *Manila*, para
 pagar los gastos causados por dho *Champan*, y carga, ma-
 nutencion de su tripulacion, y composicion de dho *Champan*.
 Sumamente *Quinientos* *quarenta* y *seis* p. 8.
Resuio dho *capn* en *Ilocos* 0546.
 Fto. *Matro* mill *veis* *cientos* *noventa* y *tres* p. 10
is reales y *veis* p. 10 en *Manila* 4069396. 6.
 Fto. *Gasto* *Don Jorge N. Clemente* *emba.*
descarga, y *carga* *quese hizo* en *Ilocos*, *Ca*
maxines, *guardia*, y *despachos*, de los qua-
 les *gastos* fue *tercio* dho *capn* *Famataray*, 073584.
 Todas lasquales partidas *axuila* *Expre* 5097582. 6.
ivadas *importan* *Cinco* mill *nuevecientos* *setenta* y
cinco p. 10 *xx* y *veis* *quienos*. *Para* *q.* *contra* *lo* *firma* *di*
cho *capn* *Famataray* *en* *caracteres* *chinos*, y *revisaron*
dos *al* *honor* *de* *esta*, *para* *q.* *cumplido* *el* *pro*, *el* *oco* *no* *s*
valga. *Manila* y *Mayo* 8. de 1765. 2.

恒
 公
 司
 印

II CENTENARIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

Illustration 3: Invoice in Spanish dated 1766 concerning the financing junk *Quim Contay's* (Kim Cong tay) voyage from Manila. Persons involved in these shipments included Swedish supercargoes Michael Grubb and Jean Abraham Grill, Spanish merchant Jorge San Clemente, and Poankekqua (Pan Qiquan), who signed and chopped the document. Nordic Museum Archive, Stockholm. Godgärskivet Archive, F17, T1_05225

Manuscript exp.

Lista de lo que ha sobrado de la venta de los efectos que se han vendido
que el soma Kim Cong tay ha traydo de Manila llevando los gas-
tos y mediciones por la entrada de la soma quedo en mi poder doce
tael dos mas tres cond. y tres cafes. — — — 0012:23:3 cas
Th. por los gastos que gasto de menub. la soma — 0009:15:2:
Th. rebajando los 5 tael 1 m. 5 c. y 2 cas de devo — 0007:08:1 cas
P. La recibida de la soma pague a la
tripulacion y casco de la soma. — — — 2572 tael
Rebajando los 7 tael 8 cond. y 1 cas. resta — 2564:9:1:9 cas
Th. por los 1453 pedasos de Cuero que pague p. que
D. Jorge no le ha pagado 1407 p. d. x. y 9 gran.
reducidos a tael. — — — — — 1013:46:7 cas
Las dos partidas suman — — — — — 3578:39:6

Recivi a D. Grill el dia 6 de la Luna quinta
el año 6511 123 p. 2 m. y 3 cond. reducido apelo — 0088:8:1:
Th. recivi en la sexta luna 820 tael reducidos
a balanza — — — — — 4407:4:
Entrego las dos partidas suma — 0496:2:1 cond.

Rebajando de los 3578 tael 3 m. 9 c. y 6 cas, la
Cant. de los 896 tael 2 m. 1 c. que me entrego — 3082:17:6 cas

De partidas entre los tres dicho Cant.
le vale a cada uno 1027 tael 3 m. 9 c. y 2 cas,
las dos partidas de D. Grill y D. Grill deve
2054 tael 7 m. 8 cond. y 4 cas fuera de este no es-
ta puesto la ganancia a costumbre de la tie-
rra que son 20 por ciento al año, Comensando
desde el año de 1766 y su producto v. m. d. sabe
bien hacer la Cuenta vale. — Deve 2054 t. 7 m. 8: 4 cas



BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

Macao each year in the 1760s taking care of the commerce. They coordinated everything with Poankeequa, and conducted their trade through the Chen trading house called the Dafeng Hang 达丰行. In his younger years, Poankeequa had worked in this firm, where he learned the trade. He probably knew the Chens from his childhood, because both families had extended business dealings in Manila and Fujian.⁹

Poankeequa's example is one of several that show the close relations and interactions between Chinese, Spanish, Portuguese and other merchants involved in the Manila trade. At the time of Balmis's arrival in Macao, many of the Portuguese and Spanish ships were being freighted and financed by Chinese merchants. Poankeequa's successor, Pan Youdu 潘有度, was managing that family's trade with the Philippines in 1805.

On 5 September 1802, for example, the Spanish company ship *Urca Ferrolina*, Captain Joa Zerauz, left Manila bound for China. The cargo was consigned to Pan Youdu, but unfortunately, the ship sank on 15 September near Grand Lema Island. Forty-eight persons drowned, and 900,000 piasters of silver went down with the ship.

The Spanish supercargo, J. M. Issaguirre, hired the English company ship *Coromandel*, for 12,000 Spanish dollars to salvage the wreck. They returned to the site on October 4 with 40 Chinese divers. With great risk to the lives of the divers, they managed to fish up 70,000 piastres, but the rest of the cargo had already been stolen by local Chinese.

The Spanish supercargoes Battesteros, Morales and Urros pleaded with the Mandarins in Canton to help them recover the stolen property, but to no avail. In the end, the Spanish refused to be held responsible for the loss. Pan Youdu had no recourse to recover his investments. This example shows how closely the Pan family was involved in the trade to Manila, and other hong merchants were doing the same.¹⁰

After the smallpox vaccine arrived from Manila in 1805, Pan Youdu and several of his relatives helped to launch the inoculation programme. Besides promoting Chinese vaccinations, they also gave financial support. Other Chinese families were involved as well, but owing to a lack of documentation, we have only general and brief references to those exchanges.¹¹

Sometimes the names in the records are misleading. Recent studies have shown that many Chinese converts in Macao and Manila adopted Portuguese or

Spanish names. Some of these men were involved in the trade so we cannot necessarily correlate those names with ethnicities. Jorge San Clemente, for example, signed one of his invoices with both his Spanish name and his Chinese name Chen Xieshun 陈协顺 so was he Spanish or was he Chinese? José dos Santos was involved in the trade in Macao in the 1770s and 1780s, and he was a Chinese Christian so the names can be deceiving.¹²

There were others involved in these interchanges as well such as Armenians, Muslims, Parsees, other private traders, and officers of the East India Companies (Illustration 3). Some of these privateers were captains and merchant aboard the ships, while others served as commission merchants, brokering services in Manila, Macao and Canton to keep trade moving. And some of these men also adapted Portuguese, Spanish, French or other foreign names. The private agents provided funds to both foreign and Chinese involved in the Sino-Manila exchanges, and they consigned cargo space aboard those vessels to anyone who wanted it.¹³

One of the items that was shipped regularly from China to Manila was silk. Manila processed raw silk into fabric, which was then re-exported. Silk was a much sought after commodity at this time, and had strong demand in markets throughout the world. Manila played a special role in these trade links: silk fabrics were exported from Manila to the Spanish colonies in the Americas, in exchange for silver, much of which ended up in Macao and Canton. This trade was a continuation of the old silk-silver exchanges that were so popular in the 17th century, and represents the long and enduring connections between these regions and markets.

In addition to the silk-silver connections, the Philippines also supplied South China with rice. From the 1780s onward, many private ships went to Manila to obtain a cargo of rice before going to China. The Americans were especially active in these exchanges, but English, Spanish and others were as well. Rice ships paid reduced port fees in Canton, which was a big benefit to small private traders. They could avoid the high port fees, and still purchase a cargo of tea for the return passage to Europe, India or the Americas. By the 1830s, there were twenty to thirty ships carrying nothing but rice to Canton each year, and much of that product came from Manila.¹⁴

By the time Balmis arrived, there were other elements operating in the delta that had a huge impact on the region, pirates, opium and warships. Together,

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

these aspects shifted the focus of attention to the South China Sea as a whole, and this wider region then became the common unifying factor.

SOUTH CHINA SEA: WAR, PIRATES AND CONTRABAND

In the late-18th and early-19th centuries, the South China Sea was a very dangerous place for all vessels. War between the Europeans often spilled over into Asian waters, with warships attacking and capturing enemy vessels wherever they could be found. Vessels bound for enemy ports, regardless of whether or not they flew under an enemy flag, were targets of this aggression. As we saw early, military encounters had long been a threat to peace in Manila, Macao and South China, and it was no different in the 18th and early-19th centuries.

All foreigners were welcomed to China to trade so there was no need to use force to gain access that market (as the Dutch and English had done previously). But enemies of traders did not want to allow their foes those privileges because trade produced profits, and profits were what were needed to finance military operations. In order to see how prevalent these encounters were, we need only look a few examples.

In the early 1730s, the Ostend General India Company ships were forced out of East Asian commerce because of English and Dutch threats of attacking them; in the mid-1740s, French ships were prevented from arriving to China because of the ongoing war with the English; In the 1760s, French and Spanish ships were threatened by English ships patrolling the waters from Manila to the delta.¹⁵ From 1762 to 1764, the English attacked and occupied Manila, which greatly upset the commerce to South China. Some Spanish officers fled to Macao for refuge, and Chinese merchants in Canton, Macao and Fujian had their trade stopped.

War often strained available silver resources to the point that foreign merchant ships arriving to China would not have enough silver to purchase their export cargos. In the early 1760s, for example, there was a great deficiency in the capital supply in Canton. Strong demand for money, in turn, led to higher interest rates for Chinese merchants, which was a direct result of the situation in Manila. Merchants who struggled to stay afloat were, in turn, attracted to the contraband trade such as opium. All of these events were interactive,

which means we can no longer look at such things as the opium trade as simply being a problem developing independently in South China. It had much wider influences and effects.¹⁶

In the early 1780s, some of the merchants in Canton were very hard-pressed owing to the Dutch ships being attacked by the English and thus not arriving to China. The Yifeng Hang 义丰行 was one of the largest merchant houses, and was run by the Cai 蔡 and Qiu 邱 families. It had been in existence since the early 1730s, and played a major role in the growth of the foreign trade as well as the junk trade to Southeast Asia. This depended heavily on Dutch capital to finance the trade and when those ships failed to arrive in 1781 and 1782, owing to war, the firm was forced into bankruptcy. Because the Canton merchants were so closely connected to Macao, and to the junk trade, their failures had a broad impact that often affected Manila.¹⁷

When Dr. Balmis arrived in 1805, the region was embroiled in the Napoleonic Wars, with English warships cruising neighbouring waters, on the look out for French merchant ships and their allies. There was no way the indigenous powers in Asia could prevent these naval activities. But piracy was also a problem.

Since the arrival of the Portuguese and Spanish in Asia, there had been a problem with piracy in the South China Sea. The inability to control those elusive elements has often been pointed out by historians as one of the main reasons the Portuguese were allowed to establish a base in Macao. When Balmis arrived in 1805, piracy was pandemic owing to the thousands of displaced people from the wars in Vietnam. Vietnamese refugees left in droves and moved about the South China Sea looking for whatever means they could to sustain themselves. Many were driven to the delta, where they attacked whoever they could to gain the necessities of life.

Macao, being the southern most port open to the sea and the gateway to the riches of the Canton trade, had to remain on guard constantly to keep the pirates from taking over. Portuguese ships, such as the *Nossa Senhora da Conceição* and *Sta. Cruz*, were outfitted as cruisers to hunt for pirates. These and other Portuguese cruisers escorted Chinese junks to and from destinations all along China's southern coast to protect them against pirate attack.¹⁸

When Balmis arrived in Macao, there were upwards of 20,000 to 30,000 people moving about in 800 pirate junks of all sizes. They sailed in groups

BICENTENARY OF THE INTRODUCTION OF THE SMALLPOX VACCINATION TO MACAO

surrounding and attacking small vessels and pillaging villages. They took control of several islands around Macao. A major campaign was launched by the Chinese government, in conjunction with Portuguese in Macao, to rid the region of this menace. Many small merchant vessels, such as the one *Balmis* arrived on from Manila, were extremely vulnerable to these attack.¹⁹

Chinese junks coming from Southeast Asian ports stopped in Macao to hire a Portuguese escort, to protect them against attack. The Chinese navy was greatly expanded at this time as well, to cope with the problem. These were very precarious years for anyone travelling through the region. Merchants in Canton, Macao and Manila coordinated their efforts, as best they could, in order to minimize the risk of attack from pirates or foreign warships.²⁰

The flow of information was vital to their protection, which helps to explain why people in the delta learned of the arrival of the smallpox vaccine to Manila, long before *Balmis* landed in Macao. War and piracy were not the only threats facing the region. Diseases such as smallpox swept through villages creating fear and leaving much damage behind. It was thus in everyone's common interests to curb any spread of smallpox, and get the vaccine as quickly as possible. These wide reaching elements have continued to the present-day, which has now shifted the focus to specific economies and their regional interactions and influences.

SUMMARY

We have retraced some of the commonalities and connections that have influenced and impacted life in South China and Manila. Although these areas have been controlled by different governments, there were other factors that brought the two places together to provide regional security, wealth and protection. The quest to establish trade and missions in Japan created common interest in the late-16th century. The loss of those Japanese connections put strain on the entire region. The threat of English and Dutch attacks affected Manila, Macao and South China at the same time, and the threats of English establishing trade in the delta in 1637, the establishment of a Dutch base in Taiwan in 1624, and the Dutch capture of Malacca in 1641 continued to pressure and strain commerce in Manila, Macao and the delta.

The region then shifted its focus onto Taiwan. As an example of the influence the island continued to have, we only need to look at the stability that emerged after Taiwan was brought under China's control in 1683. Once this was accomplished, China became more interested in establishing and encouraging maritime commerce, which coincided with Manila and Macao's parallel efforts to find a new equilibrium. Private traders from India spearheaded the opening of trade, and then the foreign East India companies soon followed suit. The interests of the region then shifted to focussing on Canton and the booming trade there, which developed vast and intricately connected regional networks.

By the time *Balmis* arrived, the connections between Manila, Macao, Canton and Fujian had grown very deep roots. Chinese in Canton and Macao had relatives in Manila and Fujian who were taking care of different parts of the exchanges. There was much interaction between all parties, and it is not always easy to know the identities or ethnicities of everyone, because some Chinese Christians adopted Spanish and Portuguese names, as did others. But the important issue is that whatever happened in one market, at this time, often had a corresponding effect in another market in the region.

South China and Manila suffered together when war and piracy threatened their trade, safety and stability. War between foreigners in Asia affected the entire region, with warships cruising about looking for vessels trading in enemy ports. Silver shortages owing to the heavy costs of war in Manila in the early 1760s, resulted in a lack of silver to finance trade in Canton. The lack of silver, in turn, pushed interest rates up for loans taken out by Chinese in Canton, which lowered profits. The capital market had no borders and reacted very quickly to a change in another location. Piracy also affected the region, when trade was attacked, interrupted and diverted between the Philippines and China, and diseases, such as smallpox were regional concerns that required cooperation on many levels.

Some of these influences and threats continue today to pull the communities together. Macao, Hong Kong, Canton and the wider delta are now focussed on their individual economies, but still maintain close connections with the Philippines. Piracy continues to be an ongoing problem that can only be dealt with effectively on a regional and international level. International crime and terrorism could now be added

II CENTENÁRIO DA INTRODUÇÃO DA VACINA CONTRA A VARÍOLA EM MACAU

to the list of influences that bring communities in the region together to keep the peace and harmony of all places. Environmental issues such as air pollution, the transport of toxic chemicals and water contamination continue to be common problems that require joint efforts by everyone in the region.

On this anniversary of Balmis's arrival from Spain, we remind ourselves of how closely related our destinies are one to the other. It is only through shared and forward-looking efforts like Balmis's mission that we are able to overcome these foes that threaten all of the people and societies in the region. These adversaries

pay no heed to national boundaries so they require a like reactionary response to fight them effectively.

And the economies in the region are more linked today than they have ever been. The delta would be put to severe straits if the tens of thousands of Filipinos working in Hong Kong and Macao would all of a sudden decide to pack up and go home. The connections between South China and the Philippines are just as important today as they were 200 years ago. We continue to need and rely on people with a broad outlook like Balmis, to bring peace, health, wealth and welfare to the region. **RC**

NOTES

- 1 For a summary of the religious connections between Manila, China and Japan in the late-sixteenth and seventeenth centuries, see Victor Gomes Teixeira, "Missions from the Philippines to Portuguese Territories in Southeast Asia during the 16th and 17th centuries", *Review of Culture*, International Edition No. 7 (July 2003): 68-79.
- 2 Willard A. Hanna, *Indonesian Banda* (Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues, 1978); and Paul Van Dyke, "Notes on the Beginning of the Dutch Trade in the Far East 1600-1629", unpublished paper presented at the University of Minnesota (December 1990).
- 3 Paul Van Dyke, "The Anglo-Dutch Fleet of Defense 1620-1622", unpublished paper presented at the University of Minnesota (June 1991).
- 4 For a summary of the Dutch and English hostilities against the Spanish and Portuguese at this time, see Paul Van Dyke, "The Anglo-Dutch Fleet of Defense (1620-1622): Prelude to the Dutch Occupation of Taiwan". In *Around and about Formosa: Essays in Honor of professor Ts'ao Yung-ho*, ed. Leonard Blussé (Taipei: Ts'ao Yung-ho Foundation for Culture and Education, [Dist. SMC Publishing Inc., Taipei], 2003): 61-81; and Paul Van Dyke, "Why and How the Dutch East India Company became Competitive in Intra-Asian Trade in East Asia in the 1630s". *Itinerario*, 21:3 (Leiden 1997): 41-56. Translated and published in Chinese as: "Helan Dongyindu Gongsi zai 1630 Niandai Dongya de Neiyazhou Maoyi Zhong Chengwei Jing Guo". (Taichung 2001): 123-144.
- 5 Sir Richard Carnac Temple, ed., *The Travels of Peter Mundy, in Europe and Asia, 1608-1667*. Vol. 3 Part I. (London: Hakluyt Society, 1919. Reprint, Nendeln: Kraus, 1967).
- 6 Hosea Ballou Morse, *The Chronicles of the East India Company Trading to China, 1635-1834*, Vol. 1 (Cambridge: Harvard University Press, 1926. Reprint, Taipei: Ch'eng-wen Publishing Co., 1966); Pierre Chaunu, *Les Philippines et le Pacifique des Ibériques (XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles)* (Paris: S.E.V.P.E.N., 1960); Victor Gomes Teixeira, "Missions from the Philippines to Portuguese Territories in Southeast Asia during the 16th and 17th centuries", *Review of Culture*, International Edition No. 7 (July 2003): 68-79. For a summary of the trade between Manila and Macau in the first half of the 17th century, see Leonor Diaz de Seabra, "Power, Society and Trade. The Historic Relationship between Macao and the Philippines from the 16th to the 18th centuries", *Review of Culture*, International Edition No. 7 (July 2003): 46-58. Other articles in this volume are also devoted to Manila's interactions with China.
- 7 Anthony Farrington, *The English Factory in Taiwan, 1670-1685* (Taipei: National Taiwan University, 1995); Serafin D. Quizon, *English "Country Trade" with the Philippines, 1644-1765* (Quezon City: University of the Philippines Press, 1966); John E. Wills, Jr., "Maritime China from Wang Chih to Shih Lang. Themes in Peripheral History". In *From Ming to Ch'ing*, eds. Jonathan D. Spence and John E. Wills, Jr., 201-238 (New Haven and London: Yale University Press, 1979); John E. Wills, Jr., "China's Farther Shores: Continuities and Changes in the Destination Ports of China's Foreign Trade, 1680-1690". In *Emporia, Commodities and Entrepreneurs in Asian Maritime Trade, c. 1400-1750*, eds. Roderick Ptak and Dietmar Rothermund, 53-77. Beitrage zur Sudasienforschung, Sudasien-Institut, Universitat Heidelberg, no. 141 (Stuttgart: Franz Steiner, 1991); and Paul A. Van Dyke, *The Canton Trade: Life and Enterprise on the China Coast, 1700-1845* (Hong Kong: Hong Kong University Press, 2005).
- 8 National Archives, The Hague (NAH): VOC 2438.
- 9 Nordic Museum Archive. Stockholm. Godegårdsarkivet Archive (NM): F17; and Paul A. Van Dyke, "Poankeequa: Merchant of Canton 1751-1788", forthcoming.
- 10 NAH: Canton 98.
- 11 Dong Shaoxin 董少新, "Odes on Guiding Smallpox Out. Qiu Xi's Contribution to Vaccination in China", published herein, pp. 99-111.
- 12 NM: F17; and Van Dyke, *The Canton Trade*, 126.
- 13 Van Dyke, *The Canton Trade*, chapter eight; and Carl T. Smith and Paul A. Van Dyke, "Armenian Footprints in Macao", *Review of Culture*, International Edition No. 8 (October 2003): 20-39; and Carl T. Smith and Paul A. Van Dyke, "Muslims in the Pearl River Delta, 1700 to 1930", *Review of Culture*, International Edition No. 10 (April 2004): 6-15.
- 14 Paul A. Van Dyke, "Port Canton and the Pearl River Delta, 1690-1845", (Ph.D. diss., University of Southern California, 2002): 498-501; and Van Dyke, *The Canton Trade*, 33, 135-7.
- 15 Morse, *Chronicles*, 1:221.
- 16 Van Dyke, *The Canton Trade*, chapters seven and eight.
- 17 Paul A. Van Dyke, "Cai and Qiu Enterprises: Merchants of Canton 1730-1784", *Review of Culture*, International Edition No. 15 (July 2005): 60-101.
- 18 Van Dyke, "Port Canton", chapter six.
- 19 Dian Murray, *Pirates of the South China Coast 1790-1810* (Stanford: Stanford University Press, 1987).
- 20 Van Dyke, "Port Canton", chapter six.

RESUMOS

A Fundação das Relações Históricas e Comerciais Entre Portugal e Timor (1512-1522)

A multissecular história das relações estabelecidas entre povos separados por uns 15 000 km de mar e terra como são os Portugueses e Timorenses é tão relevante que constitui um dos factores que fundamenta a independência de Timor-Leste. O interesse de tal matéria levou-nos a aprofundar e divulgar neste estudo o pouco que se sabe da década inicial de tais relações, a qual começou com a primeira representação cartográfica dessa ilha feita pelo piloto Francisco Rodrigues no seu livro concluído em 1515, de acordo com o que viu num mapa de um piloto javanês observado em 1511 em Malaca. A nossa abordagem termina em 1522 com a ida de portugueses a Timor, onde recolheram dois espanhóis que aí se tinham refugiado após a fuga da nau *Victoria* da armada de Fernão de Magalhães, não tendo assim terminado a primeira volta ao mundo que esse navio realizou. Durante esse espaço de tempo os Portugueses perceberam a importância que o sândalo timorense tinha quer na China, para onde então começaram a navegar, quer na Índia e em outros pontos do Oriente. A partir de inícios de 1515 os Portugueses começaram a deslocar-se regularmente de Malaca para Timor, sendo desse ano a primeira descrição que fizeram do território e a primeira viagem ali realizada que está bem documentada, a que foi realizada por Jorge Fogaça por ordem de Jorge de Brito, capitão de Malaca.

[Autor: José Manuel Garcia, pp. 6-12]

Para a História das Relações Entre Macau e Timor (Séculos XVI-XX)

Este estudo é uma contribuição para a investigação das relações históricas entre Macau e Timor numa perspectiva de longa duração, entre os séculos XVI e XIX. Trata-se de uma história com um cruzamento denso e complexo que aproximaria progressivamente Timor, a sua economia e as suas gentes, do enclave de Macau que, ao longo de grande parte do período oitocentista, “governaria”

mesmo os esparsos fragmentos da presença portuguesa na parte oriental da ilha. Nesta investigação, procura-se sobretudo organizar a estrutura das relações históricas entre Macau e Timor propondo três domínios associativos principais. A abrir, estudam-se panoramicamente as relações políticas, institucionais e administrativas, perseguindo a progressiva ligação de Timor à estabilização de uma administração portuguesa em Macau. Num segundo andamento, investigam-se as demoradas relações comerciais entre Timor e Macau, destacando o monopólio fundamental do comércio do sândalo apropriado pelos mercadores e instituições macaenses, complementado ainda com um muito activo tráfico escravista, sobretudo de jovens mulheres timorenses, a que se somava ainda um lucrativo trato da cera insular negociado nos mercados javanenses de produção do *batik*. A fechar, visitam-se as comunicações religiosas e, em especial, missionárias que, mais sentidamente ao longo do século XIX, foram difundindo a partir de Macau um catolicismo que lenta mas seguramente conseguiu invadir espaços, culturas e vestustas tradições culturais timorenses.

[Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 13-22]

Memórias de Vida de Timorenses em Macau

O presente artigo é baseado numa parte de um trabalho de investigação a decorrer sobre a comunidade timorense em Macau. Algumas das entrevistas efectuadas estão a ser traduzidas de tetum para português, pois procurou-se entrevistar um grupo heterogéneo tanto a nível de idade, género, *status* profissional como de vivências anteriores, para se ter uma visão, o mais abrangente possível, desta comunidade. O estudo em curso tem como objectivo o melhor conhecimento do perfil da comunidade timorense no contexto de Macau e o tecido comum do seu sentir face às vivências do seu passado e perspectivas de futuro.

[Autor: Lisete Lumen Pereira, pp. 23-33]

A Cultura Mambai

Estas notas porporcionam uma visão da religião tradicional das populações

mambai e uma extensa recolha e ordenamento de vocabulário. Trata-se de uma contribuição antropológica, histórica e linguística de alta importância para o património cultural de Timor-Leste. Estas muitas palavras mambai organizadas tematicamente de forma tão inteligente como original foram reunidas a partir da língua e cultura locais e não a partir de um dicionário estrangeiro. É toda uma cultura complexa e plurissecular que se desvenda nestas dezenas de vocábulos, “decodificados” por um homem generoso, solidário e especialmente culto e informado da história e culturas timorenses. Antecedendo estes apontamentos, uma introdução e uma biografia breve do padre Francisco Fernandes, pároco da Sé de Macau à data da morte.

[Autor: Francisco Maria Fernandes, pp. 34-47]

Um Abraço ao Mundo. A Chegada da Vacina Contra a Varíola às Filipinas e a Macau em 1805

Por ordem do rei de Espanha, Carlos IV, o médico da corte, Dr. Francisco Xavier Balmis de Alicante, estabeleceu um plano para levar a recentemente descoberta vacina contra a varíola para todas as colónias espanholas. O principal objectivo de Balmis era transportar a vacina desde o México até às Filipinas, atravessando o Pacífico. Opondo-se às guerras napoleónicas que iam surgindo, e que chegaram até às águas das Filipinas, Balmis conseguiu introduzir a vacina neste país e criar uma *Junta Central de la Vacuna*, que manteve a vacina em acção durante todo o século XIX. Por fim, Balmis foi além das ordens reais e introduziu a vacina no continente asiático.

[Autor: Thomas B. Calvin, pp. 70-88]

F.-X. D’Entrecolles S. J. e a China. Visão de um Jesuíta Sobre a Controvérsia Francesa Relacionada com a Vacinação Contra a Varíola

Em 1724, François Xavier D’Entrecolles S. J. enviou uma carta à Académie des Sciences na qual descrevia,

RESUMOS

em pormenor, a prática chinesa da vacinação contra a varíola. Esta técnica antecedeu a vacina de Jenner e levantou um grande debate público na Europa. Em França, havia três pontos de vista incompatíveis. Os *philosophes* defendiam esta prática, argumentando que as estatísticas mostravam menor risco de morte entre as pessoas que tinham sido vacinadas, o que provava matematicamente a eficácia desta técnica. Os médicos, por outro lado, representados pela Faculdade de Medicina de Paris, rejeitavam a prática, por ser perigosa, complexa, estrangeira e cara. Por fim, a Igreja também estava dividida entre Católicos e Protestantes. Os primeiros defendiam a vacinação, relacionando-a com a predestinação e a crença de que a “semente” da varíola deve existir dentro do indivíduo, à partida. Os últimos viam a vacinação como um desafio à vontade de Deus. A carta de D’Entrecolles destaca-se como uma ponte entre as duas facções gerais de apoiantes e inimigos da vacinação. Esta “Visão de um jesuíta” constitui um testemunho eloquente das sensibilidades e dos diálogos multiculturais relativamente às vacinas contra a varíola, com a China no papel principal desta história.

[Autor: Beatriz Puente Ballesteros, pp. 89-98]

“Odes Sobre a Erradicação da Varíola”. O Contributo de Qiu Xi para a Vacinação na China

As primeiras informações sobre a vacina contra a varíola remontam ao século XVI, na China. Nos séculos XVII e XVIII foi uma prática muito divulgada na maior parte das regiões da China, tendo sido introduzida na Mongólia, Coreia, Rússia e mesmo na Europa. Em 1796, Edward Jenner lembrou-se de usar o vírus da varíola bovina para vacinar as pessoas contra a varíola, o que se revelou ser um método mais seguro e mais eficaz. Em 1805, este novo método foi introduzido na China. Muitas pessoas estiveram envolvidas neste acontecimento significativo, incluindo médicos e comerciantes espanhóis, ingleses, portugueses e chineses. Qiu Xi foi o primeiro médico chinês a adoptar este novo método de vacinação e dedicou a vida à sua divulgação do mesmo.

Qiu Xi contribuiu para convencer os chineses que estavam cépticos em relação a este método por ser estrangeiro e por utilizar a varíola bovina em vez de um vírus originário do corpo humano. Escreveu um tratado, intitulado *Yin Dou Lue*, para explicar o método e pediu a oficiais e homens de letras que escrevessem poemas e artigos em louvor dos que vacinavam os filhos. Qiu Xi publicou-os sob o título *Yin Dou Ti Yong*, actualmente um documento muito raro da história chinesa.

[Autor: Dong Shaoxin, pp. 99-111]

A Vacinação Contra a Varíola e os Portugueses em Macau

Este documento tem como tema a introdução da vacina contra a varíola através das actividades da Expedição Real de Balmis a Macau, no século XIX. Mais especificamente, explora os temas interligados deste encontro ibérico sem precedentes, envolvendo uma rede colonial de agentes diversos com as suas fortes ligações ao comércio, numa altura em que a epidemia da varíola ensombrava as lucrativas rotas marítimas para a Ásia e as Américas. A utilização da mais recente técnica de imunização contra a varíola, liderada com sucesso pelo Dr. Balmis, teve um impacto duradouro. Contribuiu não só para a disseminação da vacina da varíola em Macau e na China continental, mas prosseguiu posteriormente com a criação de juntas de vacinação e instituições médicas patrocinadas pelo estado, que puseram em prática mecanismos e técnicas de vacinação que levaram ao programa de erradicação da varíola. Este acontecimento contribuiu para que Macau se tornasse um conhecido fornecedor da vacina viva, atraindo os países vizinhos ao delta, com o único objectivo de adquirirem a vacina contra a varíola. É dedicada grande atenção a alguns registos oficiais publicados pelo governo e pelas autoridades médicas de Macau, que constituem um retrato vivo das condições de saúde e da prevenção médica na altura. Os registos médicos de Macau sobre o processo de vacinação fornecem informações adicionais sobre as diferentes estruturas sociais da cidade. Mostram que as campanhas de vacinação coloniais ultrapassaram as fronteiras

geográficas e que as preocupações humanitárias estavam intimamente ligadas a motivações políticas e económicas mais fortes, que levaram forçosamente a uma abordagem mais igualitária da prevenção da saúde.

[Autor: Isabel Morais, pp. 112-124]

Manila, Macau e Cantão. Os Laços que Unem

Há centenas de anos que as cidades de Manila, Macau e Cantão dependem umas das outras e mantêm uma relação de proximidade. Desde os finais do século XVI até aos dias de hoje tem havido grande interacção entre estas cidades, tendo cada uma destas áreas influência e impacto significativos sobre as outras. Nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, os portugueses e chineses em Macau e os mercadores *hong* em Cantão dependiam muito da prata espanhola de Manila para financiarem o seu comércio, e os mercadores de Manila dependiam dos seus contactos em Macau e Cantão para terem acesso aos produtos e aos mercados chineses. Na altura em que Balmis chegou à Ásia, em 1805, estes laços tinham raízes muito profundas, com muitos tipos de ligações comerciais e familiares a todos os níveis da sociedade. E essas ligações assumiram desde então enormes proporções, havendo actualmente dezenas de milhares de filipinos a viver e a trabalhar no delta do rio das Pérolas e a viajar de avião de um lado para o outro regularmente. A transmissão da vacina contra a varíola a Macau e a Cantão terá sido um resultado inesperado da viagem de Balmis, mas representa verdadeiramente as relações longas e duradouras entre estas regiões. Assim, no 200.º aniversário da chegada de Balmis ao delta, é apropriado lembrarmo-nos das relações históricas e de união entre estes povos, que continuam a sustentar e a apoiar as duas regiões e que nos farão chegar ao futuro.

[Autor: Paul A. Van Dyke, pp. 125-134]

ABSTRACTS

The Foundation of the Historical and Commercial Relationships Between Portugal and Timor (1512-1522)

The long history of relations between the Portuguese and the Timorese, although 15,000 km apart, constituted one of founding stones for the independence of East Timor. The interest in this question leads us, in this study, to probe and disseminate the little that is known about the first decade of this relationship, which began with the first cartographic representation of the island made by the pilot Francisco Rodrigues in the book he finished in 1515, in accordance with what he had seen in 1511 in the map of a Javanese pilot in Malacca. Our study finishes in 1522 with the arrival of the Portuguese in Timor, where they rescued two Spanish sailors who had taken refuge there after escaping from the vessel *Victoria* of the fleet of Fernando Magalhães. For this reason they did not complete the first circumnavigation accomplished by that ship. During that space of time the Portuguese noticed the importance that Timorese sandalwood had, not only in China, whose waters they had begun to navigate, but also in India and other points of the East. Starting from early 1515 the Portuguese began to move regularly from Malacca to Timor; the first description of the territory being dated from that year, as well as the first well-documented trip accomplished by Jorge Fogaça at the order of Jorge de Brito, captain of Malacca.
[Author: José Manuel Garcia, pp. 6-12]

Towards a History of Macao – Timor Relations (16th - 20th Centuries)

This article looks at relations between Macao and Timor, taking a long-term perspective covering the 16th-19th centuries. A complex and dense interlinking gradually brought Timor's people and economy closer to Macao, which in turn "governed", for a large part of the 17th century, the scattered fragments of Portuguese presence on the eastern part of the island.

In terms of the structure of Macao – Timor relations, this paper proposes three main spheres. Firstly, there is an analysis of political, institutional and administrative relations, in the light of Timor's gradual connection into the stability of Macao's Portuguese administration. Secondly, there are the long-standing trade relations between Timor and Macao, in particular the monopoly on sandalwood appropriated by Macanese merchants and institutions. Additionally there was active trading in slaves, especially of young Timorese women, and a lucrative line in wax traded on the Java batik markets. In closing, religious communication is analysed, with a focus on missionaries working out of Macao who slowly but surely, more noticeably in the 19th century, spread Catholicism into areas that were steeped in Timor's ancient cultural traditions.
[Author: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 13-22]

Recollections of Some Timorese in Macao

This article is part of on going research on the Timorese community in Macao. Some of the interviews are being translated from Tetum into Portuguese. The author took care in interviewing a diversified group, looking at not only the variables of their ages, genders and professional activities, but also their previous life experiences, in order to obtain a global view of the same community. This research aims at a better understanding of the Timorese collective profile in the context of Macao and of the underlying tissue of their feelings, concerning their past and also their aspirations for the future.
[Author: Lisete Lumen Pereira, pp. 23-33]

Mambae Culture

These notes provide insight into the traditional religion of the *Mambae* population, with an extensive compilation and organisation of vocabulary. It is an anthropological, historical and linguistic contribution of great importance for the cultural heritage of East Timor. These *Mambae* words, organized thematically in an intelligent original way, were compiled from the local language

and culture rather than a foreign dictionary. An ancient culture is unmasked by dozens of words, "decoded" by a learned Timorese priest. Preceding the text there is an introduction and a brief biography of Father Francisco Fernandes who, at the time of his death, was parish priest at the Macao cathedral.
[Author: Francisco Maria Fernandes, pp. 34-47]

Arms Around the World. The Introduction of Smallpox Vaccine into the Philippines and Macao in 1805

At the command of King Carlos IV of Spanish, court physician Dr. Francisco Xavier Balmis of Alicante devised a plan to transport the newly discovered smallpox vaccine throughout the Spanish colonies. Balmis's ultimate objective was to carry the vaccine from Mexico across the Pacific to the Philippines. Set against the unfolding Napoleonic wars, which reached even into Philippine waters, Balmis succeeded in establishing the vaccine in the Philippines and setting up a *Junta Central de la Vacuna*, which kept the vaccine alive over the entire 19th century. Finally, Balmis went beyond his Royal Orders to carry the vaccine on to mainland Asia.
[Author: Thomas B. Calvin, pp. 70-88]

F.-X. D'Entrecolles S. J. and Chinese Medicine. A Jesuit's Insights in the French Controversy Surrounding Smallpox Inoculation

In 1724 François Xavier D'Entrecolles S. J. sent a letter to the Académie des Sciences in which he detailed the Chinese practise of smallpox inoculation. This technique predated Jenner's vaccine, and created much public debate in Europe. In France, there were three conflicting points of view. The *philosophes* defended the practice by arguing that the statistics revealed a lower risk to people who took the vaccination, thus proving the technique's effectiveness mathematically. Physicians, on the other hand, were represented by the Paris School of Medicine, rejected the practice

RESUMOS

as dangerous, complex, foreign and expensive. Finally, the Church was also divided between Protestants and Catholics. The former favoured inoculation relating it to predestination beliefs that the 'seed' of the smallpox disease must already exist in the individual. The latter regarded inoculation as an act of defiance against God's will. D'Entrecolles' letter stands out as a bridge between the two general factions of supporters and enemies of inoculation. A "Jesuit's Insights" provides an eloquent testimony of the sensitivities and cross cultural dialogues concerning smallpox vaccinations, with China playing a main character in the story.

[Author: Beatriz Puente Ballesteros, pp. 89-98]

Odes on Guiding Smallpox Out. Qiu Xi's Contribution to Vaccination in China

Smallpox inoculation can be traced back to as early as the 16th century in China. In the 17th and 18th centuries, it was widely practiced in most regions of China, and was introduced into Mongolia, Korea, Russia, and even Europe. Edward Jenner then came up with the idea in 1796 of using the cowpox virus to vaccinate for smallpox, which proved to be safer and more effective. In 1805, the new method was introduced into China. Many people were involved in this significant event including Spanish, English, Portuguese and Chinese doctors and merchants. Qiu Xi was the earliest Chinese doctor to adopt this new method of vaccinating and dedicated his life to propagating it. Qi Xi was instrumental in convincing Chinese who were skeptical about this method, because it was foreign and because it used cowpox instead of a virus from the human body. He wrote a treatise entitled *Yin Dou Lue* to explain the method, and he asked officials and literati to write poems and articles to commend those who vaccinated their children. Qi Xi published these under the title *Yin Dou Ti Yong*, which is now a very rare document of Chinese history.

[Author: Dong Shaoxin, pp. 99-111]

Smallpox Vaccinations and the Portuguese in Macao

This paper focuses on the 19th century introduction of the smallpox vaccination through the activities of the Balmis' Royal Expedition in Macao. It more specifically explores the interlinked themes of this unprecedented Iberian medicine encounter involving a colonial network of diverse agents with their strong connections to trade when smallpox epidemics haunted the profitable sea routes in Asia and the Americas. The use of the latest smallpox immunization technique successfully led by Dr. Balmis had a longstanding impact. It contributed not only to the dissemination of the smallpox vaccine in Macao and mainland China, but it was pursued subsequently through the establishment of state-sponsored vaccination boards and health care institutions which put into place immunization mechanisms and techniques leading to the smallpox eradication program. The event contributed to Macao becoming a well-known supplier of live vaccine attracting neighboring countries to the delta for the sole purpose of obtaining the smallpox vaccine. Further attention is devoted to some official records issued by the administrative government and health-service authorities in Macao to provide a vivid portrait of health conditions and prevention at the time. Macao's medical records on the vaccination process provide additional information about the city's different social structures. They show that colonial vaccination campaigns transcended geographic boundaries and humanitarian concerns were intertwined with stronger economic and political motivators, which forcibly led to a more egalitarian approach to health prevention.

[Author: Isabel Morais, pp. 112-124]

Manila, Macao and Canton. The Ties That Bind

Manila, Macao and Canton have been dependent on one another and have maintained a close relationship for hundreds of years. Since the late 16th century to the present, there has been

much interaction between these places, with each area having significant influence and impact on the others. In the 17th and 18th centuries, for example, the Portuguese and Chinese in Macao and the hong merchants in Canton were heavily dependent on Spanish silver from Manila to finance trade, and the Manila merchants were dependent on their Macao and Canton connections for access to Chinese products and markets. By the time Balmis arrived in Asia in 1805, these ties had very deep roots, with many layers of business and family connections on all levels of society. And those connections have grown to enormous proportions since then, with tens of thousands of Filipinos now living and working in the Pearl River Delta and flying back and forth on a regular basis. The transmission of the smallpox vaccine to Macao and Canton was probably an unexpected outcome of Balmis's voyage, but one that truly represents the long and lasting relationships between these regions. On this 200th anniversary of the arrival of Balmis to the delta, it is thus appropriate to remind ourselves of the historical and binding relationships between these people that continue to uphold and support both regions and that will carry us into the future.

[Author: Paul A. Van Dyke, pp. 125-134]